

**Os mortos e seus acompanhamentos
no sítio arqueológico Praia das
Laranjeiras II:
Um estudo antropológico a partir de
coleções museológicas**

Roberta Pôrto Marques

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL**

Roberta Pôrto Marques

**OS MORTOS E SEUS ACOMPANHAMENTOS NO SÍTIO
ARQUEOLÓGICO PRAIA DAS LARANJEIRAS II:
Um estudo antropológico a partir de coleções museológicas**

Dissertação apresentada como requisito parcial
à obtenção do grau de Mestre em Antropologia
Social, curso de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Centro de Filosofia e Ciências Humanas,
Universidade Federal de Santa Catarina.

Linha de pesquisa: Etnologia e Etnohistória

Orientador: Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche
(PPGAS/UFSC)

Coorientadora: Dra. Andrea de Lessa Pinto
(PPGARq/Museu Nacional-UFRJ)

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Marques, Roberta Pôrto

Os mortos e seus acompanhamentos no sítio
arqueológico Praia de Laranjeiras II : Um estudo
antropológico a partir de coleções museológicas /
Roberta Pôrto Marques ; orientador, Jeremy Paul Jean
Loup Deturche; coorientadora, Andrea de Lessa Pinto
- SC, 2017.

312 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Antropologia Social. 2. Acompanhamentos
funerários. 3. Práticas mortuárias. . 4.
Antropologia dos acervos. 5. Coleções museológicas.
I. Jean Loup Deturche, Jeremy Paul. II. Pinto,
Andrea de Lessa. III. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Social. IV. Título.

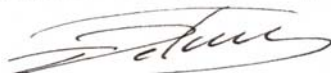
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

**“Os mortos e seus acompanhamentos no sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II:
um estudo antropológico a partir de coleções museológicas”**

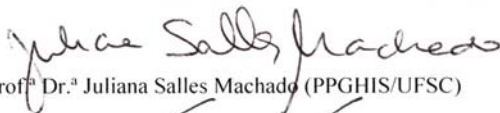
Roberta Pôrto Marques

Orientador(a): Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche

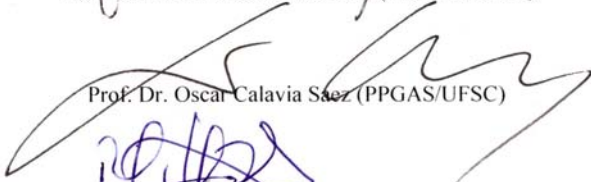
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores (as):



Prof. Dr. Jeremy Paul Jean Loup Deturche (Presidente – PPGAS/UFSC)




Prof.ª Dr.ª Juliana Salles Machado (PPGHIS/UFSC)



Prof. Dr. Oscar Calavia Saez (PPGAS/UFSC)



Prof. Dr. Rafael Victorino Devos (PPGAS/UFSC)



Prof.ª Dr.ª Vânia Zikan Cardoso (Coordenadora PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 6 de março de 2017.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a participação e a colaboração de diversas pessoas. Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e por tudo que sou. Aos grupos que viveram na Praia das Laranjeiras e estão sendo aqui revisitados, com respeito e admiração. Ao Pe. João Alfredo Rohr, pelo seu comprometimento com a história, com a luta pelo patrimônio, e pelo seu lindo trabalho, um legado fascinante.

À UFSC e ao PPGAS pela oportunidade de realizar a graduação em Museologia e o curso de mestrado. À FAPESC, pela bolsa de pesquisa que foi indispensável.

Ao meu orientador antropólogo, Jeremy Deturche, que desde o início me ajudou e direcionou, com paciência e dedicação. Muito grata pela parceria.

A minha orientadora arqueóloga, Andrea Lessa, que gentilmente aceitou o convite para a coorientação, fazendo toda a diferença com sua experiência e especialidade na área. Muito grata por ter confiado em mim.

À arqueóloga do MARQUE/UFSC, Luciane Scherer, que me ensinou, auxiliou e a quem admiro por seu jeito e sua trajetória. Agradeço também a seu esposo, Marcelo.

Aos professores do PPGAS/UFSC, em especial a Edviges Ioris, Evelyn Zea, Gabriel Barbosa, Rafael Devos, Rafael Bastos, Miriam Grossi, Márnio Teixeira Pinto, Alicia Castels, por participarem da minha formação e à Maria Eugenia Domingues, também, por integrar a banca de qualificação. A Oscar Calavia Sáez, pela composição da banca de defesa da dissertação.

Ao Pe. Ignácio Schmitz pela gentileza em mostrar os documentos fundamentais para a realização desta pesquisa, assim como pelas conversas e acesso a sua biblioteca. A toda a equipe do Instituto Anchietano de Pesquisas, em especial a D. Ivone Verardi, Suliano Ferasso, Jairo Rogge, Fabiane Rizzardo e Jandir.

À equipe do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”. Àqueles que já não estão mais lá: Silvio Bleyer e Diego Ribeiro; e à equipe atual: Sidney Linhares, Jefferson Garcia, Irmão Vanderlei Backes. Ao Colégio Catarinense e a seus funcionários: especialmente a Jane Lúcia Pedro, por conceder a permissão para a pesquisa e também à Patrícia Grumiche, pelo acesso ao Arquivo. À Micheli Gouvêa, Danielle Kraus, Maristela, Maria Joanna, Kelly, Silvionir, Jocel, Rosana, Valmira, Tobias, Rita e Raquel. Aos profes José Albino, Ana Carolina Krieger, Guilherme Castro, aos diretores Afonso Luiz Silva, Fábio Pedro, Elton Zanoni e ao Pe. Nereu Fank, S.J.

À equipe do Museu Gert Hering e do Complexo Ambiental Cyro

Gevaerd, em especial ao Sr. Celso Bernardo de Sousa, assim como a Wilson Achutti.

Aos funcionários das Superintendências do IPHAN em SC e no DF, especialmente a Carlos Madson Reis e Margareth Souza, pela gentileza em disponibilizar informações, documentos e imagens.

Ao Simon-Pierre Gilson, Gabriela Oppitz, Beatriz Mendes e Isabela Muller. Ao Simon, em especial pelas fotos e análises no material faunístico.

À equipe da Scientia Consultoria Científica da Unidade Florianópolis, em especial à Ana Lucia Herberts e Letícia Muller.

Aos colegas e professores da Museologia, pela amizade, apoio e incentivo: agradecimento especial às queridas Kátia Bordinhão, Lúcia Valente e Chistianne Coelho. Também a Alberto Andrade, Cristina Nora e Maristela Simão. Aos professores Luciana Cardoso, Valdemar de Assis, Wagner Damasceno e Thainá Castro. Agradeço ainda ao Cesar Valente, não só por cuidar da querida Lúcia, mas especialmente pela formatação do trabalho.

Aos funcionários, em especial ao José Carlos e ao Éder (agora na secretaria vizinha), e aos colegas do PPGAS, que dividiram, dentro e fora da UFSC, os momentos lindos e os angustiantes. Lorena, Kamila, Kin, Naila, Luísa, Fati, Jozi, Lia, Beatriz, Elis, Géssia, Sat, Larisse, Virgínia, Marcelo, João, Diógenes, Bianca, Kaio, Diana, Helder.

Aos professores Maria J. Reis, por compartilhar momentos de sua trajetória e por emprestar livros importantes, Juliana Machado, por participar das bancas de qualificação e de defesa, e a Lucas Bueno, também por integrar a banca de defesa.

Aos amigos Fernanda Bonet (e família), que gentilmente dividiu sua casa para minha estadia em Porto Alegre, Bárbara Lopes, Marilise Passos, Maurício Minuzzo, Tatiana Trindade, Denise Xavier, Rivadávia Padilha. À Martha Sydow, D. Sônia, Ismael Raupp, Angela Salvador, Fernando Almeida, Ágatha, Aléxis, Carlinha, Gisele Palma, Juliana Prates, Mara Frantz, Sabrina Ribeiro. Aos professores Segundo Oliveira, Sergio Baptista, Adriana S. Dias, José Rivair Macedo, Luiz Dario Ribeiro, Angela Bellini, Silvia Vargas e Aisha Munira. À Anelise Farias e suas lindas crianças: Brenda, Cecília, Luis Henrique e Manuela. Agradecimento especial a Gabriel Minsky e sua família.

A minha família pelo amor, compreensão e apoio. Magali, minha mãe, as manas Gabriela e Flávia, Jorge, meu pai, e vovó Aurora. Aos tios Ivo, em especial pelas fotos, e Eduardo. Aos meus avós Noemy e Milton. E aos nossos antepassados.

Meus agradecimentos a todos que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho acontecesse, e ainda, aos povos indígenas do passado e do presente, por existirem e resistirem!

“Tenho a certeza que os achados serão sensacionais”.

Pe. João. Alfredo Rohr, em correspondência (maio de 1977) sobre as escavações a serem empreendidas por ele na Praia das Laranjeiras, Balneário Camboriú.

RESUMO

Esta pesquisa pretende realizar uma análise dos materiais associados aos sepultamentos de um grupo humano que ocupou um sítio arqueológico pré-colonial, localizado no litoral de Santa Catarina e escavado no final da década de 1970 pela equipe do Pe. João Alfredo Rohr: o Sítio Praia das Laranjeiras II, no município de Balneário Camboriú. A partir de reflexões de uma arqueologia das práticas mortuárias e de uma antropologia das coleções e dos acervos, esse estudo teve como base a análise dos acervos museológicos (de duas instituições e de uma coleção) e dos dados fornecidos pela documentação e publicações do Pe. Rohr e do Instituto Anchietano de Pesquisas. Para identificar o contexto funerário do sítio foi necessário sistematizar e reorganizar os dados de pesquisas anteriores referentes às práticas funerárias de Laranjeiras II. Estes dados se referem a características dos sepultamentos evidenciadas tanto na época das escavações, como posição do corpo, deposição e distribuição dos esqueletos, quanto características identificadas posteriormente, como sexo e idade dos indivíduos. Percebidos como emergência de relações, os acompanhamentos funerários do sítio são analisados em termos de matéria constituinte, especificidades e em suas associações a categorias de indivíduos. Focada no estudo dos materiais arqueológicos associados aos sepultamentos, a pesquisa percebe que esses acompanhamentos funerários são produto de escolhas culturais vinculadas a relações que interligam artefatos, ambientes e corpos.

Palavras-chave: Acompanhamentos funerários. Práticas mortuárias. Antropologia dos acervos. Coleções museológicas. Litoral catarinense.

ABSTRACT

This research intends to carry out an analysis of the materials associated to the burials of a human group that occupied a precolonial archaeological site, located in the coast of Santa Catarina and excavated in the late 1970s by the team of Father João Alfredo Rohr: Sítio Praia das Laranjeiras II, in the municipality of Balneário Camboriú. Based on the reflections of an archaeology of mortuary practices and an anthropology of collections and objects, this study was based on the analysis of the museological collections (from two institutions and one collection) and the data provided by the documentation and publications of Fr. Rohr and the Instituto Anchietano de Pesquisas (Anchietano Research Institute). In order to identify the funerary context of the site it was necessary to systematize and reorganize the data of previous researches related to the funeral practices of Laranjeiras II. These data refer to characteristics of burials evidenced both at the time of excavations, body position, skeletal deposition and distribution, and characteristics identified later, such as the sex and age of individuals. Perceived as the emergence of the field of relationships, the funeral accompaniments of the site are analyzed in terms of constituent material, specificities and in their associations to categories of individuals. Focused on the study of archaeological materials associated with burials, the research realizes that these funeral accompaniments are the product of cultural choices linked to relationships that interconnect artifacts, environments and bodies.

Keywords: Funeral accompaniments. Mortuary practices. Anthropology of the collections. Museum collections. Santa Catarina coast

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 – Pe. Rohr realizando pesquisas de Antropologia Física no Museu. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense..... 17
- Figura 02 – Indivíduo cimentado por Rohr em exposição no MHS. Sepultamento 110, sítio Praia da Tapera, Ilha de Santa Catarina (com ponta de flecha cravada na vértebra). Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense..... 20
- Figura 03 – Sepultamento 91, de indivíduo infantil. Cimentado e exposto em vitrine no MHS. Foto da autora..... 23
- Figura 04 – Parte da exposição do MHS. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense..... 26
- Figura 05 – Coleção Carlos Berenhauser. Fonte: Arquivo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense..... 28
- Figura 06 – Pannel de entrada do Museu, no CACG. Foto: Gabriela Freire..... 30
- Figura 07 – Museu Arqueológico (Sala de Arqueologia) onde estão expostos os materiais arqueológicos e alguns dos sepultamentos cimentados dos sítios Laranjeiras I e II. 30
- Figura 08 – Pannel ilustrativo com a localização dos sepultamentos, pintado em uma das paredes do Museu Arqueológico – CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson 31
- Figura 09 – Uma das vitrines da Exposição Patrimônio Arqueológico no Planalto Central, em que estavam dispostos, dentre outros materiais, algumas peças evidenciadas na Praia das Laranjeiras pelo Pe. Rohr. Foto: Margareth Souza, IPHAN/DF..... 33
- Figuras 10 e 11 – Modo como estão expostos os materiais arqueológicos nas vitrines, fixadas na parede, no Museu Arqueológico/CACG. Fotos: Luciane Scherer..... 37
- Figura 12 – Caixa da reserva técnica contendo vestígios faunísticos recolhidos nas escavações de LJII em que encontrei acompanhamentos funerários (ossos de animais). Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense..... 41
- Figura 13 – Esqueleto de bebê cimentado em exposição no MHS, adornado com dentes de tubarão perfurados e conchinhas. Sepultamento 75, Praia da Tapera, Florianópolis. Fonte: Acervo fotográfico do MHS..... 64
- Figura 14 – Mapa da localização da Praia das Laranjeiras (sinalizada pela seta) no litoral catarinense. Acima à esquerda está parte do núcleo urbano de Balneário Camboriú. Fonte: Google Maps..... 84
- Figura 15 – Planta da Praia das Laranjeiras. Localização dos sítios Laranjeiras I (à esquerda) e Laranjeiras II (à direita). No quadro 2: localização dos sítios de “tradição Itararé” no litoral de Santa Catarina. Fonte: Schmitz *et al.*, 1993, p. 33..... 85
- Figura 16 – Sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II, 1978. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense. 86
- Figura 17 – Vista da Praia das Laranjeiras (década de 1970). Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense..... 88
- Figura 18 – Vista da Praia das Laranjeiras (atual)..... 88

- Figura 19 – Escavação do sítio Praia das Laranjeiras II. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense. 94
- Figura 20 – Parte da área da escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense..... 95
- Figura 21 – Identificação das quadriculas da escavação. A seta aponta para o norte (praia). Fonte: Schmitz *et al.*, 1993, p. 153. 98
- Figuras 22 e 23– Desenhos de materiais líticos do sítio (à esquerda, de Rohr; à direita, de De Masi). Fonte: Rohr, 1984; e Schmitz *et al.*, 1993, p. 60. 104
- Figuras 24 e 25 – Fotografia de cinco vasilhames cerâmicos evidenciados na escavação (autoria Pe. Schmitz). Os dois que estão em primeiro plano seriam as tigelas associadas aos sepultamentos infantis 42 e 43 (Schmitz *et al.*, 1993, p. 180). Ao lado, algumas formas de vasilhames cerâmicos de Laranjeiras II, reconstituição realizada pelo estudo do IAP a partir de bordas e bases (Schmitz *et al.*, 1993, p. 81). 105
- Figura 26 – Desenhos, feitos pelo Pe. Rohr, de artefatos evidenciados no sítio. Legenda redigida por ele: 1) Amuleto de dente de cação; 2) Amuleto de dente de jaguatirica; 3) Raspador de dente de porco do mato; 4, 5 e 6) Anzóis feitos de osso; 7, 8, 9, 10 e 11) Pontas de flecha simples; 12 e 13) Pontas de flecha dupla; 15, 16, 17 e 18) Agulhas feitas de osso; 19) Escala. Fonte: ROHR, 1978. 108
- Figura 27 – Desenhos de artefatos de Laranjeiras II em papel vegetal. Fonte: Acervo do IAP..... 109
- Figura 28 – Área destruída pelo trator e posição dos fogões, fornos e buracos de lixo, segundo Schmitz *et al.*, 1993, p. 35..... 111
- Figura 29 – Área com vários sepultamentos evidenciados na escavação de Laranjeiras II. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense. 114
- Figuras 30 e 31 – Os cinco dentes de tubarão duplamente perfurados (*Prionace glauca*), associados ao Sepultamento 67. Em vitrine na exposição do MA/CACG. A primeira delas, com a escala, detalha dois desses dentes. Fotos: Andrea Lessa 140
- Figura 32 (à esquerda) – Três dentes de tubarão duplamente perfurados associados ao Sepultamento 75, sendo dois de *Odontaspis taurus* e um de *Prionace glauca*. Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense..... 140
- Figura 33 (à direita) – Dente de tubarão duplamente perfurado associados ao Sepultamento 43 (*Prionace glauca*). Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense. 140
- Figura 34 – Dentes perfurados de mamíferos associados ao Sepultamento 39 (criança). Em exposição em vitrine do MA/CACG. Foto: Andrea Lessa..... 142
- Figura 35 – Dentes perfurados de felídeo e outras espécies não identificadas associados ao Sepultamento 43 (infantil). Foto: Margareth Souza, IPHAN/DF 142
- Figura 36 – Mesmos dentes perfurados de felídeo e outras espécies não identificadas associados ao Sepultamento 43 (infantil), em exposição na sede do IPHAN em Brasília/DF. Foto: Ivo B. Porto..... 142
- Figura 37 – Dentes (três) perfurados de mamíferos, em vitrine da exposição do MA/CACG, associados ao sepultamento infantil 49. Foto: Andrea Lessa 143
- Figura 38 – Treze dentes perfurados de mamíferos, associados ao Sepultamento

- 54, de criança. Estão expostos no MHS. Fonte: foto da autora. 143
- Figura 39 – Dente perfurado de felídeo, associado ao Sepultamento 60. Exposto no MA/CACG. Foto: Andrea Lessa.. 144
- Figura 40 – Detalhe das conchas perfuradas junto à face do bebê, Sepultamento 91, em exposição no MHS. À esquerda percebe-se a mandíbula da criança. Fonte: foto da autora. 144
- Figura 41 – Lâmina de machado polida associado ao Sepultamento 12. Foto: Andrea Lessa 145
- Figura 42 (à esquerda) – Artefato lítico (em diabásio) associado ao Sepultamento 102. Foto: Margareth Souza, IPHAN/DF 146
- Figura 43 (à direita) – Mesmo artefato associado ao Sepultamento 102, em exposição na sede do IPHAN em Brasília/DF. Foto: Ivo B. Porto 146
- Figura 44– Artefato ósseo fragmentado, associado ao Sepultamento 58. Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense. 147
- Figuras 45 e 46 – Pontas de flecha ósseas com pedúnculo. A primeira foto detalha duas delas com escala. Destas cinco pontas, três ou quatro são associadas ao Sepultamento 05. Expostas no MA/CACG. Fotos: Andrea Lessa..... 148
- Figura 47 – Fragmentos de ossos (algumas vértebras e costelas) de animal de médio porte associados ao Sepultamento 55. Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense..... 149
- Figuras 48 e 49 – Alguns dos ossos de animais associados aos Sepultamentos 72 e 73. Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense..... 149
- Figura 50 – Mandíbula de baleia associada ao Sepultamento 107, em campo. Fonte: Arquivo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense..... 150
- Figuras 51 e 52 – Fragmentos cerâmicos e vasilha inteira contendo fragmentos de mandíbula e dentes humanos. Em vitrine da exposição do MA/CACG. Foto: Luciane Scherer 151
- Figura 53 – Vasilha cerâmica fragmentada exposta em vitrine do MA/CACG. A legenda indica que a cerâmica estava associada aos sepultamentos infantis 42, 43 e 44. Foto: Luciane Scherer..... 151
- Perfil do sítio na coordenada 7, 2º etapa de escavação (Schmitz et. al, 1993, p. 34). Na legenda: sedimentos escuros, areia estéril, brecha de ostras, rocha. 187
- Área escavada do sítio, mostrando a distribuição dos sepultamentos em Laranjeiras II (Schmitz e Verardi, 1994, p. 99). 187
- Mapa (1) de distribuição dos esqueletos no espaço escavado. (Schmitz et. al, 1993) 188
- Mapa (2) de distribuição dos esqueletos no espaço escavado. (Schmitz et. al, 1993) 189
- Mapa (3) de distribuição dos esqueletos no espaço escavado. (Schmitz et. al, 1993)..... 190
- Primeira página de um dos diários de campo do Pe. Rohr (Escavação 1977-1978). Fonte: Acervo do Instituto Anchietano de Pesquisas 191
- Ficha de registro de sepultamento original, referente ao Sepultamento nº 1. Fonte: Acervo do Instituto Anchietano de Pesquisas 192

Fotografias: Acima, de artefatos (alguns acompanhamentos funerários) de Laranjeiras II. Abaixo, escavação do sítio. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	193	Sepultamentos n° 11 e 14 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	209
Fotografias: Pe. Rohr, durante as escavações em Laranjeiras II, trabalhando na cimentação de um sepultamento. Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchietano de Pesquisas.	194	Sepultamento n° 16 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	211
Sepultamento n° 4 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	201	Sepultamentos n° 18, 23 e 24 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	212
Sepultamento n° 4, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer.....	202	Sepultamento n° 18, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson	213
Sepultamento n° 07 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	203	Sepultamentos n° 19, 23 e 24, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson.....	213
Sepultamento n° 09 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	205	Sepultamento n° 22 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	215
Sepultamento n° 10 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	205	Sepultamentos evidenciados na escavação. O Sepultamento 23 aparece no canto inferior direito da fotografia. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	216
Sepultamentos n° (?) e 11 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	206	Sepultamentos n° 24, em detalhe, cimentado junto aos Sepultamentos n° 19 e 23, em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer	217
Sepultamento n° 11, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer.....	207	Sepultamento n° 25 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	218
Sepultamento n° 13 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	208	Sepultamento n° 25, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson	218
Sepultamento n° 13, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson	208	Em detalhe, calo ósseo na ulna direita do Sepultamento n° 25. Foto: Simon-Pierre Gilson.....	219

Sepultamentos n° 28 e 29 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	220	Sepultamento n° 46 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	232
Sepultamentos n° 28 e 29, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson.....	221	Sepultamentos n° 46, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer	232
Sepultamentos n° 28 e 29 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	221	Sepultamentos n° 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56 e 58 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	233
Sepultamento n° 31 em evidenciação. Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchieta de Pesquisas	222	Sepultamento n° 50 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	235
Sepultamento n° 31 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	223	Sepultamentos n° 52, 53, 54 e 55 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.	236
Sepultamentos n° 32, 33 e 34 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	224	Sepultamentos n° 51, 54, 55, 56, 57, 58 e outros, evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchieta de Pesquisas	237
Sepultamentos n° 32, 33 e 34, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson.....	224	Sepultamentos n° 59, 60 e 61 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense....	239
Sepultamentos n° 32 e 33 evidenciados na escavação, em processo de cimentação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	225	Sepultamentos n° 59, 60 e 61 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchieta de Pesquisas	240
Sepultamentos n° 32, 33 e 34, detalhe do feto no ventre da mãe. Foto: Simon-Pierre Gilson	226	Sepultamentos n° 65 (à direita), 66 (ao fundo), 67 (à esquerda) e outros sepultamentos evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	242
Sepultamentos n° 32, 33 e 34, detalhe do feto no ventre da mãe. Foto: Simon-Pierre Gilson	227	Sepultamentos n° 68, 69 e 70 em escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	244
Sepultamentos 40 (à direita), 41, 42, 43 e 44 na escavação. O Sepultamento 40 encontra-se no lado direito na imagem. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	229		

Sepultamento n° 72, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson	246	Sepultamento n° 90 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	258
Sepultamentos n° 72 e 73, na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	247	Sepultamento n° 91 cimentado e em exposição no MHS. Fonte: foto da autora	259
Sepultamento n° 74 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	248	Sepultamentos n° 95 e 96 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	261
Sepultamentos n° 77, 78 (no centro, primeiro plano), 79 (no centro, à esquerda), 80 (à direita) e 81 (à esquerda) na área da escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	250	Sepultamentos n° 95 e 96 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	262
Sepultamentos n° 77 (no centro), 78 (no centro, à esquerda), 79 (no centro, à direita), 80 (no primeiro plano), 81 (ao fundo) na área da escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	250	Sepultamentos n° 97, 98 e 99, evidenciados na escavação. Fonte: Acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas.....	263
Sepultamentos n° 78 (ao fundo), 79 (à direita) e 82 (no centro), na área da escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	251	Sepultamentos n° 97, 98 e 99, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson.....	263
Sepultamentos n° 79, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson	252	Sepultamento n° 107 e mandíbula de baleia associada, evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchieta de Pesquisas	267
Sepultamentos n° 84 e 85 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	254	Sepultamento n° 107 e mandíbula de baleia associada. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense	268
Sepultamento n° 89 na área escavada. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	256	Sepultamentos n° 110 e 111, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson.....	269
Sepultamento n° 90 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	257	Sepultamentos n° 110 e 111 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.....	270
		Sepultamentos n° 111, em detalhe, junto ao Sep 110, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer	271

LISTA DE TABELAS

- Tabela 01 – Lista dos conjuntos de sepultamentos propostos por Schmitz *et al.* (1993, pp. 135-141). 125
- Tabela 02 – Lista de acompanhamentos funerários do sítio Laranjeiras II não encontrados durante nossa pesquisa e os sepultamentos a que se referem..... 131
- Tabela 03 – Lista de acompanhamentos funerários por categoria, que generaliza os esqueletos por faixa de idade e por sexo..... 153
- Tabela 04 – Quantidade de indivíduos sepultados por faixa etária em LJ II. 154
- Tabela 05 – Quantidade de indivíduos adultos por sexo. 155
- Tabela 06 – Tipos de deposição e quantidade dos indivíduos sepultados em LJ II em cada uma..... 156
- Tabela 07 – Posições e quantidade dos indivíduos sepultados em LJ II. 157
- Tabela 08 – Indivíduos sepultados que apresentam acompanhamentos funerários, por sexo e faixa etária. 159
- Tabela 09 – Preferências de acompanhamentos funerários entre sepultamentos de crianças e de homens adultos. 161
- Tabela 10 – Lista de sepultamentos com acompanhamentos funerários identificando o sexo/idade e o Museu em que o artefato associado se encontra..... 165

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Ad	Adulto
Ad jv	Adulto jovem
Ad mad	Adulto maduro
Al	Adolescente
Cr	Criança
Jv	Jovem
MA	Museu Arqueológico
CACG	Complexo Ambiental Cyro Gevaerd
Dec. lat. dir.	Decúbito lateral direito
Dec. lat. esq.	Decúbito lateral esquerdo
F	Feminino
M	Masculino
I	Indeterminado
IAP	Instituto Anchietano de Pesquisas
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Laranjeiras II	Sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II
LJ II	Sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II
MGH	Museu Gert Hering
MHS	Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”
RT	Reserva Técnica
Sep	Sepultamento
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos

SUMARIO

CAPÍTULO 1. Trajetórias em coleções: pesquisa, formação e constituição do acervo documental e arqueológico do sítio Praia das Laranjeiras II	11
1.1. Padre João Alfredo Rohr e uma arqueologia	12
1.2. A documentação e os materiais arqueológicos do sítio Praia das Laranjeiras II: as instituições e as coleções	21
1.2.1 Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”	25
1.2.1.1 Breve histórico do MHS	27
1.2.2 Museu Gert Hering (Museu Arqueológico – CACG)	29
1.2.2.1 Breve histórico do Museu Arqueológico (CACG)	31
1.2.3 Instituto Anchieta de Pesquisas	32
1.2.4 Coleção arqueológica doada pelo Pe. Rohr à Academia Nacional de Polícia	33
1.3 Uma antropologia dos acervos: sobre a pesquisa de campo, a metodologia e documentação para a dissertação	34
1.3.1 O trabalho de campo: as instituições e os acervos	35
1.3.2 Sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa	40
CAPÍTULO 2. Arqueologia das Práticas Mortuárias e Antropologia: um referencial teórico para pensar sobre os mortos e seus acompanhamentos a partir de coleções	45
2.1. Arqueologia das Práticas Mortuárias: breve histórico	46
2.2 Arqueologia das Estruturas Funerárias: uma abordagem multidisciplinar ...	54
2.3 Sepultamentos, rituais mortuários e acompanhamentos funerários em Arqueologia	57
2.3.1 Sepultamentos	57
2.3.2 Rituais mortuários	59
2.3.3 Acompanhamentos funerários	63
2.4 Ambiente, artefatos e corpos: caminhos para pensar relações nas práticas funerárias	67
2.4.1 Considerações antropológicas sobre a morte	68
2.4.2 Os objetos como emergência de relações	73
2.4.3 O corpo e o ambiente: uma perspectiva de relações	79
CAPÍTULO 3. O Sítio Arqueológico Praia das Laranjeiras II: uma história na ocupação do litoral catarinense	83
3.1 Caracterização do Sítio Arqueológico Praia das Laranjeiras II	85
3.1.1 Caracterização da Praia das Laranjeiras	88
3.1.1.1 Geomorfologia	89
3.1.1.2 Clima	90
3.1.1.3 Vegetação	90
3.1.1.4 Fauna	92

3.2 Estudos realizados sobre o sítio: breve histórico da pesquisa em Laranjeiras II	92
3.2.1 Primeira parte: a escavação e os estudos realizados pelo Padre João Alfredo Rohr (décadas de 1970 e 1980)	92
3.2.2 Segunda parte: alguns trabalhos e pesquisas posteriores à escavação (décadas de 1980 e 1990)	95
3.3 Procedimentos da escavação (1977-1978)	97
3.4 Datações referentes ao sítio	101
3.5 Materiais arqueológicos evidenciados durante a escavação: vestígios para interpretar a ocupação humana no sítio	102
3.5.1 Indústria lítica	103
3.5.2 Cerâmica	104
3.5.3 Vestígios faunísticos	106
3.5.4 Material ósseo e conchífero	106
3.5.5 Outras estruturas evidenciadas (de combustão e de eliminação de lixo)	110
CAPÍTULO 4. Práticas funerárias do sítio Praia das Laranjeiras II: interpretações a partir das coleções	113
4.1. Sepultamentos do sítio Praia das Laranjeiras II	114
4.2 Acompanhamentos funerários evidenciados no sítio	129
4.3 Categorias de acompanhamentos funerários evidenciados	137
4.3.1 Dentes de animais (mamíferos e tubarões)	137
4.3.1.1 Dentes de tubarão	138
4.3.1.2 Dentes de mamíferos	141
4.3.3 Conchas	144
4.3.4 Lítico	145
4.3.5 Material ósseo	147
4.3.5.1 Artefatos feitos a partir de ossos	147
4.3.5.2 Ossos de animais	148
4.3.6 Cerâmica	150
4.4 Complexo funerário do sítio	153
CONSIDERAÇÕES FINAIS	166
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	171
ANEXOS	187
APÊNDICE	195
FICHA DE DADOS ARQUEOLÓGICOS E BIOARQUEOLÓGICOS – SÍTIO LARANJEIRAS II (SC)	200
QUADRO COM DADOS ARQUEOLÓGICOS E BIOARQUEOLÓGICOS – SÍTIO LARANJEIRAS II (SC)	272

INTRODUÇÃO

Sem poder ver seus rostos, sem ouvir suas vozes, sem escutar suas histórias, sem compartilhar sua comida, sem participar de suas festas, sem presenciar suas caçadas, sem vivenciar seus funerais, o estudioso de grupos indígenas pretéritos fica, de certa forma, limitado a tentar entender um pouco da trajetória dessas pessoas quase que exclusivamente através de seus artefatos, ossos e outros vestígios materiais.

Estudar grupos humanos que não estão mais vivos sob uma perspectiva antropológica e arqueológica é um tanto desafiador na mesma medida em que é fascinante. Direcionar o olhar para um passado que está materializado nos ossos e nos objetos antigos é perceber que ele pode estar, literalmente, em nossas mãos. No entanto, diversos são os questionamentos sobre como podemos acessar, interpretar, lidar com esses vestígios e até que ponto essa materialidade pode nos dar indícios sobre o modo de vida e sobre as práticas dos povos antigos. Por mais sedutor que pareça aos pesquisadores atribuir sentidos, significados e interpretações aos vestígios do passado, um fator, inevitavelmente, prevalece: o limite. Mesmo que todas as técnicas de análise de vestígios disponíveis sejam utilizadas, e que todos os referenciais teóricos adequados sustentem os caminhos analíticos a serem seguidos, a dimensão de acesso ao passado certamente será incompleta e limitada, pois quando tratamos de fontes históricas, materiais, ou de qualquer outra natureza, o acesso ao passado é sempre parcial.

Impossibilitado de vivenciar experiências na dinâmica da vida das pessoas que estuda, devido à própria natureza de sua investigação, o pesquisador dos grupos pretéritos se vê, mesmo ciente das limitações envolvidas nesse processo, impelido a realizar inferências sobre a vida desses povos a partir das fontes que estão disponíveis. Sua investigação é indiciária, porém pautada em vestígios indiscutivelmente representativos do *ethos* da sociedade estudada. É certo que o filtro da subjetividade interpretativa aqui também se faz presente, mas esta é uma característica inerente, em maior ou menor grau, a todos os estudos em ciências humanas. Desta forma, a validação destas investigações tem sido cada vez mais rigorosa a partir da aplicação de metodologias de campo e laboratório desenvolvidas com foco em problemáticas específicas, valendo-se dos avanços proporcionados pela crescente interdisciplinaridade com outras ciências como química, geomorfologia, biomedicina, genética, medicina e odontologia.

Assim, mesmo que haja dificuldades em construir uma história – uma arqueologia, uma antropologia – sobre esses povos antigos, o esforço deve ser realizado e as tentativas devem ser valorizadas e aprimoradas através de novas metodologias. Esses intentos são de grande valia e extre-

mamente necessários para que possamos alargar nosso entendimento sobre as *trajetórias* e as *possibilidades humanas* no mundo.

Esta pesquisa se preocupa em contar parte de uma história, ou então apontar as possibilidades de contá-la, sobre um grupo humano que ocupou uma praia no litoral central de Santa Catarina há cerca de mil anos. A partir de seus sepultamentos, do modo de enterrar seus mortos e dos objetos associados a eles, busco contribuir com a ampliação do conhecimento sobre um passado acerca das populações antigas que ocuparam nosso litoral. Da mesma forma, busco contribuir para o fortalecimento da questão da preservação do patrimônio cultural relativo aos grupos indígenas brasileiros no que se refere a suas evidências do período pré-colonial.

Baseada em uma abordagem interdisciplinar, esta pesquisa utiliza parâmetros antropológicos e arqueológicos para, de alguma forma, interpretar o contexto funerário evidenciado no sítio arqueológico denominado Praia das Laranjeiras II, município de Balneário Camboriú/SC. A partir de sepultamentos e seus acompanhamentos funerários, integrantes do acervo de instituições museológicas, este trabalho busca, através do estudo sobre os vestígios das práticas funerárias desses grupos do passado, estabelecer algumas possibilidades interpretativas acerca da cultura material desse grupo. Inserida em uma perspectiva de investigação de povos pretéritos que se baseia na análise de coleções arqueológicas e de fontes documentais referentes a elas, esta dissertação trata de questões relativas às disciplinas museológica, antropológica e arqueológica.

Na perspectiva arqueológica, o trabalho é embasado no viés teórico da Arqueologia das Práticas Mortuárias. Sobre essa arqueologia que trata dos vestígios que envolvem ritos e simbologia da morte, não é possível afirmar que ela estude a morte apenas como “um fenômeno físico e humano, tampouco que seu objeto se concentre na causa mortis ou circunstâncias em que ela ocorre” (Ribeiro, 2007, p. 19), ainda que estas variantes sejam consideradas pela disciplina arqueológica. Na perspectiva de Marily S. Ribeiro, muito mais que a morte, a Arqueologia estuda

os remanescentes das práticas que envolveram a morte, o funeral, os restos materiais dos atos que foram praticados no destino escolhido para o corpo, os vestígios das opções da sociedade e da família do morto para sua memória, a simbologia que deu lógica às práticas mortuárias (Ribeiro, 2007, p. 19).

O termo Arqueologia das Práticas Mortuárias ou Funerárias é utilizado aqui preferencialmente em detrimento de “Arqueologia da Morte”, pois o termo *práticas* enfatiza a ação humana como objeto de estudo, tendo

em vista que são “inacessíveis os pensamentos e vontades que não se manifestaram concretamente em atos, não, pelo menos, do ponto de vista dos vestígios de cultura material” (Ribeiro, 2007, p. 19).

A intenção inicial desta pesquisa era realizar um estudo antropológico sobre as práticas funerárias, partindo dos esqueletos e de seus acompanhamentos funerários, de um conjunto de sítios arqueológicos do litoral catarinense cujas escavações foram realizadas pelo Pe. João Alfredo Rohr. Esses sítios arqueológicos pré-coloniais apresentaram, entre suas evidências materiais, diversos remanescentes ósseos humanos, indicando a presença de estruturas funerárias e práticas específicas relativas ao fenômeno da morte.

Apresentando cultura material e características semelhantes entre si, esses assentamentos foram classificados pelo arqueólogo Pe. João Alfredo Rohr como *sítios rasos com sepultamentos*. Esses sítios, quando estudados posteriormente, foram identificados com uma tradição arqueológica devido à presença de um estilo cerâmico específico em seus estratos, a cerâmica Itararé¹. Por serem sítios litorâneos e apresentarem cerâmica Itararé, tais sítios foram classificados como sítios da Tradição Itararé do Litoral².

Esse tipo de sítio arqueológico foi primeiramente denominado, para o litoral catarinense, de jazida paleo-etnográfica. O termo jazida paleo-etnográfica foi usado pela primeira vez por Guilherme Tiburtius (Andrea Lessa, comunicação pessoal). Considerado uma figura importante para a arqueologia brasileira na década de 1950, Tiburtius³ colecionava peças arqueológicas retiradas especialmente de sambaquis do estado de Santa Ca-

1 A caracterização da cerâmica vinculada à Tradição Itararé será realizada mais adiante.

2 A classificação de tais sítios como sítios Itararé do Litoral foi empreendida por Pedro Ignácio Schmitz. O sítio Laranjeiras II no entanto, assim como os demais *sítios rasos com sepultamentos* que apresentam cerâmica dita Itararé, não são ocupações Itararé, apenas possuem cerâmica associada àquela encontrada no Planalto Meridional, denominada Itararé. As pessoas que habitavam os sítios rasos não eram do planalto, logo, não se trata de uma ocupação Itararé.

3 Nascido em 1892, em Berlim (Alemanha), radicou-se no Brasil em 1910. Começou a colecionar peças arqueológicas há cerca de 80 anos, onde morava, em Curitiba. De acordo com a reportagem do Jornal Notícias do Dia, Tiburtius conheceu o sambaqui da praia de Matinhos, no Paraná, no entanto foi impedido, pelo então diretor do museu do Paraná, de continuar pesquisas no local. A partir daí teria começado a explorar novas regiões, como Joinville, Araquari e São Francisco do Sul, em Santa Catarina. Fonte: Jornal Notícias do Dia, “Família de Guilherme Tiburtius doa documentos para o Museu de Sambaqui”, Redação ND Joinville, 11/10/2012 (<http://ndonline.com.br/joinville/plural/familia-de-guilherme-tiburtius-doa-documentos-para-o-museu-de-sambaqui>). Acesso em 11/12/2016

tarina, muitos dos quais pesquisados por ele, tendo registrado suas pesquisas em várias publicações e manuscritos⁴ (Bruno *et al*, 1991, p. 113).

Padre Rohr classificou esse tipo de sítio desta forma por se tratar de um local que apresenta, dentre outros fatores, grande número de esqueletos e utensílios indígenas (Rohr, 1959, p. 202). Para ele, a “Jazida Páleo-Etnográfica” se caracteriza pela sua riqueza em material arqueológico – especialmente artefatos líticos e ósseos – e apresenta todos os elementos do sambaqui (restos de ossos de mamíferos, aves e peixes, muito carvão vegetal), tendo, no entanto, pequena percentagem de conchas e não apresentando elevação acima do nível do solo (Rohr, 1967, p. 506).

De acordo com Anamaria Beck, *jazida-paleoetnográfica* é uma “denominação dada aos sítios arqueológicos que apresentaram componentes culturais idênticos aos de alguns sambaquis, mas tem substrato diferente, com quase total ausência de conchas” (Beck, 1972, p. 161) e caracterizam-se, ainda, por apresentar fragmentos de cerâmica “entre os remanescentes culturais” (Beck, 1972, p. 41).

Foram caracterizados, no litoral catarinense, alguns sítios arqueológicos que apresentaram, em algum de seus estratos, essas características. Alguns deles foram inclusive chamados de acampamentos litorâneos. Dentre esses sítios, posso citar o sítio Praia da Tapera e o sítio Caiacanga-Mirim, na Ilha de Santa Catarina, e o sítio Praia das Cabeçadas, em Itajaí/SC. Para a pesquisa do mestrado, a princípio, seriam escolhidos alguns sítios desse contexto litorâneo catarinense a fim de realizar um estudo comparativo regional entre sítios, no entanto, optei pela análise de um sítio arqueológico apenas.

A escolha pelo sítio Praia das Laranjeiras II se estabeleceu por alguns motivos principais: a) por ter sido um sítio escavado sistematicamente pelo Pe. Rohr com controle e metodologia de campo em todas as etapas; b) por ter obtido, como pesquisadora, o acesso à documentação referente à escavação e às fichas referentes a cada um dos sepultamentos, indicando sua posição, deposição, setor, profundidade, acompanhamentos; c) por apresentar distintos tipos de materiais associados aos sepultamentos/acompanhamentos funerários; d) por possui grande número de sepultamentos evidenciados; e) devido aos sepultamentos terem sido analisados por especialistas em termos de estimativa de sexo e idade; f) por ser um sítio litorâneo que, ao mesmo tempo se diferencia (principalmente do ponto de vista

4 A coleção resultante de suas coletas e pesquisas foi vendida à Prefeitura Municipal de Joinville em 1963, dando origem ao Museu de Sambaqui de Joinville, fundado em 1969. Tal coleção consistia em cerca de 12 mil peças dentre objetos líticos, cerâmicos, ósseos, zoomorfos e, também, esqueletos humanos (Bruno *et al*, 1991, p. 113).

estrutural, o que nos remete a questões socioculturais importantes, como a presença de artefatos cerâmicos) e se assemelha aos sambaquis.

A opção pela temática das práticas funerárias através do estudo dos corpos e de seus acompanhamentos tomou forma na medida em que ficou mais evidente o que seria possível identificar dos – e interpretar sobre os – sepultamentos deste sítio arqueológico. Escavado no final da década de 1970 pelo padre jesuíta e arqueólogo João Alfredo Rohr, o sítio raso Praia das Laranjeiras II foi relativamente pouco estudado em termos de práticas funerárias. Esta dissertação pretende contribuir para o estudo do sítio: apresentar algumas sistematizações e interpretações a respeito de suas práticas funerárias.

Na literatura arqueológica especializada há alguns trabalhos que apresentam análises sobre práticas funerárias em sambaquis litorâneos catarinenses. Em relação a outros tipos de sítio “há ainda poucos estudos dedicados às práticas funerárias dos grupos de pescadores-coletores litorâneos” (Saladino, 2016, p. 3). São inexistentes, no entanto, pesquisas publicadas que tratem especificamente da temática das práticas funerárias em sítios rasos com sepultamentos do litoral de Santa Catarina. Nesse sentido, essa dissertação se propõe a ser um estudo que pretende pensar a análise das práticas funerárias de um *sítio raso com sepultamentos* a partir dos acompanhamentos funerários.

O estudo das práticas mortuárias litorâneas “(incluindo as sambaqueiras) a partir das fontes primárias e da literatura especializada é um tema que a Arqueologia que pretende acessar a dimensão cultural e simbólica dos vestígios tem de enfrentar” (Saladino, 2016, p. 119). Tal reflexão condiz com a problemática desta dissertação, que está comprometida, em alguma medida, com os aspectos “imateriais” que a materialidade dos vestígios arqueológicos – tanto dos ossos quanto dos objetos – nos indica.

Nesse sentido, o trabalho será tecido a partir desses direcionamentos, olhando para o material para além de sua materialidade e pensando em como se pode desenvolver uma pesquisa sobre práticas funerárias analisando objetos integrantes de coleções museológicas. Um estudo antropológico sobre os mortos e seus acompanhamentos será empreendido, então, tendo em vista o caráter da documentação, dos acervos consultados e da natureza do registro arqueológico.

Escavado pelo Pe. Rohr há quase 40 anos, o sítio Praia das Laranjeiras II foi estudado por ele desde sua escavação (décadas de 1970 e 1980) e, posteriormente, analisado por outros pesquisadores (décadas de 1980 e 1990) a partir de diferentes perspectivas. Trago para a análise apenas alguns desses trabalhos, especialmente no que se referem à caracterização do sítio arqueológico e sobre seus sepultamentos.

A escavação do sítio, ocorrida em três etapas, abrangeu uma área de cerca de 500 m² – estimada em aproximadamente 1000 m² – nos anos de 1977 e 1978. A outra metade não escavada teria sido destruída pelo proprietário do terreno onde se localizava o sítio (Schmitz *et al.*, 1993, p. 17-18). Mesmo que não haja uma datação precisa para Laranjeiras II⁵, sua ocupação pode ser colocada no período abrangido por outros sítios litorâneos que apresentam cerâmica associada à tradição Itararé do Litoral, ou seja, entre os anos 800 e 1300 da nossa era (Schmitz *et al.*, 1993, p. 19).

Os objetos arqueológicos analisados nessa pesquisa foram encontrados junto aos esqueletos evidenciados no sítio e podemos interpretá-los como acompanhamentos funerários, isto é, objetos depositados intencionalmente na sepultura, junto ao morto, durante o funeral (Silva, 2005, p. 38), ou durante a preparação do corpo. O material arqueológico estudado compõe parte do acervo das escavações do Pe. Rohr e integra a *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr*. Os materiais arqueológicos analisados na pesquisa estão sob a guarda do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.”, nas dependências do Colégio Catarinense, em Florianópolis/SC; do Museu Arqueológico/Museu Gert Hering, localizado no Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, no município de Balneário Camboriú/SC; e da Academia Nacional de Polícia Federal, em Brasília/DF. Já as fontes documentais, como a documentação da escavação (diários de campo, fichas de sepultamento, desenhos, perfis) e fotografias do material e de campo encontram-se no Instituto Anchieta de Pesquisas, em São Leopoldo/RS e no Colégio Catarinense.

Mesmo obtendo acesso a uma documentação altamente informativa sobre o sítio e à grande parte dos materiais arqueológicos evidenciados, assim como aos esqueletos, é preciso considerar que meu trabalho possui um limite bem demarcado. Esta pesquisa de mestrado corresponde a uma análise de dados produzidos em uma escavação arqueológica realizada há quase quatro décadas e, evidentemente, possui um tom bastante distinto de um trabalho que tivesse sido realizado diretamente e a partir das escavações, na época em que o sítio foi escavado. Realizar um estudo de um sítio escavado há muito tempo, por um arqueólogo responsável que não está mais entre nós, com utilização de técnicas e métodos que já não são empregados na atualidade e cujo acervo e a documentação encontram-se, em certa medida, dissonantes, resulta em um trabalho com algumas limitações.

5 Não é evidente ao que se referem os resultados das datações radiocarbônicas realizadas no sítio e podem ser inadequadas (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31).

Escavações arqueológicas em que são encontrados remanescentes esqueléticos humanos, nos tempos atuais, em tese, procuram agregar especialistas e possuem metodologias específicas que apresentam alto grau de detalhamento nos registros, devido ao desenvolvimento de estudos e pesquisas referentes à Arqueologia funerária e à Bioarqueologia. Na medida do possível para as condições da época, e a partir de sua experiência, Pe. Rohr realizou as escavações e produziu o registro e as considerações acerca do sítio. É a partir dessa interpretação feita por Pe. Rohr – e, posteriormente, pela equipe do IAP –, lida na metodologia da escavação, nos diários de campo, nas fichas de sepultamento, no material escolhido para a coleta, que pude pensar e desenvolver este trabalho. Posso dizer então que o trabalho é uma revisão desses dados e que procura trazer alguma contribuição, constituída a partir de leituras antropológicas e de arqueologia funerária, mesmo que seja apenas uma reorganização dos dados e uma interpretação sobre os sepultamentos e o contexto funerário do sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II.

A partir do acesso a esta documentação, pude melhor entender o sítio e, em especial, os sepultamentos. Como um pesquisador cuidadoso e preocupado com os registros, Pe. Rohr produzia fichas de registro para cada sepultamento encontrado, anotando dados importantes para a compreensão do contexto funerário. Para cada um dos sepultamentos ele preencheu uma ficha em que inseriu informações como nível/profundidade do sepultamento na escavação, quadrícula (setor), posição e deposição do esqueleto, sexo e idade do indivíduo (quando possível de identificar), possíveis patologias, ossos presentes e ausentes, objetos associados ao sepultamento, dentre outros dados.

Os diários de campo deram ideia do cotidiano das escavações e o que era anotado durante os períodos de trabalho: quantidade de materiais evidenciados, profundidade escavada, condições do tempo, participação de membros da equipe e até mesmo comentários pessoais do Pe. Rohr (por exemplo, ele contou sobre quando se mudou para a Praia das Laranjeiras, e anotou os dias em que rezou missa por lá).

No decorrer da pesquisa, durante a análise dos documentos primários relativos à escavação do sítio e dos materiais arqueológicos resultantes, foi percebido que a partir do material disponível, uma análise mais completa das práticas funerárias desse grupo não poderia ser satisfatoriamente realizada se utilizados os protocolos atuais de análise de estruturas funerárias. Alguns dos fatores que levam a isso são a ausência de algumas informações e materiais arqueológicos nos acervos estudados, o tipo de escavação realizada, o sistema de registro dos vestígios e, ainda, aspectos relativos aos procedimentos utilizados pelo arqueólogo Pe. Rohr na épo-

ca. Entretanto, considerando que essas são as únicas fontes disponíveis, foi preciso “analisar seu potencial informativo” (Saladino, 2016, p.79) para que se pudesse identificar os possíveis caminhos de análise.

A discrepância de informações, de dados, a ausência de materiais arqueológicos, dentre outros fatores, fizeram com que eu trilhasse um caminho um pouco distinto do inicialmente proposto. Tratar da problemática dos acervos documentais e arqueológicos e das coleções museológicas tornou-se indispensável, então, para dar seguimento à pesquisa. Nesse sentido, posso dizer que este trabalho também trata de questões relacionadas a uma antropologia dos acervos e das coleções museológicas.

Dentre as contribuições da dissertação apresento, neste trabalho, fichas individuais dos sepultamentos que contém informações básicas dos indivíduos (quando possível de identificar) como sexo, idade, posição e deposição, que incluem fotografias (quando existentes) dos esqueletos e também informações sobre os acompanhamentos funerários. Essas fichas foram elaboradas a partir das fichas originais de sepultamento feitas por Rohr em campo e os dados foram preenchidos a partir de revisões na documentação, nas publicações e nos acervos museológicos, especialmente no material esquelético humano e nos acompanhamentos funerários.

Esta dissertação divide-se em quatro capítulos. O Capítulo 1 “*Trajetórias em coleções: pesquisa, formação e constituição do acervo documental e arqueológico do sítio Praia das Laranjeiras II*” traz um panorama que envolve um pouco de história das pesquisas antropológicas/arqueológicas empreendidas pelo Pe. Rohr no litoral de Santa Catarina referentes ao patrimônio arqueológico, assim como de processos museológicos que constituíram os acervos aqui estudados. Na primeira parte, o Capítulo 1 trata da trajetória e da importância do trabalho do padre jesuíta João Alfredo Rohr na arqueologia catarinense, especialmente no que se refere aos estudos de sítios litorâneos com a presença de sepultamentos humanos. Na segunda parte trato brevemente dos históricos e dos acervos dos dois museus (Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.” e Museu Arqueológico/Museu Gert Hering – Complexo Ambiental Cyro Gevaerd), naquela parcela que interessa à pesquisa, onde se localiza o material arqueológico aqui estudado, a fim de entender melhor a formação dessas coleções e os processos museológicos envolvidos. Comento ainda sobre o Instituto Anchieta de Pesquisas e sobre a coleção doada pelo Pe. Rohr para a Academia Nacional de Polícia Federal.

O Capítulo 2 “*Arqueologia das Práticas Mortuárias e Antropologia: um referencial teórico para pensar sobre os mortos e seus acompanhamentos a partir de coleções*” trata de parte do referencial teórico desta pesquisa, a Arqueologia Funerária, ou melhor, a Arqueologia das Práti-

cas Mortuárias, que permite pensar o fenômeno da morte e os sepultamentos enquanto práticas sociais passíveis de análises antropológicas. Apresento um breve histórico dessa área de pesquisa e os conceitos de sepultamento, ritual funerário assim como o conceito de acompanhamentos funerários, um dos focos da pesquisa. Procuro, nesse capítulo, explicitar a relevância de estudar sepultamentos e o potencial informativo que as estruturas funerárias arqueológicas possuem em termos antropológicos. Neste capítulo, insiro considerações antropológicas sobre a morte e trago para a análise algumas perspectivas etnológicas, especialmente ameríndias, para que ajudem a pensar sobre alguns dos entendimentos possíveis de ambiente, de corpos, de pessoas e de artefatos, assim como sobre suas relações no contexto mortuário. Trago, ainda, alguns apontamentos sobre antropologia dos objetos, sobre cultura material e sobre como um estudo de artefatos e outros vestígios materiais pode ser fundamental para interpretar histórias e trajetórias relativas a grupos humanos do passado. Reflexões sobre o corpo também estão contidas neste capítulo, já que o corpo pode ser entendido como cultura material, como um lugar relacional, e como o primeiro instrumento do homem.

No Capítulo 3, “*O Sítio Arqueológico Praia das Laranjeiras II: uma história na ocupação do litoral catarinense*”, apresento o sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II, sua localização, características ambientais e material encontrado, assim como o tipo de ocupação e a discussão acerca de sua classificação enquanto sítio vinculado à Tradição Arqueológica Itararé do Litoral. Realizo um breve histórico das pesquisas já empreendidas no sítio e acerca do sítio, sendo que a primeira delas foi a escavação realizada pelo Pe. Rohr e sua equipe, em 1977. Os procedimentos de escavação, croquis, e dados do diário de campo são trazidos para a análise, a fim de ampliar o entendimento sobre o sítio e seu contexto. Apresento também as datações realizadas, assim como os materiais arqueológicos evidenciados no sítio.

O Capítulo 4 “*Práticas funerárias do sítio Praia das Laranjeiras II: interpretações a partir das coleções*”, por fim, apresenta os dados referentes aos sepultamentos do sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II e traz a análise elaborada a partir deles. São apresentadas informações a respeito de suas profundidades, posições, sexo e idade e seus acompanhamentos funerários, dentre outras. Aqui são tratados os acompanhamentos, classificados por categorias e discutidas possibilidades de interpretação. Pretende-se apresentar, através dos dados e também de um esforço interpretativo, um estudo sobre as práticas funerárias do grupo pré-colonial em questão, a partir dos objetos que acompanhavam seus mortos.

Seguem, então, as considerações finais e as referências bibliográficas utilizadas nesta pesquisa. Ao final, trago imagens, croquis e outros anexos. Apresento, ainda, tabelas informativas e as fichas individuais de cada sepultamento, produzidas nesta dissertação, denominadas *Ficha de Dados Arqueológicos e Bioarqueológicos*, que incluem dados e fotografias dos sepultamentos. Por fim, apresento o *Quadro de Dados Arqueológicos e Bioarqueológicos*, que sistematiza as informações sobre os esqueletos e os materiais arqueológicos evidenciados junto a eles.

CAPÍTULO 1. TRAJETÓRIAS EM COLEÇÕES: PESQUISA, FORMAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO ACERVO DOCUMENTAL E ARQUEOLÓGICO DO SÍTIO PRAIA DAS LARANJEIRAS II

Este capítulo apresenta algumas *trajetórias*, desde a constituição do acervo da Praia das Laranjeiras II até a trajetória desta pesquisa. Tais trajetórias estão ligadas entre si e permitiram que essa dissertação de mestrado acontecesse.

O princípio dessas trajetórias se inicia na formação do acervo documental e arqueológico do sítio Praia das Laranjeiras II, ou seja, no protagonismo do Pe. João Alfredo Rohr e sua importância no campo da arqueologia e da preservação do patrimônio. O capítulo começa com a narrativa de alguns caminhos percorridos pelo Pe. Rohr, em que apresento aspectos de sua vida e de seu trabalho enquanto pesquisador e arqueólogo.

Nesse contexto de atuação de Pe. Rohr, ocorre a escavação do sítio Praia das Laranjeiras II, iniciada em 1977. A documentação produzida pelas escavações, assim como os próprios materiais arqueológicos provenientes dela, também tiveram suas trajetórias específicas. A vida social dessas coisas, ou seja, desses documentos e dos vestígios arqueológicos do sítio, fontes desta pesquisa, mostrou-se diversa e inserida em contextos específicos.

No momento em que produzo esta pesquisa, a documentação original das escavações, assim como um outro material de análise do sítio produzido após as escavações, encontra-se no Instituto Anchieta de Pesquisas, em São Leopoldo/RS, sob os cuidados do também jesuíta e arqueólogo Pe. Pedro Ignácio Schmitz, sucessor intelectual de João Alfredo Rohr.

O material arqueológico advindo das escavações na Praia das Laranjeiras, entretanto, encontra-se em outros locais. A partir das informações que obtive, está sob a guarda de dois museus no litoral catarinense, um deles em Florianópolis e outro em Balneário Camboriú, e, ainda, integra uma coleção, doada em vida pelo Pe. Rohr para a Academia de Polícia Federal, que está em Brasília/DF.

Apresento tais instituições, seus históricos e seus acervos, a fim de percebermos a trajetória dessas coisas, que vieram a se tornar *fontes*, e considerarmos as muitas possibilidades de significações que receberam desde sua concepção e sua entrada para o “mundo pós-escavação”. Os objetos, quando acervo de museus, recebem um estatuto especial e passam a ser entendidos de formas diversas e específicas. Da mesma maneira, os documentos, assim que integram os arquivos, também adquirem outro *status* e outro valor. Percebidas como materializações da história, essas “coisas” que se tornam fontes, precisam ser vistas a partir de seus contextos: os lugares em que essas fontes se encontram, sejam ou não instituições museológicas, assim como os

lugares para onde vão ou podem ir, devem ser percebidos também como produtos de escolhas e como emaranhados de relações.

O capítulo também apresenta minha trajetória de pesquisa, a maneira como obtive o acesso aos materiais para o trabalho, tanto as coleções museológicas como o acervo documental, e a experiência que tive com elas para a elaboração da dissertação. Nessa parte, ainda, apresento os procedimentos metodológicos e outras escolhas realizadas na pesquisa. Busco, através dessas considerações sobre as trajetórias das coleções museológicas, dos acervos documentais e da própria pesquisadora, apontar a necessidade de pensarmos sobre nossas fontes de estudo, o modo pelo qual elas receberam esse estatuto e os locais – físicos e simbólicos – em que se encontram, já que tais aspectos “afetam” diretamente nossas pesquisas.

1.1. PADRE JOÃO ALFREDO ROHR E UMA ARQUEOLOGIA

João Alfredo Rohr, gaúcho nascido em 1908, em Arroio do Meio, foi um padre jesuíta que se dedicou à arqueologia por quase 40 anos. Rohr fazia parte da primeira geração de jesuítas brasileiros formados, não mais na Alemanha, mas em instituições locais no RS (municípios de Pareci Novo e São Leopoldo) que se propunham a uma série de tarefas. Dentre elas, no atendimento de paróquias de descendentes de imigrantes alemães, na missão entre os índios do Mato Grosso, nos seminários de formação de novos sacerdotes e nos colégios de Porto Alegre e Florianópolis, onde procuravam formar elites intelectuais e sociais da classe média urbana (Schmitz, 2009, p. 11).

Rohr realizou sua formação em instituições jesuíticas em São Leopoldo (ginásio e faculdades de Filosofia e Teologia) e Pareci Novo (noviciado e estudos humanísticos), cujos professores, de origem alemã, tinham uma filosofia educacional moldada nos tradicionais padrões europeus (Schmitz, 1984, p. 11).

Entrou no noviciado em 1927, fazendo seus votos religiosos dois anos depois. Foi ordenado sacerdote em 30 de novembro de 1939. Assim que completou seus estudos de Filosofia, foi encaminhado para as primeiras experiências em uma comunidade, onde atendia seminaristas e dava aulas de Aritmética, Italiano e História Natural. No mesmo local atendeu ao museu existente na instituição, que reunia amostras do reino mineral, vegetal, animal e humano (Schmitz, 1984, pp. 11-12).

Enquanto aluno do Seminário Central de São Leopoldo (1937-1940), Rohr iniciou sua carreira de cientista como botânico, herborizando e catalogando pteridófitas⁶ e orquídeas (Reitz, 1984, p 20).

Em 1941, João Alfredo Rohr chega a Florianópolis. Aos 33 anos, ordenado sacerdote, começa a trabalhar no Colégio Catarinense, onde exerceu diversas atribuições: professor, regente de classe e divisão, administrador, assistente religioso e confessor e pesquisador. O Colégio era, naquela época, uma comunidade educacional fundamentalmente masculina (Schmitz, 1984, p. 12). Padre Rohr lecionou Química, Física e Ciências Naturais de 1942 a 1964. Após sua retirada do magistério, passou a se dedicar ao *Museu de História Natural, Física e Química*. Esse Museu, localizado no próprio Colégio Catarinense, viria a se tornar, em 1964, o Museu do Homem do Sambaqui.

Durante parte de sua vida em Florianópolis Rohr atuou em pesquisas botânicas, tendo constituído um orquidário no Colégio. Realizou diversas saídas de campo⁷, algumas custeadas com suas economias da bolsa de pesquisador que recebia do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Reitz, 1984, p. 20).

Nessa época, o Pe. Balduino Rambo⁸ passou a orientar Alfredo Rohr no sentido de dedicar-se exclusivamente ao inventariado e à pesquisa dos inúmeros sítios arqueológicos de Santa Catarina (Reitz, 1984, p. 20). Foi a partir da década de 1950, então, época em que ainda não se ensinava arqueologia nas universidades brasileiras, que Pe. Rohr passou a dedi-

6 As pteridófitas são plantas que não apresentam sementes, possuem rizoma e vasos condutores de seiva.

7 Durante o período dedicado às pesquisas botânicas, Pe. Rohr descobriu novas espécies de orquídeas em Santa Catarina e *Catasetum rohrii* Pabst, *Pleurothallis rohrii* Pabst e *Octomeria rohrii* Pabst foram assim denominadas em sua homenagem (Reitz, 1984, p. 20).

8 Padre Balduino Rambo era Diretor do *Herbarium Anchieta* e professor de Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Naquela época considerou que os levantamentos botânicos em Santa Catarina já estavam sendo bem encaminhados através das atividades do Herbário “Barbosa Rodrigues”, em Itajaí/SC, fundado em 1942. Raulino Reitz aponta que, a partir desta consideração, Pe. Rambo incentivou Pe. Rohr a decidir sobre sua nova área de pesquisa, a arqueologia.

car-se à pesquisa arqueológica⁹. Ele contribuiu com vários avanços em termos teórico-metodológicos na área da arqueologia, e sua obra está em sintonia e se aproxima de uma arqueologia preocupada não apenas em recuperar e registrar objetos e restos humanos do passado, mas, sobretudo, em tentar contextualizar e fazer inferências – cautelosas e sempre devidamente sustentadas por evidências empíricas – que permitam compreender os comportamentos e os processos socioculturais vivenciados pelas populações humanas, cujos vestígios são as evidências arqueológicas disponíveis (Reis & Fossari, 2009, p. 288).

O Pe. João Alfredo Rohr, de acordo com Pe. Pedro Ignácio Schmitz¹⁰, não era um arqueólogo acadêmico, nem arqueólogo teórico, “mas arqueólogo das primeiras tarefas: reconhecer e caracterizar, salvar e preservar os sítios arqueológicos e seus materiais” (Schmitz, 2009, p. 20). Era um período em que se começava a tratar da temática da preservação de sítios arqueológicos no Brasil, “principalmente os sambaquis litorâneos, que iam sendo demolidos num florescente negócio de produção de cal, de adubo e de pavimentação de estradas” (Schmitz, 2009, p. 16). Nessa época, os professores Paulo Duarte, da Universidade de São Paulo e José Loureiro Fernandes, da Universidade Federal do Paraná, traziam arqueólogos estrangeiros para pesquisar no Brasil, o que possibilitava a universitários brasileiros aprenderem com esses trabalhos¹¹.

9 Pe. Rohr foi nomeado conselheiro na criação do Conselho Estadual de Cultura de Santa Catarina, em 1968, assumindo o cargo de presidente entre 1971-1972. Rohr recebeu da Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional um cargo honorífico de representação do SPHAN em Santa Catarina. A função de fiscalizador dos sítios lhe trouxe grandes dissabores, como aponta Reitz, ele presenciou a destruição de vários sítios arqueológicos – muitos para a produção de cal, adubo e corretivos de solo – e, inclusive, foi processado judicialmente no exercício de sua função (Reitz, 1984, p. 29).

10 Pedro Ignácio Schmitz é um padre jesuíta e arqueólogo brasileiro, nascido em 30 de agosto de 1929, no município de Bom Princípio, Rio Grande do Sul. Um dos fundadores da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), assim como do Instituto Anchietano de Pesquisas (1956), onde é diretor, Schmitz é pesquisador sênior e bolsista de produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 1969. Implantou, em 1975, a pós-graduação em Antropologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e é um dos fundadores da Sociedade de Arqueologia Brasileira, criada em 1980. Realizou e realiza pesquisas arqueológicas nos estados Rio Grande do Sul, Goiás, Santa Catarina e, também, no Pantanal do Mato Grosso do Sul. Pe. Ignácio participou de alguns trabalhos com Pe. Rohr e se tornou seu sucessor intelectual.

11 A maior parte dos dados biográficos de Rohr utilizados a partir daqui foi retirada da publicação de Schmitz (2009).

O levantamento de sítios arqueológicos realizado pelo Pe. Alfredo Rohr foi o mais extensivo ocorrido na história da arqueologia catarinense e cerca de 400 sítios foram por ele registrados e cadastrados (Reis & Fossari, 2009, p. 265). De acordo com Maria José Reis e Teresa Fossari, a contribuição do Pe. Rohr para a arqueologia catarinense – e, conseqüentemente, para a arqueologia brasileira – é inestimável (Reis & Fossari, 2009, p. 266).

Inserido em um contexto de constituição e desenvolvimento tanto da arqueologia quanto da antropologia brasileiras, Pe. Rohr era um pesquisador de seu tempo. Mesmo sendo protagonista de procedimentos inovadores, a arqueologia do Pe. Rohr precisa ser inserida no contexto de sua época. Como “arqueólogo amador”, Pe. Rohr realizava pesquisas de modo diferente das pesquisas arqueológicas atuais de cunho mais acadêmico e produzia muitas, digamos, “impressões de campo”. Através de suas escavações arqueológicas, suas análises craniométricas e sua atuação em defesa do patrimônio, Pe. Rohr se situa nessa conjuntura e podemos considerar seu trabalho, mesmo que no século XX, como um desenvolvimento da antropologia brasileira no sul do país.

De acordo com o antropólogo Luiz de Castro Faria, ao pensar a trajetória da antropologia brasileira, o interesse por artefatos arqueológicos como peças de cerâmica ou machados líticos “é tão antigo quanto o interesse pelos ossos de índios. Os primeiros trabalhos brasileiros de antropologia são, por isso mesmo, trabalhos arqueológicos ou trabalhos craniométricos” (Castro Faria, 1998, p. 29). A partir dessas considerações de Castro Faria, podemos inserir os trabalhos de João Alfredo Rohr nesse contexto e pensar que seus estudos estavam em consonância com esse processo de constituição e formação da antropologia brasileira.

Por ser de um tempo em que a antropologia e a arqueologia eram feitas e pensadas de outra forma, alguns de seus argumentos e considerações, além de considerados e valorizados, podem ser repensados. Algumas das interpretações de Rohr a respeito dos povos antigos cujos vestígios escavava são interessantes para pensar sobre o modo de vida desses grupos. No intuito de qualificar e valorizar tais grupos, o arqueólogo atribuía certos sentidos que podem ser problematizados à luz de uma outra antropologia.

Pe. Rohr ganhou maior notoriedade devido a suas ações em defesa de sítios arqueológicos, especialmente dos sambaquis do litoral catarinense. Sua determinação em proteger os sítios da destruição avassaladora que ocorria na época, no entanto, lhe trouxe muitos dissabores, pois suas ações conflitavam com interesses econômicos de uma época em que o Brasil encontrava-se em plena Ditadura Civil-Militar (Fossari e Amaral, 2014, p. 23). João A. Rohr, no entanto, mesmo tendo enfrentado problemas com

prefeituras, governos e figurões da época, não desistiu de sua tarefa.

Retomar alguns aspectos de trabalhos realizados pelo Pe. João Alfredo Rohr torna-se relevante, não apenas devido à valorização de seu trabalho e ao reconhecimento de sua importância para a arqueologia catarinense. Retomar seus estudos acerca dos sepultamentos, especialmente, é relevante, pois Pe. Rohr é tido como o arqueólogo “que mais escavou e exumou crânios e esqueletos no Brasil” (Nunes, 2000, p. 48) e a coleção osteológica humana que resultou de suas pesquisas é uma das maiores do Brasil. Essa característica atribuída a J.A. Rohr se deve especialmente aos tipos de sítios arqueológicos que escavou, muitos deles compostos por diversos sepultamentos. Foram, no mínimo, 500 sepultamentos recuperados em oito das principais escavações sistemáticas empreendidas por ele no litoral catarinense (sítios Caiacanga-Mirim, Armação do Sul, Praia da Tapeira, Praia das Laranjeiras I e II, Sambaqui da Balsinha I, Balneário de Cabeçudas, Pântano do Sul). Esse número não considera os demais sepultamentos evidenciados em outras de suas intervenções em distintas localidades do estado de Santa Catarina.

Dentre os resultados de anos de escavações e do trabalho realizado pelo Pe. Rohr destaca-se a formação de uma coleção, denominada *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr*, que possui relevância histórica e patrimonial, tendo sido, inclusive, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional na década de 1980¹².

Nesse sentido, a obra do Pe. Rohr e o acervo constituído a partir de suas pesquisas possuem enorme potencial investigativo e são expressivo campo para os estudos antropológicos e arqueológicos, não apenas referentes a práticas funerárias, mas a distintos tipos de análises nestas áreas. Esta pesquisa reconhece a importância histórica, antropológica e arqueológica dos estudos do Pe. Rohr e visa aprofundar uma parte de seus trabalhos a fim de produzir algumas reflexões que acrescentem outros dados e outras possíveis interpretações ao contexto arqueológico em questão.

12 A *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr* foi tombada pelo IPHAN em 1986. O registro do tombamento está no Livro de Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, sob número de processo: 1129-T-84. Fonte: <http://www.iphan.gov.br/baixaFcdAnexo.do?id=4854> (último acesso em janeiro de 2015). O material que forma esta Coleção encontra-se, de acordo com informações obtidas pelo IPHAN/DF, sob a guarda de quatro instituições: o Colégio Catarinense, em Florianópolis (SC); o Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis /SC; o Museu Arqueológico e Oceanográfico do Balneário de Camboriú, em Balneário Camboriú/SC; e a Academia da Polícia Federal, em Brasília/DF.



Figura 01 – Pe. Rohr realizando pesquisas de Antropologia Física no Museu.
Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.

A primeira escavação arqueológica de João Alfredo Rohr ocorreu em 1958, em Florianópolis. Na localidade da Base Aérea, havia um sítio arqueológico, o Caiacanga-Mirim, onde Pe. Rohr escavou 200 m² e encontrou 54 sepultamentos humanos¹³. Em 1959, Rohr volta sua atenção a alguns sambaquis da Ilha de Santa Catarina: na Ressacada (5 sítios), no Rio Tavares (5 sítios) e no Rio Vermelho (3 sítios). No ano seguinte, 1960, estuda quatro sambaquis (no Canto da Lagoa e no Rio Vermelho – ali realizando a escavação de parte do sítio Praia Grande).

Em 1961, retoma escavações no Rio Vermelho, escavando mais uma parte do sambaqui da Praia Grande. Depois disso passa estudar 10 sambaquis no vale do Rio D’Una, no município de Imbituba. Na década de 1960, ainda, durante os anos de 1962 a 1967, Pe. Rohr se dedicou à escavação do sítio Praia da Tapera, sul da Ilha de Santa Catarina. Desse sítio arqueológico, Pe. Rohr escavou 2.000 m² e evidenciou 172 sepultamentos humanos. Além disso, encontrou no sítio diversos vestígios faunísticos, instrumentos lascados e polidos, artefatos feitos em ossos e conchas, assim como mais de 20 mil fragmentos cerâmicos. A escavação do sítio na Tape-

13 As informações a respeito do histórico das pesquisas arqueológicas de Pe. Rohr foram retiradas de Schmitz (2009).

ra teve a participação de Luiz de Castro Faria: durante uma semana o então diretor do Museu Nacional e professor de Antropologia da Universidade do Brasil orientou as escavações (Rohr, 1972, p. 34).

A partir de 1964 Pe. Rohr passa a não ter mais o compromisso com as aulas no Colégio e isso lhe disponibiliza ainda mais para as pesquisas. Foi nesse mesmo ano que inaugurou o Museu do Homem do Sambaqui, assumindo o antigo *Museu de História Natural, Física e Química*, existente no Colégio Catarinense.

No ano de 1966, Pe. Rohr estuda 53 sítios arqueológicos no município de Itapiranga, extremo oeste de Santa Catarina, encontrando objetos de populações que viveram há cerca de 9 mil anos, assim como artefatos de grupos guarani do século XIII em diante. Nos anos de 1966, 1967, 1970 e 1971, passa a dar atenção ao Planalto Catarinense, onde localizou 111 sítios arqueológicos em municípios como Urubici, Petrolândia, Bom Retiro e Alfredo Wagner. Nessa região, evidencia grandes conjuntos de “casas subterrâneas” e também algumas grutas, em que estão presentes inscrições rupestres.

Nos anos de 1967, 1968 e 1969, Pe. Rohr parte para o sul do Estado, a fim de realizar um levantamento dos sambaquis de Jaguaruna. Em 1968, ainda, estuda os petroglifos da Ilha de Santa Catarina e ilhas vizinhas. A partir desse momento, Rohr inicia um período de grandes escavações em sítios costeiros, sendo um dos pontos centrais de seu trabalho, no estudo dos sítios, as formas de sepultamento humano e seus acompanhamentos funerários.

Nos anos de 1969 e 1974 Rohr escava 250 m² de um sítio na Armação do Sul, Ilha de Santa Catarina, datado de 2.670 anos, em que evidenciou 80 indivíduos. Em 1971 escava 38 m² do sítio cerâmico em que foi construído o Iate Clube de Itajaí, no Balneário de Cabeçudas, onde encontrou 61 indivíduos sepultados. No ano de 1975 escava cerca de 300 m² em sambaquis da Praia do Pântano do Sul, com datações entre 4.500 e 3.700 anos. Nesse local, Pe. Rohr encontra, além de sepultamentos, alguns zoólitos¹⁴.

Entre os anos de 1977 e 1979, estuda dois sítios na Praia das Laranjeiras em Balneário Camboriú. O sítio Laranjeiras I, um sambaqui peque-

14 Zoólitos são artefatos líticos polidos que representam animais. Geralmente fabricados a partir das rochas diabásio, basalto e riolito, são encontrados em sítios litorâneos brasileiros e uruguaios desde a faixa do litoral de São Paulo para o sul. Representam animais marinhos e terrestres, dentre eles, peixes, baleia, tubarão, golfinho, aves, tatu, dentre outros animais, alguns não identificados. Muitos deles são evidenciados junto a sepultamentos, podendo ser classificados como acompanhamentos funerários.

no (de 3.800 anos), onde Rohr escavou 262 m² evidenciando 52 indivíduos. O sítio Laranjeiras II, do fim do primeiro milênio de nossa era, foi escavado em 500 m². Foram ali recuperados 114 sepultamentos e mais de 5.500 fragmentos cerâmicos. As últimas pesquisas de Rohr, em 1982, foram escavações no sambaqui da Balsinha I, em Imbituba (entre 3.700 e 2.300 anos), recuperando 22 sepultamentos. Além disso, realizou o estudo de 15 sítios arqueológicos no município de Urussanga.

Dentre algumas das técnicas desenvolvidas pelo próprio Pe. Rohr para a pesquisa arqueológica, destacam-se a técnica da cópia de petroglifos gravados em paredes verticais de rocha (Reitz, 1984, p. 28) e a técnica de cimentação de estruturas, especialmente estruturas funerárias, e de “blocos testemunhos”¹⁵. A técnica de cimentação consiste em, literalmente, cimentar estruturas e blocos-testemunho em campo a fim de que as evidências permaneçam na posição em que foram encontradas durante a escavação.

A ideia de cimentar esqueletos teria ocorrido ao Pe. Rohr em 1961, impelido pela vontade de montar no museu um sepultamento infantil evidenciado por ele no sambaqui da Praia Comprida¹⁶. Considerado por ele um “conjunto raro e original”, por apresentar diversos elementos, o sepultamento da criança descansava sobre uma escápula de baleia, em cujas laterais haviam sido levantadas lâminas ósseas, formando uma espécie de esquife. Seu esqueleto estava coberto de ocre vermelho e apresentava um colar, do pescoço até a cintura, confeccionado a partir de conchinhas perfuradas (*Olivella sp.*)¹⁷. Rohr considerou impressionante a soma de detalhes “que atestavam o carinho, com que a pobre mãe pré-histórica, sepul-

15 A técnica de cimentação de esqueletos foi desenvolvida pelo Pe. João Alfredo Rohr e uma descrição detalhada do procedimento pode ser encontrada em alguns de seus textos: a) Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina. *Pesquisas*, nº 15, Instituto Anchieta de Pesquisas, 1966; b) Normas para a cimentação de enterramentos arqueológico e montagem de blocos-testemunha. *Manuais de Arqueologia nº 3*, Curitiba: CEPA/UFPR, 1970; c) Cimentação de sepultamentos e de “blocos testemunhos”. *Pesquisas arqueológicas no litoral de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Universitária, 1981.

16 Trata-se da Praia do Moçambique, antigamente também denominada Praia Grande, no norte da Ilha de Santa Catarina.

17 Além desses elementos, o sepultamento estava rodeado de vasilhames de barro não queimado, de 30 a 40 cm de altura. O primeiro, cheio de areia muito clara, continha uma lâmina de machado de pedra polida. O segundo vasilhame apresentava conchas grandes de um molusco (*Phacoides pectinatus* Gmelin), e o terceiro era “uma formação de barro, com muitos alvéolos, contendo carvão e cinza, de significado problemático” (Rohr, 1970, p. 4).

tara o seu filhinho falecido” (Rohr, 1970, p. 4). No entanto, o conjunto estava em estado de conservação muito ruim e não pôde ser recuperado. Foi em suas escavações posteriores que Pe. Rohr começou a realizar a técnica de cimentação, sendo esqueletos do sítio arqueológico Praia da Tapera os primeiros a terem resultado satisfatório no uso dessa técnica¹⁸.

Assim que preparada, a estrutura cimentada era retirada do sítio e levada para o local de destino (museu). Essa prática tinha uma finalidade expositiva e didática em certa medida, pois permitia expor a um grande público a maneira como esses povos sepultavam seus mortos. Pe. Rohr afirma que todo museu deve ser educativo (Rohr, 1970, p. 4), portanto a técnica de cimentação contribuía nesse sentido. Além disso, considerava ser da maior importância e interesse para a Arqueologia trazer aos museus e laboratórios de pesquisa “sepultamentos humanos e vestígios diversos, tais como fogões, fornos de cocção, ossadas animais e, mesmo blocos-testemunhos, na disposição exata em que foram encontrados nos sítios arqueológicos” (Rohr, 1981, p. 111).



Figura 02 – Indivíduo cimentado por Rohr em exposição no MHS. Sepultamento 110, sítio Praia da Tapera, Ilha de Santa Catarina (com ponta de flecha cravada na vértebra). Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.

João Alfredo Rohr participava de cursos e simpósios de arqueologia, a fim de se manter atualizado na área. Nos anos de 1961, 1963 e 1965 participou de cursos de extensão universitária na Universidade Federal do Paraná, ministrados por especialistas estrangeiros do Museu Nacional de Washington e do Museu do Homem de Paris. Em 1967, 1968 e 1971, participou de cursos semelhantes realizados na Universidade Federal de Santa Catarina. A participação nesses cursos, além de proporcionar o conta-

18 Alguns esqueletos cimentados por Rohr na Praia da Tapera, assim como uma fogueira, encontram-se expostos no MHS.

to de Pe. Rohr com diversos pesquisadores da área e arqueólogos, possibilitou a ele a obtenção de datações de carbono 14 de diversos sítios que, à época, eram muito custosas e apenas realizadas em instituições estrangeiras (Rohr, 1972, p. 36).

Durante os anos dedicados às pesquisas arqueológicas, Padre Rohr cuidou do Museu do Homem do Sambaqui e se dedicou a ele até o ano de seu falecimento, em 1984. Como residia no Colégio Catarinense, objetos pessoais de Rohr e outras coisas que pertenciam a ele permaneceram nas dependências do Colégio. Com seu falecimento, seus pertences foram encaixotados, alguns objetos foram guardados e ficaram esquecidos, no entanto, muitas coisas teriam sido descartadas.

Pe. Rohr, ao longo de seus anos de estudos e pesquisas, formou uma coleção de livros. Sua biblioteca particular inclui obras de diversas áreas de conhecimento, muitos em língua alemã, sendo títulos de biologia, de antropologia, títulos religiosos, de arqueologia, astronomia, dentre outras áreas. Estima-se que sejam cerca de 500 exemplares e alguns deles, inclusive, são livros considerados raros. Atualmente esta coleção encontra-se em fase de organização no MHS.

1. 2. A DOCUMENTAÇÃO E OS MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS DO SÍTIO PRAIA DAS LARANJEIRAS II: AS INSTITUIÇÕES E AS COLEÇÕES

Os materiais arqueológicos encontrados nas escavações do sítio Praia das Laranjeiras II estão, como já citado, sob a guarda de dois museus catarinenses: o Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.”, no Colégio Catarinense, em Florianópolis e o Museu Arqueológico/Museu Gert Hering, localizado no Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú. No entanto, no decorrer da pesquisa, descobrimos que outros objetos evidenciados durante a escavação de Laranjeiras II foram doados em vida pelo Pe. Rohr à Academia Nacional de Polícia Federal e estão em Brasília. Devido a um contato que realizei com o IPHAN de Brasília pude obter maiores informações a respeito desse material e em seguida discorro sobre ele.

No Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.” estão expostos três sepultamentos que foram cimentados pelo Pe. Rohr na época das escavações (1977-1979) dos dois sítios arqueológicos da Praia das Laranjeiras. Esses sepultamentos correspondem a sete indivíduos, sendo cinco bebês, uma criança e um adulto. Destes sepultamentos, apenas um é do sítio Laranjeiras II, trata-se do Sepultamento 91, um bebê recém-

-nascido adornado com 114 conchinhas (*Olivella sp.*), os demais são enteramentos do sítio Praia das Laranjeiras I. Vários esqueletos escavados no sítio encontram-se na Reserva Técnica do MHS, devidamente higienizados¹⁹, armazenados e catalogados²⁰.

Diversos tipos de materiais arqueológicos provenientes da escavação encontram-se no MHS. Além dos esqueletos e acompanhamentos funerários, grande parte do material lítico, cerâmico, ósseo e conchífero está nas reservas técnicas do MHS. Não foi possível precisar as quantidades de cada tipo de material, nem das peças como um todo, pois não obtive essas informações.

Os esqueletos cimentados pelo Pe. Rohr durante as escavações do sítio Praia das Laranjeiras II, em sua maior parte, encontram-se expostos no Museu Arqueológico/ Museu Gert Hering – CACG. São 19 sepultamentos que correspondem a mais de 20 indivíduos (referentes aos sítios Laranjeiras I e também Laranjeiras II), em posições variadas, sendo homens, mulheres e crianças. Estão expostos neste Museu, ainda, vários materiais arqueológicos advindos das escavações do sítio, como líticos, fragmentos cerâmicos, artefatos ósseos e material conchífero. Alguns dos acompanhamentos funerários também estão ali expostos: uma lâmina de machado polida (Sepultamento 12), pontas ósseas com pedúnculo (Sepultamento 05), cinco dentes de tubarão duplamente perfurados (Sepultamento 67), cinco dentes perfurados de mamíferos (Sepultamento 39), três dentes perfurados de mamíferos (Sepultamento 49), um dente perfurado de mamífero (Sepultamento 60). Há, na exposição do MA/CACG, duas tigelinhas cerâmicas – uma inteira e outra fragmentada – que poderiam ser as tigelas que acompanhavam os dois sepultamentos infantis (Seps 42 e 43). No entanto, não foi possível confirmar essa informação, pois não tivemos acesso direto ao material.

A maior parte da coleção pertencente ao sítio Laranjeiras II está dividida entre os museus MHS e Museu Arqueológico/CACG. Assim como no MHS, não tive acesso aos dados sobre os materiais sob a guarda do

19 Higienização é uma das fases de um processo de curadoria de material arqueológico. Nessa etapa, os materiais serão limpos e os sedimentos de campo serão retirados, muitas vezes com pincéis e, algumas, dependendo da natureza do material, com água.

20 Este trabalho foi realizado por Luciane Z. Scherer, entre 2004 e 2006, sendo catalogados mais de 90 indivíduos. A curadoria realizada por Scherer envolveu higienização e acondicionamento dos esqueletos, análise e identificação das unidades anatômicas e a catalogação do material. Aspectos como sexo e idade dos indivíduos foram analisados.



Figura 03 – Sepultamento 91, de indivíduo infantil. Cimentado e exposto em vitrine no MHS. Foto da autora.

MA/CACG e a quantidade de peças. De acordo com as informações que obtive, todo o acervo encontra-se exposto e não haveria um inventário referente ao acervo arqueológico. Os esqueletos estão todos cimentados e expostos, assim como parte do material lítico, cerâmico, ósseo, conchífero da escavação.

Já na coleção doada pelo Pe. Rohr em vida para a Academia Nacional da Polícia Federal, em Brasília, há alguns artefatos dos dois sítios da Praia das Laranjeiras e pudemos evidenciar, dentre eles, alguns associados a sepultamentos. Os materiais identificados como acompanhamentos funerários do sítio de estudo foram um artefato lítico (classificado como amolador) que estava associado ao sepultamento de adulto nº 102 e seis dentes perfurados de mamífero, associados ao sepultamento infantil nº 43. Pude identificar ainda, através das fotografias do material que tive acesso, dois ossos faunísticos em que estava evidente a inscrição “Assdo Septo 72”, demonstrando sua associação ao Sepultamento 72. Os dados dessa coleção foram obtidos através de contato com o IPHAN/DF, que nos cedeu documentação referente a ela.

Sobre a documentação, o acervo documental referente ao sítio Laranjeiras II que serviu de base para esta pesquisa encontra-se em duas instituições: no Colégio Catarinense e no Instituto Anchieta de Pesquisas. No Arquivo do Colégio Catarinense tive acesso às fotografias de campo. No IAP obtive acesso à maioria da documentação utilizada no trabalho: foram os diários de campo (dois), as fichas originais de cada um dos sepultamentos, desenhos de alguns artefatos, perfis, assim como documentação de análise de materiais arqueológicos do sítio. Além disso, tive acesso a algumas fotografias das escavações e de alguns sepultamentos e artefatos.

Trago, a seguir, algumas informações sobre os históricos e acervos das instituições envolvidas nessa pesquisa para que se possa perceber os contextos em que essa documentação e esses materiais estão inseridos e a maneira como chegaram até aqui. Todo objeto de pesquisa é histórico e está inserido na conjuntura de seu tempo. Pensar sobre a maneira de tecer nossas pesquisas e buscar algumas informações referentes a esse histórico é especialmente relevante quando estudamos materiais arqueológicos que constituem acervos de museus.

Considero que o “estado” em que encontrei as fontes, tanto os documentos quanto os materiais arqueológicos, como se desenvolveu meu acesso a elas e a maneira como as informações se apresentaram, em parte tem relação com esses processos históricos. São, inevitavelmente, um misto de subjetividades, poderes, escolhas, políticas, e conjunturas. Visto que a formação dos acervos museais estrutura-se a partir de critérios de seleção, os objetos reunidos em um museu revelam não apenas o mundo das relações sociais, como também “o universo da representação individual e coletiva” (Castro, 2009a, p. 73).

Nesse sentido, podemos pensar nas “trajetórias das coisas”, tendo em mente que os objetos não possuem vida apenas enquanto utilizados em seus contextos de origem, mas que muitos caminhos por ele são percorridos após serem retirados de (ou não mais pertencerem aos) seus contextos originais. As mudanças de sentidos e significações que adquirem são inúmeras de acordo com os lugares pelos quais passaram (coleções particulares, depósitos, museus), com as pessoas que encontraram (pesquisadores, fetichistas, antiquaristas, contrabandistas) e com os processos que vivenciaram (fraturas, restaurações, perdas de materiais constituintes, roubo, adulterações e tantos outros possíveis). Até sua chegada ao museu, por exemplo, o objeto passa por uma série de transformações. Ao ser deslocado de sua função primária para uma coleção do museu, o objeto agrega outro referencial e a ele são acrescentados novos significados (Castro, 2009a, p. 71). É fundamental, portanto, considerar e estar atento aos processos de transformação social e simbólica “que sofrem esses objetos quando eles vêm a

ser reclassificados e deslocados do contexto de seus usos cotidianos para o contexto institucional e discursivo de coleções, museus e patrimônios” (Gonçalves, 2007, p. 9).

A trajetória dos documentos, da mesma forma, integra essa reflexão: são outras fontes que por vezes podem ficar guardadas e esquecidas, enquanto por outras vezes são procuradas e disputadas. A questão das fontes nos remete a um entendimento a respeito das conjunturas: por vezes, podem ser invisibilizadas e em outros momentos necessitam ser vistas, revistas ou conhecidas para dar legitimidade a certos temas e situações.

Portanto, o modo como o material é ou está atualmente tem relação com essas trajetórias. A impossibilidade de acesso a algumas peças, a falta de documentação adequada, a maneira como obtive os documentos disponíveis e a dificuldade em obtê-los, dizem muito sobre o estado atual da pesquisa, dos materiais arqueológicos e da documentação, assim como dizem sobre os motivos que envolveram algumas de minhas escolhas neste trabalho.

1.2.1 Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.”

O Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.” está localizado nas dependências do Colégio Catarinense²¹, no centro de Florianópolis. De acordo com os dados da Rede Nacional de Identificação de Museus²² (ReNIM), o ano de abertura do Museu foi em 1964, ele pertence

21 O Colégio Catarinense faz parte da Rede Jesuítica de Educação e é mantido pela Associação Antônio Vieira (ASAV), certificada como Entidade Beneficente de Assistência Social – CEBAS, nas áreas de educação e assistência social. Fonte: site do Colégio Catarinense (<http://www.colegiocatarinense.g12.br/>). Último acesso em 09/07/2016.

22 A Rede Nacional de Identificação de Museus é vinculada ao IBRAM, que por sua vez é um órgão federal, pertencente ao Ministério da Cultura (MinC). Segundo o site da ReNIM, a Rede “é um arranjo de governança pública colaborativa formado pelos órgãos responsáveis pelas políticas setoriais de museus. No âmbito nacional atuam o IBRAM e o Comitê Gestor do SBM e, no âmbito local, os Sistemas Estaduais, Distrital e Municipais de museus e demais órgãos públicos competentes. A ReNIM foi lançada em 15 de dezembro de 2015, juntamente com a nova plataforma do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais – SNIIC, com objetivo de integrar esforços para o produção de conhecimento sobre os museus brasileiros”. Fonte: site da ReNIM (<http://renim.museus.gov.br/o-que-e-a-renim/>). Último acesso em 12/10/2016.

à esfera privada e não possui arquivo nem biblioteca próprios²³.

O acesso ao museu é gratuito e aberto à comunidade. Atende principalmente a visitação de alunos e escolares, sendo necessário realizar agendamento para turmas. O acervo do museu é formado por distintas coleções: *Coleção Arqueológica* (composta por objetos provenientes de várias localidades catarinenses, como artefatos líticos, cerâmicos, ósseos, malacológicos, além de contemplar esqueletos humanos); *Coleção Etnológica* (setor composto por materiais de algumas etnias da Amazônia, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul e dentre as peças há cestarias, bolsas, flautas, adornos, cocares, arcos e flechas); *Coleção Zootécnica* (são animais taxidermizados, dentre aves, mamíferos tanto terrestres quanto marinhos, répteis, alguns deles foram produzidos na década de 1940); *Coleção Numismática* (possui cerca de 100 moedas desde a época do Brasil Colonial até o Brasil Republicano e, ainda, notas brasileiras em papel); *Coleção Geológica* (possui diversas rochas ígneas, sedimentares e metamórficas); *Coleção Malacológica* (compõem-se de várias conchas de moluscos); *Coleção Vestes litúrgicas* (são vestimentas e objetos que fazem parte do culto religioso católico vinculado aos jesuítas).



Figura 04 – Parte da exposição do MHS. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense.

23 Os registros para este Museu na ReNIM são: Código 8.25.44.4639 e o número N° SNIIC: ES-8552. Fonte: site da ReNIM (<http://renim.museus.gov.br/oque-e-a-renim/>). Acesso em 31/05/2016.

O Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.” é a primeira instituição especializada em pesquisas arqueológicas no estado de Santa Catarina (Comerlato, 2014, p. 14), e grande parte do acervo arqueológico do Museu é proveniente das pesquisas do Pe. Rohr.

1.2.1.1 Breve histórico do MHS

A trajetória do Museu, segundo o Pe. Frederico Maute, teve início em 1909, quando o Reitor Pe. Buck e o Pe. Henrique Lanz fundam o Museu do *Ginásio Catarinense*. Em 1923 acontece a ampliação do Museu, realizada pelo próprio Pe. Maute, que adquire, no ano seguinte (1924), a maior parte do acervo museológico do antigo *Liceu de Artes e Ofícios de Florianópolis*, que abrangia peças históricas, objetos indígenas, uma coleção de mineralogia e outra de zoologia (Rohr, 1971, pp. 20-21).

Em 1948, Pe. Rohr, à época diretor do Colégio Catarinense, adquire através de compra a *Coleção Carlos Berenhauser*²⁴, uma coleção que possui cerca de 90 mil peças, que inclui material lítico, cerâmico e ossos humanos. Essa coleção passa a fazer parte do Museu, ampliando-o em termos de acervo. Dessas peças, cerca de 8 mil são referentes a sítios sambaqui, as demais se referem a material cerâmico, sendo cerca de 80 mil fragmentos e algumas vasilhas de cerâmica Guarani (Schmitz, 2009, p. 13). Esta coleção foi formada, durante 40 anos, por Carlos Berenhauser, comerciante de tecidos em Florianópolis, que trocava pedaços de tecidos com os moradores locais pelas peças arqueológicas. A catalogação e a numeração das peças componentes da Coleção Berenhauser foram realizadas pelo Pe. Georg Alfred Lutterbeck, S. J. (Rohr, 1971, p. 22).

Desde sua chegada ao Colégio Catarinense, Pe. Rohr cuidou desse Museu, tido na época como Museu de História Natural, Física e Química. A esse Museu, agregou em 1954 um setor de etnologia indígena e, no ano seguinte, 1955, um orquidário e uma exposição arqueológica (Cruz, 2013, p. 24)

24 A Coleção Berenhauser, além de material arqueológico, incluía alguns livros que passaram a fazer parte de biblioteca particular do Pe. Rohr (comunicação pessoal com funcionária do Arquivo), antes depositada no Arquivo do Colégio Catarinense e, atualmente, em processo de estabelecimento no MHS.

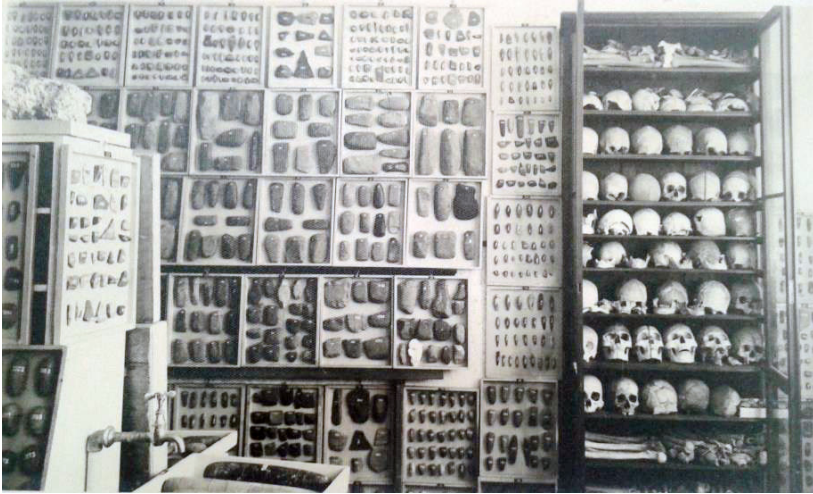


Figura 05 – Coleção Carlos Berenhauser. Fonte: Arquivo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense

Em 1961 estiveram em Florianópolis, a fim de estudar o material arqueológico coletado pelo Pe. Rohr, os antropólogos franceses Marcel Homet e Pierre Vassal. No decorrer de seus trabalhos sugeriram a fundação do “Museu do Homem Americano” nas dependências do Colégio Catarinense, o que de fato ocorreu. O Museu, então foi assim inaugurado, funcionando por mais de um ano com essa denominação. No entanto, um museu de mesmo nome já havia sido fundado por Paulo Duarte, professor de Antropologia da Universidade de São Paulo. O diretor do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional então aconselhou que o nome do museu do Colégio fosse modificado (Souza, 2005, pp. 209-210).

O Museu passou por algumas modificações sugeridas pelo então *museologista* do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o Dr. Alfredo T. Rusins. Uma reforma foi empreendida, salas foram adaptadas e novas vitrines foram confeccionadas: uma mudança radical, de acordo com o Pe. Rohr (Rohr, 1972, p. 32).

Em 1964 o Museu ganha outro nome, sugerido pelo Dr. Rusins, o “Museu do Homem do Sambaqui”. A inauguração ocorreu em 03 de outubro do mesmo ano e, a partir desse momento, o Museu passa a adquirir um caráter predominantemente arqueológico, recebendo como acervo a maior parte dos materiais arqueológicos das escavações posteriores de João Alfredo Rohr.

Com o falecimento de Pe. Rohr, em 1984, o museu é fechado. Somen-

te sendo reaberto ao público na década de 1990, após outra reforma. Sua reinauguração ocorreu em 1998, durante o período em que o Pe. Kuno Paulo Rhoden ocupava a direção geral do Colégio Catarinense. Com a reinauguração, uma novidade: o museu passa a ser denominado Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.”, em homenagem ao seu fundador.

1.2.2 Museu Gert Hering (Museu Arqueológico – CACG)

Localizado no Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú, o Museu Arqueológico faz parte de um conjunto de museus que integram o Complexo, nas dependências do Zoológico. São eles: o Museu Oceanográfico, o Museu de Taxidermia-SC, o Museu do Artesanato Catarinense e o Museu do Pescador. O Museu Arqueológico, em que estão expostos os materiais procedentes das escavações de Rohr, está disposto em uma sala de um prédio, cuja denominação é “Museu Gert Hering”. Nesse prédio há outras alas, de distintas temáticas, sendo as Salas de Fauna Marinha, de Fauna Terrestre e de Morfologia Óssea .

Podemos ver as denominações, na entrada do Museu, na imagem abaixo (Figura 6)

Os museus que compõem o CACG estão cadastrados no Sistem Estadual de Museus de Santa Catarina²⁵ (SEM). De acordo com o Guia de Museus de Santa Catarina²⁶, de 2014, nosso museu de estudo está denominado como “Museu Oceanográfico e Arqueológico”, sendo de natureza administrativa “público municipal”, cujo acervo se insere nas categorias “Arqueologia; Ciências Naturais; História Natural”.

25 O Sistema Estadual de Museus (SEM/SC) é uma rede organizada, baseada na adesão voluntária, que visa à coordenação, articulação, mediação, qualificação, fortalecimento e à cooperação entre os museus. O SEM/SC, vinculado à Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural da Fundação Catarinense de Cultura (DPPC/FCC), reúne e articula as instituições museológicas no Estado de Santa Catarina. Atualmente, reúne 176 instituições museológicas, públicas e privadas, de 96 municípios (até abril de 2013). Foi criado em 1991 pelo Decreto nº 615, de 10 de setembro. Em 2006, foi sancionado o Decreto nº 4.163, reinstituindo o Sistema Estadual de Museus (SEM/SC), tornando-o responsável pela coordenação e sistematização da PEM e articulação entre os museus catarinenses. Fonte: site do Governo Estadual de Santa Catarina (<http://www.sc.gov.br/acoes-de-governo-cultura/sistema-estadual-de-museus-sem-sc>). Último acesso em 15/10/2016.

26 O Guia está impresso e disponível on-line e pode ser encontrado no site da Fundação Catarinense de Cultura. Site: <http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural//pagina/13412/guidamuseusdesantacatarina>

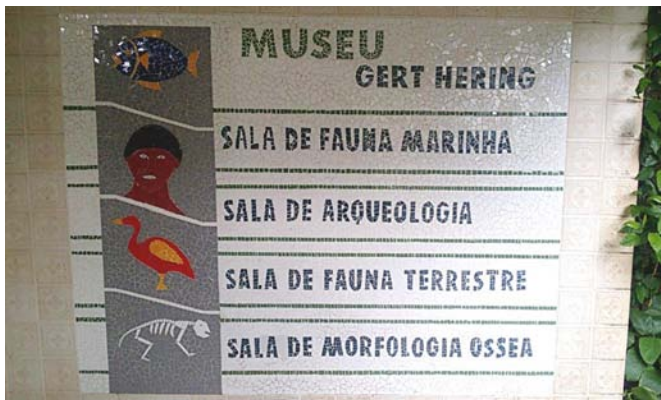


Figura 06
– Paineis de
entrada do
Museu, no
CACG. Foto:
Gabriela
Freire

Está registrado com a denominação “Museu Arqueológico” e categorizado como tipo privado na Rede Nacional de Identificação de Museus²⁷. De acordo com os dados da ReNIM, o Museu tem por ano de abertura 1982. Ele não possui arquivo nem biblioteca e sua exposição é somente uma exposição de longa duração. Sua tipologia foi definida como “Jardim Zoológico, Jardim Botânico, Herbário ou Planetário”, tendo como temática “Antropologia e Arqueologia”. O valor da entrada é de R\$ 10,00 e dá acesso ao zoológico e demais espaços do Complexo.



Figura 07 – Museu Arqueológico (Sala de Arqueologia) onde estão expostos os materiais arqueológicos e alguns dos sepultamentos cimentados dos sítios Laranjeiras I e II. Foto: Gabriela Freire

27 Dados obtidos no site da ReNIM. De acordo com a Rede, as referências para o Museu Arqueológico –CACG são: Código 2.00.16.2705 e N° SNIIC: ES-6698 (<http://renim.museus.gov.br/>) Acesso em 31/05/2016.



Figura 08 – Painel ilustrativo com a localização dos sepultamentos, pintado em uma das paredes do Museu Arqueológico – CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

1.2.2.1 Breve histórico do Museu Arqueológico (CACG)

Não foi possível obter informações precisas a respeito do histórico deste Museu. As informações obtidas são confusas: parece ter sido originado no centro de Balneário Camboriú, junto ao Museu Municipal. Outra informação discrepante é que teria sido parte do acervo de um museu cuja denominação era Museu Ernesto Geisel. De acordo com um relatório do Pe. Rohr sobre as escavações da terceira etapa de Laranjeiras, já existia um museu em Balneário Camboriú, de propriedade da Prefeitura Municipal, inaugurado em setembro de 1977.

Daquilo que pude identificar mais precisamente, o Museu Arqueológico teria sido criado para expor o material resultante das escavações dos dois sítios da Praia das Laranjeiras. A sugestão de João Alfredo Rohr, percebida em uma correspondência trocada com o IPHAN em 1975, era que o museu fosse instalado na própria Praia das Laranjeiras, sem, no entanto, ter sido concretizada.

Sua inauguração teria ocorrido em 1982 e contou com a presença do Pe. Rohr (comunicação pessoal com funcionário do CACG). Localizado no antigo Centro de Promoções e Informações Turísticas S/A – CITUR, o lugar passou por mudanças de nomenclatura e, posteriormente o

Museu passou a integrar o Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, pertencente ao Instituto Catarinense de Conservação da Fauna e Flora (Comerlato, 2014, p. 16).

1.2.3 Instituto Anchieta de Pesquisas

O Instituto Anchieta de Pesquisas²⁸ foi criado em abril de 1956 para congregar jesuítas da província meridional da Ordem que desenvolviam pesquisas, facilitando a publicação de seus trabalhos e garantindo a continuidade de seus projetos e acervos. Essas pesquisas eram realizadas nos colégios jesuítas, localizados em vários lugares do Brasil e na missão Diamantino, no Mato Grosso.

Hoje localizado no campus da UNISINOS, no município de São Leopoldo/RS, o IAP já teve sua sede no Colégio Anchieta em Porto Alegre e no prédio histórico de um antigo Seminário, também em São Leopoldo. Agrega pesquisadores das áreas de Botânica, Arqueologia e Antropologia, História, Zoologia. Desde 1957 publica, periodicamente, a revista *Pesquisas*, que contempla essas áreas de conhecimento. Hoje, no entanto, são publicados apenas os setores de Antropologia e Botânica da revista. Constituem o IAP um herbário²⁹, um Museu de Arqueologia e um Museu Capela, assim como uma biblioteca com exemplares de diversas áreas de pesquisa.

Coordenado pelo jesuíta e arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz, o IAP guarda alguma documentação referente às pesquisas do Pe. Rohr. Trata-se de documentações originais da época das escavações, como diários de campo, fichas de registro, desenhos, perfis e material fotográfico.

28 Informações retiradas do site do IAP. Fonte: <http://www.anchietano.unisinos.br/index1.htm> Último acesso em 20/11/2016.

29 Trata-se do Herbarium Anchieta. Fundado em 1932 no Colégio Anchieta, em Porto Alegre/RS, conta com um acervo de aproximadamente 140.000 exemplares. O Herbarium é constituído pelas coleções históricas e científicas de Balduino Rambo (*Flora Brasiliae Australis* – Angiospermas), a coleção de Aloysio Schnem (Plantas do sul do Brasil – *Pteridófitas e Briófitas*), a coleção de Johannes Evangelista Rick, considerado o “pai da micologia brasileira” (*Fungi Rickiani* – Fungos), sendo esta uma das maiores coleções da América Latina, a coleção de Tipos nomenclaturais e as coletas de pesquisadores associados.

1.2.4 Coleção arqueológica doada pelo Pe. Rohr à Academia Nacional de Polícia

Esta coleção é composta por variados artefatos provenientes de sítios arqueológicos de grupos de caçadores-coletores, de pescadores-caçadores-coletores, de ceramistas dos povos Jê e dos ceramistas Tupi-Guarani, localizados em Santa Catarina, assim como artefatos de sítios na Ilha de Marajó, no estado do Pará. Pe. Rohr doou, em vida, peças arqueológicas para a Academia Nacional da Polícia Federal em Brasília/DF. A doação ocorreu em duas etapas, sendo 30 peças doadas em 1977 e 136 peças doadas em 1981³⁰. Essas peças fazem parte da *Coleção Arqueológica João Alfredo Rohr*, já citada, tombada pelo IPHAN em 1986. De acordo com as informações do IPHAN/DF, parte das peças foi exposta ao público pela primeira vez recentemente, em uma exposição na Sede do IPHAN em Brasília³¹. Não pude visitar a exposição, nem ter acesso direto aos materiais, no entanto obtive algumas informações através do IPHAN de Brasília, assim como me foram disponibilizadas algumas fotografias.



Figura 09 – Uma das vitrines da Exposição Patrimônio Arqueológico no Planalto Central, em que estavam dispostos, dentre outros materiais, algumas peças evidenciadas na Praia das Laranjeiras pelo Pe. Rohr. Foto: Margareth Souza, IPHAN/DF

30 Esses dados foram obtidos através de contato com o setor de arqueologia do IPHAN em Brasília.

31 A exposição “Patrimônio Arqueológico no Planalto Central”, ocorreu na Sede do IPHAN em Brasília de 29 de julho a 30 de setembro de 2016. Fonte: Site do IPHAN (<http://portal.iphan.gov.br/agendaEventos/detalhes/152/exposicao-arqueologica-e-lancamento-de-publicacoes-sobre-brasil>). Acesso em 15/09/2016.

Percebe-se, nesse sentido, que esses objetos, saídos de uma origem comum, o sítio arqueológico, tiveram trajetórias distintas e encontram-se sob diferentes condições. O modo como esses objetos são comunicados, quando expostos, ou a situação em que se encontram quando guardados, dizem sobre esses objetos. Da mesma forma, a maneira como são tratados, expostos, guardados e abertos (ou não) à pesquisa, diz muito sobre as instituições que os salvaguardam. Pensar sobre essas relações, portanto, é necessário a um tipo de estudo de coleções museológicas que se pretende parte de uma antropologia dos acervos.

1.3 UMA ANTROPOLOGIA DOS ACERVOS: SOBRE A PESQUISA DE CAMPO, A METODOLOGIA E DOCUMENTAÇÃO PARA A DISSERTAÇÃO

Realizar estudos antropológicos cujas fontes contemplam acervos museológicos e documentais sob a guarda de instituições de pesquisa pode envolver questões delicadas referente ao acesso às fontes e, conseqüentemente, às informações potenciais contidas nelas. Dentre algumas das dificuldades em lidar com fontes em acervos, sejam elas documentos escritos ou vestígios arqueológicos, aparecem a falta de documentação adequada, a ausência de acesso ao material, a negociação realizada para obtê-lo. O acesso à documentação para esta pesquisa envolveu algumas questões: não foi um processo simples, foram alguns meses até obtê-lo.

Assim como aos materiais arqueológicos, tive acesso à documentação original das escavações: os diários de campo, as fichas de registro dos sepultamentos, as anotações gerais do Pe. Rohr e as fotografias de esqueletos e das escavações. Tive acesso, ainda, a desenhos de alguns dos artefatos, listas de materiais arqueológicos, croquis e perfis. Essa documentação encontra-se no acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas, localizado na UNISINOS, no município de São Leopoldo (RS) e nos foi gentilmente disponibilizada pelo Pe. Ignácio Schmitz.

Alguns dos dados utilizados para compor o contexto funerário do sítio foram obtidos através de fontes primárias e de análises posteriores, sendo eles: sexo e idade dos indivíduos, posição e deposição dos esqueletos, evidências de possíveis patologias presentes nos esqueletos e, foco do estudo, os acompanhamentos funerários presentes em alguns dos sepultamentos.

1.3.1 O trabalho de campo: as instituições e os acervos

A pesquisa de campo para a realização deste trabalho envolveu acervos documentais e arqueológicos, assim como negociações para acessá-los. O processo para obtenção de documentação e acesso às instituições levou mais tempo que o esperado, o que gerou um atraso no cronograma da pesquisa. O período do trabalho de campo se tornou, assim, longo e modificou o andamento da pesquisa.

No Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP), tive acesso à documentação referente às escavações do sítio Praia das Laranjeiras II, assim como grande número de referências bibliográficas específicas sobre o tema de estudo. Os documentos são diários de campo, fichas de registro de sepultamentos, croquis do sítio, desenhos de materiais evidenciados, fotografias. Tal documentação, em sua maior parte original da época das escavações, serviu de base para as análises, sendo fundamental para o entendimento do contexto arqueológico em questão. A pesquisa de campo no IAP teve início entre dezembro de 2014 e fevereiro de 2015 e se estendeu por todo o ano de 2015. Minhas visitas ao Instituto Anchieta de Pesquisas eram esporádicas, e precisei organizar as viagens ao Rio Grande do Sul enquanto ainda realizava disciplinas na UFSC.

O acesso efetivo ao material documental do Instituto Anchieta de Pesquisas ocorreu somente depois de maio de 2015. O IAP havia passado por uma transferência de endereço e alguns documentos haviam permanecido na antiga sede, no centro de São Leopoldo. Foi através da gentileza do Pe. Ignácio Schmitz em voltar à antiga sede e encontrar os documentos que pude, assim, acessá-los.

No Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.”, além da documentação, pude verificar os materiais arqueológicos resultantes das escavações, que, em parte, encontram-se sob sua guarda. Tive acesso ao catálogo de registro de esqueletos do sítio Praia das Laranjeiras II, produzido durante um processo de curadoria, já citado, realizado no MHS pela arqueóloga Luciane Scherer. Esse catálogo continha, dentre outras, informações como sexo e idade dos indivíduos, dados que auxiliaram na identificação dos sepultamentos e esclareceram algumas dúvidas que surgiram com a análise da documentação. Optei então, por utilizar os dados do trabalho de Scherer a respeito das estimativas de sexo e idade dos indivíduos, já que estes eram dados que estavam discrepantes em análises anteriormente realizadas.

Além disso, fotografias das escavações foram disponibilizadas (este material compõe o acervo do Arquivo do Colégio Catarinense). As visitas ao Museu, especificamente para a realização da pesquisa, iniciaram no

ano de 2014. Como o Museu está localizado em Florianópolis, município onde resido, tornou-se mais fácil e mais frequente o acesso a essa instituição que às outras duas, e se estenderam ao longo dos anos de 2015 e 2016.

A pesquisa de campo no Museu Arqueológico/CACG foi a de mais curta duração dentre as três instituições, estivemos neste museu apenas duas vezes, sendo apenas uma oficialmente³². Para acesso aos materiais necessitamos de uma solicitação prévia que envolveu negociação: pudemos analisar e fotografar os sepultamentos que estão expostos, assim como os materiais arqueológicos provenientes das escavações, apenas através das vitrines. Durante esses dias, analisamos os esqueletos expostos nas vitrines em termos de estimativa de sexo e idade, posição e deposição dos corpos, possíveis patologias, assim como outras informações. Encontravam-se expostos, também, grande número de artefatos evidenciados nas escavações do sítio, demonstrando a diversidade de peças do acervo. Alguns dos acompanhamentos funerários puderam ser identificados e os fotografamos. Neste Museu encontramos alguns acompanhamentos funerários evidenciados com os sepultamentos. O Museu Arqueológico/CACG, não possui Reserva Técnica, conseqüentemente, entendeu-se que todo seu acervo está exposto. Infelizmente, não pudemos tocar no material, pois os objetos estão em vitrines, colados nelas, que ficam penduradas na parede, a guisa de um quadro. Esta é uma metodologia expositiva utilizada antigamente, não sendo aconselhada pelos estudos de conservação atuais, pois causa adesão da substância colante à peça, podendo causar danos ao material e prejudicando futuras análises.

Dos 112 sepultamentos evidenciados no sítio durante a escavação, encontramos apenas 103 nos acervos dos dois museus em questão. Dos sepultamentos encontrados, 23 estão cimentados (no CACG e no MHS) e outros se encontram devidamente higienizados e acondicionados na Reserva Técnica do MHS. Alguns dos esqueletos, segundo as fichas de registro de sepultamento do Pe. Rohr não foram coletados devido a seu precário estado de conservação ou então por terem sido destruídos – ou parcialmente destruídos – devido à imperícia de alguns escavadores. Os sepultamentos não coletados cujo registro consta nas fichas de Rohr foram os Sep 20 e Sep 100. Em alguns casos foram recolhidos apenas os crânios. Os sepultamentos não encontrados durante nossa pesquisa foram os Sep 08, Sep 48, Sep 51, Sep 57, Sep 80, Sep 95, Sep 96, Sep 103 e Sep 109.

32 O trabalho de campo ocorreu nos dias 08 de agosto de 2015 e 16 de setembro de 2015 e contou com a participação das bioarqueólogas Andrea Lessa (coorientadora desta dissertação) e Luciane Scherer e do zooarqueólogo Simon-Pierre Gilson.



Figuras 10 e 11 – Modo como estão expostos os materiais arqueológicos nas vitrines, fixadas na parede, no Museu Arqueológico/CACG. Fotos: Luciane Scherer

Assim como o acesso à documentação, a leitura e interpretação dos dados fornecidos pelas fontes foram processos complicados, pois se trata de uma documentação que apresenta não apenas algumas lacunas, como também informações discrepantes. A documentação primária, em alguns momentos, não condizia com dados evidenciados em fontes posteriores. Essa questão da utilização de documentação primária no estudo de sítios já escavados há muito nos remete a entender que os primeiros registros produzidos nas escavações antigas “são fruto de seu tempo, ou seja, da perspectiva teórica e dos recursos metodológicos disponíveis, além das condições do trabalho de campo” (Saladino, 2016, p. 119). Dessa maneira, algumas limitações de análise serão encontradas.

Em sua dissertação de mestrado Alejandra Saladino (2016) trata de adornos de conchas evidenciados como acompanhamentos funerários em um sítio arqueológico do litoral de Santa Catarina. Saladino necessitou trabalhar com documentações de outros pesquisadores sobre o sambaqui de Cabeçuda e apresentou algumas dificuldades em relação a essa documentação. Localizado em Laguna, e escavado primeiramente por Luiz de Castro Faria na década de 1950, o sítio Cabeçuda passou por outras intervenções arqueológicas mais recentes com diferentes metodologias. A documentação utilizada pela autora em seu estudo foi diversa e teve de lidar com o material de modo a minimizar as diferenças entre as fontes para que

pudesse realizar sua análise. A situação de minha pesquisa se assemelha a de Saladino e o modo como a autora lidou com a diversidade de suas fontes foi, em certa medida, uma referência para minha metodologia.

A respeito do acesso à documentação para sua pesquisa, especialmente às primeiras fontes produzidas pelos arqueólogos, entendidas como fruto das contingências e circunstâncias do trabalho de campo, Alejandra Saladino evidencia certa dificuldade nesse sentido. Segundo ela, o acesso às fontes primárias “não é tarefa fácil devido a inúmeros fatores”, dentre eles o extravio integral ou parcial e a fragmentação da documentação das coleções. Outra questão levantada por Saladino se refere ao acesso aos relatórios – tanto parciais quanto finais – das pesquisas arqueológicas. Aponta que o acesso aos relatórios também “impõe dificuldades à realização de estudos baseados no levantamento da bibliografia descritiva dos sítios”, já que a normatização na elaboração e entrega de relatórios de pesquisa só aconteceu em 1988, decorrente da homologação da Portaria IPHAN nº 7. Antes desta data, as fontes dos estudos são muito heterogêneas, não seguindo normativas e sendo a divulgação dos dados brutos “resultados da vontade – boa-vontade – dos arqueólogos” (Saladino, 2016, p. 74).

Assim como eu, Saladino teve, me parece, algumas dificuldades em lidar com a documentação referente ao seu tema ao encontrar “divergências entre as informações das distintas fontes analisadas a respeito de algumas variáveis” (Saladino, 2016, p. 123). No caso dela, a título de exemplo, nas cadernetas do arqueólogo Castro Faria não há registro de algumas informações que foram posteriormente identificadas nas fichas do material arqueológico (esquelético e malacológico) retirado do sítio e acondicionado nas reservas técnicas do Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro. O que também ocorreu aqui.

Nesse sentido, é preciso reconhecer que encontrar divergências entre os dados advindos das distintas fontes analisadas sobre um sítio escavado há anos pode ser algo recorrente. Este foi o caso evidenciado em alguns momentos no meu trabalho quando da análise da documentação e dos acervos museológicos. Os pesquisadores que se propuserem a trabalhar com tal contexto devem ser persistentes e estar atentos àquilo que cada uma das diferentes fontes pode fornecer de informações para escolher como sua análise será efetuada. Faz-se necessário encontrar meios para lidar com essas questões, interrogando o material, problematizando-o da melhor maneira, para que o andamento da pesquisa não seja prejudicado. Por serem muitas vezes as únicas fontes disponíveis para estudar um tema específico, é essencial que o pesquisador valorize toda a documentação disponível e exerça um olhar crítico sobre ela de acordo com a temática e o teor de sua pesquisa.

Saladino continua tratando da questão das dificuldades em trabalhar com as fontes de sua pesquisa: teria sido, para ela, um enorme desafio reunir informações sobre estruturas funerárias pertinentes ao seu tema, assim como foi maior ainda a “complexidade de trabalhar com dados compilados em épocas distintas, por autores distintos, com objetivos igualmente diferentes e com percepções e vocabulários por vezes também variados”. A partir dessa conjuntura, a autora se questiona “que dados – e qual a consistência deles – podem ser produzidos a partir de fontes tão diversificadas?” (Saladino, 2016, p. 112).

Essa situação ocorre também neste trabalho, distintas documentações foram utilizadas para entender de alguma forma os dados produzidos sobre o sítio, tanto sobre sua escavação quanto nos momentos posteriores a ela, nas análises de materiais arqueológicos. Enquanto eu tentava perceber a metodologia utilizada pelo Pe. Rohr e tentava identificar que linha seguia, a abordagem de Schmitz e colaboradores (1993) se mostrava, em certa medida, diferente. Da mesma forma a análise realizada por Scherer na identificação dos esqueletos apontou um caminho um pouco distinto dos demais. São, então, tipos diferentes de dados, contextualizados em épocas e momentos diferentes que tratam do mesmo tema de pesquisa – o sítio LJII – e seus desdobramentos.

Além disso, a ocorrência do material arqueológico nas instituições de guarda não foi como o esperado: artefatos estavam acondicionados em caixas inapropriadas, expostos de forma a prejudicar sua integridade (no caso do material colado no fundo da vitrine) e a limitar o acesso a informações mais detalhadas sobre ele (como a numeração, por exemplo). Outro problema enfrentado durante a pesquisa foi a ausência de alguns materiais nos acervos dos museus, cuja presença era esperada e necessária para a pesquisa.

Saladino indica que em algumas fontes por ela consultadas “as informações são superficiais, impedindo o aprofundamento de alguns aspectos das práticas mortuárias”, enquanto em outras percebeu que “é possível sim estudar um sítio específico a partir de coleções produzidas em condições não muito favoráveis, mas em articulação com outras fontes, como os registros de campo e artigos publicados”. Nesse sentido, aponta para a “necessidade e urgência de refletir sobre os dados produzidos nas pesquisas para além delas mesmas, ou seja, tomando-os como fontes para estudos do futuro.” (Saladino, 2016, p. 113).

Em suma, a coleta de dados acerca do material arqueológico escolhido para a análise foi realizada nos dois museus que guardam o acervo resultante das escavações dos dois sítios da Praia das Laranjeiras (o MHS e o MA/CACG). A partir do acesso ao material arqueológico propriamen-

te dito e da documentação referente a ele, pude evidenciar nos museus que algumas informações estavam discrepantes ou que o material e as informações sobre ele estavam um pouco desorganizados. Nesse sentido, tive certa dificuldade em lidar com os acervos: em encontrar os materiais referentes aos sepultamentos, em relacionar a numeração da peça (quando havia ou quando estava visível/identificável) com a informação a que se refere, enfim, em alguns casos, a realidade do acervo não condizia com a documentação, e vice-versa.

1.3.2 Sobre os procedimentos metodológicos da pesquisa

Ressalto que muitos dos acompanhamentos funerários descritos nas fichas de sepultamento produzidas por Rohr não foram encontrados nos museus de estudo. A descoberta da coleção doada para a Academia durante a exposição em Brasília permitiu que identificássemos alguns materiais que antes eram considerados “não encontrados”. Não ficou claro onde estaria esse material ainda faltante, se poderia estar em alguma outra caixa com outra identificação (ou até mesmo sem identificação), com uma numeração diversa, ou, se está “perdido” ou “sumido” – no caso do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.”. O material associado aos sepultamentos que não foi encontrado pode estar misturado ao material geral do sítio, como, por exemplo, as vértebras de peixe, os seixos e outros líticos e os fragmentos cerâmicos.

Parte da identificação do material arqueológico proveniente do sítio Laranjeiras II foi realizada pelo próprio Pe. Rohr, na época das escavações, ainda em campo (Diário de Campo, Rohr), enquanto outra parte foi empreendida posteriormente pela equipe do IAP, sob coordenação do Pe. Ignácio Schmitz. Quando o material estava associado a um sepultamento, nele era acrescentada a inscrição relativa ao número do sepultamento a que se referia (Ex.: “Assdo ao septo nº 72”; “Septo 60”). Devido a essa especificação inscrita no material, pude encontrar alguns acompanhamentos funerários junto a outros materiais arqueológicos misturados em caixas na Reserva Técnica do MHS. No entanto, nem todos os materiais associados a sepultamentos foram identificados dessa forma, alguns deles apenas contém a numeração, enquanto outros não possuem numeração alguma.

Apesar do esforço em realizar buscas no acervo do MHS, consegui encontrar poucos materiais associados aos sepultamentos que não estavam anteriormente em caixas identificadas ou consideradas como “Material especial” (classificação que se refere a caixas que contém materiais mais frágeis e delicados, geralmente associados a sepultamentos). Encon-

trei os vários ossos de fauna associados tanto ao Sepultamento 55 quanto ao Sepultamento 72 dentro de caixas em que inúmeros outros ossos faunísticos estavam dispostos, sem nenhuma diferenciação, da maneira como ilustra a foto abaixo.

Outros materiais associados aos sepultamentos estavam dentro das caixas dos próprios esqueletos, as caixas poliondas que guardam o material osteológico humano e se localizam em uma das reservas técnicas do MHS. O material associado aos esqueletos ali estava devidamente higienizado e acondicionado (trabalho realizado por Scherer).



Figura 12 – Caixa da reserva técnica contendo vestígios faunísticos recolhidos nas escavações de LJII em que encontrei acompanhamentos funerários (ossos de animais). Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense

Já no caso do Museu Arqueológico/Museu Gert Hering – CACG, que possui apenas área expositiva e não possui Reserva Técnica, o material associado aos sepultamentos que não encontramos poderia estar na exposição, juntamente a outros materiais arqueológicos do sítio que não foram evidenciados junto aos esqueletos. Como não pudemos acessar o material de dentro das vitrines para verificar sua (possível) identificação – muitos materiais expostos no MA/CACG estavam numerados – ficou essa dúvida. O material

associado aos sepultamentos que não encontramos pode estar junto aos demais materiais evidenciados no sítio, ainda, sem especificação. Assim como no MHS, os fragmentos cerâmicos, as vértebras de peixe, os seixos e outros líticos associados aos sepultamentos podem estar misturados ao material geral do sítio. A mandíbula de baleia, que não está na exposição do Museu Arqueológico/CACG, pode estar em outra sessão de exposição dentro do Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, que contempla ossos de cetáceos. No entanto, a dúvida sobre a localização desses materiais permanece.

A descoberta das peças que estavam em Brasília, na fase final da pesquisa, preencheu uma das lacunas: através da análise das fotografias e da documentação referente às peças fornecidas pelo IPHAN/DF pude verificar onde estava um artefato antes entendido como “sumido”, por não termos encontrado nas outras instituições durante nossa pesquisa (trata-se do artefato lítico associado ao Sepultamento 102).

Dentre os materiais classificados como material associado a sepultamentos que não foram encontrados durante a pesquisa temos diversos tipos, sendo ósseo, lítico e cerâmico. Essa questão será mais especificamente tratada no Capítulo 4, em que apresento uma tabela referente a este material. Apesar de não termos encontrado esse material para que pudéssemos analisá-lo também, optou-se por não excluí-los do estudo, pois, se nos basearmos na documentação da escavação produzida por Rohr, e inclusive em algumas fotografias dos esqueletos que mostram seus acompanhamentos, esse material pertence ao sítio e será considerado e analisado neste trabalho.

Ao perceber divergências de dados nas fontes consultadas, foi necessário utilizar alguns critérios de escolha para definir quais deles seriam considerados. Para identificação das posições, deposições, orientação dos esqueletos, foram considerados os dados da documentação primária, que são os dados de campo de Rohr, obtidos através dos diários e das fichas de sepultamento. Já para definir as variáveis biológicas (sexo, idade) optou-se por uma fonte secundária, o catálogo da análise realizada por uma especialista (Scherer), resultado da curadoria do material esquelético empreendida no próprio MHS³³.

Essas escolhas estão em consonância com aquelas utilizadas por Saladino, onde a autora entendeu que, no caso de considerar as fontes pri-

33 A metodologia para estimar sexo e idade de indivíduos se baseia em características esqueléticas específicas, muitas delas advindas com a puberdade. A diagnose sexual é mais facilmente identificada através dos ossos da região do quadril e do crânio, enquanto o foco de análise para identificação da idade biológica se volta ao desenvolvimento dentário, ao fechamento das epífises e suturas ao longo do esqueleto e à sínfise púbica.

márias, “a produção dos primeiros registros tem maior probabilidade de refletir com maior fidedignidade o registro arqueológico”. Já sobre as fontes secundárias, indicou que os dados provenientes de análises laboratoriais, ou seja, posteriores ao trabalho de campo, “ainda que decorrentes de metodologias distintas ao longo do tempo, contribuem para a maior precisão na identificação do sexo, por exemplo.” (Saladino, 2016, p. 115)

Realizar pesquisa em museus que não possuem documentação adequada, ou está incompleta, referente a seus acervos foi outro desafio e exigiu o desenvolvimento de estratégias para dar prosseguimento a ela. Considero relevante pensar sobre isso e trazer a tona questões como essa para refletir sobre o universo dos museus, a prática museológica e a gestão dos acervos institucionais. A limitação de documentações, fontes e informações, inevitavelmente acarreta em limitações nas pesquisas realizadas a partir delas. O potencial informativo dos acervos museológicos, muitas vezes, é proporcional ao cuidado que as instituições possuem com eles. Esses cuidados estão relacionados os procedimentos relativos aos seus sistemas de documentação e informação, assim como aos aspectos vinculados à guarda e à própria gestão museológica.

Durante alguns momentos no decorrer da pesquisa me questioneei sobre o que seria possível estudar sobre os sepultamentos e seus acompanhamentos funerários a partir de uma documentação pouco consonante, por vezes divergente, entre si e um material em acervos museológicos “incompleto”. Essa questão da documentação me levou a pensar sobre a problemática dos acervos em alguns museus que guardam materiais arqueológicos provenientes de escavações antigas, cuja documentação está incongruente ou “bagunçada”.

Tratar das práticas funerárias do sítio Laranjeiras II, seus mortos e seus acompanhamentos, nesse sentido, resultou, de certo modo, em algo restrito devido a natureza da documentação consultada. No entanto, tais limitações não invalidam o estudo, pois a necessidade de sistematizar e organizar os dados disponíveis a respeito de Laranjeiras II se mostrou evidente durante a pesquisa. O esforço para empreender tal sistematização foi realizado e, como consequência, uma nova organização dos dados foi elaborada.

CAPÍTULO 2. ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS E ANTROPOLOGIA: UM REFERENCIAL TEÓRICO PARA PENSAR SOBRE OS MORTOS E SEUS ACOMPANHAMENTOS A PARTIR DE COLEÇÕES

Este capítulo apresenta parte do referencial teórico da pesquisa. Trata-se de um referencial interdisciplinar que busca agregar, mesmo que de forma inicial, as áreas de antropologia e arqueologia. Por tratar de um tema que envolve práticas funerárias estudadas a partir de materiais arqueológicos e de documentação museológica, esse trabalho pode ser considerado uma mistura, uma “costura” entre essas áreas de conhecimento.

Entendendo que “a antropologia é uma investigação sobre as condições e possibilidades da vida humana no mundo” (Ingold, 2011, p. 21), considero esse trabalho um estudo antropológico. E também, por trabalhar com questões relativas a um contexto funerário arqueológico, utilizo a Arqueologia das Práticas Mortuárias para pensar o tema de estudo. Por parte da antropologia, trago ainda questões que tratam de *relações*: possíveis relações das pessoas com os corpos, o ambiente (com a praia, com os morros), com os não-humanos (as plantas, os animais, os “espíritos”) e com os materiais – e suas tecnologias – evidenciados junto aos corpos. A antropologia também é tratada aqui ao inserir questionamentos a respeito do uso de analogias etnográficas para interpretar práticas de um passado arqueológico a partir de vestígios materiais.

Não sendo o intuito discorrer sobre os movimentos antropológicos que tratam de questões relativas ao estudo de acervos e coleções museológicas, assim como de uma antropologia que pensa sobre noções relativas a práticas e percepções do ambiente, busco apenas discorrer brevemente sobre alguma possibilidade de análise nesse sentido. Da mesma forma, não trago o histórico completo da Arqueologia das Práticas Mortuárias, apresento algumas linhas sobre ele e, posteriormente, trago algumas abordagens utilizadas na literatura da área. Existem trabalhos especificamente voltados ao histórico e ao desenvolvimento da Arqueologia das Práticas Mortuárias, portanto me limito a trazer apenas alguns aspectos mais relevantes para esta pesquisa.

Nessa parte do capítulo que trata da Arqueologia das Práticas Mortuárias apresento como um de seus vieses interpreta os vestígios arqueológicos enquanto remanescentes de rituais relativos ao fenômeno da morte. Ali apresento ainda o que se classifica como sepultamento e como são percebidos e analisados os acompanhamentos funerários.

2.1. ARQUEOLOGIA DAS PRÁTICAS MORTUÁRIAS: BREVE HISTÓRICO

As pesquisas sobre a morte e os rituais funerários estão presentes nos estudos arqueológicos desde o século XIX. As análises mais intensivas sobre o contexto social da morte, no entanto, começaram a ser tecidas a partir da década de 1960. Foi nesse período que os estudos sobre as práticas mortuárias começaram a se desenvolver e ganharam novos espaços nessa área de pesquisa.

A análise comparativa na Arqueologia das Práticas Mortuárias foi inaugurada por Peter J. Ucko, em 1969. Essa é a primeira vez que se sistematiza a possibilidade de utilizar analogias etnográficas para a construção de hipóteses que permitiriam aos arqueólogos “reconstituir os comportamentos humanos que deram origem aos vestígios arqueológicos” (Ribeiro, 2007, p. 72)

Em seu trabalho *Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains* (1969), mesmo considerando a importância da analogia, Peter Ucko fez uma afirmação importante acerca dos perigos de interpretar arqueologicamente as práticas mortuárias com base no registro etnográfico (Bartel, 1982, p. 47). Ucko apontou que a Etnografia sugere aos arqueólogos que talvez deveriam definir e refinar mais seus métodos de análise do material funerário. Essa afirmação decorre da consideração de Ucko a respeito de que há vários casos de práticas mortuárias que desafiariam a leitura dos arqueólogos, como, por exemplo, no caso da ausência de um tratamento dado ao morto, se poderia deduzir erroneamente que haveria ausência de crenças em um outro mundo, isto por que as ausências no tratamento não necessariamente indicam a ausência de crenças em um outro mundo (Ribeiro, 2007, p. 72).

Para Ucko, a validade de utilização de analogias etnográficas para analisar as práticas funerárias, a partir de dados de grupos étnicos atuais, seria a de apresentar possibilidades de inferir sugestões sobre os comportamentos de grupos extintos (Silva, 2014, p. 67) e não necessariamente darem uma resposta direta aos arqueólogos sobre eles. O estudo de Ucko permite levantar a hipótese de que não há uma relação necessária entre as crenças na vida após a morte e existência de tratamento dado ao corpo do morto. Da mesma forma, sugere que não seria possível afirmar que “a alteração das práticas mortuárias necessariamente indica uma modificação nas crenças no mundo sobrenatural” (Ribeiro, 2007, p. 72).

De acordo com Robert Chapman, foi a obra *Social Dimensions of Mortuary Practices*, tese de doutorado do arqueólogo Arthur A. Saxe de 1970, que iniciou a pesquisa em arqueologia mortuária no mundo anglo-

-americano (Chapman, 2003, p. 311). Este trabalho de Saxe poderia ser definido, segundo Costa, como “um estudo funcional e comparativo para a criação de modelos evolucionários sobre a prática do enterramento”, em que Saxe propôs alguns “arquétipos testáveis sobre o tratamento mortuário em diferentes contextos socioculturais com base em princípios etnográficos de personalidade e identidade social e sua significância sociocultural” (Costa, 2012, p. 106). A tese de A. Saxe busca deduzir as estruturas de organização social, do sistema hereditário e da apropriação de território a partir da análise do mobiliário funerário, da área de enterramento, assim como sua localização e orientação (Ribeiro, 2007, p. 74).

Neste estudo, Saxe estabelece três conceitos básicos que estariam representados no tratamento do morto: identidade social, relações de identidade e *persona* social³⁴. A identidade social corresponderia ao que se denomina *status* social e indica a função desempenhada pelo indivíduo na sociedade. As relações sociais são entendidas como os diversos papéis do indivíduo ao longo da vida (Souza, 2011, p. 41) e, tida por Saxe como um conjunto de várias identidades sociais selecionadas como apropriadas para uma dada interação social, a *persona* social é, segundo ele, o que se evidencia quando os arqueólogos escavam um conjunto de sepulturas (Silva, 2014, p. 60).

Esses conceitos são apropriados e reelaborados por Saxe na análise dos contextos funerários que, combinando arqueologia e etnografia, considera que é possível reconstruir a estrutura e a organização sociais a partir do estudo das práticas mortuárias. Além disso, Saxe considera determinadas dimensões das práticas mortuárias que se caracterizam por dois *status* diferentes do morto: o *status* atribuído ao indivíduo (*status* social do morto, relacionado à riqueza e às relações de poder) e o *status* adquirido (como sexo, idade e etnia) (Souza, 2011, p. 42).

A. Saxe buscou criar “modelos de evolução social e cultural” e inferir os tipos de organização social comparando as práticas mortuárias de três grupos culturais (De Masi, 2009, p. 1). Em sua análise, estabelece oito hipóteses gerais do comportamento humano que são testadas através do registro etnográfico dos Kapauku-Papuans, da Nova Guiné, dos Ashanti, do oeste da África e dos Bontoc Igorot de Luzon, nas Filipinas (Souza, 2011, p. 42). Essas oito hipóteses são divididas em dois grupos: o primeiro analisa como a *persona* social é diferentemente representada na colocação dos

34 O conceito de *persona* social do morto ganha ênfase nos estudos arqueológicos neste momento, no entanto, já era utilizado anteriormente em estudos sobre a morte na Antropologia, especialmente pelo francês Robert Hertz (1907) e por Arnold Van Gennep (1908) (Ribeiro, 2007, p. 73).

restos funerários, enquanto o segundo grupo analisa como diferentes estruturas sociais são diferentemente representadas entre diferentes domínios de apresentação (De Masi, 2009, pp. 1-2).

As hipóteses de Saxe tiveram uma enorme repercussão para a Arqueologia das Práticas Mortuárias nas décadas seguintes do século XX e uma das primeiras reações a elas ocorreu em 1976, com a obra de Lynne Goldstein. Nela, a autora reanalisou os dados etnográficos utilizados por Saxe, testou as hipóteses do autor em outras 30 sociedades e expôs suas próprias considerações. Dentre algumas delas, L. Goldstein considerou que, mesmo quando se compara culturas “com aspectos econômicos e condições ambientais similares, é improvável que tais sociedades simbolizem e ritualizem elementos de suas organizações sociais da mesma maneira” (Souza, 2011, p. 43).

Além da tese de Saxe, o principal ponto de partida da mudança nas análises das práticas mortuárias se deu a partir do volume editado por James A. Brown, *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*, publicado nos Estados Unidos em 1971 (Chapman, p. 305, 2003). Dentre os artigos do volume, destacaram-se *Social Dimensions of Mortuary Practices in a Mesolithic Population from Wadi Halfa, Sudan*, de Arthur Saxe, e *Mortuary Practices: Their Study and Their Potential*, de Lewis Binford.

A obra editada por J. Brown originou-se em um simpósio da *American Anthropological Association*, em 1966, sendo um conjunto de artigos cujos temas principais eram cinco, de modo geral: 1) o estudo da morte, ou dito de outro modo, das práticas mortuárias em um contexto social; 2) o estudo das práticas mortuárias como, para além da construção de cronologias e estatísticas, um meio de inferência social a partir de dados arqueológicos; 3) o uso de analogias etnográficas para o estudo e interpretação das práticas mortuárias; 4) o uso de analogias etnográficas para a reconstrução de tipos de sociedades (por exemplo, igualitárias, estratificadas); 5) a análise quantitativa dos dados biológicos e culturais de cemitérios escavados para determinar os padrões que podem ser interpretados usando (3) e (4) (Chapman, p. 305, 2003).

O texto de Lewis Binford³⁵, *Mortuary Practices: Their Study and Their Potential* (1971), apresenta um levantamento dos estudos antropológicos sobre práticas mortuárias para avaliar o valor científico de muitas proposições e conceitos utilizados na arqueologia da década de 1970 (De Masi, 2009, p. 2). Nele, Binford rastreia o tratamento das práticas mortuá-

35 O trabalho de L. Binford foi analisado aqui a partir de três autores: De Masi (2009, 2012), Bartel (1982) e Silva (2014).

rias e rituais estudados pela Antropologia, incorporando as contribuições de *L'Anne Sociologique*, de Émile Durkheim e as obras de Robert Hertz – *Contribution a une etude sur la representation collective de la mort*, de 1907 – e de Arnold Van Gennep – *Les rites de passage*, de 1908 (Ribeiro, 2007, p. 73).

O trabalho de L. Binford, em complemento ao de Saxe, buscou gerar algumas hipóteses para testar as relações entre práticas mortuárias, a organização e a complexidade de uma dada sociedade (Bartel, 1982, p. 50). De acordo com seu entendimento, a variabilidade simbólica relativa às práticas funerárias de uma sociedade é proporcional à complexidade dessa mesma sociedade. Para ele, a variabilidade de comportamento e práticas culturais não necessariamente podem ser explicadas por questões de contato ou influências culturais, “mas devem ser explicadas pelas propriedades organizacionais do próprio sistema cultural” (De Masi, 2009, p. 2).

Binford testou suas expectativas a respeito de variabilidade simbólica através da utilização de dados de 40 sociedades componentes de uma amostra mundial, o banco de dados do *Human Relations Area Files*³⁶ (HRAF). Sociedades não estatais, baseadas em diversos tipos de subsistência foram escolhidas como indicativos dos níveis de complexidade. Nesse estudo, Binford concluiu que não havia diferenças na forma de sepultamento entre grupos de caçadores-coletores, de pastores e de agricultores migratórios, havendo diferenciações, no entanto, entre as práticas funerárias desses três grupos citados com os agricultores sedentários (Bartel, 1982, p. 51). As distinções entre as práticas mortuárias dos agricultores sedentários, na perspectiva de Binford, confirmaram sua a proposição inicial “de que existe uma direta correlação entre complexidade das práticas mortuárias e a variação do status dentro dos sistemas sócio-culturais” (De Masi, 2009, p. 2).

Para estudar a questão da variabilidade na prática mortuária, Binford sugere que é preciso dividi-la em seus componentes rituais e técnicos. A parte técnica trata-se do método de eliminação de cadáveres (estando relacionado com a remoção de matéria orgânica), enquanto o componente ritual compreende comportamentos relativos a questões de ordem simbólica (Bartel, 1982, p. 50). Em relação às mudanças a respeito das práticas mortuárias, Bin-

36 *Human Relations Area Files*, é uma organização internacionalmente conhecida na área de antropologia cultural. Foi fundado em 1949 na Universidade de Yale, situada em New Haven, Connecticut (Estados Unidos). HRAF é um consórcio entre universidades, faculdades e instituições de pesquisa e sua missão é incentivar e facilitar o estudo da cultura, da sociedade e do comportamento humano no passado e no presente. Fonte: <http://hraf.yale.edu/about/>

ford explica que qualquer alteração no estado de equilíbrio da prática funerária, seja intra ou intersocietal, ocorreria como parte de uma mudança na cultura: quando um sistema cultural é alterado em sua organização interna, novas unidades de organização são geradas (Bartel, 1982, p. 51).

Ao estabelecer novas categorias de análise, Binford apresenta algumas variáveis a respeito das práticas funerárias: 1) tratamento do corpo – preparação, tratamento e disposição; 2) sepultura – forma, orientação e localização; e 3) acompanhamento – forma ou tipo, quantidade, e forma e quantidade associados (De Masi, 2012, p. 5). Para Binford, o tratamento do corpo, primeira variável do processo funerário, possui, como já citado, as seguintes distinções: a preparação, o tratamento e a disposição do corpo. A preparação se dá pelas distinções feitas pela lavagem ou limpeza diferencial e a exibição do corpo antes do enterramento. O tratamento do corpo se refere às distinções feitas pela mumificação artificial ou intencional, mutilação e cremação. Já a deposição, relacionada a um lugar, é uma distinção feita pela forma de deposição do corpo em uma cova, em sarcófago, no rio, reduzido a cinzas ou embalsamado, abandonado sobre o solo, aos animais necrófagos, dentre outras possibilidades (Silva, 2014, p. 53).

A respeito da segunda variável, a sepultura, Binford discorre sobre as categorias forma, orientação e localização da cova. A forma seria uma característica diferencial “reservada a indivíduos com diferentes status, tamanho e variação nos materiais construtivos empregados” (Silva, 2014, p. 54). A orientação, por sua vez, se relaciona à “orientação do eixo longitudinal diferenciada pelos pontos de referência estabelecidos, como as direções cardeais, ângulos de solstício, ocorrências do relevo” (rios, mar, lagos, morros) que possam revelar preferências na forma de orientação do morto. Já a localização ou o espaço da cova, pode ser diferenciado na área do assentamento ou em lugares reservados intencionalmente aos sepultamentos, por exemplo, cemitérios. (Silva, 2014, p. 54).

Acerca do mobiliário funerário, Binford propõe que, sendo os remanescentes arqueológicos caracterizados pela deposição no interior ou exterior da cova, trata-se de objetos depositados com o morto no enterramento (Silva, 2014, p. 54). Os acompanhamentos, divididos em três categorias por Binford – forma ou o tipo da oferenda; a quantidade e a disposição dos objetos; e a forma associada à quantidade da oferenda – serviriam, em seu entendimento, ao estudo das diversas formas de tratamento dado aos mortos enquanto unidade de um sistema cultural, assim como para o estabelecimento de leis sobre as relações entre sociedades, processos de contato entre grupos e, ainda, continuidade e mudança cultural (Silva, 2014, p. 55).

De acordo com Diogo Costa, a teoria e metodologia introduzida por Saxe e Binford, de certa forma continuaram sendo muito utilizadas

nos estudos de análise e interpretação de vestígios funerários desde a década de 1970 até o início do século XXI (Costa, 2012, p. 106). A abordagem Saxe-Binford utiliza o princípio de “espelho” etnográfico ao propor/entender que a morte e o tratamento dado a ela como uma espécie de “espelho” de regras culturais praticadas pelos indivíduos ainda em vida (Costa, 2012, p. 106).

Mesmo sendo apropriada por vários autores, a abordagem de Saxe e Binford também foi criticada. O trabalho de J. Brown, *The dimensions of status in the burials at Spiro* (1971), é um exemplo. Em seu estudo, “Brown observa todos os procedimentos utilizados pelos arqueólogos na ação de transformar vestígios físicos em sistemas gerais de domínio” e, dentre outras questões, expõe sobre os problemas técnicos na definição empreendida pelos arqueólogos dos próprios enterramentos (Costa, 2012, p. 103). Constituindo, ainda, uma proposta contra o uso direto da etnografia e da etno-história como único referencial para entender os remanescentes funerários de qualquer sociedade, o estudo de Brown apresenta como argumento que o principal problema em utilizar dados etnográficos está relacionado ao fato de que os vestígios arqueológicos recuperados nos estudos são apenas uma amostra que não representa o todo social, mas somente uma parte dele, sendo improvável, portanto, que resultados satisfatórios sejam efetuados ao se fazer uma comparação direta com a sociedade viva (Costa, 2012, p. 103)

Na continuação dos debates, o trabalho de Joseph A. Tainter, *Mortuary practices and the study of prehistoric social systems* (1978), é uma revisão sobre as perspectivas dos estudos mortuários na época. J. Tainter afirmou que a confirmação etnográfica de conceitos sobre os estudos mortuários na arqueologia é fundamental. Para ele, os enterramentos humanos constituem os remanescentes arqueológicos das práticas mortuárias que servem, a partir de paralelos etnográficos, ao estudo dos sistemas sociais pré-históricos (Silva, 2014, p. 67). Tainter considerou que a grande diversidade de abordagens sobre os estudos mortuários é um reflexo direto da grande variabilidade dos mesmos vestígios arqueológicos (Costa, 2012, p. 107).

J. Tainter complementa, em seus trabalhos de 1975, 1978 e 1981, a ideia da relação direta entre os enterramentos como reflexo da estrutura social de Binford. Essa complementação se deu a partir de fórmulas matemáticas e com a utilização de recursos informáticos que mensuravam a complexidade social através da classificação dos contextos funerários (Souza, 2011, p. 44). De acordo com D. Costa, podemos observar que, mesmo com Tainter, “uma série de tipologias com cunho evolucionista foram e são utilizadas na interpretação dos vestígios mortuários” (Costa, 2012, p. 107).

Outra das revisões das hipóteses Saxe-Binford elaboradas nesse período foi o trabalho de John M. O'Shea (1984), *Mortuary variability: and archaeological investigation*, que se tornou referência para os estudos posteriores sobre o tema. O autor estabeleceu quatro princípios básicos para a análise e interpretação de vestígios mortuários. Os princípios são: 1) que todas as sociedades empregam algum tipo de procedimento regular no tratamento de seus mortos; 2) que a população morta é um reflexo demográfico e fisiológico da população viva; 3) que cada enterramento representa a aplicação de regras e diretrizes sociais; e 4) que elementos em um mesmo contexto funerário são todos contemporâneos (Costa, 2012, p. 108). Em seu estudo de caso, entre dois grupos indígenas, O'Shea estabeleceu uma correlação entre a diminuição de população, a miscigenação da sociedade e a reorientação econômica dos grupos (Costa, 2012, p. 108).

A presença da Arqueologia Pós-Processual na teoria arqueológica, mais efetivamente na década de 1980, representou uma mudança no fazer arqueológico que vinha sendo modelado até então. Uma de suas contribuições ao estudo das práticas mortuárias foi a de voltar-se para as representações e simbologia do ritual funerário, assim como para as possibilidades de seu uso por determinados grupos para a manutenção ou reestruturação de relações de poder. É a partir desse momento que os estudiosos começam, segundo Ribeiro, a perceber que os vivos falam pelos mortos, assim como “simbolizam a si mesmos, representam aquilo que se quer que se pense sobre a família, sobre o grupo social e sobre o morto” (Ribeiro, 2007. P. 96).

Na perspectiva pós-processual os rituais mortuários são entendidos como uma ocasião

em que as relações entre as pessoas são mutáveis e as identidades sociais simbolizadas nesse momento são frutos de forças que atuam sobre os vivos e sobre os mortos, como ideologias de dominação. Essas ideologias podem resultar na completa reorganização da sociedade para consolidar a nova configuração dos grupos dominantes. A classificação dos contextos funerários é dada através de seus aspectos simbólicos e esses aspectos são compreendidos como uma forma através da qual os indivíduos representam-se idealmente através dos rituais (Souza, 2011, p. 46).

Nesse sentido, o autor Michael Parker-Pearson afirmou que as práticas mortuárias são produto de decisões políticas, através das quais os mortos são manipulados pelos vivos (em seus trabalhos de 1982, 1993, 1995, 1999). Parker-Pearson também sugere que a morte pode ser um momen-

to em que, mesmo ocorrendo a legitimação da ordem social, os vivos podem esconder, embelezar ou justificar as relações sociais através dos rituais mortuários (Souza, 2011, p. 46). Para fundamentar sua análise dos contextos funerários, o autor se utiliza de três tipos de recursos metodológicos: 1) análises de relações espaciais e topográficas entre as habitações dos vivos e dos mortos; 2) análises da organização intrassítio dentro das habitações dos vivos e dos mortos; e 3) análises da distribuição dos artefatos nos assentamentos, nos contextos funerários e, ainda, em outros contextos arqueológicos (Souza, 2011, pp. 46-47).

De acordo com Parker-Pearson, a respeito dos recursos em (1), a análise espacial permite enxergar determinadas relações entre os vivos e os mortos, pois a localização dos mortos no espaço pode indicar que “quanto maior a proximidade física dos enterramentos das áreas de habitação, mais eles estão integrados à sociedade e maior o papel dos mortos ou sua influência sobre os vivos” (Souza, 2011, p. 47). Acerca dos recursos utilizados em (2), as análises se estendem: a) entre unidades básicas (como casas e túmulos), sendo que variações nas residências podem ser comparadas às variações nos enterramentos; b) ao assentamento, que pode ser organizado de acordo com certos princípios (como gênero, parentesco, *status*), podendo ser comparáveis com cemitérios do mesmo período; c) à comparação entre o desenvolvimento do assentamento e do cemitério, que pode demonstrar inconsistências de leitura de representação do mundo dos mortos (Souza, 2011, p. 47).

Já a análise de distribuição dos artefatos (3) considera o valor simbólico desses objetos. De acordo com Parker-Pearson os artefatos depositados nos enterramentos formam uma categoria bastante especial de objetos que permite a que tenhamos acesso a “uma categoria mais ampla da experiência social, formada pela cosmologia básica a partir da qual a vida está ordenada” (Souza, 2011, p. 47).

Através dessas perspectivas de análise, o modo de entender e interpretar as práticas mortuárias, e todas suas implicações, se ampliam. Há outras linhas e pensamentos teóricos em Arqueologia que poderiam ser trazidos aqui para tratar do desenvolvimento do estudo das práticas mortuárias. No entanto, como o intuito dessa parte do texto era trazer um breve histórico para mostrar os caminhos percorridos a respeito dessa linha de pesquisa e de seus principais autores, me limito a ficar por aqui e passo a discorrer sobre uma abordagem específica, que trata da temática das práticas funerárias de maneira multidisciplinar.

2.2 ARQUEOLOGIA DAS ESTRUTURAS FUNERÁRIAS: UMA ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR

A arqueologia funerária pode ser definida como “a arqueologia das estruturas onde se encontram restos de funerais, geralmente incluindo remanescentes corporais humanos, ou seja, lugares de deposição dos mortos” (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 128). Esta arqueologia derivada de lugares de deposição de mortos é entendida e utilizada por pesquisadores “como fonte inestimável para compreender a vida no passado” (Klokler e Gaspar, 2013, p.111).

Lado a lado com a arqueologia funerária encontra-se a bioarqueologia, que estuda os remanescentes de corpos humanos evidenciados em sítios arqueológicos em uma perspectiva abrangente, e tem como objetivo reconstruir, a partir dos ossos, aspectos biológicos, culturais e sociais da vida, não apenas do indivíduo, como também do grupo pretérito.

A bioarqueologia, assim como a arqueologia funerária, teve um processo lento de desenvolvimento no Brasil, já que desde o século XIX, o estudo especializado dos remanescentes humanos arqueológicos era realizado por um grupo muito pequeno de profissionais, estando sua atuação mais restrita aos laboratórios. O número reduzido de profissionais, a falta de formação especializada e o relativo isolamento científico dos estudiosos da área também prejudicou, de certa maneira, o andamento de seu desenvolvimento no Brasil (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 128).

A partir do desenvolvimento da bioarqueologia e a incorporação de novas tecnologias na área, pode-se abrir caminhos para novas perspectivas no conhecimento dos povos pretéritos. A busca por interpretações de características bioquímicas, fisiológicas e fisiopatológicas obtidas nos dentes e nos ossos ampliou as possibilidades de estudo da bioarqueologia, lhe permitindo investigar “a dieta, as atividades laborais, as doenças, as condições de estresse, a origem geográfica e tantos outros aspectos importantes para a interpretação arqueológica” (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 129).

Nesse sentido, o achado de uma estrutura funerária em contextos arqueológicos significa a possibilidade de “obter, ao mesmo tempo, informações biológicas sobre grupos do passado, e importantes informações culturais referentes às práticas rituais, ao processo construtivo do sítio, ao ambiente” (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 129), ou seja, dados fundamentais para a interpretação da formação do registro arqueológico. A complexidade das estruturas funerárias em sítios arqueológicos, por conjugarem processos biológicos, químicos, físicos e culturais

torna sua abordagem especialmente difícil, sendo necessária a utilização de métodos específicos para um estudo satisfatório.

No entanto, para realizar estudos satisfatórios que possam abranger todas essas possibilidades de análise a que as estruturas funerárias são passíveis, torna-se imprescindível que a metodologia de obtenção de materiais/vestígios em campo seja cuidadosa e planejada para que se possa recuperar as evidências adequadamente. Apesar da aparente rigidez dos minerais, dentes e ossos possuem também sua fragilidade e essa característica necessita que o trabalho de campo seja bem elaborado e adequado a ela.

Nesse mesmo movimento, as informações referentes aos aspectos culturais relacionados à morte “só podem ser produzidas de maneira confiável a partir de intervenções de campo que chegam a grande detalhamento” (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 129). Isso torna essencial a abordagem dos lugares de deposição dos mortos para a construção da inferência arqueológica em sítios com estruturas funerárias.

A arqueologia funerária possui uma abrangência contextual maior – se comparada à bioarqueologia –, já que procura relacionar o local de deposição dos mortos aos outros espaços do sítio arqueológico estudado. Ela está voltada

para formas de deposição e perpetuação das evidências, transformação ou tafonomia da estrutura original, evidências de gestos e processos relacionados ao funeral. Através da tafonomia do cadáver tenta reconstruir, retrospectivamente, o que ocorreu a partir do momento em que se deu a deposição do morto, seja no lugar onde são achados os despojos, seja em outros lugares diretamente relacionados do sítio (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 128).

Contextos funerários são fenômenos privilegiados de análise para os arqueólogos, sendo realmente importantes, pois fornecem a eles “a oportunidade de compreender visões sobre a vida e morte em sociedades passadas” (Klokler e Gaspar, 2013, p.125). Para os arqueólogos, o aspecto mais relevante de um lugar de deposição de mortos está vinculado a seu potencial para revelar gestos e práticas culturais.

Entretanto, a exploração desse potencial e a quantidade de informação que efetivamente será produzida a partir das análises das estruturas funerárias depende da evidenciação e interpretação adequada dos remanescentes arqueológicos evidenciados. O que significa identificar, além das evidências de cultura material, os restos humanos macroscópicos e os

indícios de modificação (antrópica ou natural) no local, “seja este de deposição primária, secundária, ou de re-deposição por transporte ou perturbação do sítio”. Voltar-se para esse tipo de análise das estruturas funerárias significa, ainda, “analisar nexos espaciais entre todos os materiais encontrados, interpretar os processos tafonômicos³⁷ locais (cadavéricos ou não), e analisar a inserção do pacote, ou camada funerária, no contexto estratigráfico” (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 131) do sítio arqueológico em questão.

O estudo dos contextos funerários proporciona, via certos métodos (que, conseqüentemente, produzem certos resultados), o acesso ou a inferência a informações variadas acerca do modo de vida e da organização social dos grupos estudados. Como já mencionado acima, a partir do estudo de estruturas funerárias, pode-se obter dados sobre o sexo e a idade dos indivíduos, a origem geográfica, a dieta, assim como aspectos relacionados à saúde, a possíveis diferenças de status, à afiliação social, e, ainda, a condições físicas dos indivíduos.

Para as arqueólogas Daniela Klokler e Maria Dulce Gaspar, um dos desafios para os pesquisadores que estudam contextos funerários é entender os “processos culturais e naturais que afetam os sítios arqueológicos para desta maneira resgatar informações sobre o *programa funerário* do grupo em estudo” (2013, p.111, grifo das autoras), já que os arqueólogos não escavam funerais, mas os depósitos que resultam de suas práticas.

De acordo com Klokler e Gaspar a “análise da cadeia de atividades e processos pós-deposicionais associados ao estudo de contextos funerários fornece informações fundamentais sobre a organização social de populações humanas” (2013, p.111).

Além de possibilitar o conhecimento da vida passada dos povos estudados, os contextos funerários permitem o estudo de suas atitudes em relação à morte. Não servindo apenas como fontes de dados sobre a vida no passado, os contextos funerários podem ser utilizados para entender com-

37 Os processos tafonômicos que produzem modificações nas deposições funerárias podem ser de naturezas diversas. Sergio F. Silva distinguiu três grandes classes e variáveis de processos tafonômicos relacionados ao estudo arqueológico dos remanescentes humanos: a) fatores ambientais, variáveis externas, bióticos (organismos vivos) e abióticos (elementos do sistema climático, pedológico, sem a presença de organismos vivos), como a temperatura, umidade (UR%), luz solar, pH do solo; b) fatores individuais, internos, como a idade à morte e as dimensões corporais; e c) fatores culturais, caracterizadas pelas atividades humanas de caráter mortuário, que incluem todo e qualquer traço deixado no corpo pela manipulação intencional do mesmo” (Silva, 2014, pp. 14-15).

portamentos e visões sobre a morte (Klokler e Gaspar, 2013, p.111).

Segundo Klokler e Gaspar, as atividades desenvolvidas após a morte de um indivíduo envolveriam, ao menos, duas sessões de atividades. As atividades iniciais (ou imediatas) dizem respeito a comportamentos logo após a morte do indivíduo em um curto espaço de tempo. Elas “abrangem o processamento do corpo (lavar, adornar, embrulhar), o luto, a deposição do corpo, a reunião de familiares e pessoas associadas, os festins” (Klokler e Gaspar, 2013, p.112). Já as atividades subsequentes seriam aquelas que acontecem após determinado período, variando de meses até anos depois da morte. De acordo com as autoras, estas serviriam para memorializar os mortos e, em alguns casos, podem incluir, dentre outros, “modificação, transporte, remoção de vestígios do corpo, funerais secundários, reunião de familiares e pessoas associadas, festins, construção de monumentos funerários” (Klokler e Gaspar, 2013, p.112).

Mesmo que não seja possível realizar determinadas análises no material resultante das escavações de João Alfredo Rohr a partir da metodologia da arqueologia funerária, opto por trazê-la ao trabalho para indicar que muito pode ser pensado nesse sentido. Ainda que os métodos utilizados pelo Pe. Rohr sejam diferentes, em certa medida, dos métodos tidos como protocolares nos estudos e evidenciações de estruturas funerárias atualmente, acho válido pensar nas possibilidades de entender os vestígios escavados por Rohr por esse viés, ou, ao menos, tentar perceber o que pode ser feito nessa direção.

2.3 SEPULTAMENTOS, RITUAIS MORTUÁRIOS E ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS EM ARQUEOLOGIA

2.3.1 Sepultamentos

A palavra *sepultamento*, de acordo com André Strauss, “refere-se a processos intencionais e localizados no tempo que estão diretamente relacionados com um contexto funerário” (Strauss, 2010, p. 179). Em termos arqueológicos, um sepultamento, no entanto, é uma categoria particular de vestígios materiais definida pela presença de ossos humanos. Ou seja, é a presença de ossos humanos – em conjunto e espacialmente delimitados – que faz com que uma estrutura específica evidenciada em um sítio arqueológico possa ser denominada como “sepultamento” (Strauss, 2010, p. 179).

Esses conjuntos de ossos humanos encontrados em contextos arqueológicos, entretanto, não necessariamente foram formados pela ação humana intencional “diretamente associada a um contexto mortuário es-

pecífico e localizado no tempo” (Strauss, 2010, p. 180). Nem todo agrupamento de ossos humanos é um sepultamento propriamente dito: pessoas podem ser encontradas enterradas sem que esse enterro tenha sido realizado em contexto de tratamento funerário (um guerreiro abatido e deixado no campo de batalha pode exemplificar isso). Ou seja, sua deposição não foi resultado de um ato de sepultar. No entanto, por resultarem potencialmente em registros materiais, são denominados “sepultamentos” pelos arqueólogos.

Outra questão a considerar é que processos naturais também podem ser responsáveis pelo agrupamento de ossos humanos. Mesmo em corpos formalmente sepultados, processos pós-deposicionais, tanto naturais (a bioturbação, por exemplo) quanto antrópicos, podem alterar a posição original dos ossos. Da mesma forma, esse conjunto de ossos é, do ponto de vista arqueológico, um sepultamento (Strauss, 2010, p. 180). Nota-se, ainda, que os processos de perturbação ou reaproveitamento de covas podem fazer com que dois sepultamentos desconectados temporalmente acabem ocupando um mesmo local no espaço, uma mesma cova. Este fato pode levar os arqueólogos a coletarem juntos os ossos dos dois enterros, e os considerarem um mesmo sepultamento (Strauss, 2010, p. 180).

O arqueólogo Sergio Monteiro da Silva (2014) nos lembra que todo enterramento pode ser um sepultamento, mas nem todo sepultamento pode ser um enterramento. O que os difere é a presença de um ritual e um processo técnico: “enterrar compreende uma forma de procedimento técnico para um sepultamento por inumação, por exemplo” (Silva, 2014, p. 49). De acordo com as ideias do autor, um sepultamento refere-se a uma ação antrópica, carregada de intencionalidade e implicações sócio-culturais. Um sepultamento estaria relacionado a técnicas específicas – ou uma prática repetitiva, tradicional – e estaria diretamente relacionado a um ritual, seja ele qual for, pois pressupõe a realização de um funeral e correlatos ritualísticos. Já um enterramento possui caráter geológico, não intencional, tafonômico, ou então pode ser “resultado de uma ocultação criminoso de cadáver, dentro de um contexto extra-funerário” (Silva, 2014, p. 49).

O ato de sepultar é dotado de intencionalidades e expressa um cuidado, um “tomar conta” de seus mortos. Essa característica o torna, para os estudiosos, um local privilegiado para entender aspectos culturais, já que o morrer é tão “cultural” quanto o viver. Nesse sentido, ao analisar a morte e o tratamento funerário estamos analisando o comportamento dos vivos e não o comportamento dos mortos (Rapp Py-Daniel, 2014, p. 157).

2.3.2 Rituais mortuários

O tratamento funerário é todo o procedimento realizado no corpo, tanto interna quanto externamente, antes da finalidade última. Esse preparo se dá através de uma variedade de ações, assim como variedades de tempo. Para exemplificar tratamentos funerários, podemos citar a drenagem de líquidos, a retirada de órgãos, a introdução de substâncias que possam vir a prolongar a preservação do corpo, assim como substâncias que possam acelerar a decomposição, e, dentre outras ações, “o banho do corpo, a pintura do corpo ou de ossos, o descarne, desarticulação, cremação, adição de enfeites” (Maia, 2014, p. 17).

Os ritos mortuários consistem na “execução de um número de atos simbólicos” (Silva, 2005, p. 12). Nesse sentido, já que ações simbólicas “traduzidas em atividades rituais – práticas funerárias – atuando em um determinado objeto – o corpo do morto – resultam em produtos observáveis no contexto arqueológico” (Silva, 2005, p. 13), podemos pensar nas práticas funerárias de contextos arqueológicos como fonte fundamental para estudar grupos humanos. Mesmo que esse estudo seja limitado e atinja apenas certos aspectos.

Para Silva, o ritual mortuário é um sistema de comunicação no qual certos símbolos são utilizados para expressar informações sobre o status do morto. Como sistema de comunicação, “pode induzir a erros ou distorções pela introjeção de materiais estranhos – ruídos – no interior das mensagens, decodificadas ou recriadas pelos arqueólogos” (Silva, 2014, p. 50).

O ritual funerário pode ser acessado, em vários aspectos materiais, pela arqueologia. No entanto, alguns aspectos do ritual funerário não deixam marcas observáveis no registro arqueológico (Montardo, 1995, p. 30). Nesse sentido, Klokler e Gaspar apontam que é preciso considerar os vários elementos envolvidos que não estão acessíveis no registro arqueológico. As autoras descrevem que essa ausência existe devido a condições do ambiente como os processos de preservação dos materiais e fatores pós-deposicionais, além de motivos relacionados aos métodos de registro e recuperação utilizados em campo. Muitos elementos orgânicos mais frágeis, como materiais vegetais não queimados, couros, ornamentos confeccionados com penas, se decompõem a ponto de não ser possível identificar sua presença no contexto funerário, mesmo com a utilização, em laboratório, de microscópios e de análises químicas. Além disso, a metodologia adotada em campo, como a dimensão da malha das peneiras e a realização ou não da flotação influenciam nesse resultado, alterando a probabilidade de recuperação dessas evidências arqueológicas mais vulneráveis à degradação e de tamanho diminuto (Klokler e Gaspar, 2013, p.112-113).

Para Cilcair Andrade, as práticas funerárias seriam ações simbólicas traduzidas em atividades rituais (Andrade, 2009). De acordo com a autora, as práticas funerárias, “atuando no registro arqueológico, junto ao corpo do morto, resultam em potenciais focos de observação para os arqueólogos: um conjunto de fatores culturais e biológicos” (Andrade, 2009, p. 12-13). Segundo Andrade, tendo como base os remanescentes humanos e a parafernália cerimonial que fez parte do ritual funerário “podemos inferir sobre as características técnicas e operacionais do comportamento funerário intra e inter-sítios”. Para a autora, as práticas funerárias “constituem uma importante parte do sistema social, contribuindo amplamente para sua compreensão” (Andrade, 2009, p. 22).

Estudos antropológicos sobre rituais funerários podem fornecer modelos etnográficos a serem utilizados pelos arqueólogos como possíveis referências em suas análises acerca dos lugares de deposição de mortos, dos procedimentos de preparação dos corpos (tanto do morto quanto dos enlutados) e outros gestos funerários, dos aspectos sepulcrais, do luto, da inserção ou não de objetos na sepultura, cremação, dentre outras variáveis. Como nos recordam as arqueólogas já citadas “é fundamental o conhecimento de modelos etnográficos que ajudem a refletir sobre os gestos funerários e seu registro material, aspectos estes potencialmente expressos em um sítio arqueológico” (Souza, Wesolowski, Lessa, Rodrigues-Carvalho, 2013, p. 134).

As informações etnográficas, quando utilizadas como modelos pelos arqueólogos, entretanto, precisam ser entendidos como referenciais e não podem ser utilizados como analogias diretas e atemporais. Modelos etnográficos não devem ser tomados como respostas diretas às questões colocadas pelos arqueólogos aos seus contextos funerários de estudo, mas devem ser considerados como uma “luz para interpretar” os contextos arqueológicos.

Os estudos arqueológicos de cunho mais interpretativo que pretendem obter algumas respostas sobre os significados das práticas humanas no passado a partir de contextos e vestígios materiais precisam tomar cuidado ao realizar certas interpretações de cunho etnográfico. Da mesma forma, é necessário considerar que limites são uma constante nesse procedimento.

Parece muito excitante aos arqueólogos, como afirma Vicki Cummings, utilizar as ideias levantadas a partir da analogia etnográfica no estudo do registro arqueológico. No entanto, ela recorda, é necessário ser cauteloso nesse intento, pois precisamos ter em mente que os contextos do passado são processos culturais e historicamente particulares e específicos (Cummings, 2013, p. 109).

A questão trazida por Cummings aponta para refletirmos que há maneiras muito particulares de ver, perceber, estar no mundo e não pode-

mos utilizar analogias diretas para pensar nos grupos humanos do passado. Algumas dessas maneiras, inclusive, podem ser muito recentes e nem sequer ter relação com os antepassados de certas populações atuais.

Em geral, os arqueólogos que tem acesso aos processos descritos por relatos etnográficos, especialmente histórias que narram mitos de criação, ficam muito interessados em questões etnológicas e as percebem como questões reveladoras, pois enquanto arqueólogos, eles não tem acesso a histórias tão ricas através do registro arqueológico (Cummings, 2013, p. 110). Nesse sentido, a influência das etnografias foi e ainda é uma questão de peso em alguns estudos arqueológicos que baseiam suas interpretações a partir das etnografias. Cummings indica que utilizar etnografias para entender as evidências materiais deixadas em locais específicos da paisagem serve como ponto de partida para ir além da ideia restritiva de que todos os vestígios se relacionam exclusivamente a práticas de subsistência. A abertura para o mundo etnográfico entre os arqueólogos possibilita a eles pensar novos jeitos de interpretar os remanescentes arqueológicos, permite que percebam que os vestígios materiais podem ter outros usos e significados para além da subsistência. Aponta para a direção de que pensar sobre questões etnográficas leva a entender que as evidências materiais deixadas em locais específicos da paisagem não se relacionam exclusivamente a práticas de subsistência.

No entanto, Cummings adverte que nem todas as práticas deixam vestígios materiais: nem todos os lugares significativos para as pessoas são marcados por deposição de cultura material (Cummings, 2013, p. 110). Ou seja, nem sempre lugares importantes e significativos para uma população, tanto do presente quanto do passado, apresentam vestígios materiais na paisagem. Nesse sentido, Cumming reforça, podemos pensar que o verdadeiro potencial da analogia etnográfica seria o de nos oferecer maneiras originais para pensar sobre as diferentes pessoas que viveram no passado. (Cummings, 2013, p. 111).

A arqueóloga Anne Rapp Py-Daniel entende que as práticas funerárias, são fruto de processos históricos, sociais e cosmológicos, como todas as outras escolhas dentro de uma sociedade. Segundo a autora, a arqueologia da morte, para além dos remanescentes ósseos, “interage com um material de estudo diferenciado, as práticas e os gestos funerários, (...) nos permitindo acessar contextos simbólicos repletos de ‘escolhas culturais’” (Rapp Py-Daniel, 2014, p. 157).

Considerando que a arqueologia trabalha com generalizações, o que se pode tentar perceber no registro arqueológico são as ações humanas realizadas em dados momentos, partindo do pressuposto que existem regularidades nas escolhas dentro de sociedades específicas (Rapp Py-Daniel,

2014, 159). Nesse sentido, o “mundo funerário”, como ela coloca, é, de certo modo, possível de ser identificado como conjuntos de práticas dos vivos sobre os mortos.

Ainda de acordo com a autora, o tratamento dado aos mortos, assim como todo o funeral em si, recebem influências dos códigos sociais compartilhados dentro de uma sociedade. Apesar das dificuldades em estudar o mundo funerário, principalmente tafonômicas, a autora enfatiza que ele nos permite acessar diversas questões sociais. Além disso, para a autora, o tratamento funerário “raramente é uniforme e único, mesmo dentro de uma única sociedade, o destino do morto está normalmente relacionado ao seu status, ao local onde o mesmo faleceu e ao acesso da sociedade sobre o mesmo” (Rapp Py-Daniel, 2014, p. 157).

O estudo dos vestígios funerários em Arqueologia é importante, ainda, pois a investigação acerca do mundo funerário, em alguns casos, pode nos dizer alguma coisa sobre aspectos estruturantes das sociedades e também sobre como os indivíduos se relacionam. Para a arqueóloga, o mundo dos mortos marca, mais comumente, hierarquias e diferenciações sociais “e os vestígios humanos diretos fornecem um conjunto de dados a ser estudado pelas ciências biomédicas, permitindo acesso a informações sobre sexo, idade, etc.” (Rapp Py-Daniel, 2014, p. 158).

Podemos sintetizar as considerações de Rapp Py-Daniel quando explicita que, ao tratarmos de sepultamentos, estamos, além de tratar dos ossos humanos, lidando com

os contextos nos quais as pessoas foram enterradas, os gestos envolvidos no tratamento dos corpos antes, durante e após o sepultamento, as concepções de mundo, as escolhas culturais, os modos de vida, o reconhecimento das identidades individuais e coletivas, as questões de preservação e também os ossos, todos são elementos implícitos dentro da perspectiva de análises de sepultamento. (Rapp Py-Daniel, 2015, p. 23)

Alejandra Saladino, ao tratar em sua dissertação sobre contextos funerários, nos recorda que é preciso tentar evitar interpretações estritamente materialistas do contexto funerário como, por exemplo, associar o status que a pessoa sepultada tinha quando viva à riqueza de acompanhamentos funerários (Saladino, 2016, pp. 12-13).

A autora indica que é preciso considerar os processos de ressignificações que ocorrem nos rituais funerários, como a questão dos objetos depositados junto aos mortos. Saladino sugere que, quando em contexto fu-

nerário uma ferramenta ou adorno pessoal “imersos na dimensão simbólica que configura este rito de passagem, adquire outros significados, não mais importando apenas as funções que eventualmente desempenhava no mundo dos vivos” (Saladino, 2016, p. 13). Nesse sentido, a autora nos coloca que é possível compreender que todos os artefatos, nas sepulturas, são rituais.

Saladino coaduna com uma percepção que entende que a dimensão ritual faz parte do cotidiano, não sendo acionada apenas em situações específicas. Nesse sentido, os sepultamentos devem ser entendidos como documentos fundamentais para estudarmos comportamentos que não seriam “puramente rituais”, mas práticas da vida cotidiana dos grupos. A autora compreende os rituais funerários como “espaços privilegiados para a expressão simbólica e para a idealização da sociedade” e interpreta os adornos – especialmente os de conchas, devido a seu estudo de caso – como elementos centrais nas interações humanas, sendo indissociáveis dos mortos e que, no entanto, também estariam presentes na cotidianidade dos vivos. (Saladino, 2016, p. 224)

2.3.3 Acompanhamentos funerários

Acompanhamentos funerários podem ser caracterizados como objetos que integram os espaços mortuários. Entendidos como bens intencionalmente depositados com os mortos que fazem parte do complexo mortuário, da estrutura funerária, eles representam uma parcela dos vestígios funerários encontrada próxima dos mortos, no interior da cova (Silva 2005, p. 210).

No entanto, não somente artefatos podem ser considerados acompanhamentos funerários. Outros materiais podem estar associados aos esqueletos em um sepultamento como, por exemplo, conchas, ossos e dentes de animais. Sendo artefatos ou não, vários tipos de materiais podem ser encontrados em associação com os mortos.

A alta variação de materiais associados aos mortos em contextos arqueológicos é evidente em diversos lugares no mundo. Objetos considerados como acompanhamento funerário podem ser de variados tipos, constituídos por diversos materiais: rochas, conchas, ossos, dentes, cerâmica, metais e outras matérias-primas. Elas constituem vasilhames, armas, moedas, colares e adornos corporais, dentre tantos outros artefatos. Não apenas objetos, mas corpos humanos já foram evidenciados junto a sepulturas de um morto e, da mesma forma, outros animais inteiros podem ser colocados junto aos mortos.

Encontra-se como acompanhamentos funerários em sítios arqueológicos no litoral de Santa Catarina distintos tipos de evidências: zoólitos, corantes, alimentos, instrumentos, adornos, ossos de aves, de animais ma-

rinhos e terrestres (como, por exemplo, ossos de macaco e ossos de baleia). Um pássaro na mão de um morto, inclusive, já foi evidenciado em contexto dessa região (Prous, 1992, p. 221).

Depositados junto ao morto, esses objetos podem ser cotidianos, “usados pelo falecido ou terem sido exclusivamente fabricados objetivando satisfazer interesses restritos dos vivos sobre o morto e os rituais funerários, todos vinculados ao fenômeno da morte”. Os acompanhamentos funerários podem ser elementos indicativos de diferenças: tanto entre sexos e idades quanto em relação ao “prestígio social ou *status adquirido durante a vida* ou *atribuído por nascimento (hereditário) ou morte*” (Silva, 2005, p. 210, grifo do autor). Assim como os vestígios arqueológicos em geral, o estado de conservação e as características deposicionais dos acompanhamentos funerários estão vinculados a fatores tafonômicos, cujo contexto depende de processos pós-deposicionais, tanto naturais (bioturbações) quanto culturais (processos antrópicos).

Acompanhamentos funerários possuem distintos graus de magnitude e quantidade: enquanto alguns indivíduos podem apresentar junto a si artefatos extremamente trabalhos, diferenciados e específicos, assim como ter centenas de objetos em suas sepulturas, outros podem ter apenas um objeto, ou ainda, serem os acompanhamentos inexistentes ou não identificáveis no registro.



Figura 13 – Esqueleto de bebê cimentado em exposição no MHS, adornado com dentes de tubarão perfurados e conchinhas. Sepultamento 75, Praia da Tapera, Florianópolis. Fonte: Acervo fotográfico do MHS

Muitas podem ser as interpretações para explicar a presença de materiais associados aos mortos: objetos que acompanharão a pessoa em sua “última viagem”, marcas que denotariam sua posição social e status dentro do grupo, coisas que o falecido precisará quando acordar no outro mundo, artefatos que o identificavam e remetiam a suas relações enquanto vivo, objetos colocados nele por seus parentes vivos que demonstram afeição e indicam que senti-

rão saudades. Várias outras interpretações são recorrentes nesse sentido.

Ainda na linha de pensamento a respeito de objetos colocados junto aos mortos, Fahlander e Oestigaard, sugerem que se expandirmos a noção de enterro e sepultura para além do corpo humano também podemos considerar os objetos enterrados junto a ele. Nessa perspectiva, se questionam “podemos estender a definição de uma sepultura para incluir também um lugar de descanso final para artefatos? (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 3).

Associações funerárias de restos ósseos humanos a outras espécies animais, por exemplo, é uma característica mundialmente conhecida, sendo uma prática identificada em diversos sítios arqueológicos e regiões do mundo (Acosta e Mazza, 2016, p. 186). Evidenciados inteiros ou em unidades anatômicas específicas – como crânios e dentes – alguns animais encontrados junto a sepultamentos podem diferir dos demais animais que compõem o sítio, não partilhando da categoria de vestígios alimentares.

Artefatos confeccionados a partir dos animais, em suas mais distintas partes anatômicas, podem aparecer ou não culturalmente modificados em contextos funerários. Para explicar a presença de espécies de animais nos espaços funerários algumas interpretações sugerem que poderia existir algum tipo de identificação entre os indivíduos e as espécies inumadas junto a eles, o que possivelmente implicaria no reconhecimento do grupo de sua condição social em vida (Acosta e Mazza, 2016, p. 198). A escolha de determinadas unidades anatômicas, segundo a argumentação dos autores baseada em outros trabalhos sobre o tema, pode levar a inferir que seriam utilizadas como amuletos ou que conotem a relações simbólicas com a natureza. Ao pensar na possibilidade de se considerar que tais objetos possuem poderes mágicos, ainda de acordo com a argumentação de Acosta e Mazza, eles poderiam estar relacionados à caça, pois através desses elementos os caçadores poderiam adquirir ou invocar certas propriedades que os animais possuem e, deste modo, atrair as presas. A função desses objetos estaria então vinculada ao êxito da caça, sendo uma maneira de materializar a relação entre caçador e presa (Acosta e Mazza, 2016, p. 198).

Segundo Jaciara Silva a “abordagem dos esqueletos humanos e dos adornos presentes em suas sepulturas visa uma compreensão” de alguns agrupamentos humanos, “através das ações empregadas nos ritos funerários, considerando que o cuidado com o morto, reflete em muitos aspectos o grau de importância dado ao vivo” (Silva, 2013, p. 6). De acordo com Cristiana Barreto, ao lidar com materiais arqueológicos relacionados a rituais funerários, “estamos trabalhando em um terreno de *representação* das relações sociais, representação esta que reflete concepções de vida, de morte e da relação com ancestrais, de acordo com modelos cosmológicos particulares” (Barreto, 2008, p. 37, grifo da autora). Percebe-se que muitas são as possibilidades de interpretação quando se trata do estudo de se-

pultamentos, mas enfatiza-se que é preciso ter muito cuidado ao tentar inferir tais concepções.

De acordo com Glauca Sene, “é evidente que os acompanhamentos funerários desempenham um papel importante na interpretação das práticas mortuárias” (Sene, 2007, p. 61). Para Lima, os objetos sepultados – já carregados de significado – fazem parte da sociedade. E seria a partir deles que poderíamos perceber que a “organização social é expressa no modo como os indivíduos são inumados e nos objetos depositados como acompanhamentos funerários” (Lima, 2012, p. 143).

A respeito da ornamentação dos mortos, Alejandra Saladino considera ser esta “uma das mais antigas formas de comunicação de significados, quiçá não exclusiva da nossa espécie” (Saladino, 2016, p. 224). Segundo a autora, esses artefatos podem ser compreendidos como evidência da existência de um complexo sistema de comunicação. Devido ao “caráter eminentemente simbólico desses artefatos”, podem ser “tomados como indícios do processo de conformação da mente e do corpo humanos” (Saladino, 2016, p. 224).

Imbuída de leituras a respeito de características agentivas de seres não-humanos e sobre encantamentos e tecnologias, a autora sugere que a opção por adornar ou não o morto com conchas ou partes de animais poderia estar vinculada a uma possível associação deles com o falecido se fosse o caso de seres consideradas capacidades agentivas desses não-humanos. Saladino sugere ainda que a escolha por determinada técnica de manufatura de objetos que acompanham o morto (como contas, por exemplo), “poderia ser um tipo de encantamento para estabilizar e assegurar a coesão social comprometida pela morte de um membro do grupo” (Saladino, 2016, p. 225).

O estudo dos acompanhamentos funerários em contexto arqueológico pode identificar artefatos de categorias distintas, como, por exemplo, a categoria *instrumentos* (ferramentas e utensílios) e a categoria *adornos* (colares, pingentes, pulseiras, braçadeiras, cintos, brincos, tembetás). Além disso, a análise dos acompanhamentos funerários e de outros vestígios inumados, pode representar, de acordo com Sergio F. Silva, itens usados como adornos pessoais; itens preparados especialmente para o ritual funerário e; itens usados para fins utilitários, durante o tempo de vida do morto e não necessariamente usados por ele (Silva, 2005-2006, p. 114). Ressalto que essas classificações não são únicas, elas são categorias possíveis: trata-se de uma tentativa de explicar os acompanhamentos, pelos pesquisadores, e são apenas uma maneira de interpretar tais vestígios, podendo, inclusive, não ter relação com os sentidos e usos originais desses objetos.

Algumas das possíveis interpretações que tratam de materiais associados a contextos funerários descritas aqui estão em consonância com certas sugestões de João Alfredo Rohr a respeito dos acompanhamentos funerários.

Rohr (1959) havia sugerido que o grupo que ocupou o sítio Caiacanga-Mirim utilizava dentes de animais como amuletos, e ainda, que os pingentes de colar tinham um sentido totêmico. Por mais que fiquemos instigados a criar categorias e atribuímos sentidos e funções aos objetos que estudamos nesses contextos, precisamos ter cuidado para não “fantasiar” demais as interpretações ou então cristalizar as possibilidades: o que consideramos um “amuleto” pode ser, para o grupo estudado, um objeto integrante de outra categoria (ou de mais de uma delas). Entre alguns ameríndios, a título de exemplo, objetos que denominamos como meros “enfeites”, são para eles, ao mesmo tempo artefatos tidos como adornos e remédios (Lagrou, 2009, p. 54). Nesse sentido, tais interpretações precisam ser relativizadas.

2.4 AMBIENTE, ARTEFATOS E CORPOS: CAMINHOS PARA PENSAR RELAÇÕES NAS PRÁTICAS FUNERÁRIAS

O estudo de contextos funerários em sítios arqueológicos que consideram não apenas os corpos/esqueletos, como também seus acompanhamentos, perpassa diversas categorias de análise. Algumas delas estão mais voltadas às ciências biológicas e aos estudos químicos e morfológicos, enquanto outras, aos estudos antropológicos. Devido a escolhas e ao lugar de onde escrevo, opto por trazer aqui algumas noções sobre o entendimento do corpo e dos artefatos sob uma perspectiva antropológica, que considera especialmente *as relações*.

Nessa parte do texto passo a discorrer mais especificamente sobre o estudo dos corpos e porquê são considerados um importante foco de análise tanto antropológica quanto arqueológica. O potencial de análise do corpo pode ser entendido, por exemplo, a partir dessa afirmação de Darcy Ribeiro, para quem o corpo humano é a base física mais frequente das atividades artísticas dos grupos indígenas (Ribeiro, 1987, p. 46) e o cuidado com o corpo, “além da pintura e da tatuagem, se desdobra em mil manifestações, quase tão variadas quantos são os povos indígenas”(Ribeiro, 1987, p. 50).

Sendo material e histórico, o corpo humano é considerado, em diversos grupos humanos, a base da identidade, especialmente entre grupos ameríndios, tendo em vista que, para eles, “a identidade está no corpo” (Calavia Sáez, 2012). Da mesma forma, o estudo dos artefatos e suas relações com as pessoas e o ambiente serão tratados aqui, pois os objetos podem ser entendidos como “locais” de emergência de relações. Os objetos não são meramente “coisas”, mas um emaranhado de relações.

Essa análise está em consonância com um viés antropológico acerca dos objetos e pessoas que pressupõe que povos ameríndios possuem lógicas específicas de entendimento do mundo, dos corpos, dos ambientes,

e dos artefatos. Se pensarmos como sugerem alguns estudos etnológicos a esse respeito, o cosmos, para grupos ameríndios, é formado por distintas esferas em que humanos e não-humanos vivem em relação. A divisão que concebemos entre natureza-cultura³⁸, para eles não existe, pois o universo ameríndio é transformativo: o mundo é composto por muitas camadas e, embora nem sempre perceptíveis, “os diversos mundos são pensados enquanto simultâneos, presentes e em contato” (Lagrou, 2009, p. 93), não havendo separação entre aquilo que classificamos como *natureza* e o que entendemos como *cultura*.

Sem esquecer o cuidado a ser tomado no que se refere a essa questão do uso de dados etnográficos para pensar sobre grupos pretéritos, procuro trazer para a análise algumas possibilidades de interpretação sobre os corpos e os artefatos (ou seja, os sepultamentos e os acompanhamentos funerários). Essa tentativa aproximativa serve como uma referência sugestiva para, através do entendimento que grupos ameríndios têm dos corpos, pessoas, objetos e, em especial, sobre a morte, possamos pensar sobre o contexto arqueológico analisado aqui. Para começar, trago algumas considerações sobre a morte em estudos antropológicos.

2.4.1 Considerações antropológicas sobre a morte

A respeito das reflexões antropológicas acerca da morte, trago algumas considerações. Quando tratamos sobre esse tema, é preciso “considerar que o conceito de *morte* é sempre relativo, excessivamente complexo e é mutável” (Silva, 2014, p. 32). A morte, esse problema dos vivos (Elias, 2001, p. 10), é um plural.

Não somente a morte, como também o *morrer* é um plural: de acordo como o concebemos, de acordo com o tipo de experiência que proporciona em relação ao meio sociocultural, o morrer apresenta diferentes modalidades em que participam distintos critérios (Thomas, 1983, p. 195). Provavelmente, como afirmou Claude Lévi-Strauss, não existe nenhuma sociedade que não trate seus mortos com consideração (Lévi-Strauss, 1996, p. 27).

A morte pode ser considerada “uma entrada analítica para a humanidade e para as crenças e percepções humanas daquilo que é mais importante para os seres humanos: a vida”. As soluções para esse destino comum – a morte – são tão variadas entre os grupos humanos quanto variadas são suas

38 Essa dicotomia entre natureza e cultura é largamente discutida na antropologia. Ela é tida como a distinção mais fundamental em arqueologia (Sofaer, 2006, p. 51).

“tradições, culturas, crenças e religiões” (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 1). Mais que apenas uma questão sobre o destino do falecido, a morte é a origem e o centro da cultura, encontrando-se “no fundo de todas as facetas da humanidade, e, portanto, é um fator crucial no desenvolvimento das sociedades” (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 1). Nesse sentido, a morte pode ser entendida como um *lugar* para entender a sociedade (Ribeiro, 2002, p. 25).

De acordo com Louis-Vincent Thomas, dentre as espécies animais vivas, a humana é a única espécie para quem a morte está onipresente no transcurso da vida, a única que rodeia a morte de um ritual funerário complexo e carregado de simbolismo e, ainda, a única que pode crer, e que frequentemente crê, na sobrevivência e no renascimento dos defuntos. Em resumo, é a única espécie para qual a morte biológica, fato natural, se vê constantemente transbordada pela morte como fato de cultura (Thomas, 1983, p. 12).

As práticas e as ações concernentes à morte constituem, em conjunto, um determinado sistema funerário. Pode-se dizer que “cada sociedade desenvolve um ou vários *sistemas fúnebres*, para resolver aspectos pessoais e sociais relacionados ao morrer, tanto no passado quanto no presente” (Silva, 2014, p. 32, grifo do autor). Em certa medida, a morte do outro é uma lembrança da nossa própria morte (Elias, 2001, pp. 16-17).

De acordo com as considerações de Edgar Morin, não há grupo humano que abandone seus mortos ou que os abandone sem ritos. Para o autor, o cadáver humano pode suscitar, nos vivos, emoções que se socializam em práticas funerárias (Morin, p. 1997, p. 25). Para Morin, os funerais, ao mesmo tempo em que constituem um conjunto de “práticas consecratórias como determinantes da mudança de estado do morto, institucionalizam um complexo de emoções: refletem as perturbações profundas que uma morte provoca no círculo dos vivos” (Morin, p. 1997, p. 27).

Um aspecto a ser considerado aqui é “o quanto todos os particulares que envolvem o ritual funerário são expressões totais da cultura, pois os detalhes ligam o *aqui* e o *lá*, expressando *rupturas* e *continuidades* culturais” (Ribeiro, 2002, p. 51, grifos da autora). De acordo com Liliane B. Ribeiro, diante disso,

o evidente torna-se óbvio: morrer é algo da natureza – por doenças, magias e encantamentos ou acidentalmente –, todos morrem! Mas morrer é também absolutamente cultural, desde aquilo que pode provocar a morte até tudo que envolve o morrer. É justamente esse cultural que se expressa no que chamamos de cultura material e que, grande parte das vezes, esquecemos de considerar nos próprios rituais. (Ribeiro, 2002, p. 51)

A respeito da morte e de objetos associados a ela, L. Ribeiro recorda que é interessante perceber que a maneira como o corpo de um morto é tratado, os tipos de objetos que são colocados junto a ele e o local em que é sepultado “são aspectos que têm função escatológica, variando desde o modo como são úteis na separação que deve marcar vivos e morto, como nos usos e funções deles no além” (Ribeiro, 2002, p. 42). Ainda nesse caminho, e acerca de objetos que acompanham o morto, a antropóloga sugere que os enterramentos congregam duas realidades que se tornam uma mesma, não são apenas corpos e objetos, “mas corpos/objetos simbólicos que são depositados ou queimados nos rituais funerários”. Para ela, “somente colocando lado a lado a cosmologia e a escatologia do grupo é que se pode desvendar o sentido que esses objetos carregam consigo” (Ribeiro, 2002, p. 49).

Para L. Thomas as relações dos homens e dos objetos confrontados com o morrer podem ser apreendidas de diferentes maneiras, sendo que, entre os vivos, a perda de um ser querido muda frequentemente a significação primária dos objetos (Thomas, 1983, p. 195).

Um dos aspectos mais fundamentais da morte é a sua materialidade, não como um sinônimo ou variação do conceito de cultura material (objetos manipulados ou fabricados por humanos), mas como um termo que abarca uma maior variedade de coisas e substâncias (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 3-4).

Para realizar um estudo sobre a materialidade da morte em termos arqueológicos, Fredrik Fahlander e Terje Oestigaard sugerem que devem ser elaboradas algumas questões, dentre elas, as seguintes: 1) a materialidade do corpo – o cadáver em decomposição; 2) a materialidade da prática – os rituais; 3) a materialidade dos enterros – pertences pessoais e oferendas funerárias (*grave-gifts*); 4) a materialidade da memória – o monumento; 5) a materialidade da mudança social – hierarquias e herança; 6) a materialidade da idade, sexo e gênero; e 7) a materialidade da eternidade – antepassados e o Outro Mundo (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 4). Nesse sentido, os autores apontam para a complexidade das análises de enterramentos em arqueologia.

Para C. Lévi-Strauss, na relação entre vivos e mortos, “não se pode evitar que haja *uma comunicação de um para o outro*” (Lévi-Strauss, 1996, p. 218, grifo do autor), e essa comunicação pode acontecer de distintas maneiras. De acordo com o autor, certas sociedades deixam seus mortos descansar, pois em seu entendimento, se descansarem, mediante homenagens periódicas, os mortos não irão incomodar os vivos. Nesses casos, os mortos podem voltar para vê-los, no entanto será apenas em certos momentos e em ocasiões previstas. Essa visita, continua Lévi-Strauss, será benéfica,

Pois os mortos irão garantir, com sua proteção, o retorno regular das estações do ano, a fecundidade das hortas e das mulheres. Tudo acontece como se houvesse sido firmado um contrato entre os mortos e os vivos: em troca do culto sensato que lhes é devotado, os mortos ficarão em seu lugar, e os encontros temporários entre os dois grupos serão sempre dominados pela preocupação com os interesses dos vivos (Lévi-Strauss, 1996, p. 218).

Já entre sociedades em que o descanso é recusado ao morto, os vivos permanecem recorrentemente mobilizando os mortos de diversas formas. Essa mobilização pode ocorrer literalmente ou simbolicamente. No primeiro caso, por exemplo, pode acontecer através do canibalismo e da necrofagia que tem por intuito a auto-incorporação das virtudes e dos poderes do defunto. Em termos simbólicos, nas sociedades empenhadas em rivalidades de prestígio pode-se convocar “os mortos em seu auxílio, procurando justificar suas prerrogativas com evocações aos ancestrais e trapaças genealógicas” (Lévi-Strauss, 1996, p. 218, grifo do autor).

A questão colocada por Lévi-Strauss é que a representação que uma sociedade cria para a relação entre os vivos e os mortos “reduz-se a um esforço para esconder, embelezar, ou justificar, no plano do pensamento religioso, as relações reais que prevalecem entre os vivos” (Lévi-Strauss, 1996, p. 230), ou seja, os mortos falam – antes de falar sobre eles mesmos – sobre os vivos.

Se, de fato, “as práticas funerárias variam segundo os grupos” (Lévi-Strauss, 1996, p. 217), variadas também são as formas de entender e lidar com a morte e com os mortos. As variadas práticas e ações se estabelecem desde a preparação do corpo do morto no momento da morte e posteriormente (assim como dos corpos dos enlutados), até seu destino final. Esse destino pode ser pensado *materialmente* – o local da sepultura, a posição do corpo, os objetos associados – e *espiritualmente* – sua trajetória de saída do mundo dos vivos, sua acomodação na nova morada, sua permanência entre os vivos, seu enfrentamento de provas ou sua chegada ao mundo dos mortos.

Há distintas e incontáveis concepções de morte e do morrer entre os povos ameríndios, por exemplo. Inúmeros destinos e sentidos são dados aos mortos, e variadas ações são realizadas a fim de lidar tanto com os corpos quanto com os espíritos dos falecidos. A cremação do corpo, assim como dos pertences do morto, é praticada entre alguns grupos. Há grupos que enterram seus mortos em urnas cerâmicas, enquanto em outros o enterramento se dá em covas, em cavernas ou em outros locais específicos na paisagem. Os enterramentos podem ser simples, duplos ou coletivos, em que vários indivíduos são inumados juntos. Os enterramentos também po-

dem ser primários (uma única inumação) ou secundários (envolve um segundo sepultamento de um mesmo indivíduo). Os enterros secundários estão presentes em certos contextos funerários ameríndios, em que, após certo período decorrido da morte do indivíduo, um tratamento é dado aos restos mortais do falecido, especialmente os ossos. É interessante notar a questão das segundas exéquias e o cuidado com os ossos do morto nesses casos “tendo em vista que os ossos são os elementos chorados, trabalhados, elaborados, ritualizados” (Ribeiro, 2002, p. 129).

Outras maneiras ameríndias de lidar com a morte são as distintas cerimônias que ocorrem tanto na época da morte do falecido quanto em períodos posteriores, sendo, muitas vezes, atos cerimoniais elaborados que envolvem toda a aldeia. Dois desses exemplos são os rituais ameríndios conhecidos na etnologia como o ritual xinguano do Kuarup e o ritual funerário Bororo. Trata-se de cerimônias funerárias complexas que, com temporalidades específicas, envolvem cantos, danças, lutas, tratamento dos corpos e outras práticas. Essas celebrações evidenciam a complexidade dos temas e ritualizações acerca da morte e dos envolvidos com ela, tanto vivos quanto mortos, entre grupos ameríndios.

Dentre algumas das concepções mortuárias entre grupos ameríndios, segundo Liliane Ribeiro (2002), a morte pode ser entendida como uma circunstância que leva a pessoa a uma nova morada, em muitos casos, onde há imortalidade (Araweté, Guajá, Waiãpi, Tenetehara, Javaé). A morte, ainda, pode ser temida e não desejada, sendo a vida após a morte uma existência de trevas (Kayapó). Entre os Urubu-Kaapor, nos aponta Darcy Ribeiro, a morte é um inimigo perigoso e traidor (Ribeiro, 1996, p. 121). A morte de uma pessoa na aldeia, em muitos casos, afeta a todos que nela habitam.

Entre alguns grupos ameríndios, os mortos podem ser presentificados através de seus ossos ou de seu espírito. Os mortos podem ser *outros* ao mesmo tempo em que podem interagir e fazer parte da sociedade, pois ajudam a manter a ordem social. E os mortos também podem ser outros, sendo considerados inimigos. Para os Parakanã, os mortos são os únicos inimigos indomesticáveis. Alguns mortos, entre os Guajá e Araweté, precisam ser canibalizados pelos deuses para serem incorporados na aldeia dos mortos (Ribeiro, 2002). Entre os Kuikuro, os mortos têm destinos diferentes dependendo do tipo de sua morte³⁹.

Da mesma forma que o corpo do falecido precisa de certos tratamentos, também necessitam os corpos dos familiares do morto. Algumas

39 Site Povos Indígenas no Brasil, “Kuikuro”, por Bruna Franchetto. Fonte: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/kuikuro/717>

das práticas dos enlutados envolvem corte de cabelo, o choro, as rezas, consumo de substâncias, afastamento do corpo do morto ou, ao contrário, proximidade física com ele. Evitar ir ao mato por um período de tempo pode ser outra prática dos enlutados, assim como a queima ou abandono da habitação onde o falecido morava e mudança de local no espaço da aldeia. O luto, também de tempo variável, pode envolver não apenas os parentes próximos do morto, como toda a aldeia.

A partir de sua pesquisa, L. Ribeiro pôde identificar que entre os grupos Tupi, em geral, há uma continuidade entre vivos e mortos manifestada no “próprio modo com que o morto volta a fazer parte da sociedade: ‘feito’ *espírito*, cultuado na memória, gerando sistemas de nomeação e noção de pessoa” (Ribeiro, 2002, p. 128, grifo da autora). Assim como, entre os Tupi, os corpos dos mortos são enfeitados para “chegarem no além com seus adornos, (...) também é possível que o morto seja deixado no local onde morreu ou mesmo carregado rapidamente para o local onde será depositado” (Ribeiro, 2002, p. 126).

Já em relação aos grupos Jê, a antropóloga evidenciou uma ruptura estabelecida entre os vivos e os mortos, identificando que seriam parte de dois mundos que se conectam no limiar dos rituais, especialmente os funerários. Para a autora, a prática de elaboração de sistemas complexos de segundas exéquias identificada entre os Jê, no entanto, torna “presente o outro aspecto que salientaria uma específica *continuidade*: os *ossos limpos* e elaborados (Ribeiro, 2002, pp. 128-129, grifos da autora).

Nota-se que, mesmo trazendo poucos exemplos entre grupos ameríndios, as concepções de morte e o modo de tratar e entender os mortos são diversos. A partir dessas concepções percebe-se o vasto campo dos estudos sobre a morte entre grupos indígenas e suas possíveis correlações com grupos pretéritos.

2.4.2 Os objetos como emergência de relações

Para pensarmos sobre objetos junto a corpos precisamos refletir sobre os objetos em contexto relacional com os ambientes em que estão inseridos e as pessoas que os significaram e os produziram.

Trago ao texto algumas reflexões de J. Gonçalves (2007), que trata da antropologia dos objetos e considera que: seja no contexto de seus usos cotidianos,

seja em seus usos rituais, seja quando reclassificados como itens de coleções, peças de acervos museológicos ou patrimônios culturais, os objetos ma-

teriais existem sempre, necessariamente, como partes integrantes de sistemas classificatórios. Esta condição lhes assegura o poder não só de tornar visíveis e estabilizar determinadas categorias socio-culturais, demarcando fronteiras entre estas, como também o poder, não menos importante, de constituir sensivelmente formas específicas de subjetividade individual e coletiva (Gonçalves, 2007, p. 8).

Para Sofaer, os objetos, assim como as pessoas, possuem histórias, biografias e uma vida social. Os objetos podem, ainda, agir como metáforas para o *self*, dando suporte para as pessoas na ausência de um corpo (Sofaer, 2006, p. 63). Na perspectiva da autora, os objetos são fundamentais para as práticas sociais e, na mesma medida, as tradições sociais estão intimamente ligadas aos objetos. Sem objetos e ações a eles associadas, as relações sociais têm pouca realidade substantiva, pois não há nada através do qual essas relações possam ser mediadas (Sofaer, 2006, p. 79).

Enquanto ser no mundo, o homem produz e faz uso de utensílios e outros objetos para se relacionar com o ambiente e vivenciá-lo, experimentá-lo e constituí-lo. Os objetos, utensílios, artefatos, instrumentos, as coisas, as ferramentas, assim como os gestos e as técnicas que a eles estão vinculados, são indicativos de modos específicos de relação com o ambiente. A produção, o uso e o descarte de artefatos, da mesma maneira que os gestos técnicos e as práticas empreendidas por um grupo humano, podem nos dizer muito sobre seu modo de vida e sua relação com o ambiente.

Os ambientes, constituídos de matérias tanto visíveis quanto invisíveis são repletos de não-humanos: os animais, as plantas, os espíritos, a terra, o céu, o ar, o vento, a chuva. Passíveis a percepções e sensações de distintas categorias, algumas dessas matérias podem vir a ser apreendidas e trabalhadas pela ação humana, se tornando artefatos. Essa transformação da matéria na concepção de artefatos pode ser entendida como a expressão material de sistemas de pensamento.

Os objetos ocupam um lugar de centralidade nas interações humanas: são, por assim dizer, produto da cultura e ao mesmo tempo constituintes dela. É a partir dos objetos e com eles que determinadas interações humanas podem acontecer. Se considerados como síntese e expressão de sistemas de pensamento, os objetos tem valor fundamental para pensarmos os grupos humanos. Como constituintes da cultura, os objetos são elementos constituintes da pessoa.

De acordo com Fahlander & Oestigaard, os objetos materiais e outras matérias – fluidas ou sólidas – tem um potencial de serem ativos, no sentido de estimular, incitar ou determinar a ação social. Para os autores, po-

deríamos definir o conceito de materialidades “como aqueles objetos materiais e as coisas que estão envolvidos no desenvolvimento social e o influenciam” (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 4). Materialidades pode envolver uma grande variedade de coisas, de artefatos, a paisagem, disposição de lugares e dos assentamentos, as árvores e a vegetação, os animais, os corpos e até outros materiais menos evidentes, como chuva, o gelo e a neve (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 4). Coisas e matéria, nesse sentido, podem ter um efeito quase determinante sobre as pessoas: uma pessoa pode, consciente ou inconscientemente, ter certas características restringidas ou desencadeadas por objetos. Os objetos podem ser produzidos ou apropriados com intenções específicas e ainda, a influenciar ações de uma forma imprevisível. Na visão dos autores, alguns objetos são, na verdade, indispensáveis para uma forma típica da vida social (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 4).

Ainda em consonância com a perspectiva de análise que versa sobre os grupos ameríndios e suas relações com o mundo, podemos entender os artefatos enquanto parte de uma sociocosmologia. Mediadores entre mundos, ambientes e matérias, os artefatos podem ser entendidos, nessa perspectiva, enquanto corpos. Para Els Lagrou podemos afirmar que, entre os ameríndios, artefatos são como corpos e corpos são como artefatos (Lagrou, 2009, p. 39). Essa afirmação foi possível na medida em que a etnologia começou a dar mais atenção ao mundo artefatural que acompanha a fabricação do corpo ameríndio: ao se voltar para os artefatos, a própria noção de corpo pôde ser redefinida. Para a autora, um dos aspectos principais da concepção ameríndia sobre a corporalidade, diz respeito ao modo como o corpo é concebido: ele é fabricado pelos pais e pela comunidade, não sendo percebido como uma entidade biológica que cresce automaticamente a partir de uma forma predefinida pela herança genética (Lagrou, 2009, p. 39).

Essa semelhança entre corpos e artefatos pode ser percebida em diversos grupos ameríndios. Entre os Wayana, por exemplo, os humanos são fabricados através das mesmas técnicas que os artefatos (Lagrou, 2009, p. 39). Essa concepção de artefatos denota as especificidades ameríndias no que diz respeito aos corpos e suas relações. Lagrou continua expondo que, assim como os Wayana, os Kaxinawa se interessam muito pela maneira pela qual as coisas foram produzidas, por quem é seu dono e, também, por exemplo, sobre quem plantou certas árvores que produzem determinadas sementes. Para esses grupos indígenas, “todas as substâncias que entram, saem ou se encontram na proximidade do corpo parecem ser imbuídas de agência, além de possuírem ‘donos’, como em muitas cosmologias ameríndias” (Lagrou, 2009, p. 44).

Essa questão da agência dos artefatos é outro ponto recorrente nos estudos etnológicos recentes sobre os ameríndios. As agências são fun-

damentais na fabricação dos corpos ameríndios. Nesse sentido uma ênfase é dada ao caráter ativo da cultura material (Saladino, 2016, p. 15), pois se considera que os artefatos possuem capacidades agentivas, ou seja, são agentes capazes de transformar corpos e ambientes.

A noção de que os artefatos são agentes formadores e transformadores de corpos e de ambientes está vinculada ao entendimento de que vários seres no cosmos são possuidores dessa capacidade, já que podem ocupar a posição de sujeito. No pensamento ameríndio os animais, as plantas, os espíritos e outros não-humanos – incluindo os artefatos – podem ocupar a posição de sujeito (Viveiros de Castro, 2002, p. 37). Integrantes de um cosmos repleto de sujeitos, capazes de serem agentes transformadores, os ameríndios vivem em mundo tomado por agências que, por esse motivo, é também potencialmente perigoso. Por isso é preciso, através de conquistas ou negociações, pacificar, domesticar e familiarizar certos elementos. Já que, na práxis ameríndia, “coisas e pessoas podem ser transformadas, domesticadas, pacificadas e incorporadas” (Lagrou, 2009, p. 56). A incorporação de substâncias e suas qualidades agentivas específicas desses *Outros* aponta para o modelo ameríndio da predação em que o *Eu* se constitui a partir de capacidades agentivas conquistadas sobre as forças exteriores a ele (Lagrou, 2009, p. 53).

Se, na perspectiva ameríndia, todas as substâncias que entram, saem ou estão em proximidade com o corpo podem ser imbuídas de agência, como sugere Lagrou, esse aspecto deve ser considerado não apenas em um estudo sobre o corpo, mas também sobre artefatos e todo o fazer artístico ameríndio. De acordo com a autora, a importância da sobreposição de discursos relacionados à produção de artefatos e à produção de corpos explica muito da peculiaridade artístico-artefatual ameríndia e não pode ser subestimada. Para Lagrou, do mesmo modo que a pintura corporal e a roupa, “a decoração do corpo com miçangas, dentes e sementes aponta para o mesmo entrelaçamento de artefato e corpo, da fabricação interior de um corpo vivo e pensante e sua decoração exterior” (Lagrou, 2009, p. 53).

Essa lógica de troca de componentes e substâncias é válida, portanto, para o contexto que relaciona pessoas e objetos, pois está vinculada a esse constante jogo sociocosmológico do fazer e ser feito, do fabricar e ser fabricado, do transformar e ser transformado.

Outra maneira de entender os objetos e suas relações com as pessoas está em Berta Ribeiro. Pensando em termos de linguagem simbólica da cultura material, a autora explicita que as manifestações estéticas indígenas podem ser estudadas como “*sistemas de representação*, que procuram explicar como a sociedade pensa a si própria e o mundo que a rodeia” (Ribeiro, 1987, p. 23, grifo da autora). A autora enfatiza que a cultura ma-

terial, em suas manifestações simbólicas, ajuda a discernir as representações coletivas, pois os artefatos são símbolos visíveis de identidade étnica, identidade esta que a autora considera ser a junção de fatores que unem uma comunidade para contrastá-la com outra (Ribeiro, 1987, p. 25). Para ela, o *ethos* de um grupo se exprime através, dentre outras manifestações simbólicas, da arte (Ribeiro, 1987, p. 26): podemos, nesse sentido, considerar “arte” também como a produção de artefatos.

Em seu *Dicionário do Artesanato Indígena*, Berta Ribeiro estudou diversos tipos de artefatos produzidos por distintos grupos indígenas e os organizou por meio de uma classificação. Sobre os amuletos de uso pessoal, a descrição realizada por ela foi a seguinte:

Os adornos – principalmente infantis – incluídos neste grupo, de uso diário ou festivo, são qualificados como “remédios” ou “encantamentos” destinados a prevenir doenças ou feitiços que comprometam a saúde dos adultos ou o crescimento dos imaturos (Ribeiro, 1988, p. 286)

É interessante pensar nessa possibilidade de entendimento dos adornos, visto que, nesse caso, eles possuem esse poder – essa agência – que permite a estes artefatos essa capacidade de atuarem no corpo enquanto remédios ou encantamentos. Podemos notar, nesse sentido, que talvez uma incorporação de substâncias, de potências e agências esteja sendo efetuada durante o uso desse artefato.

Essa questão do uso de determinados artefatos e incorporação de substâncias e agências pode ser identificada em uma infinidade de contextos ameríndios. Um exemplo desse uso pode ser demonstrado a partir de Lagrou: muitos povos indígenas consideram os dentes a sede da força vital, sendo essa a razão pela qual dentes serem frequentemente utilizados como ornamento. Os Yagua, que possuem um mito sobre a primeira humanidade ser frágil por não possuir dentes, utilizavam os dentes de inimigos mortos na guerra ao redor do pescoço, enquanto os “Kaxinawa costumavam se adornar com adereços ricamente decorados com dentes de macaco” (Lagrou, 2009, p. 51).

No universo indígena brasileiro, a fabricação de artefatos, grafismos e pinturas está fortemente vinculada à fabricação de corpos e pessoas. Seria possível discorrer sobre vários aspectos dessa problemática, no entanto me limito a trazer essas considerações, assim como algumas reflexões de Lagrou, a respeito do estatuto do objeto para além da função para a qual foi confeccionado ou do destino do seu dono. A autora nos recorda que, assim como as pessoas, os objetos têm seu tempo certo de vida, vari-

ável segundo o grupo que o produziu e de acordo com o tipo de objeto em questão. Dessa maneira, é preciso considerar que enquanto existem artefatos que possuem curta duração de vida, que não sobrevivem ao seu uso durante o ritual, outros são “usados pelo dono até morrer para serem destruídos depois ou enterrados com o dono” (Lagrou, 2009, p. 102).

Nesse sentido, pode-se perceber que os objetos sepultados junto aos mortos tem um lugar importante para pensarmos várias questões – ontológicas, escatológicas e cosmológicas – a respeito de grupos ameríndios. Infelizmente não podemos acessar essas informações sobre os grupos pré-teritos que estudamos em seu registro arqueológico. A etnologia ameríndia, no entanto, nos proporciona um arcabouço interessante para pensar as possíveis respostas humanas ao fenômeno da morte e a tudo que envolve o morrer. Tendo em vista os aspectos já problematizados a respeito do cuidado em utilizar analogias etnográficas em contextos arqueológicos, considero interessante olhar para os grupos ameríndios e pensar nas inúmeras possibilidades de entendimento da morte e as maneiras de se lidar com ela e com aquilo que dela decorre.

Para continuar essa reflexão acerca dos artefatos, podemos pensar a respeito dos objetos do morto: assim como variam as concepções de morte e do morrer, também há variações relativas ao destino destes objetos. Entre alguns grupos indígenas, por exemplo, os objetos pessoais são colocados junto ao morto, pois o falecido sente ciúmes de suas coisas. Entre os Tupinambá, os objetos e armas colocados junto ao morto tinham por função ajudar o morto a se defender durante a difícil travessia. Já entre os Guajá, os bens do morto como painéis, roupas, armas, podem ser apropriados por alguém sem que isso comprometa o morto ou a vida do grupo (Ribeiro, 2002).

Entre outros grupos, no entanto, os objetos do morto precisam ser destruídos, geralmente queimados (Kayapó). A destruição de todos os pertences do morto pode ter vários sentidos. Já nos grupos em que os objetos são enterrados com os mortos, entende-se que isso deve ser feito para que o falecido desfrute desses objetos na aldeia dos mortos. Outro sentido de enterrar objetos junto ao morto seria para fazer com que o morto não tenha mais motivos para querer estar por perto dos vivos (Ribeiro, 2002).

Entre os Yaminawa, por exemplo, há diferenciações no tratamento dados aos adultos e às crianças na preparação do corpo e em relação a seus acompanhamentos. Um adulto, ao contrário de uma criança, é preparado com grande requinte, sendo que seu ritual funerário envolve pinturas corporais e corte do cabelo do morto. Já seu enterramento é realizado na casa onde o próprio falecido morava e, junto a ele, são colocados seus pertences (Ribeiro, 2002, p. 45).

De acordo com o entendimento de Liliâne Ribeiro, o ato de colocar

na sepultura os pertences do morto (como armas, instrumentos de trabalho, troféus) se refere ao fato de que serão necessários durante sua travessia para o além ou então porque em alguns grupos o falecido tem ciúmes de suas coisas. A autora considera que depositar tais objetos junto ao morto “parece ter uma só finalidade: fazer com que o morto se insira logo na aldeia ou morada dos mortos e de lá não pense em voltar para desordenar a vida dos vivos” (Ribeiro, 2002, p. 101).

2.4.3 O corpo e o ambiente: uma perspectiva de relações

Passíveis de distintas perspectivas de investigação, os corpos humanos em contextos arqueológicos são de grande valia para os estudos sobre a vida – e a morte – dos grupos pretéritos. Imbuídos de fisicalidade, mesmo muitas vezes apenas esquelética, os corpos humanos arqueológicos atraem o interesse e nos instigam, por reconhecermos, instintivamente, seus corpos como reconhecemos os nossos. Esse reconhecimento se dá, pois eles são essencialmente *nós* (Sofaer, 2006, p. 1).

O corpo humano é uma construção social, contextualmente e historicamente produzido. Os corpos expressam as histórias e as vidas das pessoas. Durante suas trajetórias os corpos são, literalmente, criados pelas práticas sociais⁴⁰ (Sofaer, 2006). O corpo pode, nesse sentido, ser considerado uma importante *materialidade* que tem um grande *efeito* sobre o resultado da prática social (Fahlander & Oestigaard, 2008, p. 4, grifos meus).

Para tratar desse tema, trago algumas reflexões da osteoarqueóloga Joanna Sofaer apresentadas no livro *The Body as Material Culture* (2006). Nele a autora argumenta que o corpo humano pode ser considerado como uma forma de cultura material e traz considerações e argumentos para provocar nos arqueólogos algum pensamento sobre como eles falam sobre o corpo e também sobre como fazem arqueologia.

Segundo Sofaer, não há nada mais real e concreto do que restos humanos formando uma parte integrante do registro arqueológico que nos lembram de forma muito realista sobre nossa própria mortalidade (Sofaer, 2006, p. 2). O corpo, portanto, tem um estatuto único na prática arqueológica (Sofaer, 2006, p. 12).

Sofaer aponta que enquanto os arqueólogos estão familiarizados com a ideia de que os objetos são criados por corpos, eles talvez estejam menos rotineiramente conscientes de que o próprio corpo é criado em re-

40 Os parágrafos que fazem referência ao livro de Joanna Sofaer (2006) foram, em parte, livremente traduzidos por mim do original em inglês.

lação a um mundo material que inclui objetos, bem como outras pessoas. Esse argumento da autora é importante para este trabalho, pois trata da questão dos artefatos e suas relações com as pessoas, com seus corpos, reconhecendo que são, os objetos, também parte de sua constituição. A centralidade da questão é dissolver a dicotomia entre pessoas e artefatos, é identificar que o corpo é cultura material (Sofaer, 2006, p. 86). Nesse sentido, o esqueleto é um lugar de articulação entre o material e o social (Sofaer, 2006, p. 87).

A transformação dos corpos ao longo da vida, assim como entre os artefatos, envolve fabricação e destruição e, pode-se argumentar que o que está marcado na carne, esculpido no corpo, é uma imagem da sociedade (Sofaer, 2006, p. 87). Sendo o corpo o terreno da ação humana, os corpos são, assim como os objetos, ao mesmo tempo materiais e sociais (Sofaer, 2006, p. 85).

A autora argumenta, ainda, que o corpo é um sistema de desenvolvimento dinâmico e, como tal, não é uma entidade imutável. O corpo existe dentro de um ambiente com o qual tem uma relação recursiva. Isso significa que o corpo “não pode existir em algum tipo de estado natural prístino, pois ambos afetam e são afetados por seu ambiente”, e ao mesmo tempo que o ambiente empresta potenciais ao corpo, ele também lhe coloca limites” (Sofaer, 2006, p. 26).

De acordo com Joanna Sofaer, o corpo esquelético é fundamentalmente material e possui suas próprias qualidades materiais. Essas qualidades estão relacionadas aos processos biológicos que formam e renovam a matéria da qual ele é feito. Ao longo do curso da vida, o esqueleto humano pode também ser modificado através da ação humana (intencional ou não intencional). A materialidade de corpos específicos emerge de qualidades materiais que permitem ou restringem o seu desenvolvimento. Nesses termos, a materialidade do corpo forma um eixo comum entre o corpo e os objetos, que também são modificados pela ação humana, colocando o corpo dentro da esfera de investigação arqueológica.

A partir das reflexões de Sofaer, em termos arqueológicos os corpos nos instigam, pois eles prometem janelas para o passado que outros achados arqueológicos não podem proporcionar. Corpos em contexto arqueológico são, literalmente, o passado personificado: eles nos permitem ficar frente a frente com a história, já que são restos mortais das pessoas que criaram e viveram no passado. Para a autora, é a fisicalidade do corpo, acima de tudo, que atrai nosso interesse (Sofaer, 2006, p. 1).

Os corpos podem ser percebidos como um local de experiência, através do qual as pessoas sentem e compreendem o mundo. Essa questão leva os arqueólogos, então, a entender o corpo como um meio de acessar

essa experiência corporal (Sofaer, 2006, p. 21).

O estudo arqueológico do corpo se estabelece entre duas tradições aparentemente conflitantes, e continuamente em desenvolvimento, dentro da disciplina. Por um lado, encontram-se as abordagens osteológicas, baseadas na ciência para o estudo do corpo humano, fundamentadas numa tradição empírica, com suas análises a respeito de sexo, idade, dieta, paleopatologia, distância genética e estudos métricos de variação normal. Por outro lado, encontram-se abordagens acadêmicas sobre o corpo derivadas da teoria social, principalmente nas áreas de sociologia e antropologia, que cada vez mais veem o corpo como uma construção social (Sofaer, 2006, pp. 1-2).

Em contextos mortuários, os arqueólogos não têm muitas das características mais marcantes dos corpos que reconhecemos cotidianamente: pele, sangue e carne. Os corpos arqueológicos são desprovidos dessas características externas, como seios ou genitália, que muitas vezes foram identificados como vitais para o reconhecimento da corporeidade e que formam as características-chave de teorizações sobre o corpo envolvidas em outras disciplinas (Sofaer, 2006, p. 47).

A respeito de corpos e objetos em uma sepultura, Sofaer tece algumas considerações. Para ela, o corpo de uma pessoa, numa sepultura, está em contato íntimo com os artefatos, sendo que a sepultura constrói e restringe, forçando a pessoa e os objetos a estarem em associação (Sofaer, 2006, p. 50). Envolvendo o corpo e, como criação humana, a sepultura é em si mesma uma forma de cultura material. Neste contexto, a autora sugere que é, novamente, preciso realizar um questionamento sobre onde se encontra a fronteira entre a pessoa e a cultura material.

Na investigação de um local de enterramento em que objetos estão associados aos mortos, o arqueólogo precisa manter a relação entre o corpo e os objetos através do estudo do esqueleto, bem como através da referência à interpretação de elementos simbólicos da cultura material, que estão ligados à percepção dos corpos vivos (Sofaer, 2006, p. 50).

Na perspectiva de J. Sofaer, a relação entre o corpo e o mundo pode potencialmente assumir muitas formas e criar uma variedade de associações. O corpo torna-se assim, para a autora, um recurso interpretativo que é tanto mais poderoso quanto se estende fora de si (Sofaer, 2006, p. 51). De acordo com Sofaer, em arqueologia, essa extensão do corpo pode ser identificada não apenas em termos da esfera simbólica do corpo esquelético através da associação de objetos específicos com indivíduos ou categorias particulares de pessoas, mas também através da interpretação dos próprios restos esqueléticos. A autora considera que, como os ossos humanos são potencialmente afetados pelo ambiente e pelos comportamentos dos vivos, eles repre-

sentam a extensão para o mundo do sujeito vivo (Sofaer, 2006, p. 51).

Nesse sentido, o corpo pode ser entendido como uma entidade fluida: aquilo que é comumente considerado como o “interior” do corpo tem o potencial de se tornar um local de inscrição, assim como o “exterior” do mesmo corpo. Ao ser entendido dessa forma, na perspectiva de Sofaer, a diferença ontológica entre o interior e o exterior do corpo humano, torna-se, dessa maneira, menos aparente e a dicotomia entre eles é desestabilizada. Assim como a dicotomia entre corpos vivos e mortos, o interior e o exterior do corpo são aspectos inseparáveis da mesma entidade (Sofaer, 2006, p. 51).

A análise sobre o corpo é presente também em vários estudos antropológicos, especialmente os de cunho etnológico. Essas perspectivas sugerem que o entendimento do corpo é fundamental no entendimento dos modos de ser e estar no mundo, assim como das dinâmicas sociais dos grupos. Indicam que é através do corpo que as pessoas se materializam, se identificam, se constroem. E que, por exemplo, posturas, modos de vestir, escolhas alimentares, práticas sexuais, uso de adornos e decorações fazem parte da pessoa e ao mesmo tempo a constituem. Podemos pensar, nessa perspectiva, no estudo clássico sobre as técnicas corporais de Marcel Mauss, para quem o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem (Mauss, 2003). A partir dessas noções sobre o entendimento do corpo é possível pensar que é a através do corpo, com o corpo, pelo corpo que os grupos humanos estabelecem relações entre si e se constituem enquanto grupos específicos.

CAPÍTULO 3. O SÍTIO ARQUEOLÓGICO PRAIA DAS LARANJEIRAS II: UMA HISTÓRIA NA OCUPAÇÃO DO LITORAL CATARINENSE

Para caracterizar o sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II⁴¹ utilizo duas publicações. Uma delas data de 1984 e é de autoria do próprio Pe. Rohr, “O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário de Camboriú”, dos *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*. Nela, Rohr apresenta o sítio e suas datações, descreve os procedimentos das escavações, e o material arqueológico evidenciado. Além disso, traz os resultados das análises por ele realizadas a partir das escavações em Laranjeiras.

A outra publicação que utilizo para realizar a caracterização do sítio é “Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J.: O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da Tradição Ceramista Itararé”, em Pesquisas, de 1993, editada pelo Instituto Anchieta de Pesquisas. Esta publicação foi o resultado de um estudo realizado por especialistas acerca das escavações do Pe. Rohr. O arqueólogo Pedro Ignácio Schmitz, entendendo que a publicação de Rohr não foi suficiente para contemplar o estudo do sítio, realiza esta publicação e amplia, então, o trabalho do colega jesuíta, já falecido à época.

Durante muitos dos próximos parágrafos deste capítulo utilizarei a publicação do IAP de 1993 como referência para caracterizar o sítio, por se tratar de um trabalho bem estruturado para tal. Digo isso agora, pois não colocarei em todos os momentos as citações a esta publicação, a fim de não sobrecarregar o texto. Quando o trabalho de Rohr for utilizado, então será especificamente referido. Em alguns momentos também faço referências aos diários de campo da escavação, que serão devidamente citados.

É importante ressaltar que a publicação de Schmitz e colaboradores (1993) está vinculada a um tipo de arqueologia que interpreta a relação do *homem-com-o-meio ambiente* de uma maneira mais “clássica”, que percebe a *natureza* e seus *recursos* como um dado sobre o qual a *cultura* daquela população, de maneira adaptativa, se formata. Partes desta publicação e subtítulos como, por exemplo, “Ambiente e recursos naturais” evidenciam esse tipo de abordagem.

Na mesma Praia das Laranjeiras havia outro sítio arqueológico, também escavado pelo Pe. Rohr e considerado como sambaqui. Trata-se

41 No Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos do IPHAN o sítio Laranjeiras II, registrado em 1975 pelo Pe. Rohr, é identificado como Balneário Camboriú 01 (BCU 001), sob número de cadastro SC 00169. Fonte: site do IPHAN

do Laranjeiras I, localizado na outra extremidade da praia, cujos vestígios sugerem se tratar de uma população distinta do grupo que ocupou LJII, e ainda mais antiga (a datação é de 3.815 ± 145 anos A.P.). Composto predominantemente por moluscos, especialmente *Ostrea sp.*, o sítio tem apenas 100 cm de espessura. João Alfredo Rohr escavou, em 1979, cerca de 260 m² do sítio. As indústrias lítica e óssea são semelhantes aos outros sítios litorâneos pré-cerâmicos. Nele, 52 sepultamentos foram evidenciados, e correspondem a indivíduos de diversas faixas etárias de ambos os sexos, sendo primários e estendidos (Schmitz e Bitencourt, 1996, p. 11).



Figura 14 – Mapa da localização da Praia das Laranjeiras (sinalizada pela seta) no litoral catarinense. Acima à esquerda está parte do núcleo urbano de Balneário Camboriú. Fonte: Google Maps

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PRAIA DAS LARANJEIRAS II

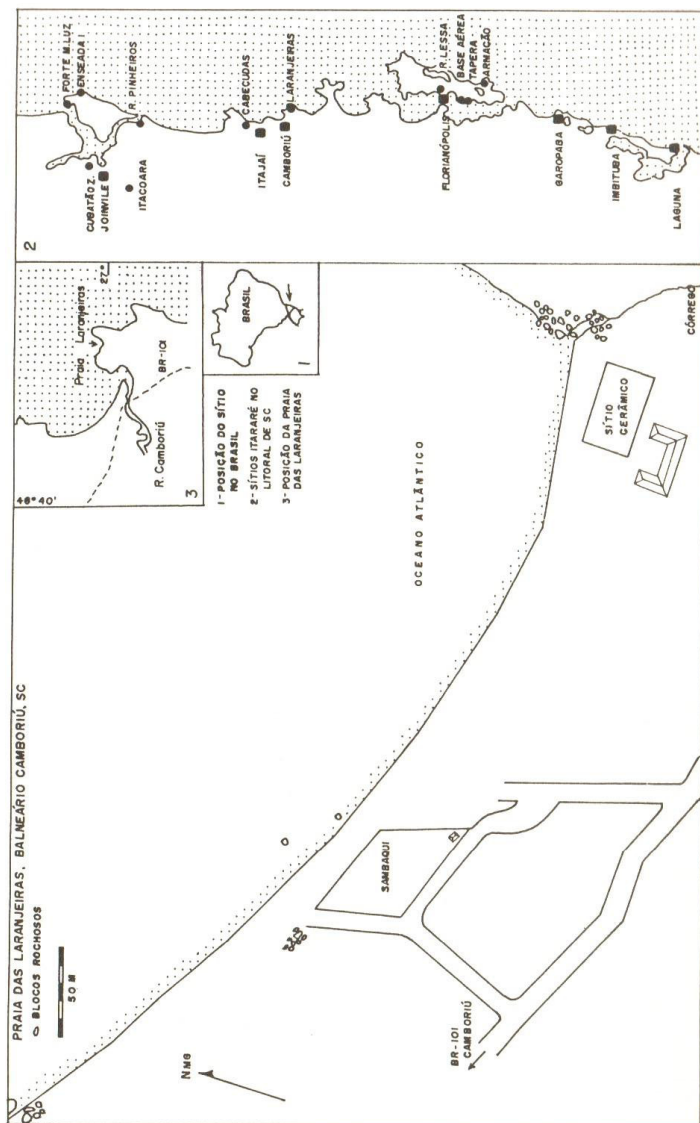


Figura 15 – Planta da Praia das Laranjeiras. Localização dos sítios Laranjeiras I (à esquerda) e Laranjeiras II (à direita). No quadro 2: localização dos sítios de “tradição Itararé” no litoral de Santa Catarina. Fonte: Schmitz *et al.*, 1993, p. 33.



Figura 16 – Sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II, 1978. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense.

A maneira como caracterizo o sítio está, de certa forma, em consonância com a caracterização tanto de Schmitz quanto de Rohr, pois são as únicas referências disponíveis para tal. Considero importante trazer esta caracterização do sítio e descrever uma parcela deste “ambiente”, pois os sepultamentos e materiais arqueológicos estudados são dali originários.

A caracterização a seguir, a princípio, pode parecer um pouco “descontextualizada” para tratar do foco da pesquisa. No entanto, falar de clima, fauna e vegetação (mesmo que não sejam estáveis ao longo do tempo) não devem ser temas estranhos a estudos antropológicos, já que as pessoas se constituem nos ambientes ao mesmo tempo em que são constituídas por eles. Estou de alguma forma, através dessas descrições a seguir, falando de lugares, de espaços e paisagens que integram, formam e transformam o *ser* e o *estar* no mundo desse grupo, ao mesmo tempo em que são por ele formados e transformados.

O sítio arqueológico Praia das Laranjeiras II localiza-se no litoral catarinense, na baía das Laranjeiras, no município de Balneário Camboriú. O município encontra-se entre 26°58' e 27°04' de latitude sul e 48°54' e 48°16' de longitude oeste. Localizado a 80 quilômetros ao norte de Florianópolis e a 6 quilômetros ao sul da foz do rio Itajaí, o município possui

praias e baías, “cercadas por morros do sistema da Serra do Mar, de formação cristalina e separadas umas das outras pelo avanço destes morros mar adentro, constituindo pontões e ilhas” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 27). A praia das Laranjeiras é abastecida de água doce por três córregos, que drenam os morros, e possui 1.100 metros de extensão, sendo demarcada ao norte pelo morro-pontão das Laranjeiras e, ao sul, pela ponta das Taquaras.

O sítio encontra-se na extremidade leste da praia e presume-se que se estenda a cerca de 50 metros ao longo da praia e aproximadamente a 30 metros para o fundo, sendo sua camada arqueológica menor que 100 cm. É considerado um “típico sítio Itararé litorâneo” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 17). No entanto, é preciso apontar que, tal classificação foi realizada por um grupo específico de arqueólogos, não sendo, portanto, consenso entre os pesquisadores nessa disciplina.

A cerâmica associada à Tradição⁴² Itararé foi assim definida na arqueologia pela descoberta desse estilo artefactual ter sido no rio Itararé, na divisa dos estados do Paraná e São Paulo. Esse tipo de cerâmica foi evidenciado em outros sítios arqueológicos do sul do Brasil, especialmente no planalto. Essa cerâmica possui características específicas como serem vasilhames de pequeno porte, de espessura fina (variando de 3 a 7 mm) e por não haver muita variação nas formas. O antiplástico é constituído por grande quantidade de areia e quartzo leitoso. A areia muito fina adicionada à cerâmica lhe proporciona um aspecto áspero ao toque e, a respeito da coloração das peças, predominam as cores vermelha-tijolo, cinza-escura e cinza-clara (Chmyz, 1968). Mais adiante apresento algumas reconstituições das formas da cerâmica dita Itararé de Laranjeiras II.

42 Tradição: grupos de elementos ou técnicas, com persistência temporal. Sequência de estilos ou de culturas que se desenvolvem no tempo, partindo uns dos outros, e formam uma continuidade cronológica (Mendonça de Souza, 1997).

3.1.1 Caracterização da Praia das Laranjeiras



Figura 17 – Vista da Praia das Laranjeiras (década de 1970). Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.



Figura 18 – Vista da Praia das Laranjeiras (atual)⁴³.

43 Foto retirada da internet. Site: <http://www.estaleirocamboriu.com.br/praiade-laranjeiras-balneario-camboriu-sc.html>

3.1.1.1 Geomorfologia

A área onde está situada a praia das Laranjeiras segue o mesmo padrão geral do litoral catarinense, em que a Serra do Mar influencia diretamente na forma do litoral: sendo terrenos acidentados que abrangem cadeias de morros mais elevados e alguns isolados, terrenos ondulados e encostas. Os terrenos baixos e arenosos que formam os cordões litorâneos são originários, no período Holocênico, da deposição de sedimentos sobre o embasamento cristalino e blocos deste embasamento afloram na planície sedimentar arenosa. Trata-se de uma área que apresenta restingas, lagoas e mangues.

A presença da Serra do Mar é intensa na área que se estende desde o rio Itajaí, ao norte de Laranjeiras, até a Praia de Itapema, ao sul, apresentando um litoral recortado e morros que atingem cerca de 300 metros a 500 metros de altura.

Laranjeiras é uma pequena enseada limitada pelos morros da Serra do Mar, cujas encostas chegam até a praia em alguns pontos e apresenta um pequeno cordão arenoso de origem sedimentar de cerca de 1.000 metros de comprimento, na área centro-sul da enseada. Um morro de 120 m desce até a praia, ao norte, na ponta das Laranjeiras, onde afloram blocos de embasamento – granitos e diabásios. Ao sul da enseada, cujo limite situa-se na ponta das Taquaras, há um morro de 88 m de altura e ali também ocorrem esses afloramentos rochosos, em que batem as ondas oceânicas. Em sentido contrário à praia, para o interior, a cerca de 500 m de distância, há outro morro, com 218 m de altura.

Em termos de recursos hídricos, três córregos abastecem a praia com água doce: um no limite sul, um no limite norte e, o outro, no centro da faixa de areia da praia. O rio Camboriú, com sua planície aluvial e seu estuário, encontra-se a cerca de 2 km ao norte da enseada e há um mangue, em direção ao interior, localizado a cerca de 6 km da praia, depois dos morros que limitam Laranjeiras.

Laranjeiras é um local privilegiado pela geomorfologia (Schmitz *et al.*, 1993, p. 38), a cadeia de morros, que delimita a praia, faz com que ela se torne um local protegido dos ventos. O fato de esses morros tornarem difícil o acesso à praia faz do local, “do ponto de vista estratégico, um ponto protegido contra o avanço de outros grupos indígenas ou, em período mais recente, do português bandeirante” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 38).

Os afloramentos de rocha do embasamento cristalino, como diques de diabásio, se apresentando como plaquetas e seixos arredondados pela ação da água do mar e dos córregos, oferecem matéria-prima para a confecção dos artefatos. A faixa de areia, levemente inclinada para o mar, possibilita

a ocupação humana, sem perigo de alagamento pelas chuvas torrenciais. Os solos consistentes dos morros, os mais leves do litoral e os solos alagados na planície aluvial do rio originam uma vegetação variada e, em alguns casos, estariam aptos para um algum cultivo (Schmitz *et al.*, 1993, p. 39).

A presença do mangue, relativamente próximo à praia, oferece a possibilidade de utilização de recursos alimentares e artesanais e o ambiente da enseada das Laranjeiras, com seus costões rochosos, a praia arenosa e o estuário do rio Camboriú, torna-se “privilegiado ao desenvolvimento de várias espécies de peixes, assim como de moluscos e crustáceos” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 39).

3.1.1.2 Clima

O clima do litoral catarinense, como em toda a Região Sul do Brasil, é Mesotérmico do tipo Temperado, em que as quatro estações do ano são bem marcadas. Não havendo, portanto, uma estação de seca, as chuvas se distribuem de forma bastante equilibrada ao longo do ano. A Região Sul do Brasil, nesse sentido, é muito favorecida, não apenas em relação aos totais anuais de chuva e ao regime de distribuição ao longo do ano, mas também quanto à variabilidade ou regularidade dos seus totais anuais e estacionais. Para a região de Camboriú, os três meses menos chuvosos são junho, julho e agosto, enquanto o período de maior precipitação é nos meses de janeiro, fevereiro e março, sendo a altura média de precipitação anual 1.939 mm.

A temperatura média anual no verão fica entre os 18°C e 28°C em dezembro e os 30°C e 32°C em janeiro e em fevereiro. Já no inverno, a média das mínimas diárias é de 14°C a 16°C em junho, 10°C em julho e 14°C em agosto. A temperatura máxima absoluta no ano é de 38°C e a mínima é de 0°C.

3.1.1.3 Vegetação

A cobertura vegetal no litoral de Santa Catarina, assim como em toda a região sul do Brasil, apresenta características predominantemente subtropicais. A formação vegetal principal em termos do sítio arqueológico, além dos mangues e restingas, é a Floresta Perenifólia Higrófila costeira, que recobre as encostas orientais da Serra do Mar e da Serra Geral, atingindo altitudes de até 700 m. Essa floresta se caracteriza por grande variedade de espécies vegetais, sendo rica em epífitas, lianas, pteridófitas e musgos. Apresenta, principalmente, três estratos definidos: dois arbóreos e um arbustivo, podendo existir um rasteiro.

A Floresta Perenifólia Higrófila costeira não mantém uma homogeneidade em relação às espécies vegetais em todas as altitudes, ou seja, para regiões em que a altitude é de até cerca de 300 m, caso da Praia das Laranjeiras, foram identificadas algumas espécies principais. No primeiro estrato a cupiúva (*Tapirira guianensis*), canela amarela (*Ocotea aciphylla*), canela sassafrás (*Ocotea pretiosa*), pindaíba (*Xylopia brasiliensis*), baga de pomba (*Byrsonima ligustrifolia*). No segundo estrato o pau de facho (*Aparisthium cordatum*), cortiça (*Guatteria australis*), caporococa (*Gonomorpha peruviana*), cutia (*Esebeckia grandiflora*). E no terceiro estrato: pixirica (*Miconia cubatenensis*), palmeiras, com destaque para a guaricana (*Geonoma schottiana*).

Pe. Rohr destaca a presença de grande número de frutas silvestres na proximidade da Praia das Laranjeiras, especialmente na faixa arenosa. Dentre elas, Mirtáceas, Palmáceas e Bromeliáceas⁴⁴.

A utilização de espécies vegetais específicas tanto em termos de alimentação quanto para a obtenção de matérias-primas para construção, combustível e produção artesanal não pode ser evidenciada no estudo do IAP sobre o sítio. Os pesquisadores sugerem que alguns desses recursos vegetais certamente seriam utilizados pela população antiga de Laranjeiras, no entanto, não obtiveram dados para esta análise, já que a escavação da aldeia das Laranjeiras não revelou remanescentes vegetais, exceto o carvão das fogueiras (Schmitz *et al.*, 1993, p. 41).

44 As mirtáceas (família botânica *Myrtaceae*) são plantas que produzem flores e frutas, muitas comestíveis, como pitanga, araçá, goiaba, jabuticaba, cambucá, gabioba, grumixama, cambuci, dentre outras. As palmáceas (família *Palmaceae*) são monocotiledôneas que se caracterizam por apresentarem tronco alto e nu e grandes folhas no topo, como as palmeiras e coqueiros, por exemplo pupunha, juçara, jerivá, pindoba, buriti, pequi, inajá, tucumã. Podem ser utilizadas não apenas como recurso alimentar, como também na produção de artefatos e de fibras para diversos fins. A família das bromeliáceas (*Bromeliaceae*), também monocotiledôneas, possui algumas plantas comestíveis, como o abacaxi e o caraguatá (gravatá). As folhas do gravatá, por exemplo, fornecem fibras para a confecção de barbantes, linhas de pesca, tecidos, esteiras, cestos e outros artefatos, sendo, ainda, utilizada para fins medicinais. Presume-se que antigos habitantes de Laranjeiras faziam uso dessas plantas tanto em seu potencial alimentar e nutricional quanto medicinal e na produção de variados tipos de conjuntos artefatuais.

3.1.1.4 Fauna

Uma grande diversidade de animais, marinhos e terrestres, fazem parte do ambiente da área onde se localiza o sítio muitos deles eram utilizados como fontes alimentares (e os vestígios arqueológicos podem nos indicar os animais que eram consumidos como alimento), enquanto outros – mesmo que não haja incompatibilidade entre esses usos – serviam de matéria-prima para a confecção de instrumentos, ferramentas, adornos e outros objetos.

As matas altas da Floresta Atlântica são o hábitat de animais como o porco-do-mato-queixada, a anta, a onça, o puma, o bugio, a cutia, o gato-do-mato, a irara, o mico, a paca e o tamanduá. Alguns animais como a capivara, preferem um nicho úmido na mata densa, perto de água doce profunda; o cervo-do-pantanal e a lontra preferem terrenos com corpos de água e vegetação mais aberta; já o gambá e o tamanduá, por exemplo, se encontram em terrenos secos com vegetação arbustiva e arbórea aberta, como a vegetação de restinga (Schmitz *et al.*, 1993, p. 42).

Numerosas espécies de moluscos, crustáceos e equinodermas podem ser encontrados nas águas rasas em frente à praia, nas águas lodosas ricas em plâncton do estuário do rio, no mangue, e nos blocos rochosos e costões à beira-mar. A baía, fechada e tranquila, oferecia uma variedade de peixes de águas rasas, assim como era ocasional a presença de quelônios e baleias ali (Schmitz *et al.*, 1993, p. 42). No inverno, com a corrente fria da Antártica, chegavam, ainda, os pinguins-de-Magalhães e os lobos marinhos.

Alguns desses recursos eram estacionais, como a maior parte das frutas e animais migradores, enquanto outros estavam presentes o ano inteiro, como a caça, moluscos e muitos peixes (Schmitz *et al.*, 1993, p. 42). No final deste trabalho (Apêndice) apresento uma tabela com os animais evidenciados e identificados em Laranjeiras II.

3.2 ESTUDOS REALIZADOS SOBRE O SÍTIO: BREVE HISTÓRICO DA PESQUISA EM LARANJEIRAS II

3.2.1 Primeira parte: a escavação e os estudos realizados pelo Padre João Alfredo Rohr (décadas de 1970 e 1980)

A descoberta dos sítios arqueológicos posteriormente denominados – Praia das Laranjeiras I e II – decorreu de informações a respeito do aparecimento, no início da década de 1970, de esqueletos humanos na Praia das Laranjeiras (Rohr, 1984, p. 8). Foi em 1974, através do Sr. Acolon Cordeiro, que Pe. Rohr teve notícia do aparecimento desses esqueletos (Sch-

mitz *et al.*, 1993, p. 28). Padre João A. Rohr, ao ouvir pelo rádio que a Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú solicitava auxílio do governo do Estado para abrir uma estrada de acesso à Praia das Laranjeiras, resolveu realizar uma prospecção naquela área (Rohr, 1984, p. 8). E foi em 5 de maio de 1975 que realizou a primeira inspeção no local, constatando que “toda a praia, numa extensão de duzentos metros, era sítio arqueológico (...), em ambas as extremidades da praia, existiam nas rochas numerosos amoladores indígenas, com formato de pratos, atestando a passagem de populações primitivas pelo local” (Rohr, 1984, p. 8). Pe. Rohr, à época representante do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional para arqueologia no Estado de Santa Catarina⁴⁵, alertou a Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú e a Capitania dos Portos de Itajaí quanto à ameaça de destruição ao sítio arqueológico devido à abertura da nova estrada (Rohr, 1984, p. 8).

Além de constatar a presença de sítios arqueológicos na praia, Pe. Rohr também evidenciou que estavam sendo ameaçados em sua integridade, não apenas devido à nova estrada, como também à construção de “barracos” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 28) no local. Outra visita foi realizada por ele em 22 de maio de 1975, junto a funcionários da Prefeitura Municipal de Balneário Camboriú, para delimitar os sítios. Padre Rohr solicitou que a Prefeitura se encarregasse de estaquear a parte do sítio cerâmico, próxima ao córrego, sendo a sua área mais rica (Schmitz *et al.*, 1993, p. 28). O procedimento foi realizado, no entanto, não se podia iniciar as escavações, pois o assentimento dos dois proprietários dos terrenos ainda não havia sido obtido (Schmitz *et al.*, 1993, p. 28).

No período em que aguardava o contato com os proprietários – um deles residia no Rio de Janeiro e o outro, no Paraná – Pe. Rohr foi escavar o sítio do Pântano do Sul, em 1975, no sul da Ilha de Santa Catarina, o que levou um ano e meio (Schmitz *et al.*, 1993, p. 28). Ao voltar à praia das Laranjeiras, constatou que o proprietário da área estaqueada havia passado o trator no local, destruindo completamente a camada arqueológica numa larga faixa (Schmitz *et al.*, 1993, p. 28). Mesmo que o estrago tivesse sido feito no sítio, não impediu a utilização das camadas mais profundas, assim como foi mantido intacto um espaço onde havia uma pequena casa de madeira de um morador antigo. Foi então que Pe. Rohr, segundo Schmitz e colaboradores, para impedir maiores prejuízos, começou a escavar a parte do

45 Devido a sua atuação como pesquisador e defensor dos sambaquis, Rohr foi designado representante do IPHAN em Santa Catarina, obtendo reconhecimento e apoio financeiro para suas investigações (Saladino, 2016, p. 31).

sítio, que sobrava no terreno de Adúcio Correa, iniciando a primeira etapa da escavação⁴⁶ (Schmitz *et al.*, 1993, p. 28).

Enquanto realizava a escavação, Pe. Rohr divulgava em alguns jornais os achados arqueológicos mais importantes, assim como em outros veículos de divulgação da época como na *Revista para os nossos Amigos*, no *Jahrbuch der Familie* e em *Notícias*. Produzia também periodicamente relatórios sobre as escavações e os materiais arqueológicos evidenciados. Além de divulgação nesses meios, Rohr apresentou trabalho, ilustrado com projeção de slides coloridos, sobre sua pesquisa no sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras na *I Jornada Brasileira de Arqueologia*, realizada em outubro de 1978 no Museu do Índio, na cidade do Rio de Janeiro. No mesmo evento, proferiu palestra aos alunos da Faculdade de Arqueologia Marechal Rondon acerca dos problemas gerais da arqueologia no Brasil (Rohr, Relatório, 1978).

Dias antes de falecer, em 1984, Rohr havia concluído um texto mais amplo sobre o sítio e a escavação, publicado nos Anais do Museu de Antropologia da UFSC (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31). Esta é uma das principais publicações que utilizo aqui para tratar do sítio.



Figura 19 – Escavação do sítio Praia das Laranjeiras II. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.

46 Os procedimentos da escavação, assim com as descrições das etapas serão explicitados mais adiante.

3.2.2 Segunda parte: alguns trabalhos e pesquisas posteriores à escavação (décadas de 1980 e 1990)

Além do trabalho do Pe. Rohr a respeito da escavação e do estudo do sítio, outras pesquisas foram realizadas com o material de Laranjeiras II. Escolhi algumas delas, as que mais se assemelham com o tema da pesquisa, para inserir brevemente aqui. Na década de 1980 foram produzidos os trabalhos de Nanci Vieira de Oliveira (1986) e Walter Neves (1984) em que analisaram os vestígios esqueléticos humanos provenientes do sítio. Nanci, na época Nanci de Oliveira Aguiar, analisando os sepultamentos da Praia das Laranjeiras, realizou sua dissertação de mestrado em paleodemografia e antropologia da morte no Museu de Antropologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP) e Walter Neves utilizou o material para realização de seu estudo sobre o povoamento antigo do litoral de Santa Catarina e do Paraná.

Outro trabalho acerca do estudo da escavação e dos materiais arqueológicos de Laranjeiras II foi realizado posteriormente. A equipe do Instituto Anchieta de Pesquisas, entendendo que as publicações do Pe. Rohr acerca do sítio “não deram conta de todo o material, informações e conhecimento acumulado” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31) sobre o sítio, resolveu estudá-lo com mais detalhes. Foram retomados os diários de campo, os relatórios, o material arqueológico, as fotografias e as publicações do Pe. Rohr para realizar uma nova publicação, já citada aqui, e editada pelo próprio IAP (Schmitz *et al.*, 1993).

Os materiais e a documentação foram, anos após as escavações do



Figura 20 – Parte da área da escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense.

sítio Praia das Laranjeiras II, retomados e analisados por uma equipe⁴⁷ de profissionais sob a coordenação e orientação de Pedro Ignácio Schmitz, e o resultado das análises originou a publicação de 1993. Nem todos os materiais e documentos, no entanto, estavam disponíveis para a equipe realizar o trabalho, alguma documentação, como negativos em preto-e-branco e os perfis e plantas em papel vegetal, estavam desaparecidos (Schmitz *et al.*, 1993, p. 32).

Na mencionada publicação foram expostos os resultados de estudos referentes ao contexto arqueológico do sítio como eles definem: o ambiente e os recursos naturais; a caça, a pesca e a coleta; as estruturas de combustão e lixo; as análises dos materiais líticos, cerâmicos, ósseos, conchíferos; os sepultamentos; a distribuição do material no espaço escavado; e o assentamento e seu lugar no povoamento do litoral de Santa Catarina (Schmitz *et al.*, 1993). À época da produção da publicação, o material encontrava-se, em sua maior parte, no Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis, uma parte bem significativa estava exposta no Museu Municipal do Balneário Camboriú, enquanto toda a documentação encontrava-se no Instituto Anchieta de Pesquisas, em São Leopoldo (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31).

Além deles, o artigo de Pe. Ignácio Schmitz e Ivone Verardi “Antropologia da morte. Praia das Laranjeiras: um estudo de caso”, na *Revista de Arqueologia*, buscou “apresentar alguns dados sobre a sociedade, a vida e a identidade” do grupo que ocupou a praia a partir dos sepultamentos evidenciados nas escavações (Schmitz e Verardi, 1994, p. 91). Para os autores os antigos moradores de Laranjeiras II não pertenceriam às populações

47 A publicação do IAP foi concebida através do trabalho de uma equipe, sendo Rodrigo Lavina o curador do Museu do Homem do Sambaqui, quem ordenou o material e o colocou à disposição dos pesquisadores, auxiliando na análise; Ivone Verardi, secretária do IAP, reuniu, ordenou, passou a limpo e analisou os documentos; Beatriz Valadão Thiesen, enquanto aluna do Mestrado de Antropologia Social da UFRGS, iniciou a elaboração de um texto em que discorreu sobre o ambiente, sobre a distribuição do material escavado e parte da tabulação do material pelo diário; Marco Aurélio Nadal De Masi analisou o material lítico, assim como realizou suas ilustrações; Jairo Henrique Rogge realizou a reconstituição das formas da cerâmica, assim como seus desenhos e quadros; o biólogo André Luis Jacobus estudou a maior parte dos restos de alimentos; a bióloga Marta Gazzaneo analisou os peixes; os artefatos ósseos e conchíferos foram analisados por Mônica Lacroix Wacker, também bióloga; Pedro Ignácio Schmitz coordenou e orientou todo o trabalho, assim como redigiu o texto e realizou as ilustrações finais (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31-32). Para a identificação do sexo e da idade dos indivíduos no estudo dos sepultamentos realizado para a publicação do IAP foram utilizadas as fichas de análise biológica produzidas pelos pesquisadores Nanci Oliveira e Walter Neves.

tradicionais da costa marítima (os chamados sambaqueiros), mas teriam vindo do planalto e seriam fisicamente semelhantes aos Kaingang, assim como seriam produtores de uma cerâmica denominada pelos arqueólogos de tradição Itararé (Schmitz e Verardi, 1994, pp. 92-93).

3.3 PROCEDIMENTOS DA ESCAVAÇÃO (1977-1978)

A escavação do sítio aconteceu durante três etapas entre os anos 1977 e 1978, em um total de 195 dias. A pesquisa foi financiada pelo IPHAN e pelo CNPq (Rohr, 1977, p 31). Em todas as etapas foi realizado um “rigoroso registro do material recolhido”, sendo rotulados e acondicionados separadamente os materiais lítico, ósseo e a cerâmica dos diversos níveis (Rohr, 1984, p. 13). As estruturas arqueológicas também foram registradas, sendo elas os fogões, fossas culinárias, fornos subterrâneos (“polinésios”) e sepultamentos. Foram elaborados, ainda, os perfis estratigráficos das coordenadas longitudinais e transversais. Segundo Rohr, todos os sepultamentos foram desenhados em escala de 1:20 e foram registrados em fichas individuais e fotografados com filme preto e branco e em filme colorido para diapositivos (Rohr, 1984. p. 13).

A primeira etapa⁴⁸ da escavação ocorreu de 05 de julho a 30 de setembro de 1977. A metodologia de delimitação da área a ser escavada se deu da seguinte maneira: foram determinados os pontos cardeais e estaqueada a área “em direção norte-sul e leste-oeste, de dois em dois metros formando-se setores de quatro metros quadrados cada qual” (Rohr, Diário de Campo), sendo que os piquetes norte-sul foram identificados com números e as estacas leste-oeste, com letras. Padre Rohr constatou que o ponto mais alto do sítio achava-se a 3,96 cm acima da maré média e a espessura da camada arqueológica era de aproximadamente 3 metros (Rohr, Diário de Campo).

De acordo com a publicação do IAP (1993), na primeira etapa da escavação, o terreno foi estaqueado em quadrículas, orientadas pelos pontos cardeais, de 2 metros de lado, sendo que as estacas das coordenadas norte-

48 Os membros integrantes da equipe na primeira etapa, além do Pe. Rohr, foram Alceri Luiz Schiavini, aluno do curso de Arqueologia das Faculdades Integradas Estácio de Sá, do Rio de Janeiro (no diário de campo de Rohr, Alceri é definido como estudante da Faculdade de Arqueologia e Museologia Marechal Rondon do Instituto Superior de Estudos Humanos do Rio de Janeiro), Manoel Pinho (funcionário do Departamento Estadual de Estradas e Rodagem, DER/Florianópolis), Mário Eleutério Pinheiro, Manoel Pedro do Nascimento.

-sul receberam números, de 1 a 6, e as estacas das coordenadas leste-oeste receberam letras do alfabeto (Schmitz *et al.*, 1993, p. 28). A escavação avançou até a proximidade do córrego, até o ponto atingido pela maré alta máxima e até o limite com o terreno do outro proprietário, Gerson Maisonave (Schmitz *et al.*, 1993, p. 28-29). O ponto zero para nivelamento da escavação foi estabelecido próximo à casa de Maisonave, “no ponto mais alto e mais afastado da área que a escavação tinha condições de atingir e se localizava a 3,94 cm sobre o nível da maré média” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 29). Esta escavação teria abrangido cerca de 170 m².

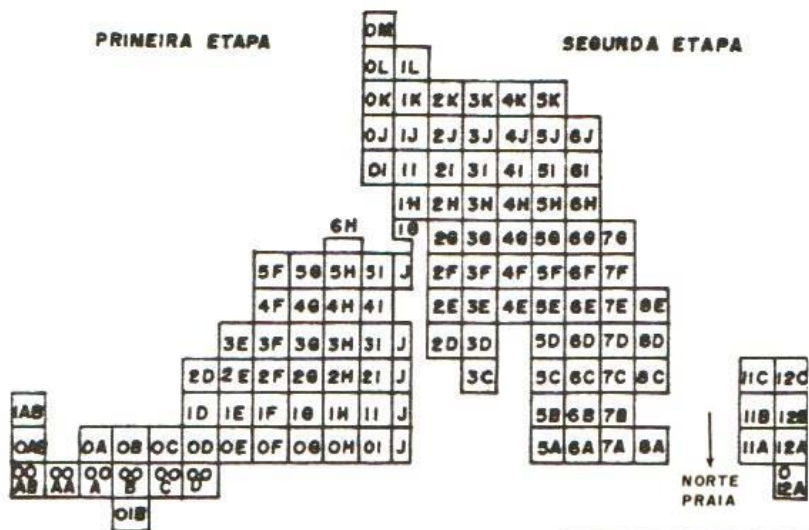


Figura 21 – Identificação das quadrículas da escavação. A seta aponta para o norte (praia). Fonte: Schmitz *et al.*, 1993, p. 153.

Outro procedimento metodológico foi a opção de remoção do sedimento por níveis artificiais de 20 cm de espessura. Além disso, os materiais e as estruturas evidenciados foram registrados no diário de campo, em fichas, desenhos e fotografias. Os vestígios evidenciados na escavação foram restos de alimentos, bastante numerosos – e parcialmente recolhidos –; materiais líticos, também selecionados em campo; artefatos ósseos e conchíferos, sendo que todos foram guardados; material cerâmico; algumas estruturas que foram documentadas e, posteriormente, destruídas; e sepultamentos (Schmitz *et al.*, 1993, p. 29).

Alguns materiais líticos encontrados foram descartados em campo, mas tanto esses quanto os recolhidos foram anotados no diário. Os sepul-

tamentos tiveram um tratamento diferenciado, sendo cimentados aqueles que estavam mais inteiros e em melhor estado de conservação, para serem expostos no Museu Municipal de Balneário Camboriú que, à época, havia sido criado para conter os materiais advindos desta escavação (Schmitz *et al.*, 1993, p. 29). A maior parte dos esqueletos, após terem sido escavados, documentados e fotografados em campo, foi enviada ao Museu do Homem do Sambaqui, em Florianópolis. Durante as escavações da primeira etapa, além de grande número de materiais líticos, cerâmicos e ósseos, foram recuperados 31 sepultamentos (Schmitz *et al.*, 1993, p. 29).

A segunda etapa⁴⁹ ocorreu de 27 de janeiro a 28 de março de 1978. Neste período deram seguimento às escavações no terreno vizinho, sendo o quadriculamento iniciado no limite entre os dois terrenos, “estendendo-se da proximidade da praia até quase encostar na residência de Maisonave” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 29). Houve espaços que não foram escavados, próximos à praia, pois correspondiam a uma árvore nativa e ao abrigo de um barco de pesca, assim como também não foram escavados os espaços correspondentes a um forno de pão e aos postes de energia elétrica (Schmitz *et al.*, 1993, p. 29).

As estacas do quadriculamento receberam, nesta etapa, números nas coordenadas leste-oeste e letras do alfabeto nas coordenadas norte-sul. Devido a esse esquema de nomenclatura, grande número de quadrículas – identificadas por números e letras – teve uma identificação final igual à da primeira etapa da escavação, o que gerou uma confusão no material levado ao laboratório que, “na maior parte das vezes, foi, apenas, identificado com os dados da quadrícula e não da etapa” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 29).

Devido a essa duplicação de números referentes às quadrículas, não foi possível, no momento da análise dos dados empreendida pela equipe do IAP, identificar a distribuição do material no espaço escavado. Nessas condições, a equipe utilizava, sempre que possível, as anotações do diário de campo para averiguar e identificar as quadrículas, já que, no diário, sua descrição está disposta cronologicamente (Schmitz *et al.*, 1993, p. 30).

Na segunda etapa a superfície escavada foi maior que na primeira, assim como a quantidade de material arqueológico recuperado. Foi nessa

49 A equipe da segunda etapa, também chefiada pelo Pe. Rohr, era composta por: Alceri Luiz Schiavini, Hermes Brasil de Souza e Jayme Spinelto Jr., alunos de Arqueologia das Faculdades Integradas Estácio de Sá, do Rio de Janeiro. Além deles, Manoel Pinho, Manoel Nascimento e Pedro Rosa. Durante poucos dias também participaram das escavações Doroth Pinto Uchôa, do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, o médico Dr. Carlos Goférjé, de Blumenau, e Vilmar Girardi, aluno da Escola Agrícola de Camboriú.

etapa que a maior parte dos fogões foi encontrada, assim como os fornos subterrâneos e os buracos de lixo. Em relação aos sepultamentos, 83 foram encontrados (Schmitz *et al.*, 1993, p. 30).

De acordo com a publicação do IAP a participação de alunos des-treinados nesta etapa gerou alguns problemas durante a escavação, o que pode ser evidenciado através dos diários de campo do Pe. Rohr, que anotou, em vários momentos, os erros e imperícias dos alunos, inclusive em relação à exposição dos sepultamentos, onde partes deles foram destruídas (Schmitz *et al.*, 1993, p. 30).

As camadas arqueológicas e naturais expostas foram assim caracte-rizadas (Schmitz *et al.*, 1993, p. 30):

a) Superficialmente, até uns 15 cm de profundidade (em alguns lu-gares a camada era mais profunda, chegando a areia estéril da base do sí-tio), encontrou-se cacos de vidro e porcelana, pregos e parafusos enferru-jados, fios de nylon, pedaços de cobre e de alumínio, ou seja, materiais dei-xados pelos não-indígenas, “pelo homem branco, que há quase dois sécu-los ocupa a praia das Laranjeiras” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 30). Ainda nes-sa camada superficial, foi encontrada uma cerâmica (muito espessa e gros-seiramente decorada) que pertenceria a uma das primeiras ocupações não-indígenas do local (Schmitz *et al.*, 1993, p. 30).

b) A segunda camada, a camada arqueológica propriamente dita, era formada por húmus escuro, em que estavam misturados areia, conchas esparsas, ossos de peixes, aves, mamíferos terrestres e marinhos, pinças de crustáceos, cascos de tartaruga, cascos e espinhos de ouriços do mar, arte-fatos líticos, ósseos e conchíferos, cerâmica de tradição Itararé, esqueletos humanos “e estruturas sob a forma de fogões armados com pedras, fornos subterrâneos com paredes de argila queimada, e aprofundamentos cheios de lixo” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 30).

De acordo com a publicação do IAP, a descrição geral feita por Rohr pode induzir a pensar a camada arqueológica como uma camada homogê-neia e compacta, “mas o relatório apresentado por Dorath Pinto Uchôa ao Diretor do Instituto de Pré-História da USP, indica que, na parte que ela ajudou a escavar, havia estratos bem definidos por lentes de carvão” (Sch-mitz *et al.*, 1993, p. 30).

Os restos faunísticos e artesanais não estavam uniformemente dis-tribuídos no espaço. Nos setores da escavação mais próximos da praia, as conchas (especialmente as ostras) “formavam brechas compactas, de até 20 cm de espessura, de mistura com cascas e espinhos de ouriço do mar, além de pinças de crustáceos e ossos de baleia” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 30-31). No setor direito, ainda encontrava-se grande quantidade de restos de lascamento (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31).

c) A camada arqueológica, em profundidade, tornava-se gradativamente mais clara até adquirir a coloração amarelada da areia estéril, que fica mais abaixo. A base do sítio é “uma piçarra grossa ou a rocha do embasamento cristalino” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31).

A terceira etapa⁵⁰ de campo, por fim, ocorreu de 10 de julho a 08 de setembro de 1978. Durante esta etapa foram escavados, além da área do sítio cerâmico, 20 metros quadrados do sambaqui (Sítio Praia das Laranjeiras I), a fim de coletar carvão para a datação do sítio (Rohr, 1984, p. 12). De acordo com Rohr, doze metros do sambaqui foram escavados até a base e os outros oito metros foram escavados apenas em parte.

De acordo com a interpretação de Schmitz e colaboradores, o sítio Laranjeiras II tratar-se-ia de uma aldeia compacta, onde “construções, áreas de fogo e de lixo estão muito próximos” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 18). Foram encontrados, no sítio, artefatos líticos (lascas, bigornas, percutores, polidores, pesos de rede), artefatos ósseos (pontas, agulhas, anzóis, espátulas), e mais de 5 mil fragmentos de cerâmica.

3.4 DATAÇÕES REFERENTES AO SÍTIO

A respeito das datações referentes ao sítio, Pe. Rohr retirou algumas amostras de carvão durante suas escavações na Praia das Laranjeiras e enviou para serem datadas, pelo método de datação radiocarbônica, ao laboratório *Teledyne Isotopes*⁵¹, nos Estados Unidos.

De acordo com Pe. Rohr, as datações tinham alto custo na época⁵² e, por esse motivo, foram enviadas ao laboratório apenas três amostras de carvão provenientes dos dois sítios da Praia das Laranjeiras, sendo uma amostra do sambaqui – Praia das Laranjeiras I – e as outras duas, do sítio raso onde havia cerâmica (Rohr, 1984, p. 10).

A primeira amostra foi coletada no nível mais profundo do sambaqui, o que corresponderia à primeira ocupação da metade leste da praia (Rohr, 1984, p. 10). Colhida “a dois metros de profundidade, na areia, abaixo da camada de ostras, que possui metro e meio de espessura”, foi datada

50 Compuseram a equipe Alceri Schiavini, Luiz Olinto Seabra Prado de Mendonça, os dois operários da prefeitura Mário Eleutério Pinheiro e Monoel Pinho. Vilmar Girardi, aluno da Escola Agrícola de Camboriú, ajudou em alguns momentos, assim como Lindomar Nascimento e Jonas Vicente.

51 Na época o laboratório localizava-se no endereço: 50 Van Buren Avenue – Westwood, New Jersey 07675, nos Estados Unidos (Rohr, 1984, p. 10).

52 Rohr coloca em seu texto o custo das amostras: seis mil cruzeiros cada uma. Não consegui estimar o quanto esse custo significa em valores atuais.

em 3815 ± 120 anos antes do presente (Rohr, 1984, p. 10).

A segunda amostra foi colhida, no lado oeste, no nível mais profundo, junto à praia, correspondendo à primeira ocupação do sítio raso (Rohr, 1984, p. 10). O carvão ali coletado estava associado a muitas ossadas de baleia, parcialmente calcinadas, a alguns artefatos ósseos – de osso de baleia – e a um pequeno machado lítico semipolido. Essa amostra foi datada em 4900 ± 210 anos A.P., antes do presente (Rohr, 1984, p. 10). No entanto, não é certo o que essa data representa, se os ossos de baleia depositados antes da ocupação do sítio, ou se representa uma primeira ocupação antiga, mais antiga que a ocupação cerâmica e mais antiga, ainda, que o sambaqui presente na praia.

A terceira amostra também foi colhida no sítio raso, no lado oeste, junto à praia, no nível mais alto, ou seja, a 20 centímetros de profundidade e corresponderia à última ocupação do sítio arqueológico. Ela foi datada em 195 ± 80 anos, antes do presente (Rohr, 1984, p. 10), ou 1675-1835 d. C., período em que o litoral já estava sendo frequentado por paulistas e em que se fixam os primeiros núcleos povoados (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31).

Padre Rohr indica que o ideal teria sido recolher mais três amostras para realizar outras datações: uma no nível mais alto do sambaqui; outra, no nível final das conchas e; uma terceira amostra de carvão teria de ter sido recolhida a um metro de profundidade, do lado oeste da praia, no sítio cerâmico. Não foi possível, no entanto, realizar essas datações devido à insuficiência de recursos que Pe. Rohr dispunha na época (Rohr, 1984, p. 10).

A publicação do IAP sugere que uma provável data para o sítio Laranjeiras II estaria entre 800 d.C. e 1.070 d.C., pois alguns sítios litorâneos, com presença de cerâmica Itararé e semelhantes ao Praia das Laranjeiras II, foram datados nessa faixa temporal. Os sítios Forte Marechal Luz, no litoral norte de Santa Catarina e Caiacanga-Mirim (ou Base Aérea), na Ilha de Santa Catarina foram datados em 1.070 d.C. enquanto o sítio Praia da Tapera, também na ilha de Santa Catarina, foi datado em 800 d.C. (Schmitz *et al.*, 1993, p. 31).

3.5 MATERIAIS ARQUEOLÓGICOS EVIDENCIADOS DURANTE A ESCAVAÇÃO: VESTÍGIOS PARA INTERPRETAR A OCUPAÇÃO HUMANA NO SÍTIO

Apresento aqui, brevemente, alguns tipos de materiais evidenciados para apresentar o contexto de ocupação e a cultura material presente no sítio. Esta é uma tipologia típica na Arqueologia, em termos de apresentação de um sítio, tendo como base o suporte sob o qual foram confeccionados os artefatos.

3.5.1 Indústria lítica

A quantidade de material lítico encontrado no sítio é imprecisa. Pe. Rohr, em seu diário registrava que muitos dos vestígios líticos escavados eram descartados, então não é possível identificar o número exato de materiais evidenciados. A análise do material realizada posteriormente, no entanto, indica que 2.308 materiais líticos foram estudados (Schmitz *et al.*, 1993, p. 43).

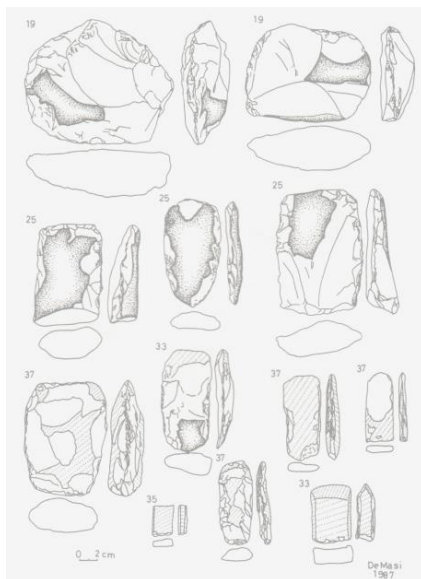
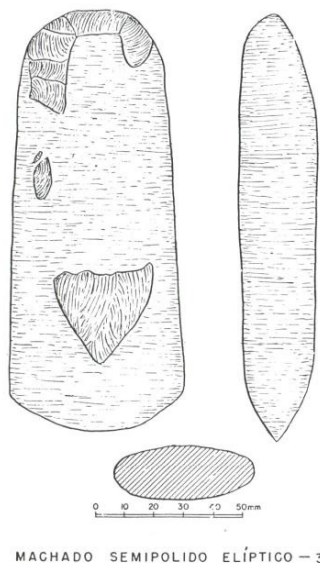
Os materiais líticos evidenciados foram classificados por Rohr (1984) como lâminas de machado (de diversos tipos e formatos), batedores (também diversificados), lascas, amoladores, quebra-coquinhos⁵³, pesos de rede, espátulas, pedras corantes (seixos com superfície decomposta e transformada por oxidação e hidratação em ocre vermelho ou ocre amarelo), abridores de conchas e, dentre outros, pontas de flecha e de lança⁵⁴.

A análise posterior, publicada em *Pesquisas* (Antropologia n° 49, 1993, pp. 41-64), indicou a presença de rochas diversificadas, sendo majoritariamente basaltóides. Além dessa, apresentou-se materiais confeccionados em granito, quartzo (leitoso e hialino), gnaisses, xistos e arenito. Nesta classificação, os materiais foram identificados como percutores, bigornas, polidores e alisadores, lascas unipolares, óxidos, prismas com gume em bisel polido e/ou lascado, e pesos de rede.

Dentre os materiais líticos evidenciados, encontra-se uma peça que foi classificada como pingente de rocha (Schmitz *et al.*, 1993) e seria acompanhamento funerário de uma criança (Schmitz e Verardi, 1994). Mais adiante, na parte que trata dos materiais associados aos sepultamentos, retomamos esse material.

53 Segundo Rohr trata-se de rochas trabalhadas pelo homem que apresentam, nas faces, pequenas depressões de fundo áspero, destinadas a receber coquinhos e outras sementes a quebrar, com o fim de aproveitar-lhes o albúmen. Em Laranjeiras II a maioria é de diabásio, sendo poucos em granito (2 exemplares) e de filito (3 peças). Este tipo de artefato é também denominado de quebra-nozes, pedras com covinhas, bigornas, nutcrackers, Palmkernbrecher (Rohr, 1984, p. 26).

54 Sessenta e cinco lascas de diabásio apresentaram formato foliáceo e lados cortantes, o que levou Rohr a sugerir tratar-se de pontas de flecha e pontas de lança (Rohr, 1984, p. 30), no entanto, não houve confirmação posterior de que tais objetos seriam mesmo pontas.



Figuras 22 e 23— Desenhos de materiais líticos do sítio (à esquerda, de Rohr; à direita, de De Masi). Fonte: Rohr, 1984; e Schmitz *et al.*, 1993, p. 60.

3.5.2 Cerâmica

Em relação à cerâmica, foram evidenciados mais de cinco mil fragmentos. Destes, cerca de duzentos fragmentos eram de “cerâmica atual do homem branco” e também cerâmica de tradição guarani e neobrasileira (Rohr, 1984, p. 37). Da cerâmica especificamente classificada como Itararé, são cerca de 5.500 unidades, sendo um número muito expressivo para sítios da tradição Itararé do Litoral (Schmitz *et al.*, 1993, p. 65).

A análise da cerâmica foi realizada tanto por Rohr (1984) quanto por Schmitz e colaboradores (1993). Na análise empreendida por Rohr, a técnica de manufatura é o acordelado, a espessura dos fragmentos varia de 1,5 a 14 milímetros e as formas se apresentam de pequena capacidade, sendo tipo jarriinha, jarro, cuia, tigela e bacia. Como antiplástico, foram utilizados areia, grânulos de quartzito, hematita, carvão vegetal, mica muscovita, mica flogopita e filito⁵⁵ (Rohr, 1984, p. 41).

As características da cerâmica, de acordo com a análise da publicação do IAP são descritas a seguir. Segundo eles, o estado de conservação

55 A mica, tanto muscovita quanto flogopita, e o filito são tipos de minerais.

dos fragmentos era bom e, devido a isso, o resultado da análise do material em relação ao processo de produção foi satisfatória, assim como a reconstituição de formas dos vasilhames a partir das bases e das bordas (573 bordas foram recuperadas).

Como antiplástico apresentam areia fina, areia grossa ou mica. Na avaliação da coloração apresentaram-se cerâmicas vermelha, preta, a que tem partes vermelhas e partes pretas, e a parda. A predominância da queima é a redutora, que deixa os vasilhames escuros na superfície e no interior. Algumas peças tem como tratamento de superfície a brunidura: trata-se de uma sobreposição de fina película escura por cima da superfície externa e interna da peça. O brunido, geralmente com polimento, deixa as superfícies das peças brilhantes, refletindo a luz e é uma das características da cerâmica da tradição Itararé (Schmitz *et al.*, 1993, p. 65). Apenas quatro vasilhames inteiros foram recuperados e, de acordo com a publicação do IAP, na época se encontravam no Museu Municipal de Balneário Camboriú⁵⁶.



Figuras 24 e 25 – Fotografia de cinco vasilhames cerâmicos evidenciados na escavação (autoria Pe. Schmitz). Os dois que estão em primeiro plano seriam as tigelas associadas aos sepultamentos infantis 42 e 43 (Schmitz *et al.*, 1993, p. 180).

⁵⁶ Estes vasilhames encontram-se, atualmente, em exposição no Museu Arqueológico/CACG, Balneário Camboriú.

Ao lado, algumas formas de vasilhames cerâmicos de Laranjeiras II, reconstituição realizada pelo estudo do IAP a partir de bordas e bases (Schmitz *et al.*, 1993, p. 81).

3.5.3 Vestígios faunísticos

Muitos remanescentes faunísticos foram evidenciados durante as escavações. De acordo com Schmitz e colaboradores, a amostragem de Laranjeiras II, mesmo assistemática, é a mais completa entre os sítios escavados pelo Pe. Rohr (Schmitz *et al.*, 1993, p. 86). Os pesquisadores advertem que não se trata de uma coleta total, portanto, não se pode calcular o número real dos animais presentes no sítio.

A análise do material faunístico foi empreendida pela equipe do IAP⁵⁷ e, dentre as espécies identificadas como restos de alimentação, apresentaram-se mamíferos, répteis, peixes, moluscos, crustáceos e equinodermas.

De acordo com as interpretações da publicação do IAP, havia, por parte dos antigos habitantes de Laranjeiras II, certa inclinação para a caça de determinados mamíferos em detrimento de outros, mesmo se tratando de uma predação oportunística (Schmitz *et al.*, 1993, p. 87). É sabido que muitos grupos possuem, por assim dizer, sistemas especializados e de preferências de caça, no entanto, não podemos produzir inferências sobre esse aspecto em Laranjeiras II. Não apenas por ser um sítio arqueológico cujos vestígios das práticas são estritamente materiais, como também por termos uma análise baseada em uma amostra assistemática e reduzida da fauna.

3.5.4 Material ósseo e conchífero

Como explicitam Schmitz e colaboradores (Schmitz *et al.*, 1993, pp. 97-101), a indústria sobre osso, dente e concha do sítio é relativamente expressiva e diversificada. Dentre os artefatos ósseos, há materiais classificados como pontas de projétil, ossos apontados, agulhas, anzóis, espátulas, vértebras trabalhadas, outros ossos modificados, dentes perfurados e modificados. A quantidade mais representativa de material são as

57 A análise do material em geral foi realizada pelo biólogo André Jacobus enquanto os peixes foram classificados pela bióloga Marta Gazzaneo e seguiu a seguinte metodologia: o material foi separado em classes, depois em gêneros e, quando possível a identificação, em espécies. Posteriormente, calculou-se o número total de fragmentos identificados e o número mínimo de indivíduos de cada grupo (Schmitz *et al.*, 1993, p. 86).

pontas de projétil, fabricadas a partir de fragmentos de ossos longos de mamíferos ou aves, ou em acúleos e esporões de peixes.

Dentre os ossos modificados, há fêmur de gato-do-mato, fêmur de bugio e tibia de queixada serrados, enquanto há marcas de corte em fêmur de irara e úmero de anta. Segundo Rohr (1984, p. 37), há um pingente de osso, com formato de coroa, cuja especificação não é tratada.

Dos dentes trabalhados, muitos associados a sepultamentos, evidenciam-se, de acordo com Schmitz e colaboradores, dentes de animais terrestres e marinhos. Dentre os mamíferos, dentes de lobo marinho (1 dente perfurado), de boto (8 dentes perfurados), de puma (1 dente perfurado e serrado), de elefante marinho (4 dentes perfurados e cortados transversalmente), de bugio (2 dentes perfurados), de coati (1 dente perfurado) e de felídeo não identificado (13 dentes perfurados). Dentre os peixes, foram evidenciados dentes de tubarão tintureira (7 dentes duplamente perfurados e 1 alisado) e de cação (16 dentes).

De acordo com nossa análise, algumas das espécies identificadas a partir dos dentes, que teriam sido utilizados como artefatos, perfurados ou não, seriam: dentre os tubarões, o mangona (*Odontaspis taurus*), o tubarão-tigre (*Galeocerdo cuvier*), o tubarão-azul ou tintureira (*Prionace glauca*), o anequim ou mako (*Isurus oxyrinchus*) e o tubarão branco (*Carcharodon carcharias*). Dentre os mamíferos, seriam elefante marinho (*Mirounga leonina*), porco-do-mato-queixada (*Tayassu pecari*), boto ou golfinho (*Tursiops truncatus*), lobo marinho (*Arctocephalus australis*), coati (*Nasua nasua*), símios (provavelmente de bugio, *Alouatta sp.*) e de felinos (de jaguatirica *Felis pardalis*, de puma *Felis concolor*, e de onça *Panthera onca*).

De acordo com os dados do Pe. Rohr, foram recolhidos 18 dentes de mamíferos perfurados e 6 dentes de cação tintureiro, duplamente perfurados. Além deles, 9 dentes de mamíferos perfurados e acometidos de modificações, tendo sido seccionados transversalmente na raiz ou na coroa. Um desses dentes de tubarão foi alisado e desgastado na coroa e depois submetido à ação do fogo, o que lhe deu coloração escura e brilho (Rohr, 1984, p. 37). Os dentes perfurados evidenciados são, de acordo com Rohr, de felinos, de símios e de focas. Há também um artefato classificado por ele como tembetá sobre dente de elefante marinho ou foca gigante (Rohr, 1984, p. 37). Expostos na vitrine do Museu Arqueológico/CACG encontram-se outros artefatos diferenciados, um “bico de ave” perfurado (que pode ser a garra de algum animal) e um artefato confeccionado a partir de dente de porco do mato, classificado como tembetá.

Já dentre as conchas, são poucas as perfuradas: são 114 exemplares perfurados de *Olivella sp.* (associadas ao sepultamento infantil nº 91), 13 conchas perfuradas de *Ollivancilaria sp.* e um exemplar perfurado de *Co-*

nus sp. Na amostragem de conchas evidenciadas não aparece qualquer outra modificação.

As vértebras de peixe perfuradas foram recolhidas em número de 130, sendo destas, ao menos 12 de cação. Suas dimensões variavam em diâmetro de 50 a 11 mm e, em espessura de 26 a 8 mm. Algumas das vértebras, além da perfuração central, apresentam um alisamento circunferente. Não há especificação sobre quais foram evidenciadas junto a sepultamentos.

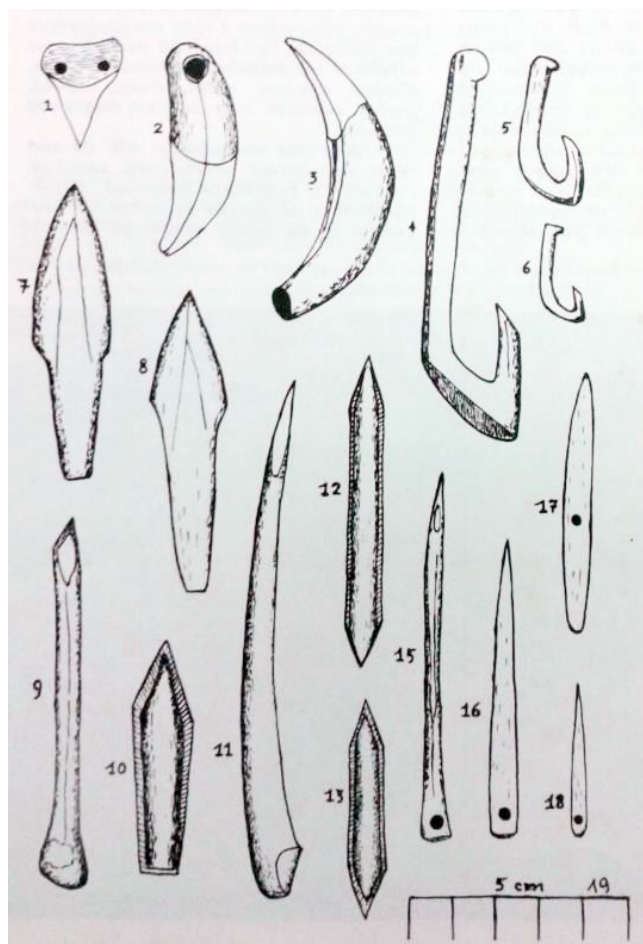


Figura 26 – Desenhos, feitos pelo Pe. Rohr, de artefatos evidenciados no sítio. Legenda redigida por ele: 1) Amuleto de dente de cação; 2) Amuleto de dente

de jaguatirica; 3) Raspador de dente de porco do mato; 4, 5 e 6) Anzóis feitos de osso; 7, 8, 9, 10 e 11) Pontas de flecha simples; 12 e 13) Pontas de flecha dupla; 15, 16, 17 e 18) Agulhas feitas de osso; 19) Escala. Fonte: ROHR, 1978.

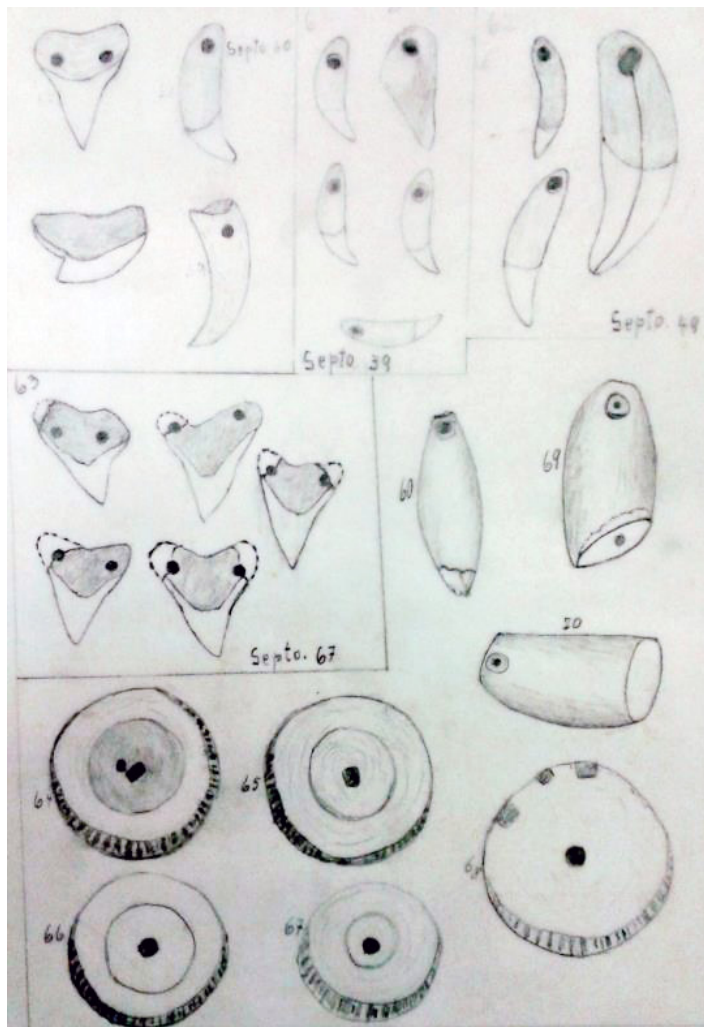


Figura 27 – Desenhos de artefatos de Laranjeiras II em papel vegetal. Fonte: Acervo do IAP.

3.5.5 Outras estruturas evidenciadas (de combustão e de eliminação de lixo)

De acordo com Schmitz e colaboradores, uma escavação ampla, como aconteceu em Laranjeiras II, permite recompor, em certa medida, a organização do sítio. A partir da análise da área do sítio, pode-se inferir locais de atividade a partir de algumas estruturas. Três tipos de estruturas, além das funerárias, foram evidenciadas por Rohr durante as escavações: os fogões, os fornos subterrâneos e os aprofundamentos cheios de lixo (Schmitz *et al.*, 1993, pp. 103-105).

Os denominados fogões seriam armações de seixos e blocos rochosos que formavam um espaço circular ou alongado, com uma média de 30 a 40 cm de diâmetro. Estavam em uma camada mais escurecida, composta quase exclusivamente por carvão. Sugere-se que essas estruturas constituíam espaços de cocção, de calefação e iluminação. Pareciam ter uma duração temporal, como estruturas permanentes da aldeia, por formar uma plataforma de pedras, se aglomerarem no mesmo local e serem mantidos limpos ao longo do tempo.

Os chamados fornos subterrâneos são descritos como núcleos de 20 a 40 cm de diâmetro, compostos de barro vermelho ou amarelo, com cinzas, carvão, conchas trituradas, ossos moídos de peixes e de animais de caça. Pe. Rohr os denominou de “fornos polinésios”, sugerindo que eram utilizados para o preparo de alimentos. Enquanto nos fogões o alimento seria preparado a céu aberto, sobre o fogo ou em vasilhames cerâmicos, nesses fornos o alimento seria enterrado e coberto, entre camadas de brasas.

Os denominados aprofundamentos cheios de lixo são depressões irregulares dentro da areia clara, preenchidas com sedimentos escuros contendo carvão vegetal, ossos de peixes, de aves e de mamíferos, assim como cascas e espinhos de ouriços do mar, lascas e seixos, isto é “todo tipo de refugio, inclusive o artesanal” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 104). Esses aprofundamentos acompanham os fogões e os fornos no espaço escavado. De acordo com os autores, o manejo do lixo em uma aldeia permanente é importante para o bem-estar dos moradores, podendo ser abandonado, enterrado ou levado para fora. Neste sítio, sugerem, o lixo mais substancial – constituído pelas ostras, restos dos ouriços do mar, pinças dos crustáceos, ossos de baleia e pequenos refugos da fabricação de artefatos – é depositado na proximidade do mar, na borda da aldeia. Da mesma forma ali são depositados restos artesanais (lítico e cerâmica) e outros restos faunísticos como ossos de peixes e de mamíferos (Schmitz *et al.*, 1993, p. 104).

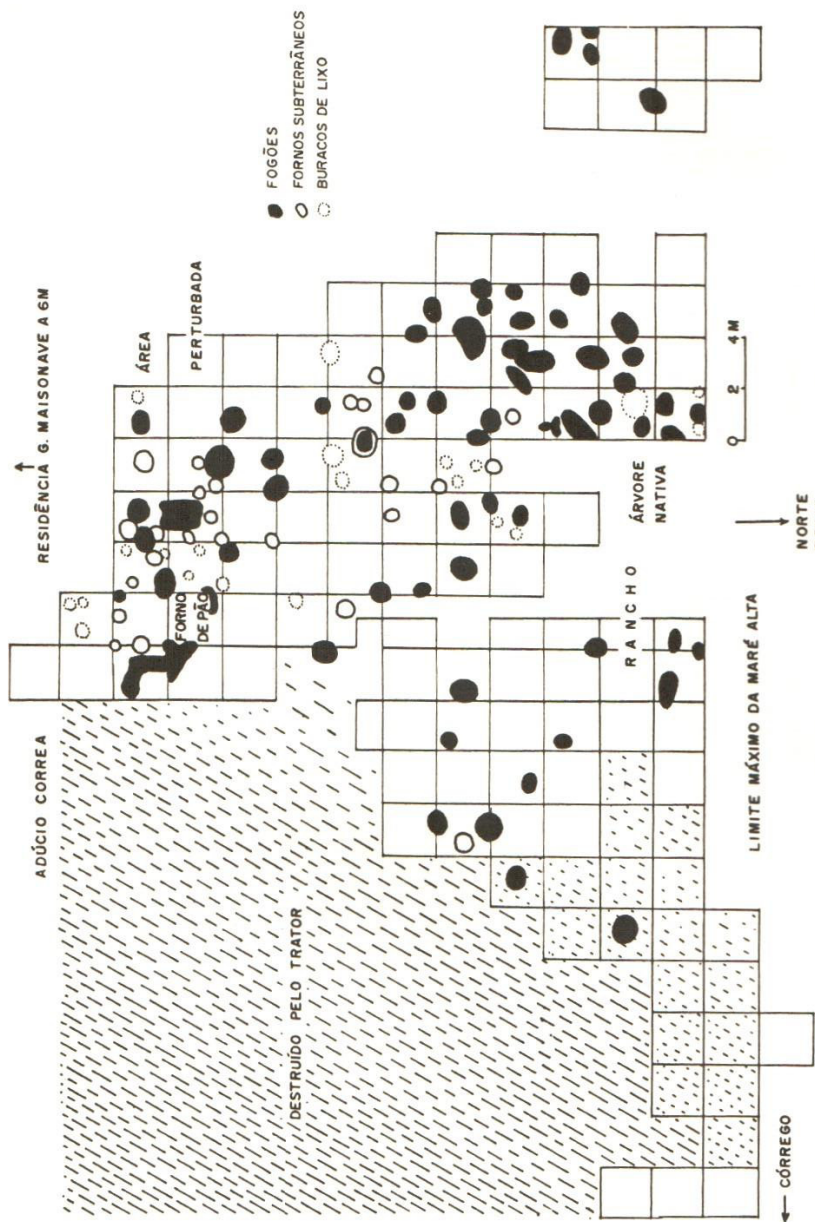


Figura 28 – Área destruída pelo trator e posição dos fogões, fornos e buracos de lixo, segundo Schmitz *et al.*, 1993, p. 35.

CAPÍTULO 4. PRÁTICAS FUNERÁRIAS DO SÍTIO PRAIA DAS LARANJEIRAS II: INTERPRETAÇÕES A PARTIR DAS COLEÇÕES

Este capítulo busca olhar para as práticas funerárias em Laranjeiras II a partir dos esqueletos e seus acompanhamentos funerários com o intuito de retomar as análises produzidas anteriormente pelos trabalhos citados e agregar a elas algumas informações, assim como busca problematizar questões a respeito dos sepultamentos e os materiais associados a eles.

Com a retomada da documentação⁵⁸, dos estudos anteriores e do material arqueológico integrante das coleções, foi possível notar que alguns dados poderiam ser revistos e refinados. A necessidade de uma organização e sistematização dos dados produzidos acerca das práticas funerárias em Laranjeiras II ficou mais evidente na medida em que a discrepância de informações era percebida.

O trabalho de curadoria realizado por Luciane Scherer, já citado, refinou os dados relativos aos esqueletos a respeito do sexo e idade dos indivíduos (produzidos na década de 1980), assim como evidenciou acompanhamentos não percebidos por Rohr e pela equipe do IAP na época de suas análises. A utilização dos dados de Scherer, assim como a leitura e o estudo dos documentos e publicações possibilitou que uma organização e sistematização das informações fossem aqui efetuadas. A análise das fotografias, desenhos, mapas e perfis do sítio e dos materiais arqueológicos também possibilitou revisões. Além disso, a visita aos museus e o acesso às coleções permitiu identificar o estado atual em que se encontram e, ainda, reorganizar os dados, assim como produziu registros fotográficos dos materiais associados aos sepultamentos.

Essa retomada na documentação, nos acervos museológicos e nas publicações, possibilitou, portanto, uma sistematização e reorganização dos dados acerca das práticas funerárias no sítio Laranjeiras II.

58 Os dados foram consultados nas fichas de registro de sepultamento organizadas pelo Pe. Rohr, na publicação do Instituto Anchietano de Pesquisas sobre o sítio Praia das Laranjeiras II (Pesquisas – Antropologia, n° 49, 1993), no catálogo de análise da curadoria de L. Scherer, assim como diretamente no acervo dos dois museus e, ainda, na documentação da coleção de Brasília.



Figura 29 – Área com vários sepultamentos evidenciados na escavação de Laranjeiras II. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.

4.1. SEPULTAMENTOS DO SÍTIO PRAIA DAS LARANJEIRAS II

Os trabalhos de escavação puderam evidenciar, em suas três etapas, 114 sepultamentos (sendo 112 referentes ao Laranjeiras II e dois sepultamentos referentes ao Laranjeiras I, provenientes de uma trincheira-teste realizada por Rohr no sambaqui). Apesar de cerca da metade do sítio ter sido destruída antes da escavação, precisamos notar a grande quantidade da amostra de sepultamentos evidenciados em Laranjeiras II. Pe. Rohr aponta, inclusive, que tendo em vista a área destruída pelo trator, pode-se inferir que o número de sepultamentos destruídos possivelmente fosse maior que o número de sepultamentos recolhidos (Rohr, 1984, 45). No contexto litorâneo catarinense, há poucos sítios amplamente escavados com presença de cerâmica com grande número de sepultamentos, e LJII pode ser considerado uma importante referência no estudo desses grupos litorâneos antigos.

Os indivíduos sepultados no sítio eram de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e encontravam-se estendidos ou fletidos, geralmente orientados no sentido praia-interior (ou seja, Norte-Sul). Segundo Rohr, a maioria dos enterramentos estava entre os 10 cm e os 100 cm de profundidade em relação à superfície do solo, havendo apenas 14 indivíduos entre

100 e 150 cm (Rohr, 1984, p. 47). A maior parte dos sepultamentos evidenciados no sítio estava em conexão anatômica, indicando a posição em que os indivíduos foram enterrados, no entanto, muitos estavam perturbados e não apresentavam todos os ossos do esqueleto. Ao que parece, alguns sepultamentos foram perturbados devido ao enterramento de outros indivíduos em proximidade a eles, posteriormente.

Pe. Rohr indica que alguns dos esqueletos estavam em precário estado de conservação e devido a isso não foram coletados. Já de outros sepultamentos, pôde coletar grande parte dos ossos, por não estarem tão decompostos quanto os demais. Em sua contabilização, 42 sepultamentos estavam intactos e completos, enquanto 71 apresentaram-se incompletos – ele considerou 113 sepultamentos para o sítio raso. Dentre os sepultamentos, alguns se destacaram: uma gestante, com o esqueleto de um feto em seu ventre e, outro sepultamento de adulto, que tivera o braço fraturado em vida e a marca da fratura ficou perceptível no osso⁵⁹ (Rohr, 1984, pp. 45-46).

Em sua pesquisa, na época das escavações, Pe. Rohr contabilizou cada sepultamento como sendo um indivíduo, orientando-se pelo número de crânios ou mandíbulas presentes, por entender que cada uma dessas unidades anatômicas representaria um indivíduo (Rohr, 1984, 45). No caso da mulher com o feto no ventre, Alfredo Rohr considerou o bebê como outro sepultamento e contabilizou dois (Sepultamentos 32 e 34).

A análise posterior de Scherer, no entanto, identificou mais indivíduos que os 113 identificados por Rohr. Em alguns casos, um sepultamento escavado e numerado por Rohr foi por ela analisado e evidenciou a presença de mais de uma pessoa entre seus ossos. Tal situação levou Scherer a inserir na contabilização alguns outros indivíduos e os nomeou, por exemplo, como Sep 16A (além do Sep 16, identificado por Rohr, havia mais um indivíduo), Sep 27B (além do Sep 27, número identificado por Rohr, havia dois indivíduos: 27A e 27B) e Sep 90C (além do Sep 90, esqueleto identificado por Rohr, havia na amostra mais três indivíduos: 90A, 90B e 90C).

De acordo com o relatório enviado por Dorath Pinto Uchôa, sobre sua participação nas escavações, para o Instituto de Pré-História (USP), “não foram computados como indivíduos os esqueletos que apresentaram apenas partes dos membros (inferiores ou superiores) ou indivíduos

59 Pe. Rohr indica que a fratura foi no osso úmero, no entanto, evidenciamos que há outro indivíduo com fratura no braço, o Sepultamento 25. Trata-se de um sepultamento cimentado no MA/CACG com essa mesma fratura, mas na ulna esquerda (análise realizada por Andrea Lessa e Luciane Scherer em nossas visitas a este museu).

com ausência de crânio”. Ainda segundo este relatório, ela aponta que no sítio Laranjeiras II há “enterramentos primários e secundários; enterramentos simples e duplos” (Uchôa, 1978). Essa afirmação de Uchôa pode contribuir com a análise dos sepultamentos, pois permite perceber que, além de existir mais indivíduos enterrados, poderia haver enterramentos de outros tipos em Laranjeiras II e não somente primários ou “perturbados”, como a leitura da documentação de Rohr permite inferir. Considerar que alguns sepultamentos podem ser secundários ou mesmo duplos, leva a perceber que não necessariamente alguns sepultamentos classificados por Pe. Rohr como “perturbados” o seriam de fato. No entanto, apenas com uma descrição detalhada, fotografias, desenhos ou outros documentos, essas situações poderiam ser verificadas (não obtive informações sobre a existência de tal documentação).

Nesse sentido, é possível considerar que alguns indivíduos tenham sido enterrados juntos, em enterramentos duplos (ou múltiplos), no entanto, não posso afirmar isso, mesmo com o indicativo de Uchôa, devido à natureza da documentação e da imprecisão desses registros. Além das afirmações da arqueóloga, as fotografias de campo, assim como os dados das fichas de registro de sepultamento produzidas por Rohr, levam a inferir algumas possibilidades nesse sentido. Entretanto, são apenas possibilidades e, mesmo que as considere aqui, posso estar equivocada.

Os indivíduos adultos, cujos sepultamentos foram numerados Sep 72 e Sep 73, por exemplo, parecem ter sido enterrados juntos: estavam na mesma profundidade (120 cm), muito próximos, em decúbitos laterais opostos, um de costas para o outro e, entre os dois, havia uma série de ossos faunísticos finos e longos, um dente de porco-do-mato e dentes de tubarão de diversas espécies. Outro exemplo dessa possibilidade seria os Sepultamentos 95 e 96, enterrados muito próximos, na mesma profundidade (seus crânios a 50 cm e os pés a 60 cm). Na interpretação de Rohr, o Sep 95 seria posterior ao Sep 96 e o teria perturbado, no entanto, as descrições e a fotografia indicam que as duas crianças estariam enterradas lado a lado, inclusive tendo seus crânios apoiados parcialmente um no outro. Além desse elemento, a posição das denominadas “pedras de um fogão” que lhes acompanhavam, “ao redor até os joelhos” (Sep 95) ou “junto à parte inferior” (Sep 96), como descreve Rohr, indicam que demarcariam os corpos das crianças. Na fotografia de campo pode-se ver as pedras, que parecem circundar os corpos, de modo a delimitar o enterramento.

Para a pesquisa da dissertação, optou-se por produzir novas fichas de registro de sepultamento, constituídas a partir das próprias fichas de registro de sepultamento de Rohr. Tais fichas são uma reformulação daquelas produzidas por Rohr, atualizadas em termos de alguns dados e com-

plementadas com algumas informações. Dentre os indivíduos analisados, considerei apenas aqueles que Rohr definiu como sepultamento, para os quais produzi fichas individuais e que, efetivamente, se referem ao sítio Laranjeiras II, ou seja, 112 indivíduos.

Para o estudo dos sepultamentos neste trabalho e para a elaboração das novas fichas de registro, foram, então, considerados, além da numeração individual, os seguintes critérios na composição dos dados para cada um dos sepultamentos enumerados por Rohr:

- a) *Profundidade*: profundidade do sepultamento em relação à superfície do solo;
- b) *Camada*: se refere ao tipo de sedimento em que o esqueleto se encontrava enterrado, como descrito por Rohr (húmus escuro, areia clara, embasamento do sítio);
- c) *Setor*: localização do sepultamento na malha da escavação (quadrícula);
- d) *Sexo*: estimativa de sexo⁶⁰ identificado a partir da análise osteológica (masculino, feminino ou indeterminado);
- e) *Idade*: estimativa da faixa etária⁶¹ a partir da análise dos ossos (crianças, jovens, adultos, adultos maduros);
- f) *Deposição*: trata-se da posição em que os indivíduos estão deitados, são os decúbitos laterais (esquerdo ou direito), dorsal e ventral;
- g) *Posição*: a posição do corpo refere-se a maneira como apresentava-se disposto na estrutura funerária (estendido, fletido, semi-fletido, hiperfletido);
- h) *Orientação*: eixo no sentido cabeça-pés em que o corpo estava enterrado de acordo com os pontos cardeais;

60 A respeito da variável sexo é preciso notar que a identificação do esqueleto pode não ser realizada devido a alguns fatores (Saladino, 2016, pp. 166-167). Muitos esqueletos apresentam indeterminação quanto à variável sexo e esses fatores são as condições tafonômicas do material e a faixa etária dos indivíduos – em alguns jovens e crianças não é possível identificar o sexo. Além disso, no caso de LJII, a identificação de alguns indivíduos torna-se inviável por alguns esqueletos registrados e escavados não terem sido coletados.

61 A variável “faixa etária” foi definida em três categorias principais “criança, jovem, adulto”, sendo divididas em outras, mais específicas. A categoria “criança” se refere a: feto, neonato e bebê (até 24 meses de idade) e criança (de 24 a 11 anos de idade). A categoria “jovem” inclui sub-adulto/jovem/adolescente/jovem em crescimento (de 12 a 18 anos). E a categoria “adulto” abarca adulto jovem (de 19 a 29), adulto (de 30 a 40 anos) e adulto maduro (a partir dos 40 anos).

- i) *Material associado*: trata-se dos acompanhamentos encontrados junto aos esqueletos;
- j) *Observação*: campo que abrange observações e outras informações referentes aos sepultamentos ou aos materiais associados a eles;
- k) *Fotos*: quando há fotografias disponíveis dos sepultamentos ou dos materiais associados e que ainda não tenham sido inseridas ao longo da dissertação, são referidas ou inseridas nesse campo.

Além de tais informações, apresento na ficha o museu em que o esqueleto se encontra (MHS ou MA/CACG) e também onde estão guardados os acompanhamentos funerários quando existentes tais informações (MHS, MA/CACG ou Academia de Polícia Federal). Essas fichas de sepultamento, inseridas mais adiante, buscam organizar e sistematizar as informações disponíveis a respeito de cada um dos sepultamentos enumerados por Rohr evidenciados em Laranjeiras II. Os dados foram revisados e, em complementação às análises anteriores, trago informações sobre acompanhamentos funerários antes não descritos nos trabalhos antigos.

Schmitz e colaboradores chamam atenção para o fato de faltarem muitos dados a respeito de sepultamentos que foram cimentados: em muitos casos, não havia informações sobre acompanhamentos, preparação e fechamento da cova. Os autores entendem que a cimentação pode obscurecer a situação de partes de sepultamentos e de “ossos provenientes de esqueletos desconjuntados na sucessiva deposição de corpos” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 135). Essa questão dificulta as análises e demonstra, novamente, como os dados referentes aos sepultamentos são problemáticos em alguns pontos e necessitam, naquilo que é possível, ser revisados.

As práticas funerárias em Laranjeiras II foram entendidas de maneiras distintas pelos pesquisadores que analisaram seus sepultamentos anteriormente (Rohr, 1977, 1984; Oliveira, 1986; Schmitz *et al.*, 1993; Schmitz e Verardi, 1994). Para Rohr, a análise dos sepultamentos foi realizada em termos de quantidade, idade, estado de conservação, disposição, associação de objetos de adorno, associação de oferendas funerárias, profundidade a partir da superfície do solo e outras observações como lesões por trauma. Sua intenção, em uma publicação futura, seria realizar o estudo antropométrico dos sepultamentos (Rohr, 1984), no entanto não pode rea-

lizá-lo. Nanci Oliveira apresentou um estudo de paleodemografia⁶², morfologia dos esqueletos e práticas funerárias a respeito dos dois sítios da Praia das Laranjeiras (Oliveira, 1986).

Pe. Ignácio Schmitz e colaboradores expuseram os dados das fichas de registro de sepultamento produzidas por Rohr, organizando as informações disponíveis para cada um dos sepultamentos. Nesse estudo, apresentaram profundidade, setor, posição e deposição, orientação e materiais associados aos sepultamentos. Informações como sexo e idade dos indivíduos (definidos por W. Neves e N. Oliveira) e mapas de distribuição dos sepultamentos também foram disponibilizadas, e apresentaram um padrão de sepultamento para o sítio LJII (Schmitz *et al.*, 1993). Pe. Schmitz e Ivone Verardi propuseram um estudo sobre antropologia da morte em Laranjeiras II, buscando, a partir dos sepultamentos, identificar o ritual e a ideologia da morte desse grupo pretérito (Schmitz e Verardi, 1994).

Passo agora a esmiuçar as ideias inscritas nessas publicações para que se possa problematizar algumas questões e contribuir para pensar as práticas funerárias em Laranjeiras II. De acordo com Pe. Rohr, os sepultamentos do sítio Praia das Laranjeiras II são encontrados

no chão das cozinhas ou choupanas, próximo aos fogões; porque o índio sepulta os seus falecidos no chão da própria casa e jamais leva-os para um cemitério, fora da aldeia, como nós costumamos fazer. O falecido, segundo a mentalidade do índio, continua pertencendo à família. Os sepultamentos foram feitos numa cova aberta na areia e cobertos com terra. Não tem esquife, nem outra proteção qualquer. Por isso, alguns foram enterrados de rosto para baixo, em decúbito ventral. Todos acham-se, parcialmente, fletidos e a maioria tem a cabeça orientada no sentido da praia (Rohr, 1977, p 29).

Em outra publicação, Pe. Rohr indica que em Laranjeiras II ocorreu o mesmo fenômeno observado por ele em outros sítios rasos do litoral. Para Rohr, os antigos moradores das Laranjeiras “não assinalavam o sepulcro, na superfície do solo, com algum monumento funerário”. Devido a isto, Rohr entende, “continuando a morar, durante séculos, no mesmo

62 A Paleodemografia se preocupa com a reconstrução demográfica de populações humanas extintas. Utiliza dados socioculturais fornecidos pelos arqueólogos, assim como dados das análises de remanescentes ósseos realizadas por antropólogos físicos (Oliveira, 1986, p. 158).

local, novos sepultamentos, muitas vezes, perturbavam e mutilavam os sepultamentos anteriormente feitos” (Rohr, 1984, p. 45). Nesta publicação, Rohr apresenta desenhos de materiais arqueológicos evidenciados, dentre eles alguns acompanhamentos funerários, assim como disponibiliza um mapa de distribuição dos sepultamentos no espaço escavado.

A respeito desta publicação de Rohr (1984), Saladino aponta que o arqueólogo não disponibiliza os dados para compreender a disposição dos sepultamentos evidenciados, assim como para relacionar os acompanhamentos funerários – “complementos funerários”, como ela escreve – coletados nos sepultamentos. A autora sugere que, para realizar uma análise desta natureza “seria necessário complementar os dados publicados com a documentação de campo e, ainda, com a análise do material coletado” (Saladino, 2016, p. 42).

A análise realizada por Nanci Oliveira, em sua dissertação de mestrado, buscou um viés paleodemográfico e morfológico dos sepultamentos evidenciados nos dois sítios da Praia das Laranjeiras, além de olhar para as práticas funerárias. A metodologia de análise empreendida por Oliveira constituiu-se no mapeamento dos elementos presentes nas práticas mortuárias nos dois sítios e a distribuição destes pelos níveis estratigráficos estabelecidos por Rohr. O objetivo da autora foi verificar se as diferenças nas práticas mortuárias estariam relacionadas a grupos distintos que ocuparam o mesmo sítio (Oliveira, 1986, p. 197). Procurando analisar a disposição dos mortos, os acessórios funerários, segundo o sexo e idade dos indivíduos, Oliveira buscou verificar “as variáveis que ocorrem nas práticas mortuárias e as características dos indivíduos relacionados a elas” (Oliveira, 1986, p. 198).

Para N. Oliveira, um maior grau de desigualdade entre pessoas evidencia muito mais disparidade nos tratamentos com os mortos, nesse sentido, interpretou que os grupos que ocuparam os dois sítios de Laranjeiras podem ser considerados “sociedades igualitárias” (Oliveira, 1986, p. 214). Além disso, a autora percebeu que não houve alteração nas práticas mortuárias durante a ocupação dos dois sítios. A autora apresenta fichas e tabelas de suas análises, assim como mapas de distribuição espacial dos sepultamentos na área escavada, no entanto não apresenta fotografias ou desenhos de acompanhamentos funerários, apenas os menciona brevemente.

A análise de Oliveira a respeito das características dos 112 sepultamentos do sítio Laranjeiras II produziu alguns resultados, dentre eles, os seguintes: ela observou uma predominância de indivíduos fletidos (28,60% da amostra), seguidos por indivíduos com pernas fletidas (14,30%). Acerca dos decúbitos, predominavam indivíduos sepultados em decúbito lateral (46, 40%), sendo 25,90% para o lado direito e 20,50% para o lado esquer-

do. A orientação dos mortos era predominantemente Norte-Sul (a cabeça para a praia), no entanto a orientação Sul-Norte (cabeça para o continente) também foi significativa (Oliveira, 1986, p. 205).

Sobre a presença de “acessórios funerários”, como denomina, a análise de Oliveira evidenciou sua ocorrência em um número reduzido de indivíduos. Dentre os indivíduos com acessórios funerários, a predominância era junto a sepultamentos infantis, no entanto em alguns poucos indivíduos jovens e adultos de ambos os sexos a presença também foi evidenciada. A respeito dos acompanhamentos funerários presentes em sepultamentos infantis, conclui que não se caracterizaram por determinada categoria de idade. De acordo com a autora⁶³, dos 23 indivíduos do sexo feminino, quatro apresentaram o que ela denomina de “elementos materiais associado ao ritual”. Dos 26 indivíduos do sexo masculino, três apresentaram tais associações. Dos 32 sepultamentos infantis, onze apresentaram tais elementos. Por fim, dentre os 8 indivíduos jovens, apenas três “apresentaram tais elementos no ritual” (Oliveira, 1986, p. 206).

Para Laranjeiras II, Oliveira indicou que não havia padronização por sexo e idade em termos de acompanhamentos funerários. No entendimento da autora, os acessórios funerários aparecem para poucos indivíduos adultos de ambos os sexos, alguns jovens e crianças, “o que parece indicar diferenciação por prestígio para determinadas pessoas”. A autora considera que a “identidade social” nesse sítio não se baseia em sexo e idade exclusivamente, mas que possa estar “provavelmente relacionada com chefia, o que explicaria os poucos indivíduos adultos masculinos, havendo também ‘identidades de parentesco’ relacionadas, possivelmente a algumas mulheres adultas, jovens e crianças” (Oliveira, 1986, pp. 214-215). A autora percebeu que os sepultamentos que apresentaram acessórios funerários estavam dispostos em círculos. E sugere que isso vem a confirmar a possibilidade de associação dos indivíduos do sexo masculino à chefia da casa ou do grupo (Oliveira, 1986, p. 215).

Outro estudo realizado sobre os sepultamentos de Laranjeiras II está publicado em Schmitz e colaboradores. De acordo com este estudo, a distribuição espacial dos sepultamentos na área escavada indica que eles não se encontram distribuídos aleatoriamente (Schmitz *et al.*, 1993, p. 135). Há espaços em que os esqueletos estão aglomerados enquanto em outros, estão ausentes. A ausência de esqueletos é evidente nas quadrículas mais

63 Essa análise de Oliveira, apenas citada, não será considerada, pois utilizo os dados de Scherer. As identificações de sexo e idade dos indivíduos realizadas por Scherer em muitos sepultamentos diferem daquelas propostas por Oliveira.

próximas da praia, a exceção de um esqueleto (o Sep 107, que está associada a uma mandíbula de baleia).

Alejandra Saladino realiza alguns apontamentos sobre as práticas funerárias em Laranjeiras II e indica que Schmitz e colaboradores (1993) sistematizaram os dados das fichas organizadas por Rohr e produziram uma lista de sepultamentos identificados por números, contendo informações “sobre localização, características do sedimento, comportamentos mortuários, complementos funerários, variáveis biológicas e tafonomia”. No entanto, continua, nem todas as estruturas funerárias apresentam informações sobre todos esses aspectos. Os registros sobre a localização dos acompanhamentos funerários em relação ao corpo, por exemplo, nem sempre são precisos. Saladino, então, aponta que o esforço desses pesquisadores para sistematizar os dados sobre os sepultamentos resultou na proposição de um padrão de sepultamento, segundo ela, fundamental para a compreensão do sítio. O espaço funerário entendido pelos autores estaria localizado em uma área contrária às estruturas de combustão e de descarte de resíduos. Nesse sentido, tal espaço consistiria em um conjunto de sepulturas alinhadas enquanto outras estariam isoladas. A respeito dos acompanhamentos funerários, na interpretação dos autores, “eram mais diversificados nos sepultamentos de adultos, apesar de não haver nada muito específico que lhes permitisse perceber diferenciações.” (Saladino, 2016, p. 47).

Esse padrão de sepultamento proposto por Schmitz e colaboradores está, em parte, sendo revisto aqui. Os dados apresentados na publicação do IAP (1993) foram revisados para esta dissertação e, em muitos casos, os dados que encontramos sobre o sexo (e, em menor medida, a idade) dos indivíduos não foram os mesmos descritos pela publicação. Em outros casos, pode-se confirmar o sexo de alguns indivíduos cuja determinação anterior era tida como “indeterminado”.

De acordo com as proposições de Schmitz e colaboradores, devido à distribuição espacial dos sepultamentos no sítio, presumiu-se que a maioria dos indivíduos estava enterrada dentro das habitações, isto é “dentro das choupanas contra as paredes”. Os autores calculam, pelo número de mortos dentro das choupanas (até 30 indivíduos), que as moradias deveriam ser plurifamiliares, ou de famílias extensas e duradouras, o que os leva a entender que ali era uma aldeia com longa duração ininterrupta (Schmitz *et al.*, 1993, p. 18).

Os autores propuseram a divisão dos esqueletos na área escavada por conjuntos, sendo percebidos oito grupos distintos, para além dos indivíduos isolados. O primeiro conjunto teria um contorno retangular e estaria nas quadrículas da primeira etapa da escavação, composto pelos sepultamentos 1 a 31 (exceto o Sep 16, que estava mais próximo da praia).

A orientação da maior parte dos indivíduos deste conjunto era Norte-Sul (sentido cabeça-pés da praia para o interior), sendo poucos com a cabeça voltada para o Sul ou para o Oeste. Para Schmitz e colaboradores, esse retângulo marcaria o perímetro da antiga habitação, a “casa” onde essas pessoas habitavam enquanto vivas – e ali teriam permanecido depois de mortas. As pessoas estariam deitadas ao longo das paredes, internamente, na habitação que provavelmente possuía 8 metros de diâmetro (Schmitz *et al.*, 1993, p. 136). A inferência em relação a isso foi construída a partir da análise da disposição dos esqueletos no espaço escavado. Alguns deles estavam dispostos formando densos alinhamentos ao redor de espaços vazios, nesse sentido, os autores entenderam que tais alinhamentos indicavam as paredes das habitações⁶⁴.

O segundo conjunto, com características semelhantes ao primeiro, corresponderia às quadrículas 1 H, 0 I, 1 I e 2 I, em que estavam aglomerados 25 esqueletos. Pareciam também formar um segmento de retângulo (ou círculo) com cerca de 8 m de lado, estando a maior parte do suposto retângulo fora da área da escavação. Os corpos estavam fletidos e a orientação dos indivíduos, majoritariamente Norte-Sul, também se mostrou Sul-Norte e Oeste-Leste.

Um terceiro conjunto, que pode corresponder tanto a segmento de retângulo quanto de círculo, abrangia as quadrículas 00 K, 00 L, 0 L e 0 M, tendo 12 esqueletos envolvidos. Também fletidos, os corpos estavam orientados predominantemente na direção Sul-Norte, havendo poucos para Norte-Sul. O quarto conjunto de sepultamentos, muito denso, encontrava-se nas quadrículas 4 G, 5 G e 5 H. Segundo os autores, esse conjunto se distingue dos demais por apresentar quase somente adultos, sendo quase todos homens. Os corpos também estavam fletidos e as orientações eram Sul-Norte e Norte-Sul.

O conjunto 5 apresentou 12 sepultamentos e localizava-se nas quadrículas 2 D, 2 E, 2 F e 2 G. Enquanto o sexto conjunto, cujas quadrículas eram 3 D, 3 E e 3 F, tinha apenas quatro esqueletos. Já o sétimo conjunto era formado por sete esqueletos, localizados nas quadrículas 4 F, 5 D e 5 E. Por fim, o oitavo grupo, composto por cinco sepultamentos, localizava-se nas quadrículas 7 D, 7 E e 7 F. Os indivíduos isolados, que para Schmitz e colaboradores não fazem parte de nenhum dos conjuntos, são todos adultos e correspondem aos sepultamentos 16, 64, 74/76, 107, 58, 71, 93 e 94.

64 Segundo Schmitz as casas, que construídas de material perecível (troncos e palha) durariam em média 6 a 8 anos, não teriam tantos enterramentos, mesmo se ocupadas por famílias extensas. Ele coloca como possibilidade de reconstrução das moradias no mesmo lugar.

Em síntese, a análise dos autores pode identificar que os sepultamentos são primários, tendo os corpos fletidos ou semifletidos, em decúbito lateral direito ou esquerdo, raramente dorsal ou ventral. A orientação dos esqueletos (cabeça) aponta para o Norte ou para o Sul, sendo somente quatro casos especiais (sepultamentos isolados) que estão para Oeste. Os sepultamentos estariam alinhados e nestes alinhamentos eles podem se sobrepor, ou então perturbar/ser perturbado por outros sepultamentos. Os alinhamentos medem de 6 a 8 metros e, segundo presumem os autores, indicam o tamanho das paredes que limitam os sepultamentos dentro das casas (Schmitz *et al.*, 1993, p. 139).

As covas, geralmente feitas em pequena profundidade, não dão indício de terem algum tipo de forração como pedras ou outros materiais evidentes, da mesma forma, não parece haver uma cobertura especial, que, no entendimento de Schmitz e colaboradores seria desnecessária, já que a deposição dos mortos era realizada dentro da casa. Para os autores, os seixos que foram evidenciados por cima e ao redor de alguns esqueletos devem ser os mesmos que se encontram espalhados nas camadas em toda a extensão do sítio. Por fim, indicam que a posição fletida dos corpos, alguns detalhes na posição dos membros, a posição oblíqua de certos indivíduos (tendo a cabeça a maior profundidade que o restante do corpo) sugerem que “os mortos não eram sepultados nus, mas envoltos em esteiras e/ou redes e cestos para evitar o contato direto e imediato com a terra que os envolvia” (Schmitz *et al.*, 1993, p. 141).

A seguir, uma tabela com os dados propostos por Schmitz e colaboradores a respeito do padrão de sepultamento do sítio. Alguns desses dados, como o sexo e a faixa etária dos indivíduos, por exemplo, diferem da nossa análise, pois foram revistos.

Conjunto	Características	Crianças	Jovens	Adultos (masc, fem e indet)
Conjunto 1 (30 indivíduos)	Dispostos em formato retangular (dentro da casa) Norte-Sul	2, 6, 7, 15, 20, 21, 24	1, 13, 31	3, 4, 5, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 17, 18, 19, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30
Conjunto 2 (25 indivíduos)	1 H, 0 I, 1 I e 2 I Norte-Sul	39, 47, 48, 49, 51, 52, 54, 56, 67, 91	66a	45, 50, 53, 55, 57, 62, 63, 64bis, 65, 66, 83, 84, 85, 86, 87
Conjunto 3 (12 indivíduos)	00 K, 00 L, 0 L e 0 M Sul-Norte	68, 70	75, 82	69, 72, 73, 77, 78, 79, 80, 81
Conjunto 4 (09 indivíduos)	4 G, 5 G e 5 H Sul-Norte e Norte-Sul	106a	–	89, 90, 101, 102, 103, 104, 105, 106
Conjunto 5 (12 indivíduos)	2 D, 2 E, 2 F e 2 G	34, 41, 42, 43, 44	40	32, 33, 35, 59, 60, 61, s.n.
Conjunto 6 (4 indivíduos)	3 D, 3 E e 3 F	68	–	36, 37, 46
Conjunto 7 (7 indivíduos)	4 F, 5 D e 5 E	100	95, 96	88, 97, 98, 99
Conjunto 8 (5 indivíduos)	7 D, 7 E e 7 F	111	–	108, 109, 110, 112
Isolados (9 indivíduos)	Indivíduos sepultados em locais isolados dos demais, não formariam conjunto	–	–	16, 64, 74/76, 107, 58, 71, 93, 94

Tabela 01 – Lista dos conjuntos de sepultamentos propostos por Schmitz *et al.* (1993, pp. 135-141).

O artigo de Schmitz e Verardi coaduna com a publicação do IAP de 1993, trata-se do mesmo esquema de entendimento a respeito dos sepultamentos. Para eles, a disposição dos esqueletos no espaço do sítio dá “a entender que se encontram depositados ao longo das paredes internas das habitações, que eram de material perecível e não deixaram res-

tos” (Schmitz e Verardi, 1994, p. 93). De acordo com os autores, os corpos eram enterrados fletidos, ou semifletidos, geralmente em decúbito lateral direito, e com a orientação do corpo em sentido Norte-Sul, sendo que a cabeça estaria voltada para o Norte (direção da praia). Os autores informam que os sepultamentos estavam dispostos em conjuntos, sendo o maior desses conjuntos, com 30 sepultamentos, uma espécie de retângulo, de cerca de 8 metros de diâmetro.

Outros dos conjuntos percebidos por Schmitz e Verardi mostram o mesmo alinhamento, sugerindo que numerosos esqueletos neles se encontravam. Na perspectiva dos autores, cada um desses conjuntos, compostos por crianças e adultos de ambos os sexos, insinua que “a população inteira da casa era ali enterrada, mas sem espaços diferenciados para crianças e adultos” (Schmitz e Verardi, 1994, p. 93).

Os autores indicam que há poucos corpos sepultados (apenas sete) fora desses espaços estruturados. Em sua análise, quatro desses indivíduos são maduros, sendo uma mulher e três homens, que receberam tratamento especial. Esses quatro indivíduos, todos enterrados do lado de fora das “casas”, encontram-se orientados em sentido Oeste-Leste (com a cabeça para o Oeste). No entendimento de Schmitz e Verardi, qualquer hipótese para explicar essa diferenciação nos enterramentos seria prematura, no entanto, se arriscam a sugerir que poderiam ser pessoas mais velhas que foram rejeitadas pela família, pessoas originárias de outras aldeias, indivíduos que exerciam ocupações não bem absorvidas pela comunidade, ou, ainda, sepultamentos anteriores à estruturação da aldeia na forma definitiva (Schmitz e Verardi, 1994, p. 96).

Assim como em Schmitz e colaboradores (1993), Schmitz e Verardi sugerem que os corpos não eram enterrados nus, mas envoltos em esteiras, redes e outros trançados, devido a algumas características evidenciadas nos esqueletos (a flexão geral dos membros, a disposição de alguns membros específicos, e a posição às vezes diagonal do corpo em relação à superfície do terreno, com a cabeça mais baixa que o resto do corpo) (Schmitz e Verardi, 1994, p. 94).

Os autores indicam que não havia preparações especiais das covas, como a forração do interior, hábito de populações pré-cerâmicas locais. Notam também que a presença de acompanhamento funerário era pouco expressiva, sendo apenas 20, 5% dos adultos acompanhados de material funerário (o que representa 16 dos 78 adultos da amostra). Já entre as crianças e indivíduos jovens, apenas 8 apresentaram objetos associados (22, 2%).

A argumentação geral do artigo sobre a localização dos esqueletos no espaço escavado pode ser assim sintetizada: os autores constataram que Laranjeiras II trata-se de uma

aldeia estruturada, onde os sepultamentos delimitam o espaço das habitações individuais e o conjunto do espaço construído, o qual representa a função de abrigo, proteção e intimidade; contrapõe-se, por um lado, ao espaço do fogo, o qual representa a cozinha, a iluminação e o encontro, e contrapõe-se, ainda, ao espaço do lixo coletivo, lugar de evitação (Schmitz e Verardi, 1994, p. 95).

De acordo com os autores, as habitações da aldeia eram próximas umas das outras e, mesmo que alguns dos espaços fossem integrados e de uso comum (como o espaço do fogo e da lixeira coletiva), os mortos continuavam sendo enterrados em suas próprias casas e não em um cemitério coletivo, “sugerindo uma sociedade segmentada”. Baseados no número de mortos em cada habitação e no tamanho das moradias, os autores têm a “nítida impressão de que se trata de casas coletivas de famílias extensas” (Schmitz e Verardi, 1994, p. 95). Os autores observaram que os mortos de uma mesma habitação não apresentaram diferenças nem na forma de deposição, nem nos acompanhamentos funerários, “sugerindo que não existe hierarquização das pessoas por sexo, idade ou mérito”. O mesmo ocorreria na totalidade da aldeia, o que levou os autores a reforçar a ideia que o assentamento era composto “pela junção de várias famílias extensas, ou agrupamentos semelhantes, sem uma chefia reconhecida, que teria direito a um sepultamento mais destacado” (Schmitz e Verardi, 1994, p. 95).

Outras interpretações dos autores a respeito das práticas funerárias se referem ao fato de os mortos se sobreporem ao longo das paredes das habitações. Para eles, isso indica a permanência das casas por um tempo mais longo do que normalmente se aceita para aldeias desse tipo, ou então indicaria a reforma da casa ou sua reconstrução no mesmo local, “reforçando a ideia da composição da aldeia por famílias extensas ou agrupamentos semelhantes com grande autonomia” (Schmitz e Verardi, 1994, p. 96). Já os sepultamentos alinhados em parte da área dos fogões sugerem, na perspectiva de Schmitz e Verardi, um deslocamento da habitação por cima de parte da área de fogo, ou, então, uma reestruturação da aldeia (Schmitz e Verardi, 1994, p. 96).

Para encerrar, os autores sugerem que os mortos “deveriam ser representados na imaginação coletiva como ainda pertencentes à família, razão por que recebem um tratamento extremamente simples”. Outro comportamento inferido pelos autores a partir dos sepultamentos do sítio é que a família não se mudava da habitação quando os corpos se acumulavam ao longo das paredes. Já que os mortos não ocupavam locais especiais na aldeia, nem na casa, nem em cemitério comunitário, “possivelmente também

não teriam tido um culto especial, nem um ritual elaborado, nem na família, nem na comunidade” (Schmitz e Verardi, 1994, p. 96).

Essas interpretações dos autores citados buscaram entender os ocupantes do sítio sob um viés de classificação societária. Discussões sobre complexidade social estão no pano de fundo dessas análises e termos como “sociedades igualitárias”, “sociedade segmentada” e “tratamento extremamente simples” evidenciam esse viés. As alusões a chefias, pessoas destacadas, status e hierarquias, famílias extensas, identidade de parentesco, tratamentos diferenciados aos mortos e ausência de culto especial e de ritual elaborado, também são afirmações dessa mesma linha.

Algumas discussões à época buscavam explicar as ocupações humanas em termos de hierarquização social, muitas delas baseadas em perspectivas semelhantes àquelas percebidas nos trabalhos já citados de A. Saxe e L. Binford, a fim de entender se as ditas sociedades eram, por exemplo, igualitárias ou hierarquizadas. Essa discussão não me parece interessante de ser empreendida aqui. Muitos arqueólogos buscaram compreender os sítios estudados sob o viés dessa classificação e não pretendo tratar das práticas funerárias como índice de tipologia social. Da mesma forma, não percebo a ausência ou presença de acompanhamentos funerários como indicativo de diferenciação de status hierárquico entre os indivíduos. Essa questão é problemática e gera debates, pois uma diferenciação entre sepultamentos não necessariamente indica diferenciação de status ou hierarquias entre indivíduos, mas pode indicar diferenciações de outras naturezas, ou, ainda, pode não indicar sobre diferenciações.

Supor que mortos eram enterrados dentro de suas moradias, que as famílias eram extensas e que as casas permaneciam por longos períodos no mesmo local em Laranjeiras II, apresentando sucessivos enterramentos, são suposições interessantes para pensar o grupo a partir das práticas funerárias nesse sítio. No entanto, afirmar que, mesmo que indiretamente, a partir da análise das práticas funerárias, o grupo que ocupou Laranjeiras II era uma “sociedade igualitária” ou uma “sociedade segmentada” é problemático, pois trata-se de encaixar o grupo em um modelo pré-determinado. Mesmo que essas afirmações dos autores sejam indiretas e propositivas, considero que classificar o grupo em termos de hierarquização ou complexidade social é reduzir as possibilidades de análise das práticas funerárias. O que podemos considerar, a partir das contribuições dos autores a respeito das práticas funerárias é seu esforço em tentar entender e dar sentido aos mortos das sociedades pretéritas e notar que eles podem dar indicativos importantes sobre o mundo dos vivos.

O próximo tópico do texto especifica os acompanhamentos funerários evidenciados em Laranjeiras II, traz algumas das interpretações que pesquisadores tiveram sobre eles e procura tecer algumas considerações sobre esses objetos. Mais adiante, apresento as categorias desses acompanhamentos.

4.2 ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS EVIDENCIADOS NO SÍTIO

Os elementos materiais de associação a indivíduos sepultados evidenciados nas escavações de Laranjeiras II foram analisados superficial e sinteticamente nos estudos anteriores que trataram da temática das práticas funerárias do sítio. Os acompanhamentos funerários de LJII são diversificados, apresentando-se de distintas categorias. Mesmo com algumas limitações na pesquisa, o estudo dos acompanhamentos aqui realizado pretende iniciar uma análise mais atenta a eles, para que posteriormente possa ser melhor desenvolvida em outras pesquisas.

Alguns materiais associados aos sepultamentos de LJII são materiais líticos (lâmina de machado polida, amolador), pontas de projétil ósseas, ossos de mamíferos, vértebras perfuradas de peixe, uma mandíbula de baleia, conchas (ostras e *Olivella sp*) e dentes de animais (de tubarão, de boto, de porco-do-mato, de símios e de felídeos). Em um sepultamento de criança, evidenciou-se uma tigelinha de cerâmica emborcada sobre sua cabeça (Schmitz *et al.*, 1993, p. 117). A arqueóloga Dorath Uchôa indica que um pequeno seixo estriado, achatado, de 2,5 cm de diâmetro estaria associado a um sepultamento infantil, não especificado (Schmitz *et al.*, 1993, p. 140).

Durante a pesquisa, percebi algumas discrepâncias entre dados referentes a essa classe de artefatos. Como já explicitado no início do trabalho, a documentação e outras fontes sobre os acompanhamentos apresentaram-se dissonantes e problemáticas. Alguns dos acompanhamentos referidos principalmente por Rohr (1984) e Schmitz e colaboradores (1993) não foram encontrados nos museus pesquisados durante o estudo que deu origem a essa dissertação. Possibilidades do “paradeiro” dessas peças foram especuladas, no entanto, não foi possível precisar sobre os processos ocorridos nas instituições para evidenciar o motivo desse material estar “sumido”. Dentre os materiais não encontrados durante a pesquisa, havia materiais líticos (rochas consideradas por Pe. Rohr como pedras de fogões e diversos seixos), vestígios cerâmicos, conchas e ossos faunísticos. Apresento a seguir, uma tabela com os dados referentes a esse material não encontrado e os respectivos sepultamentos a que acompanhavam:

Acompanhamento funerário	Sep.	Localização no esqueleto	Sexo e idade
Dente de tubarão tintureira	16	–	Mulher adulta (madura)
“Pedras de um fogão”	20	–	Criança (não coletado)
“Pedras de um fogão”	95	“Ao redor até os joelhos”	Criança aprox. 10 anos
“Pedras de um fogão”	96	“Junto à parte inferior”	Criança aprox. 10 anos
Fogão	17	–	Mulher adulta
“Grande pedra”	31	“Ao lado da face”	Criança aprox. 07 anos
Fragmento cerâmico	45	–	Homem adulto
Vértex de peixe	45	–	Homem adulto
Seixos trabalhados	46	–	Homem adulto
Dentes de mamíferos perfurados	57	–	Adulto (sexo indeterminado)
Dois dentes de cação duplamente perfurados	60	–	Criança
Pequenos seixos	62	–	Adulto (sexo indeterminado)
Dentes de mamíferos perfurados	70	–	Criança
Vértex de peixe perfuradas	71	–	Homem adulto (maduro)
Dentes de tubarão e de porco-do-mato	72	Entre os Sep 72 e 73	Homem adulto (maduro)
Doze dentes de tubarão e um dente de porco-do-mato	73	Entre os Sep 72 e 73	Adulto (sexo indeterminado)
Ostras	74	“Sob a nuca”	Jovem aprox. 15 anos
Seixos e vértebras de peixe	93	–	–

Seixos	94	–	Adulto (sexo indeterminado)
Seixos	103	–	Adulto (sexo indeterminado)
Seixos	110	–	Adulto jovem
Seixo tratado a fogo e parcialmente polido	106	–	Indeterminado
Mandíbula de baleia	107	Nas costas	Homem adulto (maduro)
Metade de um vasilhame cerâmico	108	–	Adulto (sexo indeterminado)

Tabela 02 – Lista de acompanhamentos funerários do sítio Laranjeiras II não encontrados durante nossa pesquisa e os sepultamentos a que se referem

De forma oposta, alguns materiais que estavam associados a pessoas enterradas e não estavam descritos nas fontes consultadas, foram encontrados, tanto na Reserva Técnica do MHS quanto na coleção de peças arqueológicas que Rohr doara à Academia de Polícia em Brasília. Dentre alguns desses materiais não mencionados nos estudos anteriores, cito o exemplo de um dente de tubarão duplamente perfurado associado ao sepultamento infantil nº 43, encontrado na RT do MHS, junto aos ossos da criança. Este artefato foi evidenciado somente na época da curadoria do material esquelético. Quando a bioarqueóloga Luciane Scherer higienizou os esqueletos, muitos deles estavam envoltos ainda em sedimentos vindos de campo. Ao retirar esses sedimentos dos ossos, Scherer evidenciou alguns materiais associados a eles e lhes deu o tratamento museológico adequado. Seria o caso de três outros dentes de tubarão duplamente perfurados associados aos ossos do Sepultamento nº 75, assim como um possível artefato ósseo polido e fragmentado em três partes, também encontrados na Reserva Técnica do MHS.

Uma terceira situação ocorreu durante a pesquisa dos artefatos funerários. Foram descobertos acompanhamentos funerários de indivíduos de Laranjeiras II que estavam compondo uma exposição arqueológica na sede do IPHAN em Brasília. Esses e outros objetos fazem parte de uma coleção que Pe. Rohr doou em vida para a Academia de Polícia e alguns estavam sendo expostos (entre julho e outubro de 2016), como já mencionado. Dentre os artefatos desta coleção que integravam espaços funerários em LJII, estavam um artefato lítico associado ao Sepultamento 102 e descrito por Rohr (1984) e Schmitz *et al.* (1993), alguns ossos faunísticos associados aos Sepultamentos 72 e 73 e, ainda, artefatos não descritos anterior-

mente nas fontes consultadas: seis dentes de felino perfurados que acompanhavam a criança cujo sepultamento Rohr identificou com o número 43.

Grande parte dos sítios escavados por J. Alfredo Rohr, especialmente litorâneos, eram compostos por numerosos sepultamentos humanos e vários desses indivíduos apresentaram materiais associados. Padre Rohr os considerava acompanhamentos funerários por perceber a associação direta desses elementos aos indivíduos sepultados⁶⁵. Algumas das interpretações de Rohr a respeito de acompanhamentos funerários são interessantes para pensar e dizem sobre o seu lugar enquanto pesquisador de seu tempo.

Desde sua primeira escavação, em 1958 na Ilha de Santa Catarina, Rohr adotou em sua metodologia a descrição dos objetos associados aos mortos e a proposição de interpretações sobre eles. Os artefatos eram diversos, desde conchas a dentes perfurados e ossos de animais. Em sua publicação de 1959, sobre esse primeiro sítio arqueológico por ele escavado, o sítio Caiacanga-Mirim, os acompanhamentos funerários caracterizados como *adorno* foram tratados por Pe. Rohr como uma revelação de “um gosto estético, assaz apurado” daquela população, e classificados como amuletos. Pe. Rohr considerou os adornos evidenciados como “jóias, as mais ricas e as mais preciosas” e sugeriu, ainda no contexto arqueológico deste sítio, que o uso de dentes de animais como adornos poderia apresentar “um sentido totêmico, como símbolos da agilidade e da força” (Rohr, 1959, p. 212). Essas assertivas são interessantes para pensar um tipo de interpretação dos acompanhamentos funerários realizada pelo Pe. Rohr, que são possíveis, porém não esgotam as possibilidades de interpretações acerca da presença dessa classe de artefatos nesses sítios arqueológicos.

De acordo com Pe. Rohr, diversos sepultamentos de Laranjeiras II, particularmente de crianças, tinham associados objetos de adorno, sendo “conchinhas (*Olivella sp.*) perfuradas, dentes de cação e dentes de mamíferos perfurados, ou ainda, pedrinhas perfuradas”. Enquanto alguns sepultamentos de adultos tinham “oferendas funerárias” associadas a eles: machados líticos, pontas de flecha ósseas ou dentes (presas) de porcos do mato, utilizados como artefatos. Outros adultos apresentaram como associação, ossadas de baleia ou, ainda, seixos (Rohr, 1984, pp. 45-46).

65 Mesmo que Rohr tivesse a preocupação em considerar, coletar e descrever os acompanhamentos funerários, é importante destacar que nem sempre descrevia a localização exata do acompanhamento em relação ao esqueleto. Nesse sentido, sem informações suficientes a respeito da posição desses objetos, um mapeamento satisfatório e outras análises específicas sobre a espacialidade dos enterramentos e seus materiais associados ficam, de certa forma, prejudicados.

Segundo Rohr, os acompanhamentos encontrados junto aos esqueletos em LJII seriam “oferendas funerárias”. Para o arqueólogo, o hábito de sepultar os “defuntos e de associar-lhes oferendas funerárias demonstra que os povos primitivos acreditavam em alguma sobrevivência após a morte”, pois esses povos, segundo ele, “já criam na imortalidade da alma” (Rohr, 1977, pp. 29-30).

De fato a prática de enterrar seus mortos e lhe prestar homenagens inserindo objetos junto a eles permite aos pesquisadores que evidenciem, de alguma maneira, a presença de um tipo de pensamento simbólico. Pode-se inferir que essa prática tenha relação com um pensamento “religioso” e certa noção de “espiritualidade”, assim como sugere questões relativas à afetividade entre as pessoas do grupo. No entanto, são apenas hipóteses e não afirmo aqui essa consideração a respeito da imortalidade da alma, pois considero um dado complicado de ser acessado através do registro arqueológico nesse contexto. Tenho cuidado, ainda, como outras interpretações acerca da sobrevivência após a morte, pois é outro entendimento ao qual não temos acesso.

A análise aqui empreendida está aberta a perceber os acompanhamentos funerários enquanto objetos relacionados a gestos funerários específicos e a técnicas socialmente reconhecidas entre os grupos estudados. Partindo da perspectiva que objetos que compõem a cultura material especificamente funerária apresentam-se “no corpo (adornos, vestimentas), são do corpo (postura) ou estão fora dele (utensílios, armamentos)” (Silva, 2005, p. 16), assim como podem ser corpos também, o material associado aos sepultamentos pode ser pensado como elemento relevante para o entendimento de um grupo humano a partir de seus vestígios materiais.

Como já explicitado no Capítulo 2, percebe-se que essa classe especial de objetos diz respeito às relações entre corpos e ambientes, entre pessoas e lugares. Podemos considerar, ainda, que esses artefatos indiquem a possibilidade de estarem vinculados a questões afetivas, sentimentais e emocionais entre as pessoas envolvidas no funeral, assim como podem envolver questões de memória e esquecimento a respeito de vivos e mortos. No entanto, não há como afirmar tais considerações, pois são inferências e interpretações constituídas a partir do registro arqueológico.

Os acompanhamentos encontrados associados aos esqueletos nos sítios Laranjeiras II, presume-se, estariam vinculados a práticas e dinâmicas sociais dos vivos em relação aos mortos e imbuídos de sentidos e significados simbólicos. Não podemos afirmar quais são esses significados e sentidos, por quais motivos esses acompanhamentos foram colocados junto ao morto, nem quais seriam suas atribuições simbólicas, já que muitas são as possibilidades e não temos como acessar esse tipo de informação devido ao caráter do objeto de estudo e a natureza do registro arqueológico.

Os atributos simbólicos ou rituais das práticas funerárias, conforme Sergio F. Silva, “não podem ser recuperados, mas inferidos/sugeridos ou criados pelo arqueólogo com base em descrições etnográficas” (Silva, 2005, p. 17). Portanto, as considerações realizadas aqui são inferências e sugestões, empiricamente baseadas, mas que não podem ser confirmadas.

Inferese, nesse sentido, que alguns dos adornos associados a esses mortos provavelmente adornos pessoais, foram utilizados em vida⁶⁶ e depositados na sepultura, no processo que envolve o funeral, por se tratar de bens da própria pessoa. Outra possibilidade seria que tais objetos poderiam pertencer a algum familiar (como, por exemplo, o pai ou a mãe no caso de uma criança falecida ter sido adornada) ou pessoa afetivamente próxima ao falecido, que teria deixado seu artefato junto ao morto. Esse pode ser o caso de alguns artefatos com perfuração que induzem a interpretá-los como adornos: os dentes de animais, as vértebras de peixe e as conchinhas (*Olivella sp.*).

Outros objetos depositados junto aos mortos podem ter sido utilizados por eles em vida. Pode-se pensar, nesse sentido, nos artefatos líticos (lâmina de machado, amolador, seixos trabalhados) e nas pontas de flecha ósseas evidenciados em sepultamentos. No entanto, é possível também que alguns dos objetos encontrados associados aos esqueletos tivessem sido confeccionados especialmente para o contexto funerário, sendo uma forma de “oferenda” ou de homenagem aos mortos, como pode ter sido o caso de um vasilhame cerâmico depositado emborcado na cabeça de uma criança.

Pode-se pensar, ainda, que no caso das ostras colocadas sob a nuca de um jovem, elas tivessem a função de servir de apoio a sua cabeça, enquanto a mandíbula de baleia encostada em um adulto, poderia sugerir uma espécie de proteção direcionada a ele. Já os materiais que Pe. Rohr interpretou como “pedras de um fogão” podem ser rochas especialmente colocadas junto ao morto para lhe delimitar o corpo. Essas são considerações que apresentam apenas algumas possíveis maneiras de interpretar os materiais associados aos sepultamentos. Elas não explicam nem esgotam as possibilidades de entendimento sobre os acompanhamentos funerários, são apenas propostas interpretativas⁶⁷ constituídas a partir de um momento e um lugar de pesquisa.

66 O termo adorno, nesse contexto, segundo Silva (2005, p. 219), se refere a objetos utilizados pelos indivíduos em vida.

67 Essas hipóteses sobre os acompanhamentos funerários são sugestões de interpretação pensadas a partir do que se conhece através dos estudos etnográficos. Há uma infinidade de possibilidades, pode-se até dizer que “tudo é possível”, já que não temos como acessar os sentidos da utilização de artefatos associados a mortos nesse contexto, no entanto, optei por sugerir algumas possibilidades.

É possível que outros tipos de materiais compusessem o contexto funerário desses e de outros sepultamentos do sítio Laranjeiras II, como fibras vegetais, madeiras, ceras, resinas, cascas, peles e penas, no entanto, esses materiais orgânicos não se preservaram nos substratos arqueológicos do sítio devido a processos de decomposição e, assim, não deixaram vestígios visíveis e/ou recuperáveis no contexto da escavação. Deve-se levar em conta, portanto, que a ausência de acompanhamentos funerários em um sepultamento precisa ser relativizada, pois materiais e objetos que poderiam estar na sepultura na época do enterramento – e fazer parte do contexto funerário – já não estariam lá no período das escavações empreendidas por Rohr. O que temos, portanto, são alguns vestígios materiais de artefatos que compuseram parte das práticas funerárias desse grupo pretérito.

Klokler e Gaspar sugerem que para sítios do litoral catarinense, assim como para os sambaquis, pode-se inferir que a “presença de artefatos malacológicos, líticos e/ou ósseos em contextos funerários pode ser derivada da deposição de objetos pessoais, feitura de oferendas ao morto, ou para demarcações de sepultamentos” (Klokler e Gaspar, 2013, p.121).

De Masi, por exemplo, entende que os objetos depositados junto aos mortos são indicativos de complexidade e hierarquização social entre os grupos litorâneos do seu contexto de estudo. Na análise do autor, que estudou 16 indivíduos sepultados no sambaqui Porto do Rio Vermelho II, na Ilha de Santa Catarina, apresentaram-se acompanhamentos de tipo adorno, artefatos líticos e ósseos, assim como restos faunísticos. De Masi considerou a quantidade e a categoria dos objetos associados e evidenciou que a maioria das pessoas com acompanhamentos eram mulheres e crianças. A partir dos acompanhamentos, ele estabeleceu uma ordem de hierarquia entre os sepultamentos, e interpretou que os indivíduos com um único acompanhamento seriam os de mais baixo prestígio social (De Masi, 2012, p. 13).

Já Saladino, a partir de verificações realizadas em sua pesquisa sobre os sepultamentos e acompanhamentos no sambaqui Cabeçuda, sugere que alguns achados “poderiam ser interpretados como evidências de uma distinção de sentido clânico, materializada não apenas na presença (ou ausência) dos adornos de conchas, mas na deposição dos corpos em áreas distintas” (Saladino, 2006, p. 221).

Não pretendo aqui pensar os acompanhamentos funerários em termos de hierarquização ou complexidade social, mas posso estar aberta a possibilidade de relacioná-los a certas distinções e diferenciações sociais entre alguns indivíduos. Como se questiona Saladino, também pergunto: os acompanhamentos poderiam estar relacionados a algum tipo de distinção social? E que tipo de diferenciação seria essa? (Saladino, 2016, p. 213). Haveria diferenças entre os enterramentos de homens e mulheres, de adul-

tos e crianças, e de pessoas mais velhas e mais jovens? Existiriam diferenças no tratamento dos mortos de acordo com a maneira como faleceram?

E no que se refere aos acompanhamentos, haveria diferenciações entre sepultar uma pessoa com um tipo específico de material, como um material lítico, ósseo ou cerâmico? Os artefatos perfurados, indicativos de ornamentos corporais, associados aos mortos, seriam simples adornos ou podem sugerir outras significações? Esses são apenas alguns dos questionamentos que podem ser feitos a partir da análise das práticas funerárias em Laranjeiras II.

Considerando que apenas metade do sítio arqueológico foi escavada e que, possivelmente, outros sepultamentos poderiam estar na área não escavada, como indicou Rohr, não temos como afirmar certas questões sobre distinções ou diferenciações sociais exclusivamente a partir da análise dos materiais que foram identificados em associação aos indivíduos sepultados. A amostra é incompleta: a quantidade total de pessoas enterradas em Laranjeiras II é um dado inexistente, assim como a presença de outros tipos de acompanhamentos funerários que não deixaram vestígios identificáveis no registro arqueológico.

Sugiro que alguns acompanhamentos funerários podem indicar linhas, por assim dizer, que relacionam tais objetos com as pessoas – tanto os mortos quanto os próprios vivos –, com o ambiente e com suas próprias relações entre si e entre outros. Um dente de tubarão pode dizer sobre o próprio tubarão: sobre quem ele é, como vive, do que se alimenta, a qual espécie pertence, em qual classe de seres se enquadra, a quais classificações está vinculado, a que lugar ocupa no seu ambiente. Pode-se pensar o mesmo ao considerar um dente de felino, ou de qualquer outro animal que esteja compondo um artefato. Mesmo os tipos de rochas utilizadas na confecção de artefatos e a própria cerâmica podem suscitar indicativos semelhantes a esse. Trata-se de escolhas culturais, de opções realizadas pelos grupos pretéritos: essas escolhas possuem embasamento, são constituídas de critérios e requisitos que norteiam a confecção dos artefatos e a produção de sentidos atribuída a eles. Os artefatos não falam apenas de si, como também falam de seus lugares e das pessoas que os produziram e os significaram.

Mas um dente de tubarão junto a um corpo no enterramento, o que pode nos dizer? A quem nos aponta um vasilhame cerâmico junto a uma criança sepultada? Podemos pensar que esses artefatos indicam processos e escolhas culturais, mas estariam relacionados a espíritos, a agências, a outros não-humanos e aos domínios cosmológicos do grupo? Pode-se in-

ferir que esses artefatos digam além daquilo que mostra sua materialidade? As práticas relacionadas ao uso de objetos em contexto funerário podem indicar quais tipos de relações nesse sentido? Esses são questionamentos a se considerar quando tratamos de acompanhamentos funerários, e sugiro que tal caminho pode proporcionar indicativos interessantes em nível interpretativo.

Mesmo considerando as interpretações de Pe. Rohr e dos demais autores citados, a respeito dos acompanhamentos, reforço a limitação existente na pesquisa a respeito dessas análises sobre o passado e indico que muitas são as possibilidades de interpretação dos vestígios funerários.

4.3 CATEGORIAS DE ACOMPANHAMENTOS FUNERÁRIOS EVIDENCIADOS

Os distintos materiais arqueológicos evidenciados como acompanhamentos funerários no sítio Laranjeiras II foram aqui classificados segundo as seguintes categorias: dentes de animais (marinhos e terrestres), material ósseo faunístico (sendo ou não artefatos), material lítico, material malacológico e cerâmica. Em termos de faixa etária dos indivíduos, os acompanhamentos funerários estavam presentes tanto em crianças quanto em adultos. Referente ao sexo, tanto mulheres quanto homens, da amostra dos indivíduos adultos cujo sexo pode ser determinado, apresentaram acompanhamentos.

Optei por organizar os artefatos por categorias a partir de sua, digamos, matriz material. Portanto as categorias de acompanhamentos funerários evidenciadas neste trabalho foram: dentes de animais (mamíferos terrestres e marinhos), conchas (trabalhadas ou não), ossos (tanto artefatos ósseos quanto vestígios faunísticos), rochas (material lítico com ou sem evidência de ação humana), cerâmica (fragmentos ou vasilhame cerâmico). Dentro dessas categorias, passo a subdividir os objetos por tipologias mais específicas, indicadas nas linhas acima entre parênteses.

Seria possível categorizar os acompanhamentos funerários de outras formas, como, por exemplo, indicando sua possível categoria funcional – como adornos, artefatos, instrumentos. Considero, no entanto, delicado inferirmos certas funções aos objetos em questão devido a imprecisão de alguns dados, mesmo que eu arrisque fazê-lo em alguns momentos, baseada nas publicações e nas fichas de Rohr.

A seguir, apresento as categorias de acompanhamentos funerários evidenciados em Laranjeiras II.

4.3.1 Dentes de animais (mamíferos e tubarões)

Os dentes de animais identificados evidenciados como acompanhamentos funerários são de algumas espécies de mamíferos (terrestres e marinhos) e de tubarões. As identificações por espécies foram anteriormente realizadas pelos pesquisadores do IAP, pelo próprio Pe. Rohr e, para esta pesquisa, algumas peças foram brevemente revistas pelo zooarqueólogo Simon-Pierre Gilson e por mim. É possível que algumas das identificações possam estar equivocadas, pois em muitos casos a análise foi realizada estudando a peça dentro da vitrine ou através de fotografias. Outra questão a ser considerada é que alguns dos dentes podem pertencer a animais que não sejam mamíferos, como jacarés, por exemplo. De qualquer forma, seria preciso realizar um estudo mais atento e aprofundado desse material, não apenas na identificação das espécies, como também na análise morfológica da peça a fim de perceber marcas de uso e inferir possíveis funções desses artefatos.

Os dentes associados aos sepultamentos, quando de tubarão são duplamente perfurados, enquanto os de outros animais possuem apenas uma perfuração. Infere-se que sejam furos de suspensão para inserir os dentes em algum cordame, à guisa de pingente. Em alguns sepultamentos, Pe. Rohr registrou a localização em que encontrou os dentes no corpo das pessoas, mas não em todos. Não podemos afirmar então que todos os dentes evidenciados junto aos esqueletos se tratem de pingentes, pois alguns deles podem ter sido utilizados com outras finalidades, até mesmo como instrumentos. Dentre alguns dos dentes de tubarão, por exemplo, foi percebido certo desgaste na parte serrilhada, indicando uma possível marca de uso. A respeito das espécies de animais presentes como acompanhamentos funerários, foram identificadas as de alguns tubarões e de alguns mamíferos, que serão apresentadas a seguir.

4.3.1.1 Dentes de tubarão

A ocorrência de dentes de tubarão como oferendas funerárias é traço comum a muitos grupos de pescadores-coletores pré-históricos no litoral brasileiro (Gonzalez e Amenomori, 2003, p. 32). Supõe-se que os acompanhamentos confeccionados a partir de dentes de tubarão no caso de LJII, seriam adornos, provavelmente pingentes de colares. Em outros contextos litorâneos já foram evidenciados dentes de tubarão classificados como instrumentos, fato perceptível devido a marcas próprias – como desgastes e estrias horizontais – deixadas no material pelo uso, provavelmente associado às ações de raspar ou rasgar (Gonzalez e Amenomori, 2003, p. 32).

Como aqui a análise está voltada aos acompanhamentos, não me detive nos demais dentes de tubarão evidenciados na escavação. No entanto, menciono a presença de dois artefatos perfurados confeccionados em dentes de tubarão que não estavam associados a enterramentos: expostos no MA/CACG há um dente de tubarão branco (*Carcharodon carcharias*) duplamente perfurado e um dente de tubarão tintureira (*Prionace glauca*) calcinado, o que indica seu uso no fogo. Uma análise mais precisa desse material merece ser realizada a fim de identificar possíveis instrumentos.

Todos os dentes de tubarão encontrados associados a sepultamentos no sítio Laranjeiras II são duplamente perfurados na raiz. Essa característica é importante, a dupla perfuração, pois ela ocorre em outros sítios litorâneos com presença de vestígios cerâmicos associados à tradição Itararé. Os artefatos produzidos de dentes de tubarão com apenas uma perfuração são característicos de outros tipos de sítios litorâneos, dentre eles, os sítios de tipo sambaqui.

As espécies evidenciadas na amostra de LJII, a partir do estudo de Schmitz *et al.* (1993) e com a ajuda do zooarqueólogo Simon-Pierre Gilson, foram tubarão-azul, espécie também denominada de tubarão tintureiro (*Prionace glauca*) e tubarão mangona (*Odontaspis taurus*). Não conseguimos identificar a posição exata de cada um dos dentes no corpo do indivíduo sepultado, pois nem todas as fichas de sepultamento relativas a eles apresentam esta informação.

Dentre os indivíduos com dentes de tubarão como acompanhamento temos sete indivíduos. O Sep 16, de indivíduo feminino maduro, estava acompanhado de um dente de tubarão cuja espécie foi identificada por Rohr como tintureira, no entanto, não encontramos esse objeto. O Sep 43, infantil, estava associado a um dente tubarão-azul ou tintureira (*Prionace glauca*). O Sep 60, uma criança de menos de um ano de idade, vinha acompanhado por dois dentes de cação duplamente perfurados (Rohr, 1984, p. 37), cuja espécie não foi identificada, pois os dentes não foram encontrados.

O Sep 67, também infantil, estava associado a cinco dentes de tubarão tintureiro duplamente perfurados (*Prionace glauca*). Os Sep 72 e Sep 73 estavam associados a mais de uma dúzia de dentes de tubarão de diversas espécies, no entanto, não encontramos esse material para verificar a quais espécies se referem. O Sep 75, um adulto de sexo indeterminado, tinha em associação três dentes de tubarão duplamente perfurados, sendo um de tubarão tintureiro (*Prionace glauca*) e dois de cação mangona (*Odontaspis taurus*).



Figuras 30 e 31 – Os cinco dentes de tubarão duplamente perfurados (*Prionace glauca*), associados ao Sepultamento 67. Em vitrine na exposição do MA/CACG. A primeira imagem, com a escala, detalha dois desses dentes. Fotos: Andrea Lessa



Figura 32 (à esquerda) – Três dentes de tubarão duplamente perfurados associados ao Sepultamento 75, sendo dois de *Odontaspis taurus* e um de *Prionace glauca*. Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense.

Figura 33 (à direita) – Dente de tubarão duplamente perfurado associados ao Sepultamento 43 (*Prionace glauca*). Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense.

4.3.1.2 Dentes de mamíferos

Os dentes de animais associados aos indivíduos enterrados foram identificados como sendo de mamíferos terrestres e marinhos. Infelizmente, não conseguimos identificar todos as espécies dos dentes encontrados, ou por não termos tido acesso direto a eles, ou por não os termos encontrado. Há discrepâncias de informações sobre as quantidades e as espécies dos dentes de mamíferos associados aos sepultamentos nas fontes consultadas. Em alguns casos, os dados de Rohr diferem dos dados da publicação do IAP e, ainda, do material museológico. Apesar dos dados serem dissonantes, tentamos analisar o que foi possível. Dentre algumas das espécies identificadas, evidenciaram-se dentes de porco-do-mato-queixada (*Tayassu pecari*), de boto (*Tursiops truncatus*), de lobo marinho (*Arctocephalus australis*), de símios (provavelmente de bugio, *Alouatta sp.*) e de felinos (de jaguatirica *Felis pardalis* e de onça *Panthera onca*).

Alguns dos acompanhamentos produzidos a partir de dentes desses animais apresentam furos, a que inferimos serem de suspensão para sua utilização como pendente. É interessante notar que, diferentemente dos dentes de tubarão, os dentes de mamíferos evidenciados junto aos esqueletos possuem apenas um furo. Volto a afirmar que, mesmo sendo sedutor apontarmos um uso desses dentes como pingente não podemos afirmar seu uso como peças de um colar. Há indicativos de existirem outros dentes associados aos esqueletos que não possuem perfuração, no entanto não foi possível encontrar maiores evidências.

A respeito da posição no corpo em que esses dentes se encontravam, não há muita especificação. Pe. Rohr descreveu a posição de um dos dentes, associado ao sepultamento infantil 60, que seria o dente perfurado de um felino (jaguaririca?): o dente estaria no úmero do Sepultamento 59 (o crânio da criança estava sob o úmero do Sep 59, um homem adulto). Outra localização aproximativa seria dos dentes de porco-do-mato, que estariam entre os Sepultamentos 72 e 73.

Os indivíduos que apresentaram dentes de animais perfurados como acompanhamentos foram nove. O Sep 39, infantil, apresentou como associação 5 dentes perfurados, sendo 4 de felídeos e um dente de animal não especificado. O Sep 43, infantil, com seis dentes perfurados, sendo alguns de felídeos (jaguaririca? e onça) e outros de espécies não identificadas.



Figura 34 – Dentes perfurados de mamíferos associados ao Sepultamento 39 (criança). Em exposição em vitrine do MA/CACG. Foto: Andrea Lessa



Figura 35 – Dentes perfurados de felídeo e outras espécies não identificadas associados ao Sepultamento 43 (infantil). Foto: Margareth Souza, IPHAN/DF



Figura 36 – Mesmos dentes perfurados de felídeo e outras espécies não identificadas associados ao Sepultamento 43 (infantil), em exposição na sede do IPHAN em Brasília/DF. Foto: Ivo B. Porto

Outro sepultamento de criança, o Sep 49, vinha acompanhado de quatro dentes perfurados, destes, um seria de onça, dois seriam de símios (bugio?) e o outro, de boto (noto que na vitrine do MA/CAC estão apenas três dos quatro dentes que acompanhavam a criança). Já o Sep 54, indivíduo infantil, tinha associado a ele treze dentes perfurados, sendo alguns de felídeos e outros de espécies não identificadas. O Sep 57, de adulto, estava associado a dentes de mamíferos perfurados, no entanto não pude identificar que dentes se trata e não obtive mais detalhes a respeito dessa associação. O Sep 60, também infantil, estava associado a um dente perfurado de felídeo (jaguaririca?). O Sep 70, de uma criança, também teria dentes de mamíferos perfurados em associação, no entanto, não obtive mais informações sobre esses acompanhamentos. E os sepultamentos Sep 72 e Sep 73 vinham associados a dentes de porco-do-mato.



Figura 37 – Dentes (três) perfurados de mamíferos, em vitrine da exposição do MA/CACG, associados ao sepultamento infantil 49. Foto: Andrea Lessa



Figura 38 – Treze dentes perfurados de mamíferos, associados ao Sepultamento 54, de criança. Estão expostos no MHS. Fonte: foto da autora.



Figura 39 – Dente perfurado de felídeo, associado ao Sepultamento 60. Exposto no MA/CACG. Foto: Andrea Lessa

4.3.3 Conchas

Apenas dois sepultamentos foram evidenciados com material conchífero associado. É interessante notar que dentre os acompanhamentos funerários do sítio, apenas esses indivíduos apresentaram conchas associadas. Trata-se de uma criança e um jovem, que estavam em camadas diferentes.

Um deles é o Sepultamento 91. Este bebê recém-nascido estava a um metro de profundidade da superfície do solo, na posição “enroscado”, como coloca Rohr, e orientado em sentido O-L. Foi adornado com 114 conchinhas perfuradas de *Olivella sp.*, que, alinhadas, parecem formar um adorno que está sobre a face, o qual Rohr classificou como colar. É um sepultamento cuja delicadeza estética se pronuncia, incitando questionamentos a seu respeito, inclusive por ser o único indivíduo evidenciado no sítio adornado desta maneira. Encontra-se cimentado em exposição do Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S.J.”.

Outro indivíduo, o Sep 74, era um jovem de aproximadamente 15 anos, cujo sexo não pode ser determinado. Estava fletido, em decúbito lateral esquerdo, a 50 cm de profundidade em relação à superfície do solo. Tinha ostras sob a nuca, o sugere sua possível inserção para o apoio da cabeça.



Figura 40 – Detalhe das conchas perfuradas junto à face do bebê, Sepultamento 91, em exposição no MHS. À esquerda percebe-se a mandíbula da criança. Fonte: foto da autora.

4.3.4 Lítico

Dentre os materiais líticos associados aos esqueletos há artefatos, seixos e outros materiais não trabalhados. Dentre os artefatos, há materiais lascados e materiais polidos. Trataremos aqui como acompanhamento funerário as rochas trabalhadas pela ação humana, enquanto os seixos não trabalhados serão tratados como associações, pois não é possível identificar se seriam materiais colocados junto ao morto como acompanhamento ou se seriam rochas que estavam no solo no momento do ou posteriormente ao enterramento.

Assim como em outros casos, nem sempre havia nas fichas de registro de sepultamento de Rohr a localização dos artefatos nas proximidades do esqueleto, o que não permite realizar algumas considerações sobre o material.

Junto ao Sepultamento 12, um jovem em crescimento de sexo indeterminado, foi evidenciada uma lâmina de machado polida que está exposta no MA/CACG. Sobre a face de uma criança de aproximadamente sete anos de idade, o Sep 31, havia uma “grande pedra”, como descreve Rohr. Alguns seixos sem sinais de trabalho foram evidenciados junto ao sepultamento de homem adulto, o Sep 46.



Figura 41 – Lâmina de machado polida associado ao Sepultamento 12. Foto: Andrea Lessa

Um artefato de diabásio, classificado como amolador, foi evidenciado junto ao Sep 102, um adulto. Trata-se, segundo Pe. Rohr (1984, p. 32), de um artefato alongado, oval-achatado, todo polido de seção elíptica, de 81 x 25 x 12 mm. Em uma das extremidades apresenta em ambos os lados, uma pequena área desgastada por objeto áspero que deixou estrias. Essa peça integra a coleção doada por Rohr à Academia de Polícia e foi recentemente exposta em Brasília.



Figura 42 (à esquerda) – Artefato lítico (em diabásio) associado ao Sepultamento 102. Foto: Margareth Souza, IPHAN/DF

Figura 43 (à direita) – Mesmo artefato associado ao Sepultamento 102, em exposição na sede do IPHAN em Brasília/DF. Foto: Ivo B. Porto

Pe. Rohr indica que “pedrinhas perfuradas” estariam dentre a gama de acompanhamentos funerários do sítio, no entanto, não especifica de que artefatos se trata, indica apenas que estão associadas a crianças. Ao que parece, essa referência seria o “pingente lítico” descrito por Schmitz e colaboradores (1993), que seria o mesmo artefato exposto na vitrine do MA/CACG e denominado como “um pequeno seixo perfurado” (Schmitz e Veardi, 1994, p. 94) que acompanhava uma criança em seu sepultamento.

Junto ao Sep 62, de adulto cujo sexo não pode ser determinado, havia alguns seixos pequenos. Seixos esparsos acompanhavam o Sep 94, um adulto de sexo indeterminado. “Pedras de um fogão” estavam, como descreve Rohr, “ao redor até os joelhos” e “junto à parte inferior” dos Sepultamentos 95 e 96, duas crianças de aproximadamente 10 anos de idade. Associados ao adulto nº 103 estavam alguns seixos. Um seixo tratado a fogo e parcialmente polido acompanhava o Sep 106, um adulto de sexo indeterminado. Ao Sep 109, um adulto de sexo indeterminado, estavam associados seixos esparsos. Diversos seixos esparsos estavam associados ao Sep 110, um adulto jovem, cujo sexo é provável masculino.

4.3.5 Material ósseo

Nessa categoria de acompanhamentos, há o material ósseo faunístico trabalhado (artefatos) e o material ósseo faunístico não trabalhado. Dentre os artefatos, temos vértebras de peixe perfuradas, pontas de flecha ósseas com pedúnculo, um artefato ósseo fragmentado. O material ósseo não trabalhado pode ser intrusivo, são ossos diversos de partes anatômicas e espécies distintas. Como estaria desarticulada, essa fauna pode não ter sido colocada especialmente para acompanhar o falecido, ela pode ter caído junto com o sedimento que preencheu a cova, ou então pode ter sido ingerida pelos vivos durante o ritual funerário. Nesse sentido, serão consideradas como associações e não como acompanhamento funerário.

4.3.5.1 Artefatos feitos a partir de ossos

As vértebras de peixe perfuradas encontram-se em associação ao Sep 71, um homem adulto maduro. Supomos que as vértebras de peixe perfuradas associadas a este sepultamento possam ser contas de colar. Nesse caso, Pe. Rohr também não especificou a localização das vértebras no esqueleto, portanto continuamos no campo das possibilidades. Durante a análise dos esqueletos na Reserva Técnica do MHS foi evidenciado, na caixa referente ao sepultamento, um artefato ósseo junto ao Sep 58. Trata-se de um artefato fragmentado (em três partes) e não foi possível obter maiores informações sobre ele.



Figura 44– Artefato ósseo fragmentado, associado ao Sepultamento 58. Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense.

As pontas de flecha ósseas com pedúnculo, em número de três ou quatro (há divergência nas fontes consultadas), encontram-se associadas ao Sep 05, de homem adulto. Trata-se de artefatos confeccionados a partir de ossos longos de mamíferos, seccionados longitudinal e transversalmente. Oscilam em comprimento de 95 a 60 mm e em largura de 21 a 15 mm (Rohr, 1984, p. 34) e são trabalhados em formato de ponta e com pedúnculo (haste de fixação). Da mesma forma, não sabemos a localização exata das pontas junto ao corpo. Interessante é notar que elas possuem formato diferente da maioria das pontas ósseas evidenciadas no sítio. Pelo que pude perceber, das várias pontas encontradas, apenas cinco possuem esse formato com pedúnculo, sendo que quatro (Rohr, 1984) ou três delas estavam acompanhando este sepultamento.



Figuras 45 e 46 – Pontas de flecha ósseas com pedúnculo. A primeira foto detalha duas delas com escala. Destas cinco pontas, três ou quatro são associadas ao Sepultamento 05. Expostas no MA/CACG. Fotos: Andrea Lessa

4.3.5.2 Ossos de animais

Os demais vestígios faunísticos associados aos sepultamentos são ossos de animais (principalmente mamíferos, dentre eles baleia, capivara e outros mamíferos terrestres), como vértebras de peixe, uma mandíbula de baleia.

O Sepultamento 55 estava associado ao que Pe. Rohr identificou como “a caixa torácica de um mamífero do porte de um cão”. Trata-se de vértebras, costelas e outros ossos de um mamífero de médio porte. Rohr não identificou se os ossos estavam articulados, nem sua localização nas proximidades do esqueleto, então é possível que esses vestígios faunísticos estejam apenas em associação e não sejam acompanhamento deste sepultamento.



Figura 47 – Fragmentos de ossos (algumas vértebras e costelas) de animal de médio porte associados ao Sepultamento 55. Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense.

Os Sepultamentos 72 e 73, deitados em posição fletida, de costas um para o outro, foram evidenciados com diversos ossos de fauna entre eles. Esses ossos foram encontrados na RT do MHS, muitos deles fragmentados, misturados a outros ossos faunísticos de mamíferos. Trata-se de ossos de mamíferos terrestres, inclusive de carnívoros, e também de aves. É interessante notar que esses ossos estão depositados entre os dois adultos, de uma maneira que indica se tratar de acompanhamentos funerários.



Figuras 48 e 49 – Alguns dos ossos de animais associados aos Sepultamentos 72 e 73. Fonte: Acervo arqueológico do MHS/Colégio Catarinense.

Já a mandíbula de baleia foi encontrada junto ao Sepultamento 107, que estava em posição fetal, em decúbito lateral. A mandíbula, disposta nas costas do indivíduo parecia, segundo Pe. Rohr, proteger-lhe do mar. Trata-se do sepultamento encontrado mais próximo ao mar e é de um ho-

mem maduro. Durante a escavação, Alfredo Rohr serrou parte da mandíbula e o único registro que possui dela é através das fotos da escavação, pois não a encontramos nas coleções. Não podemos confirmar a espécie da baleia, mas pelo que parece se trata da baleia franca (*Eubalaena australis*).



Figura 50 – Mandíbula de baleia associada ao Sepultamento 107, em campo.
Fonte: Arquivo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.

4.3.6 Cerâmica

Os vestígios cerâmicos são parte de uma categoria que também aparece evidenciada junto aos esqueletos. Apenas alguns sepultamentos apresentaram como acompanhamentos a cerâmica: o Sep 42, infantil, encontrava-se com uma tigelinha de cerâmica emborcada sobre a cabeça; o Sep 45 apresentou alguns fragmentos cerâmicos associados; e um adulto de sexo indeterminado, o Sep 108, estava associado à metade de um vasilhame cerâmico (possivelmente quebrado por uma antiga lavoura, segundo Pe. Rohr). Uma tigela de cerâmica também estaria associada com o Sep 43, segundo a ficha de registro de sepultamento de Rohr. Considerando que os Sepultamentos 41, 42, 43 e 44 estavam todos em associação, seria essa tigela o mesmo vasilhame associado ao Sep 42 ou trata-se de outra? A legenda de uma vasilha exposta no MA/CACG indica que ela estava associada aos Sepultamentos 42, 43 e 44, enquanto outra vasilha, exposta junto a ela, apresenta fragmentos de mandíbula e dentes humanos em seu interior.



Figuras 51 e 52 – Fragmentos cerâmicos e vasilha inteira contendo fragmentos de mandíbula e dentes humanos. Em vitrine da exposição do MA/CACG. Foto: Luciane Scherer



Figura 53 – Vasilha cerâmica fragmentada exposta em vitrine do MA/CACG. A legenda indica que a cerâmica estava associada aos sepultamentos infantis 42, 43 e 44. Foto: Luciane Scherer

A tabela a seguir mostra os acompanhamentos funerários por categorias, indicando o tipo do material, o sexo e a idade dos indivíduos e os sepultamentos a que estão associados.

Categoria	Tipo	Associações por sexo	Associações por idade	Sepultamentos
Dentes de animais	Dentes de tubarão duplamente perfurados	Feminino, Masculino	Infantil, Adulto, Maduro	Sep 16, Sep 43, Sep 60, Sep 67, Sep 72, Sep 73, Sep 75
	Dentes de mamíferos (e outros animais) perfurados	Indeterminado, Masculino	Infantil, Adulto, Maduro	Sep 39, Sep 43, Sep 49, Sep 54, Sep 57, Sep 60, Sep 70, Sep 72, Sep 73
Conchas	Conchas (ostras)	Indeterminado	Jovem (aprox. 15 anos)	Sep 74
	Conchas perfuradas	Indeterminado	Infantil	Sep 91
Rochas	Seixos	Masculino, Indeterminado	Adulto	Sep 46, Sep 62, Sep 93, Sep 94, Sep 103, Sep 110
	Lítico (em geral)	Indeterminado	Infantil	Sep 31, Sep 95, Sep 96
Artefatos líticos	Lítico polido	Indeterminado, Masculino	Jovem em crescimento, Maduro	Sep 12, Sep 102
	Seixos trabalhados	Indeterminado	Adulto	Sep 106
Ossos	Ossos faunísticos	Masculino, Indeterminado	Adulto, Maduro	Sep 55, Sep 72, Sep 73, Sep 107
	Vértebras de peixe	Masculino	Adulto	Sep 45
Artefatos ósseos	Artefatos ósseos	Masculino, Indeterminado	Adulto, Jovem (aprox. 15 anos)	Sep 05, Sep 58

	Vértebras de peixe perfuradas	Masculino	Maduro	Sep 71
Cerâmica	Cerâmica	Indeterminado, Masculino	Infantil, Adulto	Sep 42, Sep 43, Sep 45, Sep 108

Tabela 03 – Lista de acompanhamentos funerários por categoria, que generaliza os esqueletos por faixa de idade e por sexo.

4.4 COMPLEXO FUNERÁRIO DO SÍTIO

A partir das análises realizadas, das leituras empreendidas e da revisão dos dados referentes às práticas funerárias em Laranjeiras II, teço algumas considerações. Os padrões de sepultamento apresentados pelos autores anteriormente são atraentes para entender tanto a disposição dos esqueletos no espaço funerário e a distribuição dos acompanhamentos quanto a maneira como os sepultamentos relacionam-se entre si. No entanto, questiono: os mortos realmente seriam enterrados dentro de suas casas e passariam a “viver”, a seu modo, entre os vivos? O presumido espaço delimitado (circular ou retangular) pelo sepultamento dos mortos evidencia o espaço da habitação dos vivos? Podemos pensar em termos de distanciamento e proximidade entre mortos e vivos em Laranjeiras II a partir da análise da distribuição dos esqueletos? A espacialidade da área funerária sugere essas características?

Essas questões são discutíveis, no entanto são interessantes para pensar e, para serem melhor desenvolvidas, necessitam de maior fundamento: seria preciso reestudar a espacialidade do sítio no geral, dos vestígios recuperados e dos próprios enterramentos a fim de estabelecer identificações precisas da localização de cada um dos sepultamentos no espaço escavado, horizontal e verticalmente. A análise aqui empreendida não analisou as correlações espaciais entre os sepultamentos, não se deteve no estudo pormenorizado dos setores, assim como não produziu novos mapas de distribuição a partir da profundidade de cada sepultamento (distribuição vertical). Não sendo o foco direto deste estudo, tais questões e propostas permanecem para futuras pesquisas, pois me limito a analisar especificamente o mobiliário funerário dos sepultamentos.

A análise espacial dos sepultamentos, em termos de distribuição horizontal (planta baixa) e vertical (profundidade), a proximidade e o distanciamento entre certos indivíduos enterrados e a disposição dos es-

queletos no geral, sugiro, são fundamentais para interpretar o complexo funerário do sítio. Entretanto, sem datações precisas das camadas e dos próprios esqueletos uma interpretação mais completa das práticas funerárias se apresenta limitada.

De acordo com os dados da amostra⁶⁸ da qual disponibilizamos e que foi analisada, estima-se que possa haver cerca de 140 indivíduos recuperados pelas escavações de Rohr em LJII no acervo dos dois museus estudados. Esses indivíduos, crianças e adultos, estão na exposição do MA/CACG e na exposição e na Reserva Técnica do MHS. Cimentados ou não, os indivíduos apresentam a maior parte do esqueleto, somente o crânio ou então apenas alguns ossos do pós-crânio. Alguns desses ossos podem ser ossos esparsos de indivíduos já contabilizados, portanto não foi possível precisar a quantidade exata de indivíduos recuperados que estavam enterrados em Laranjeiras II na parcela escavada do sítio. Algumas caixas na RT do MHS, além disso, contém ossos de esqueletos que foram identificados como pertencentes ao sítio “Laranjeiras” apenas, sem estar especificado se pertencem ao sítio cerâmico (Laranjeiras II) ou ao sambaqui (Laranjeiras I). Seria necessário realizar um estudo mais pormenorizado, que considerasse, dentre outros, dados morfológicos e cronológicos desses ossos a fim de tentar identificar a qual dos dois sítios os indivíduos correspondentes pertenceriam.

Nossa análise dos sepultamentos de Laranjeiras II pôde identificar que, dos 112 indivíduos considerados como amostra de estudo, 31 foram classificados como crianças, 08 como jovens (essa categoria abrange as classificações adolescente, sub-adulto, jovem e jovem em crescimento), e 73 como adultos, sendo esse número geral entre adultos (47 indivíduos), adultos jovens (06 indivíduos) e adultos maduros (20 indivíduos).

Faixa etária	Quantidade de indivíduos
Crianças	31
Jovens	08
Adultos	73

Tabela 04 – Quantidade de indivíduos sepultados por faixa etária em LJ II.

68 Refiro-me à parcela de esqueletos que foi analisada e está no MHS, resultado do trabalho curatorial realizado por Scherer, como também a quantidade de esqueletos no MA/CACG.

A categoria “criança” abarca indivíduos de menos de 1 ano de idade até cerca de 12 anos. De acordo com os dados analisados, das 31 crianças da amostra, algumas (21 indivíduos) apresentaram a estimativa de idade: 13 são bebês, desde recém-nascidos até cerca de 1 ano de idade. As demais crianças cuja idade foi estimada são de até aproximadamente seis anos de idade (duas crianças) e de 6 a 12 anos (seis crianças). Das outras crianças, 10 não tiveram suas idades estimadas.

Dentre os 73 adultos da amostra, seis são adultos jovens, ou seja, na faixa etária entre cerca de 20 e 30 anos. Os adultos (idades entre cerca de 30 e 40 anos) são 47 indivíduos, e os adultos maduros (a partir dos 40 anos) são 20 indivíduos. Dos oito indivíduos classificados como “jovem” (inclui categorias sub-adulto, jovem em crescimento, adolescente e jovem), apenas 3 foram identificados em termos de sexo, estimados como “provável feminino” (Sep 4, Sep 19, Sep 69).

Tendo em vista que não foi possível identificar o sexo de muitos jovens e crianças, os indivíduos cujo sexo foi classificado (feminino ou masculino) são todos adultos (as classes de adultos são: jovens, adultos e maduros). Dentre todos os indivíduos cujo sexo pode ser determinado (inclui todas as classes de adultos), 22 são do sexo feminino e 37 são do sexo masculino. Os indivíduos adultos cujo sexo não pode ser determinado são em número de 14. Como já explicitado, a determinação do sexo de um indivíduo se baseia na análise de componentes anatômicos, especialmente os ossos do crânio e da pelve. Quando muito deteriorados, fragmentados ou diminutos, tais ossos não permitem o estabelecimento da estimativa de sexo. A ausência dessas partes ósseas no esqueleto também limita essa análise. Nesses casos em que a determinação do sexo é prejudicada ou não possível de ser estabelecida, utiliza-se o termo “indeterminado”.

Sexo dos adultos	Quantidade de indivíduos
Feminino	22
Masculino	37
Indeterminado	14

Tabela 05 – Quantidade de indivíduos adultos por sexo.

A deposição, ou seja, a posição em que os indivíduos estão deitados, apresentou-se de quatro formas. A deposição predominante entre os indivíduos sepultados no sítio foi o decúbito lateral, sendo que 32 indivíduos estavam deitados para o lado direito (decúbito lateral direito) e 23 para o lado esquerdo. Dezenove pessoas estavam em decúbito dorsal, e somente

cinco indivíduos estavam em decúbito ventral. Dos indivíduos em decúbito ventral, dois deles apresentaram características nos ossos: um deles, homem adulto (Sep 09), possuía uma anomalia no fêmur esquerdo e no osso pélvico (estariam soldados entre si, como indica Rohr) e a outra pessoa (Sep 25), cujo sexo foi identificado como provável feminino, apresentava um calo ósseo na ulna esquerda, resultado de uma fratura ainda em vida. Pe. Rohr não descreveu, nas fichas de registro de sepultamento, a deposição de 34 indivíduos. Todas as deposições indicadas não pareceram apresentar preferências em relação a sexo, idade, orientação ou profundidade dos indivíduos sepultados.

Decúbito	Quantidade de indivíduos
Lateral direito	32
Lateral esquerdo	23
Dorsal	19
Ventral	05
Outras/sem informação	34

Tabela 06 – Tipos de deposição e quantidade dos indivíduos sepultados em LJ II em cada uma.

A respeito da posição dos esqueletos, a posição fletida (semifletido, hiperfletido, fletido forçado, braços e/ou pernas fletidos) foi a predominante, estando, do total da amostra, 65 indivíduos nessa posição. A posição fletida corresponde a membros superiores e/ou inferiores em flexão, em indivíduos deitados de lado (decúbito lateral)⁶⁹. Esse tipo de posicionamento também pode ser denominado “posição fetal” em alguns casos, sendo que, em Laranjeiras, muitos esqueletos aparentaram estar nessa posição.

Outra posição menos frequente foi a posição estendido (inclui as denominações estendido e horizontal), identificada em 05 indivíduos. Nas fichas de registro de sepultamento de Rohr, alguns indivíduos apresentam lacuna no campo “posição”, ou então apresentaram informações sobre o esqueleto que não permitiram enquadrar nas posições categorizadas: esses indivíduos foram 40 na amostra.

69 A utilização da posição “fletido” se refere ao posicionamento dos membros inferiores e é assim descrita para indivíduos em decúbito lateral. No entanto, optei por inserir na contabilização de indivíduos fletidos os indivíduos com membros superiores fletidos, para seguir a classificação utilizada por Rohr.

Posição	Quantidade de indivíduos
Fletido	67
Estendido	05
Outras/sem informação	40

Tabela 07 – Posições e quantidade dos indivíduos sepultados em LJ II.

Algumas posições em que os esqueletos foram evidenciados, especialmente de indivíduos hiperfletidos (ou ainda “fletido forçado”) sugerem que possam ter sido enterrados enrolados em fardos, cestos, esteiras ou algum outro material envoltório que contivesse seu corpo. Alguns contextos arqueológicos em território brasileiro apresentam essa característica, estando algumas das esteiras/fardos/cestos/envoltórios muito ainda bem preservados (exemplo do sítio “Furna do Estrago”, no município Brejo da Madre de Deus, em Pernambuco). O sentido do envolvimento não seria apenas conter o corpo para mantê-lo em determinada posição, como também isolá-lo do solo em que seria depositado, preservando-o do contato direto com a terra (Pedro Ignácio Schmitz, comunicação pessoal). Há certo limite na anatomia humana que diz respeito à flexão dos membros e, mesmo em esqueleto, é possível identificar se o corpo em conexão anatômica ultrapassa esse limite quando extremamente flexionado.

Considero que essa característica possa estar presente também em alguns indivíduos do Laranjeiras II, pois o posicionamento dos membros superiores e inferiores, cuja denominação se refere a uma hiperflexão dos membros, somente seria possível se presumíssemos o uso de algo que estivesse contendo ou “segurando” os membros da pessoa em tal posição. No entanto, as evidências materiais das fibras, palhas, folhas e tramas que possivelmente compunham os presumidos envoltórios corporais não se preservaram nesse sítio e não podemos afirmar a presença de tais materiais no envolvimento dos mortos. Podemos indicar que, embora os envoltórios não se preservem, é possível inferir tal característica apenas pela posição dos ossos.

Os indivíduos que se apresentaram hiperfletidos foram quatro: um homem jovem (Sep 18), em decúbito dorsal, cujo esqueleto evidencia ser um homem forte (está cimentado no MA/CACG); uma criança (Sep 13) que também encontra-se cimentada neste museu; um homem maduro, que estava em decúbito lateral direito e estaria na posição “fletido forçado” (Sep 03); e um homem adulto, que estava com as pernas hiperfletidas (Sep 46, cimentado e em exposição no MA/CACG).

A orientação do corpo, isto é, o eixo em que o corpo está posicionado no sentido cabeça-pés tendo como referência os pontos cardeais, pode indicar preferências em enterrar os mortos voltados (ou não) a pontos específicos na paisagem. Muitos lugares podem ter sido referência no sítio para a escolha da orientação dos enterramentos: o nascer ou o pôr do sol, o mar e outras águas, os morros, uma vegetação específica, ou as próprias “casas” (como sugerem Schmitz e colaboradores, 1993; e Schmitz & Verardi, 1994). A posição da cabeça também é interessante de observar, no entanto grande parte dos crânios no sítio parecem ter sido deslocados por processos tafonômicos e não estariam em sua posição original da época do enterramento. Nesse sentido, a posição da cabeça não aparece aqui como critério de análise, somente a orientação do corpo. Assim como a posição e a deposição dos esqueletos, sua orientação também indica as posturas corporais do morto, ou seja, o jeito como o morto deve ficar.

A orientação predominante em Laranjeiras II dentre homens, mulheres e crianças foi Norte-Sul, ou seja, os indivíduos estavam com a cabeça voltada para o mar e os pés, para o interior (no caso de Laranjeiras, o mar está a Norte) com 36 indivíduos, seguida de Sul-Norte, com 24 indivíduos. Outras orientações evidenciadas foram Leste-Oeste (04 indivíduos), Oeste-Leste (05 indivíduos), Nordeste-Sudoeste (05 indivíduos), Noroeste-Sudeste (02 sepultamentos), Sudeste-Noroeste (03 sepultamentos) e Sudoeste-Nordeste (04 indivíduos). Há 29 indivíduos cuja orientação não foi indicada por Rohr.

Os quatro indivíduos orientados no sentido L-O, eram crianças, sendo que uma delas estava com uma pedra sobre a face (Sep 31). Dos cinco indivíduos cuja orientação era O-L, dois apresentaram conchas como acompanhamento, as duas únicas pessoas que apresentaram esse tipo de associação funerária no sítio: o bebê com as 114 conchinhas (Sep 91), e um jovem de aproximadamente 15 anos (Sep 74), que tinha ostras sob a nuca. Outro indivíduo nessa orientação era um adulto maduro (Sep 107), encostado a uma mandíbula de baleia.

Sobre os acompanhamentos funerários, 37 indivíduos da amostra apresentaram materiais associados. Dentre esses, apenas dois foram identificados como do sexo feminino (Sep 16 e Sep 17). Os demais eram nove homens (adultos jovens, adultos e adultos maduros), treze crianças (05 delas com até 1 ano de idade, as demais não apresentam dados de idade ou são maiores de 3 anos), três jovens (um jovem em crescimento e dois adolescentes de aproximadamente 15 anos) e 10 adultos de sexo indeterminado.

Presença de acompanhamento funerário			
Sexo	Quantidade de indivíduos	Faixa etária	Quantidade de indivíduos
Mulheres	02	Crianças	13
Homens	09	Jovens	03
Indeterminados	26	Adultos	10

Tabela 08 – Indivíduos sepultados que apresentam acompanhamentos funerários, por sexo e faixa etária.

Como pudemos identificar, a maioria dos indivíduos que possuíam acompanhamento funerário, se considerarmos apenas o critério “faixa etária”, eram crianças. Dentre essas crianças, cinco são bebês e tinham idade de menos de 1 ano até aproximadamente 2 anos. Outros indivíduos infantis com materiais associados ao sepultamento tinham as seguintes idades: uma criança de 3 a 4 anos, uma criança de aproximadamente 7 anos e duas crianças de aproximadamente 10 anos. Do total das 13 crianças acompanhadas por material funerário, não foi possível obter informações sobre a faixa etária de quatro delas. Se considerarmos as crianças cujas idades foram estimadas e identificadas, a maioria dos acompanhamentos infantis se apresenta em bebês, ou seja, crianças na faixa etária de até aproximadamente 2 anos.

Os materiais associados a essas crianças de até um ano de idade (Sep 20, Sep 49, Sep 60, Sep 67, Sep 91) foram: dentes perfurados de mamíferos, dentes duplamente perfurados de tubarões (*Prionace glauca*), conchinhas perfuradas (*Olivella sp*) e um “fogão”. A criança cuja classificação etária foi de 3 a 4 anos (Sep 54) tinha como acompanhamento treze dentes perfurados de mamíferos (identificados de felídeos e outras espécies). A criança de aproximadamente 7 anos (Sep 31) tinha uma “grande pedra sobre a face”, como indica Rohr. Já as duas crianças de cerca de 10 anos de idade (Sep 95 e Sep 96) tinham como acompanhamento rochas que Rohr considerou como “pedras de um fogão”.

As quatro crianças cujas idades não temos informação ou não foram identificadas possuíam, como acompanhamento funerário, dentes perfurados de mamíferos (Sep 39); uma tigela cerâmica emborcada sobre a cabeça (Sep 42); um dente de tubarão duplamente perfurado (*Prionace glauca*), seis dentes perfurados de mamíferos e uma tigela cerâmica (Sep 43); e dentes perfurados de mamíferos (Sep 70).

Dentre os jovens que apresentaram acompanhamentos funerários (inclui as classes adolescente e jovem em crescimento), evidenciaram-se

ostras, que estavam sobre a nuca do indivíduo de aproximadamente 15 anos de idade (Sep 74); uma lâmina de machado polida que acompanhava o jovem em crescimento (Sep 12); e um artefato ósseo fragmentado, encontrado como artefato em associação ao esqueleto na RT do MHS (Sep 58).

Entre os adultos de todas as classes (adultos jovens, adultos e adultos maduros) e sexos (feminino, masculino e indeterminado), 21 indivíduos apresentaram associações. Os objetos associados aos indivíduos foram: entre os adultos femininos, um dente de tubarão tintureiro (Sep 16) e um “fogo” (Sep 17); entre os adultos masculinos, seixos (Sep 46), fragmento de cerâmica e vértebras de peixe (Sep 45) e pontas de flecha ósseas (Sep 05). Dentre os adultos jovens, apenas um deles apresentou acompanhamentos, o Sep 110 (considerado provável masculino). E, dentre os adultos maduros, os materiais associados foram: vértebras de peixe perfuradas (Sep 71); um material lítico de diabásio (Sep 102); ossos faunísticos da caixa torácica de animal de médio porte (Sep 55); uma mandíbula de baleia (Sep 107); ossos finos e longos de aves e mamíferos, dentes de tubarão e dentes de porco-do-mato (Sep 72).

A respeito dos indivíduos adultos cujo sexo não pode ser determinado, 10 sepultamentos, os acompanhamentos foram: dentes de mamíferos perfurados (Sep 57); seixos (Sep 62, Sep 103 e Sep 109); três dentes de tubarão (*Prionace glauca*) duplamente perfurados (Sep 75); seixos e vértebras de peixe (Sep 93); pedras esparsas (Sep 94); ossos de aves e mamíferos, uma mandíbula de dentes de tubarão de diversas espécies e um dente de porco-do-mato (Sep 73); um seixo tratado a fogo e parcialmente polido (Sep 106); e um vasilhame cerâmico quebrado pela metade (Sep 108).

De acordo com os dados, tendo como base a percepção dos esqueletos enquanto conjunto, não parece existir entre os indivíduos de Laranjeiras um padrão específico em relação aos acompanhamentos mortuários. Os indivíduos acompanhados, sejam homens, mulheres ou crianças estavam em distintas posições, deposições, profundidades e em diversas orientações. Entretanto, se pensarmos em termos de preferências, podemos sugerir que entre as crianças, os dentes de animais perfurados (mamíferos e tubarões) e os vasilhames cerâmicos tiveram maior expressão.

Dentre os homens, alguma preferência poderia ser indicada pela presença de materiais líticos diversos (instrumentos e seixos diversos), assim como a de artefatos ósseos e outros vestígios ósseos faunísticos (pontas de flecha, vértebras de peixe perfuradas, mandíbula de baleia, ossos finos e longos e dentes de tubarão e porco do mato). Como apenas duas mulheres foram evidenciadas com elementos associados, não podemos estabelecer preferências para esse gênero. Segundo os registros, as conchas aparecem, em estruturas funerárias, somente com uma criança recém-nas-

cida (Sep 91), conformando um adorno, e junto a um adolescente de cerca de 15 anos de idade (Sep 74), sob sua nuca.

Pensar em termos de “preferências” me parece mais interessante que propor um padrão funerário para os acompanhamentos presentes no sítio. Essa é uma maneira possível de interpretar as evidências materiais associadas aos mortos, que não ignora as ausências (eventuais usos de plumagens, fibras e outros materiais orgânicos) e, ao mesmo tempo, valoriza os únicos vestígios disponíveis. Nesse sentido, as inferências sobre a ocorrência de artefatos em contexto funerário devem levar esse aspecto em consideração. Como aponta Saladino, ao expor a complexidade da interpretação dos vestígios de um sítio, aquilo que “parece ser restrito e reduzido no registro arqueológico, em realidade, pode muito bem ter sido recorrente e abundante” (Saladino, 2016, p. 228). Essa reflexão é válida inclusive para tratar dos acompanhamentos – ou a ausência deles – junto aos indivíduos cujo sexo foi estimado como “indeterminado”, pois essa amostragem é significativa e demonstra que a análise da relação entre os materiais funerários associados e os próprios mortos é realmente parcial.

Indivíduos	Preferências
Infantis	Dentes de animais perfurados e cerâmica
Masculinos (adultos jovens, adultos e maduro)	Materiais líticos, artefatos ósseos e vestígios faunísticos

Tabela 09 – Preferências de acompanhamentos funerários entre sepultamentos de crianças e de homens adultos.

O que podem, então, nos dizer esses materiais associados aos esqueletos em Laranjeiras II? Que razões levam os vivos a inserir objetos junto aos mortos? Tantas são as possibilidades quanto são os desdobramentos dessa questão principal. Sugiro que os acompanhamentos funerários sejam, dentre outras interpretações, parte de idiomas corporais e que seriam indicativos de categorias específicas de pessoas. Sendo modos de “vestir”, esses artefatos podem ser considerados coisas que distinguem e identificam indivíduos específicos em relação a uma parcela do grupo e ao grupo no geral. Além disso, essa classe de objetos poderia estar relacionada à esfera emocional e à interação humana no campo afetivo, com possíveis conotações sentimentais e de memorialidade. Seria possível ainda, pensar o material funerário do sítio através do prisma da “espiritualidade” e do “simbólico”, considerando a existência de supostas relações desses objetos com divindades e espíritos, assim como com potências cosmológi-

cas, poderes “mágicos” e transformacionais. Entendidos como materialização de vínculos, os acompanhamentos funerários presentes no registro arqueológico de Laranjeiras II seriam emergência de *relações*.

Uma sugestão a respeito dos acompanhamentos infantis seria que, quando dentes perfurados, esses objetos teriam a conotação de “adornos”. É interessante notar que as crianças – especialmente os bebês – são os indivíduos mais adornados, se considerarmos apenas os vestígios funerários que se preservaram no registro do sítio. Essa característica é recorrente em outros sítios litorâneos catarinenses e incita alguns questionamentos: porque as crianças se apresentam tão adornadas? Qual o motivo de seus sepultamentos serem, geralmente, mais elaborados? Os acompanhamentos funerários infantis seriam uma materialidade específica que se refere ao fato de crianças pertencerem a uma categoria especial de indivíduos nesse grupo humano?

É interessante lembrar que a taxa de mortalidade entre crianças neste período era alta (em torno de 50%), logo, infere-se que essas pessoas deveriam ter uma forma própria de lidar com essas perdas recorrentes. Essa forma própria de lidar com a morte de crianças estaria, em alguma medida, presente no registro funerário? E teria relação com os acompanhamentos funerários infantis? Estudos etnológicos percebem que a morte de uma criança, em determinados grupos, é insignificante e o impacto ritual e afetivo em relação a essa morte no grupo é mínimo. Em algumas sociedades indígenas, inclusive, os bebês ainda não são considerados “gente” e nem recebem nome próprio. Além disso, há registros de que em algumas sociedades ocorriam sacrifícios de bebês cujas mães morreram, assim como de bebês com problemas de saúde. Para cada uma dessas situações a morte e os gestos funerários poderiam ter significados totalmente distintos e, para o caso de Laranjeiras II, não temos indícios para responder a essas questões.

E sobre os acompanhamentos em indivíduos jovens e adultos, assim como em pessoas mais maduras, o tipo de objeto pode ter relação com o tipo de vida que teve o morto? Os complementos funerários do sítio seriam, em alguns casos, objetos pessoais do falecido? O tempo de vida, a trajetória, o tipo de experiências vivenciadas e as capacidades do falecido seriam fatores considerados no momento da escolha na inserção de objetos na cova junto a ele? Esse lugar de deposição do morto, preparado com materiais específicos, estaria relacionado a suas habilidades e “papéis sociais”, ou àquilo que construiu durante sua vida?

Ou ainda, diferenças de gênero poderiam estar expressas na baixa frequência de materiais mortuários evidenciados em indivíduos do sexo feminino? Os indícios que restaram nas evidências arqueológicas são suficientes para tecer esse tipo de questionamento? O material preferencial de acompanhamento dos mortos indica padrões?

As práticas mortuárias em um sítio arqueológico podem ser percebidas, mesmo que parcialmente, através dos artefatos que acompanham os esqueletos, de suas posições, deposições, orientações e da localização dos mortos no espaço escavado. A partir do tratamento do corpo do morto podemos deduzir as práticas funerárias de um grupo, assim como podemos inferir alguns aspectos sociais. Partindo especificamente dos objetos associados aos mortos percebe-se que as práticas funerárias “indicam simbolização de um mundo invisível” (Silva, 2014, 85), pois a imaterialidade pode ser acessada, mesmo que em parte, através do mundo material.

A seguir apresento uma tabela com os dados dos sepultamentos que possuem acompanhamentos funerários, indicando suas idades e sexo, assim como o museu/coleção onde os artefatos associados se encontram. De acordo com as fontes e com os dados analisados, evidenciou-se que dos 112 sepultamentos encontrados por Alfredo Rohr nas escavações, 37 possuem materiais associados.

Sep.	Sexo e idade	Acompanhamento funerário	Museu (artefato)
Sep 05	Adulto, do sexo masculino	Três/quatro pontas ósseas com pedúnculo	MA/CAGC
Sep 12	Jovem em crescimento, de sexo indeterminado	Uma lâmina de machado polida	MA/CAGC
Sep 16	Mulher adulta madura	Dente de tubarão tintureiro	Não encontrado
Sep 17	Adulto, sexo feminino	“Um fogão encostado”	Não encontrado
Sep 20	Criança de alguns meses de idade	“Ao lado de um fogão”	Não encontrado
Sep 31	Criança de aprox. 7 anos	Uma grande pedra (17 x 17 x 7 cm) encontrava-se na face	Não encontrado
Sep 39	Criança de aprox. 3 a 4 anos	Quatro dentes perfurados de mamíferos	MA/CACG
Sep 42	Criança	Tigelinha de cerâmica (emborcada sobre a cabeça)	MA/CACG
Sep 43	Criança	Dente de tubarão duplamente perfurado, dentes perfurados de felídeos e outras espécies, e uma tigela de cerâmica	MHS, Academia de Polícia e MA/CACG (?)

Sep 45	Homem adulto	Fragmento de cerâmica e vértebras de peixe	Não encontrado
Sep 46	Homem adulto	Seixos sem sinais de trabalho	Não encontrado
Sep 49	Criança de menos de um ano	Quatro dentes perfurados de mamíferos	MA/CACG
Sep 54	Criança de aprox. 3 a 4 anos	Treze dentes de perfurados de felídeos e outras espécies	MHS
Sep 55	Provável masculino e provável maduro	“Caixa torácica de um mamífero do porte de um cão”	MHS
Sep 57	Adulto, sexo indeterminado	Dentes de mamífero perfurados	Não encontrado
Sep 58	Jovem de aprox. 15 anos, sexo indeterminado	Artefato ósseo fragmentado	MHS
Sep 60	Criança de menos de um ano de idade	Um dente perfurado (felino) e dois dentes de cação duplamente perfurados	MA/CACG, Não encontrados
Sep 62	Adulto, sexo indeterminado	Seixos	Não encontrados
Sep 67	Criança de aprox. 9 meses	Cinco dentes de tubarão tintureiro duplamente perfurados (<i>Prionace glauca</i>)	MA/CACG
Sep 70	Criança	Dentes de mamíferos perfurados	Não encontrado
Sep 71	Homem adulto maduro	Vértebras de peixe perfuradas	Não encontrado
Sep 72	Homem adulto maduro	Entre os Sep 72 e Sep 73 há ossos finos e longos (mamíferos e aves, doze dentes de cação e um dente de porco-do-mato)	MHS, Academia de Polícia, Não encontrados
Sep 73	Adulto de sexo indeterminado	Entre os Sep 72 e Sep 73 há ossos finos e longos (mamíferos e aves), doze dentes de cação e um dente de porco-do-mato	MHS, Academia de Polícia, Não encontrados

Sep 74	Jovem de aprox. 15 anos, sexo indeterminado	Com ostras sob a nuca	Não encontrado
Sep 75	Adulto de sexo indeterminado	Três dentes de tubarão perfurados (<i>Prionace glauca</i> e <i>Odontaspis taurus</i>)	MHS
Sep 91	Criança de menos de um ano de idade	Adorno composto por 114 conchinhas (<i>Olivella sp.</i>)	MHS
Sep 93	Adulto, sexo indeterminado	Seixos e vértebras de peixe	Não encontrado
Sep 94	Adulto cujo sexo não foi possível de determinar	Pedras esparsas	Não encontrado
Sep 95	Criança de aprox. 10 anos	“Pedras (de um fogão?)”	Não encontrado
Sep 96	Criança de aprox. 10 anos	“Pedras (de um fogão?)”	Não encontrado
Sep 102	Homem adulto maduro	“Um amolador junto ao crânio”	Coleção Academia de Polícia
Sep 103	Adulto, sexo indeterminado	Alguns seixos	Não encontrado
Sep 106	Adulto, sexo indeterminado	Seixo tratado a fogo e parcialmente polido	Não encontrado
Sep 107	Homem adulto maduro	“Encostado à parte mais grossa da enorme mandíbula de baleia”	Não encontrado
Sep 108	Adulto, cujo sexo não pode ser determinado	Um vasilhame cerâmico quebrado (metade)	Não encontrado
Sep 109	Adulto, de sexo indeterminado	Associado a seixos diversos	Não encontrado
Sep 110	Provável masculino, adulto jovem	Um esqueleto de criança recém-nascida e diversos seixos esparsos	MA/CACG, Não encontrados

Tabela 10 – Lista de sepultamentos com acompanhamentos funerários identificando o sexo/idade e o Museu em que o artefato associado se encontra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou evidenciar, através dos acompanhamentos funerários em um sítio arqueológico pré-colonial do litoral central catariense, características das práticas funerárias a partir de documentação da escavação e de acervos arqueológicos em museus. A partir dos documentos de campo (diários, perfis, fichas de registro de sepultamentos) e do estudo do material coletado junto aos esqueletos, para além dos dados das publicações, busquei pensar questões acerca do comportamento funerário em Laranjeiras II. Tendo como foco os acompanhamentos funerários, a análise aqui empreendida procurou pensar nas possibilidades de tentar estabelecer uma aproximação com a atitude a respeito da morte – através das práticas funerárias – dessa população antiga e as relações dessas práticas com o ambiente, os artefatos e os corpos.

Levando em consideração a natureza dos registros utilizados como fontes para a pesquisa, percebe-se que há certas limitações a respeito dessa aproximação. As interpretações acerca das práticas funerárias nesse contexto são, inevitavelmente, limitadas. Mesmo que a materialidade dos registros – ossos, artefatos e outros vestígios arqueológicos – proporcione uma infinidade de possibilidades, geralmente nosso entendimento sobre eles está inserido no campo das interpretações e sugestões. Muito daquilo que é interpretado ou sugerido pelo pesquisador, nesses casos de estudo, são hipóteses resultantes de um lugar de pesquisa e da própria percepção do pesquisador sobre as evidências. Não temos como acessar o passado em sua plenitude.

No entanto, é preciso valorizar essa tentativa de produzir interpretações sobre a vida humana no passado e instigar que novos olhares sejam produzidos a partir de novas pesquisas, para que se possa contribuir para o alargamento do que conhecemos sobre as experiências humanas no mundo. Mesmo limitadas, as sugestões e interpretações sobre os povos antigos a partir de seus vestígios materiais contribuem de alguma forma para o alargamento da disciplina antropológica.

Por ser um trabalho que se propôs a analisar possíveis práticas funerárias em contexto arqueológico a partir de documentações dissonantes e materiais museológicos registrados de forma pouco adequada, certamente seria incompleto. Muitas inferências e interpretações são possíveis de empreender nessas análises, no entanto, algumas limitações impostas pelas fontes e, principalmente, pela própria natureza do registro arqueológico, não nos permitem afirmar conclusões.

Menos que uma análise precisa sobre as práticas funerárias do grupo que ocupou o sítio Laranjeiras II, esta dissertação foi uma tentativa de

apresentar uma maneira de estudar um grupo humano a partir de seus vestígios materiais integrantes de acervos museológicos. Foi, digamos, a apresentação de uma possibilidade de pesquisa que agrega disciplinas distintas e complementares – antropologia, arqueologia e museologia – para pensar sobre o modo de vida e o modo de morte de uma população antiga do litoral catarinense.

Na tentativa de valorizar e dar continuidade às pesquisas de João Alfredo Rohr, busquei trazer seus trabalhos a um tempo em que a antropologia já trilhou certos caminhos e está apta a propor outras questões que aquelas de sua época. Em um idioma teórico-metodológico distinto daquele empreendido por Rohr, pretendo, assim como ele, de algum modo contribuir para a preservação e a valorização desse patrimônio.

O processo da pesquisa fez pensar que é possível realizar uma antropologia a partir dos acervos arqueológicos antigos depositados em museus, mesmo que a documentação referente a eles apresente divergências. Minha trajetória nos acervos e nas coleções museológicas aumentou a percepção de que é preciso repensar as práticas museológicas e a maneira como lidamos com o patrimônio material. As teorias sobre documentação e gestão de museus são coerentes e realizáveis, no entanto, percebe-se que na prática, a situação real dos museus está distante delas.

Os dois museus envolvidos no estudo, o Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr, S.J.” e o Museu Arqueológico do Complexo Ambiental Cyro Gevaerd necessitam de adequações, especialmente em termos de documentação museológica e de expografia. A organização da documentação referente a seus acervos poderia ser empreendida, assim como a exposição precisaria ser revista e modificada em alguns aspectos, já que algumas das informações contidas nas vitrines e expositores estão equivocadas. Estando conscientes da importância de seus acervos, e empenhados em aprofundar o conhecimento sobre si mesmos, tais museus estariam mais aptos a estabelecer as relações necessárias com os públicos e a comunidade em termos de comunicação, de pesquisa e de salvaguarda de seus acervos.

As proposições deste trabalho a respeito das práticas funerárias em Laranjeiras II, no que se refere aos acompanhamentos, são apenas sugestões interpretativas que de forma alguma encerram as discussões sobre o tema. Sem ter acesso às especificidades cronológicas dos esqueletos e tendo de lidar com documentações dissonantes, um estudo acerca das práticas funerárias se percebe apenas propositivo e sugestivo. Nesse sentido, coaduno de certa forma com Saladino, que ao expor os resultados obtidos com o processamento, sistematização e análise de seus dados sobre estruturas funerárias e acompanhamentos de tipo adorno de conchas nos sepultamentos do sambaqui de Cabeçada, reconhece que

há certa “limitação e deficiência dos estudos sobre esses artefatos pautados em fontes e registros variados e sobre coleções com poucas informações sobre a procedência e com problemas metodológicos” (Saladino, 2016, p. 208).

Sobre os materiais associados aos mortos em Laranjeiras II, busquei incorporar interpretações referentes aos tipos de objetos selecionados pelo grupo como acompanhamentos funerários e sua possível relação com os ambientes em que viviam. Parti do pressuposto que os materiais associados aos mortos são produto de escolhas culturais diretamente vinculadas a relações que interligam artefatos, corpos e ambientes. Certamente, os acompanhamentos funerários estão vinculados ao tipo de entendimento que esses grupos tinham acerca da morte, no entanto, não temos como acessar essas concepções e nos limitamos a pensar possibilidades interpretativas.

Esse estudo sobre os mortos e seus acompanhamentos teve o intuito de contar, a partir dos vestígios das práticas funerárias, parte de uma história, uma trajetória de um grupo humano que ocupou nosso litoral. Através da análise do conjunto artefactual que acompanhava os mortos em Laranjeiras II, busquei contribuir para a valorização e a comunicação desse patrimônio, ao trazer para o campo da pesquisa, materiais que estavam, de certa forma, “esquecidos” em seus “locais de sepultamento” – os museus e as coleções – há mais de 20 anos.

Novas datações são imprescindíveis para inserirmos o sítio e os sepultamentos em uma cronologia que evidenciará o período de ocupação da Praia das Laranjeiras. Um dos caminhos possíveis a percorrer para o desenvolvimento desta pesquisa seria continuar a refinar as análises dos acompanhamentos funerários do sítio após terem sido realizadas as datações e estabelecida a cronologia dos sepultamentos. Outra opção seria realizar um estudo regional, que abarque os outros *sítios rasos com sepultamentos* escavados no litoral de Santa Catarina a fim de identificar suas práticas funerárias e perceber as possibilidades de se estabelecer vínculos ou diferenças entre eles.

Um estudo comparativo nesse sentido pode auxiliar no entendimento da ocupação do litoral catarinense, assim como viabilizar uma melhor compreensão acerca desses *sítios rasos com sepultamentos*. Algumas análises podem ser realizadas nesse conjunto de sítios: agregado aos estudos dos materiais associados aos mortos, pode-se realizar uma investigação mais atenta dos esqueletos, como o estudo das patologias, incluindo as dentárias, para identificar se algumas doenças podem estar ou não relacionadas a tipos específicos de acompanhamentos funerários. Outra possibilidade seria realizar análises químicas de isótopos de estrôncio, carbono, oxigênio e nitrogênio, pois estas podem fornecer informações que indicam sobre a dieta, origem geográfica e o modo de vida dessas pessoas.

A respeito da produção de dados arqueológicos nos processos de evidenciação de estruturas funerárias, aponto a necessidade do estabelecimento de metodologias específicas e a atuação, em campo e laboratório, de profissionais especializados. Para que os dados sobre arqueologia funerária sejam coletados da forma mais adequada e completa possível, é necessária a presença de um bioarqueólogo em campo. Na época das escavações do Pe. Rohr isso não existia, no entanto, atualmente esses profissionais são indispensáveis quando se trata da pesquisa em estruturas funerárias.

Outra consideração nesse sentido é que conhecimentos além daqueles proporcionados pela arqueologia funerária *stricto sensu* são fundamentais para se pensar sobre os gestos funerários. Um local de deposição dos mortos, não pode ser completamente interpretado se estiverem ausentes na análise dados relacionados aos processos pós-deposicionais ocorridos nessas estruturas funerárias. Tais processos, como o cadavérico e os tafonômicos em geral, informam sobre, por exemplo, os deslocamentos ocorridos em determinados membros, os quais se associam ao tipo de contenção aplicada ao corpo e permitem entender se o indivíduo foi depositado em cova grande ou pequena, se seu corpo estava dentro de um fardo, dentre outras possibilidades.

Além disso, quando se trata da evidenciação de estruturas funerárias, reforço a necessidade de serem estabelecidos métodos específicos de registro, como o preenchimento de fichas padronizadas. Outro fator importante nesse contexto é o registro visual: fotografias de um mesmo sepultamento, quando capturadas em diversos ângulos e em diferentes horas do dia, minimizam qualquer tipo de dúvida em relação aos aspectos materiais da estrutura funerária.

A característica da amostra do material aqui estudado, assim como as incoerências nas distintas fontes acessadas, expõem a fragilidade e a limitação desta pesquisa, no entanto não invalidam o esforço interpretativo e a revisão e sistematização dos dados referentes ao contexto funerário do sítio. As fichas de registro de sepultamento produzidas na dissertação, que agregam dados originais de Rohr a dados revisados e apresentam registros fotográficos do material, podem servir de base para estudos futuros.

Apesar da fragmentação das informações evidenciadas nos registros, foi possível obter dados importantes e fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa e para a formulação de algumas sugestões sobre as práticas funerárias. Reforço que, mesmo apresentando lacunas, os elementos fornecidos pelos trabalhos do Pe. Rohr são indispensáveis para analisar as práticas e contextos funerários nos sítios arqueológicos por ele escavados.

Para encerrar, se o Pe. João Alfredo Rohr tinha certeza que os achados no sítio da Praia das Laranjeiras seriam “sensacionais”, sugiro que podemos

confirmar sua afirmação. Este sítio, assim como os demais *sítios rasos com sepultamentos* do litoral catarinense, são importante campo para estudos antropológicos sobre práticas funerárias, assim como para estudos arqueológicos de diversas naturezas.

E, mesmo que não possamos afirmar os significados e sentidos dados aos objetos por aquele grupo que os colocou junto a seus mortos, mesmo que nunca saibamos os motivos que os fizeram agir desta maneira, uma coisa posso opinar: é um ato fascinante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA e MAZZA “Restos óseos humanos y faunísticos: su relación en el espacio mortuario en contextos de cazadores-recolectores del humedal del Paraná inferior (Argentina)”. *Pesquisas Antropologia*, 2016. Site do Instituto Anchieta de Pesquisas.

ANDRADE, Cilcair L. *Arqueologia Funerária no Sambaqui do Moa*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.

BARRETO, Cristiana N. G. B. *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia Antiga*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, MAE/USP, São Paulo, 2008.

BARTEL, Brad. A Historical Review of Ethnological and Archaeological Analyses of Mortuary Practice. *Journal of Anthropological Archaeology* 1, 32-58, 1982.

BASTOS, Murilo Q. *Dos sambaquis do sul do Brasil à Diáspora Africana: estudo de geoquímica isotópica de séries esqueléticas humanas escavadas de sítios arqueológicos brasileiros*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Geologia, UnB, Brasília, 2014.

BECK, Anamaria. *A variação do conteúdo cultural dos sambaquis - Litoral de Santa Catarina*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1972.

BECKER, Itala I. B. Formas de enterramento e ritos funerários entre as populações pré-históricas. *Revista de Arqueologia*, v. 8, 1, editada pela Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1994.

BINFORD, Lewis. Archaeology as Anthropology. *American Antiquity*, v. 28, p. 217-225, 1962.

BINFORD, Lewis. Mortuary practices: their study and their potential. In: BROWN, J. (Ed.). Approaches to the social dimensions of mortuary practices. *Memoirs of the Society for American Archaeology*, n. 25, p. 6-29, 1971. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>.

BOAS, Franz. *Arte primitiva*. Tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BROWN, J.A. The dimensions of status in the burials at Spiro. In: BROWN, J.A. (Ed.), *Approaches to the Social Dimensions of Mortuary Practices*. Society for American Archaeology, 1971.

BRUNO, M. C. O.; GUEDES, S. P. L. de C.; AFONSO, M. C.; ALVES, M. C. Um olhar museológico para a arqueologia: a exposição “Pré-História Regional” de Joinville (Santa Catarina). *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, S. Paulo, 7:113-129, 1991.

CALAVIA SÁEZ, Oscar. Do perspectivismo ameríndio ao índio real. *Campos* 13(2):7-23, 2012.

CAMPILLO, Domenec; SUPIRÀ, Maria Eulalia. *Antropologia física para arqueólogos*. Barcelona: Ariel, 2004.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Os Mortos e os Outros. Uma Análise do Sistema Funerário e a Noção de Pessoa entre os Índios Krahó*, São Paulo: Hucitec, 1978.

CASTRO FARIA, Luiz de. *Antropologia: escritos exumados. Espaço circunscrito: tempos soltos -I*. Niterói: EDUFF, 1998.

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. *O museu do sagrado ao museu*. Rio de Janeiro: Revan, 2009a.

CASTRO, Viviane M. Cavalcanti de. *Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009b.

CASTRO, Viviane M., OLIVEIRA, Claudia A., SILVA, Sergio Francisco S.M., PEDROZA, Igor. Práticas funerárias dos grupos ceramistas pré-históricos do sítio Serra do Evaristo I, município de Baturité, Ceará. *Mneme - Revista de Humanidades. Caicó*, v. 16, n. 36, p. 201-227, jan./jul. 2015.

CHAPMAN, Robert. Death, society and archaeology: the social dimensions of mortuary practices. *Mortality*, Vol. 8, No. 3, August, 2003.

COMERLATO, Fabiana. O legado do Pe. João Alfredo Rohr S. J.: Reflexões sobre sua trajetória na Arqueologia Brasileira. *Revista de Arqueologia Pública*, nº 10. Dezembro de 2014, pp. 9-24.

COSTA, Diogo M. Estudos mortuários em Arqueologia Pré-Histórica e Histórica: de espelho etnográfico à máscara social. *Revista Habitus*, Goiânia, v. 10, n.1, p. 105-114, jul./dez. 2012.

CRUZ, Alfredo B. da Costa. O Cotidiano e a Prática Arqueológica do Pe. João Alfredo Rohr em um Conjunto de Cartas com o Antropólogo Luiz de Castro Faria. *Revista Mosaico*, v. 5, n. 2, p. 137-157, jul./dez. 2012.

CRUZ, Alfredo B. da Costa. *Concha sobre concha: o estudo e a conservação dos sambaquis na correspondência entre Luiz de Castro Faria e Pe. João Alfredo Rohr (1960-1971)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2013.

CUMMINGS, Vicki. *The Anthropology of Hunter-Gatherers: Key Themes for Archaeologists*. London: Bloomsbury Hbk, 2013.

DeBLASIS, P., FARIAS, D. S., KNEIP, A. Velhas tradições e gente nova no pedaço: perspectivas longevas de arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 24: 109-136, 2014.

DEMASI, Marco A. As Terras altas do Sul do Brasil e o Litoral de Santa Catarina, a arqueologia dos mortos e evidências de hierarquia social. In: XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2009, Belém. *Anais do XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira*. Versão em pdf.

DEMASI, Marco A. Análise das Práticas mortuárias e Hierarquia Social no Sambaqui do Porto do Rio Vermelho II, Lagoa da Conceição, Ilha de Santa Catarina. SC. *Clio. Série Arqueológica* (UFPE), 2012.

DESCOLA, Philippe. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. *Horizontes Antropológicos*, nº 18, p. 93-112, 2002.

DUDAY, H.; COURTAUD, P.; CRUBEZY, E.; SELIER, P.; TILLIER, A. M.; *L'Anthropologie « de terrain »: reconnaissance et interprétation des gestes funéraires*. Bull. Et Mém. dela Soc. d'Anthrop. de Paris, n.s., t. 2, nº 3-4, pp.29-50, 1990.

ELIAS, Norbert. A solidão dos moribundos, seguido de, Envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ESCÓRCIO, Eliana. *Pescadores-Coletores do Litoral do Estado do Rio de Janeiro: Um Olhar Sobre Idade e Gênero*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

FAHLANDER, F. & OESTIGAARD, T.– *The Materiality of death: bodies, burials, beliefs*. BAR International Series 1768. Oxford, 2008.

FARIAS, Deisi S. & KNEIP, Andreas. Panorama Arqueológico de Santa Catarina. Tubarão: Editora da Unisul, 2010.

FOGAÇA, Emílio. “O estudo arqueológico da tecnologia humana”. In: *Revista Habitus*, vol. 1, nº 1. Goiânia: IGPA/UCG, 2003, p. 147-180.

FOSSARI, Teresa D. *A população pré-colonial Jê na paisagem da Ilha de Santa Catarina*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

FOSSARI, Teresa D. e AMARAL, Maria Madalena V. O padre Rohr e a defesa do Patrimônio Arqueológico de Santa Catarina. In: CASTELLS, Alicia N. G. de, SANTOS, Jeana L. C. (orgs.) *Patrimônio Cultural e seus campos*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014.

GASPAR, Maria Dulce. Espaços, Ritos Funerários e Identidade pré-histórica. *Trabalhos apresentados na VII SAB*, 1-14. Mimeo, João Pessoa, 1993.

GASPAR, M.D.; BUARQUE, A.; CORDEIRO, J.; ESCÓRCIO, E. Tratamento dos Mortos entre os Sambaqueiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a Região dos Lagos, Estado do Rio de Janeiro. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 17: 169-189, 2007.

GASPAR, Maria Dulce; SOUZA, Sheila M. (Orgs.) *Abordagens estratégicas em sambaquis*. Erechim: Habilis Editora, 2013.

GONÇALVES, José R. S. *Antropologia dos objetos: Coleções, Museus e Patrimônios*. Rio de Janeiro: Ed.IPHAN/GARAMOND, 2007.

GONZALEZ, Manoel M., AMENOMORI, Sandra N. Osteologia e utilização de dentes de Tubarão-Branco, *Carcharodon carcharias* (Linnaeus, 1758) (Elasmobranchii, Lamnidae) em sambaquis do estado de São Paulo. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 13: 25-37, 2003.

GONZALEZ, Manoel M. B. *Tubarões e raias na pré-história do litoral de São Paulo*. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2005.

GUIDON, Niède; PALESTRINI, Luciana. Estudo da indústria do sambaqui do Mar Casado. *Anhembi*, São Paulo, 57 (139): 49-59, 1962.

HAUBERT, Fabiana; KREVER, Maria Luiza B.; PALMA, Lenise P.; SCHMITZ, Pedro I. Bocas e Dentes: O estudo dos esqueletos escavados por Pe. João Alfredo Rohr S. J. no litoral de Santa Catarina. *Documentos 09*, Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2004.

INGOLD, Tim. "Materials against materiality". In: Ingold, T. *Being Alive: Essays on movement, knowledge and description*. London and New York: Routledge, 2011.

INGOLD, Tim. Antropologia não é etnografia. Tradução e revisão para a língua portuguesa brasileira feita por Caio Fernando Flores Coelho e Rodrigo Ciconet Dornelles, de acordo com texto original publicado em: INGOLD, T. Epilogue: "Anthropology is *not* Ethnography." In: INGOLD, T. *Being Alive: Essays on movement, knowledge and description*. London and New York: Routledge, 2011, pp. 229-243.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, nº 37, pp. 25-44, 2012.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

IZIDRO, Juliane M. *O jazigo funerário de Içara no contexto litorâneo catarinense*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, São Leopoldo, 2001.

JOYCE, Rosemary A. Social Dimensions of Pre-Classic Burials. IN: GROVE, David C., JOYCE, Rosemary A. (eds.) *Social Patterns in Pre-Classic Mesoamerica*. Dumbarton Oaks Research Library and Collection Washington, D.C. , 1999.

KLÖKLER, D. M. Adornos em concha do Sambaqui Cabeçuda: revisita às amostras de Castro Faria. *Revista de Arqueologia*, vol.27, n.2, 2014b, p.150-169.

KLÖKLER, D. M. Revisita ao Sambaqui Cabeçuda: a pesquisa só acaba quando termina!. *Encontro da SAB/Sul*. Joinville, 2014a (pdf). KLÖKLER, D. M. Adornos em concha do Sambaqui Cabeçuda: revisita às amostras de Castro Faria. *Revista de Arqueologia*, vol.27, n.2, 2014b, p.150-169.

KNEIP, Lina Maria; MACHADO, Lília Cheuiche. *Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ: sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha*. Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia, Museu Nacional, UFRJ, 1993. (Documento de Trabalho, n.1, Série Arqueologia).

KROEBER, A. Disposal of the Dead. *American Anthropologist*, New Series, v. 29, n. 3, p. 308-315, 1927.

LAGROU, Els. *Arte Indígena no Brasil: agência, alteridade e relação*. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

LEA, Vanessa. Nomes e *nekrets Kayapó*: uma concepção de riqueza. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: PPGAS-Museu Nacional-UFRJ, 1986.

LEMMONIER, Pierre. Cap. 1: “Tecnología y Antropología”. Elementos para uma antropología de la tecnología. Traducción: Andrés Laguens. Traduzido de *Elements for an Anthropology of Technology. Anthropological Papers, Museum of Anthropology, University of Michigan*, nº 88, Ann Arbor, Michigan, 1992, Chap. 1: 1-24, 1992. Versão em pdf.

LESSA, Andrea; SCHERER, Luciane Z. O outro lado do paraíso: Novos dados e reflexões sobre violência entre pescadores-coletores pré-coloniais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 18, p. 89-100, 2008.

LESSA, Andrea. Conceitos e métodos em curadoria de coleções osteológicas humanas. *Arquivos do Museu Nacional*, v. 68, p. 3-16, 2011.

LESSA, Andrea; GASPAR, Maria Dulce. Estratégias de Subsistência, Complexidade Social e Violência entre Grupos Sambaqueiros do Litoral Brasileiro. In: J.L. Mazz; M. Berón. (Org.). *Indicadores Arqueológicos de Violencia, Guerra y Conflicto en Sudamérica*. 1ed. Montevideo: Universidade de La Republica, 2012, v., p. 55-80.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIMA, Danúbia V. Rodrigues de. *Sobre morte e gênero: uma análise dos papéis de gênero no contexto funerário dos sítios Justino-SE e Furna do Estrago-PE*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

LIMA, Tania Andrade. Em busca dos frutos do mar: os pescadores coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista da USP*, São Paulo n. 44, p. 270-327. Dez./fev. 1999-2000.

LIMA, Tania Andrade. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr. 2011.

MACHADO, Juliana Salles. *Montículos artificiais na Amazônia central: um estudo de caso do sítio Hatahara*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, MAE/USP, São Paulo, 2005.

MACHADO, Lilia C.; KNEIP, Lina M. Padrões dentários, dieta e subsistência das populações dos sambaquis de Saquarema, RJ. *Revista de Arqueologia*, v. 8, 1, editada pela Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1994.

MACHADO, Lilia C.; SENE, Glauca M.; SILVA, Laura P. R. Estudo preliminar dos ritos funerários do sítio do Caju, RJ. *Revista de Arqueologia*, v. 8, 1, editada pela Sociedade de Arqueologia Brasileira, 1994.

MAIA, Fernanda F. *A Única Certeza Que Se Tem Na Vida É A Morte: Identificação De Perfil Osteobiológico Humano*. Trabalho de Conclusão de Curso. Departamento de Arqueologia, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

MAUSS, Marcel. Tecnologia. In: Mauss, M. *Manual de Etnografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, pp. 43-92, 1993.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: Mauss, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, pp. 401-424, 2003.

MENDONÇA DE SOUZA, Alfredo. *Dicionário de Arqueologia*. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

MILLER, Joana. *As Coisas. Os enfeites corporais e a noção de pessoa entre os Mamaindê (Nambiquara)*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

MONTARDO, Deise L. *Práticas funerárias das populações pré-coloniais e suas evidências arqueológicas (reflexões iniciais)*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Imago Ed. (Série Diversos), 1997

MÜLLER, Leticia M. *Sobre índios e ossos: estudo de três sítios de estruturas anelares construídos para enterramento por populações que habitavam o vale do rio Pelotas no período pré-contato*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

NEVES, Walter A. Antropologia física e padrões de subsistência no litoral norte de Santa Catarina, Brasil (projeto). *Revista de Pré-História USP*, Instituto de Pré-História. Edição comemorativa do cinquentenário da USP. Vol. VI, 1984. São Paulo.

NEVES, Walter A. Paleogenética dos Grupos Pré-históricos do Litoral Sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina). *Pesquisas*, n 43, Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, 1988.

NEVES, Walter A. *Um esqueleto incomoda muita gente...* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

NEWTON, Dolores. Introdução – Cultura material e história cultural. In: RIBEIRO, Darcy (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*. Vol 2, Tecnologia indígena. Petrópolis: Vozes, 1987.

NUNES, Sebastião M. *Padre João Alfredo Rohr – SJ: o padre motoqueiro*. Florianópolis: Papa-Livro, 2000.

O'SHEA, John M. *Mortuary variability: an archaeological investigation*. New York: Academic Press, 1984.

OKUMURA, Mercedes. Diversidade morfológica craniana, micro-evolução e ocupação pré-histórica da Costa Brasileira. *Pesquisas Antropologia*, n° 66, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2008.

OLIVEIRA, Nanci V. de. *Paleodemografia, morfologia e práticas funerárias: um estudo de dois sítios arqueológicos do litoral de Santa Catarina, Brasil*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Arqueologia, MAE/USP, São Paulo, 1986.

OPPITZ, Gabriela. *Coisas que mudam: os processos de mudança nos sítios conchíferos catarinenses e um olhar isotópico sobre o caso do sítio Armação do Sul, Florianópolis/SC*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, MAE/USP, São Paulo, 2015.

PARKER PEARSON, Michael. Mortuary practices, society and ideology: an ethnoarchaeological study. In: HODDER, I. (ed) *Symbolic and Structural Archaeology*, Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

PARKER PEARSON, Michael. *The archaeology of death and burial*. Texas: Texas A&M, 1999.

POMPEU, Filipi. *Cronologia e práticas funerárias dos sambaquis dos estados do Paraná e Santa Catarina (4951-2850 AP)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

PROUS, André. Os Moluscos e a Arqueologia Brasileira. *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, VII: 241-298. Belo Horizonte, 1986/1990.

PROUS, André, RODET, Maria Jacqueline. Os vivos e seus mortos no Brasil tropical e sub-tropical pré-histórico (11.000/500 BP). In: MORA-

LES, Walter F., MOI, Flávia P. (orgs.) *Cenários regionais em Arqueologia brasileira*. São Paulo: Annablume; Porto Seguro, BA: Acervo – Centro de Referência em Patrimônio e Pesquisa, 2009.

PROUS, André. Artefatos e adornos sobre suportes de origem animal, vegetal ou mineral (concha, casca de ovo, dente, osso, cera, fibras vegetais e calcita). *Arquivos do Museu de História Natural da UFMG*, v. 19, p. 371-413, 2009.

PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora da UnB, 1992.

RAKITA, Gordon F. M.; BUIKSTRA, Jane E. Introduction. In: RAKITA, Gordon F. M.; BUIKSTRA, Jane E.; BECK, Lane A.; WILLIAMS, Sloan R. (eds.) *Interacting with the Dead: Perspectives on Mortuary Archaeology for the New Millennium*. University Press of Florida, 2005.

RAPP PY-DANIEL, Anne. *Arqueologia da Morte no sítio Hatahara durante a Fase Paredão*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

RAPP PY-DANIEL, Anne. “Como os contextos funerários nos ajudam a entender os vivos na Amazônia Pré-Colombiana”. In: ROSTAIN, Stéphen (ed.) *Antes de Orellana: Actas del Tercer Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Quito, 2014.

RAPP PY-DANIEL, Anne. *Os Contextos Funerários na Arqueologia da Calha do Rio Amazonas*. Tese de doutorado em Arqueologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

REIS, Maria J., FOSSARI, Teresa D. Arqueologia e preservação do patrimônio cultural: a contribuição do Pe. João A. Rohr. *Cadernos do CEOM (UNOESC)*, v. 30, p. 265-292, 2009.

REITZ, Raolino. O cientista. IN: *Aspectos da vida e da obra de João Alfredo Rohr*, SJ. Santa Catarina. Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo. Conselho Estadual de Cultura. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura: Instituto Histórico e Geográfico: Colégio Catarinense, 1984.

RIBEIRO, Berta G. Introdução – A linguagem simbólica da cultura material. In: RIBEIRO, Darcy (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*. Vol. 3, Arte Índia. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Berta G. *Dicionário do artesanato indígena*. São Paulo: Edusp/Itatiaia, 1988.

RIBEIRO, Darcy. Arte Índia. In: RIBEIRO, Darcy (ed.) *Suma Etnológica Brasileira*. Vol. 3, Arte Índia. Petrópolis: Vozes, 1987.

RIBEIRO, Darcy. *Diários Índios: os Urubus-Kaapor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RIBEIRO, Liliane B. *Limpendo ossos e expulsando mortos: estudo comparativo de rituais funerários em culturas indígenas brasileiras através de uma revisão bibliográfica*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

RIBEIRO, Marily. S. *Arqueologia das práticas mortuárias*. Uma abordagem historiográfica. São Paulo: Alameda, 2007.

ROHR, João A. Pesquisas Páleo-Etnográficas na Ilha de Santa Catarina. *Pesquisas*, n° 3, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1959.

ROHR, João A. Pesquisas arqueológicas em Santa Catarina. *Pesquisas*, n° 15, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1966.

ROHR, João A. Arqueologia e Monumentos Arqueológicos. *Separata das Vozes*, Ano 61, n° 6, junho de 1967.

ROHR, João A. Normas para a cimentação de enterramentos arqueológico e montagem de blocos-testemunha. *Manuais de Arqueologia n° 3*, Curitiba: CEPA/UFPR, 1970.

ROHR, João A. “O Museu do Homem do Sambaqui”. *Notícias* 111/112, Natal, 1971.

ROHR, João A. “O Museu do Homem do Sambaqui”. *Notícias* 113, Páscoa, 1972.

ROHR, João A. Terminologia queratosseodontomalacológica. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, Florianópolis, Ano VII-IX, nº 9-10, 1976/1977.

ROHR, João A. O Sítio Arqueológico da Praia das Laranjeiras — Balneário Camboriú, SC. *Notícias*, Natal 135/136, 1977.

ROHR, João A. O Sítio Arqueológico da Praia das Laranjeiras. *Notícias*, Natal 139/140, 1978.

ROHR, João A. Relatório (de 01 de julho a 31 de dezembro de 1978) - terceira etapa da escavação do sítio arqueológico Praia das Laranjeiras, 1978.

ROHR, João A. Cimentação de sepultamentos e de “blocos testemunhos”. *Pesquisas arqueológicas no litoral de Itaipu, Niterói, Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Universitária, 1981.

ROHR, João A. O sítio arqueológico da Praia das Laranjeiras – Balneário de Camboriú. *Anais do Museu de Antropologia da UFSC*, nº 17, pp. 5-76, Florianópolis, UFSC, 1984.

SANTOS, Juvandi de Souza. *Práticas Funerárias e Cultura Material nos Sertões da Paraíba: a Necrópole Sítio Pinturas I, em São João do Tigre*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.

SAXE, Arthur A. *Social dimensions of mortuary practices*. PhD dissertation, Department of Anthropology, University of Michigan, 1970.

SCHERER, Luciane Z. *Marcadores de estresse músculo-esquelético e mobilidade terrestre em grupos pré-coloniais litorâneos do sul do Brasil*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

SCHMITZ, Pedro I. “Um jesuíta em tempos de transição”. In: *Pesquisas*, nº 67, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2009.

SCHMITZ, Pedro I. O Jesuíta e o Professor. IN: *Aspectos da vida e da obra de João Alfredo Rohr, SJ*. Santa Catarina. Secretaria de Cultura, Es-

porte e Turismo. Conselho Estadual de Cultura. Florianópolis: Conselho Estadual de Cultura: Instituto Histórico e Geográfico: Colégio Catarinense, 1984.

SCHMITZ, Pedro I., VERARDI, Ivone, DE MASI, Marco A., ROGGE, Jairo H., JACOBUS, André L. Escavações Arqueológicas do Pe. João Alfredo Rohr, S.J.: O sítio da Praia das Laranjeiras II. Uma aldeia da Tradição Ceramista Itararé. *Pesquisas*, n° 49, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1993.

SCHMITZ, Pedro I., VERARDI, Ivone. Antropologia da morte. Praia das Laranjeiras: um estudo de caso. *Revista de Arqueologia*, São Paulo, 8 (1): 91-100, 1994.

SCHMITZ, Pedro I. Ceramic Sambaquis from the South Coast of Brazil. IN: BEILEY, Geoffrey, HARDY, Karen, CAMARA, Addoulaye (eds). *Shell energy: prehistoric coastal resource strategies*. Oxford: Oxbow Books, 2013

SEEGER, Anthony, DA MATTA, Roberto e VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A construção da Pessoa nas sociedades indígenas brasileiras, in: *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, n°32, maio 1979, 2-19.

SENE, Gláucia M. *Indicadores de gênero na pré-história brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unai, Minas Gerais*. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia, MAE/USP, São Paulo, 2007.

SÉRET, Bernard. *Guia de identificação das principais espécies de raias e tubarões do Atlântico oriental tropical, para observadores de pesca e biólogos*. Tradução para o Português de Rui Coelho, IUCN, Union mondiale pour la Nature, 2006. (versão em pdf)

SILVA, Daniela Cisneiros. *Práticas Funerárias na Pré-História do Nordeste do Brasil*. Dissertação de mestrado em Arqueologia. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

SILVA, Fabíola A. As tecnologias e seus significados. In: *Canindé, Xingó* n° 2, 2002.

SILVA, Jaciara A. *O corpo e os adereços: Sepultamentos humanos e as especificidades dos adornos funerários*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SILVA, Jaciara A.; CARVALHO, Olívia A. análise arqueotanológica de duas sepulturas infantis, Sítio Justino-SE. *Clio. Série Arqueológica* (UFPE), v. 28, p. 74-104, 2013.

SILVA, Jaciara A.; CARVALHO, Olívia A.; QUEIROZ, Albérico N. . A cultura material associada a sepultamentos no Brasil: Arqueologia dos adornos. *Clio. Série Arqueológica* (UFPE), v. 29, p. 45-82, 2014.

SILVA, Sergio Baptista da. *O Sítio Arqueológico da Praia da Tapera: um assentamento Itararé e Tupiguarani*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1989.

SILVA, Sergio F. S. M. *Arqueologia das Práticas Mortuárias em Sítios Pré-históricos do Litoral do estado de São Paulo*. Tese de doutorado em Arqueologia. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, Sergio F. S. M. Terminologias e classificações usadas para descrever sepultamentos humanos: exemplos e sugestões. *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 113-138, 2005-2006.

SILVA, Sergio F. S. M. *Arqueologia Funerária: Corpo, Cultura e Sociedade Ensaio Sobre a interdisciplinaridade arqueológica no Estudo das Práticas mortuárias*. Série Extensão, Recife: PROEXT-UFPE & Ed. Universitária da UFPE, 2014.

SIMON, Christian; CARVALHO, Olívia A.; QUEIROZ, Alberico N.; CHAIX, Louis. *Enterramentos na necrópole do Justino-Xingó*. Aracaju: Universidade Federal de Sergipe/PAX, 1999.

SOFAER, Joanna R. *The Body as Material Culture. A Theoretical Osteoarchaeology*. Cambridge University Press, 2006.

SOLARI, A.; SILVA, S. F. S. M. da; MELLO, S. D. Estudo de caso sobre indicadores bioarqueológicos de práticas mortuárias em esqueleto humano coletado no Abrigo Pedra do Cachorro, Buíque, PE. *Clio. Série Arqueológica* (UFPE), v. 30, p. 92-119, 2015.

SOUZA, Camila D. As Práticas Mortuárias na região da Argólida entre os séculos XI e VIII a.C. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, Suplemento 13, 2011.

SOUZA, Margareth de Lourdes. *Informação Técnica n.º 004/2016 – Arqueologia - IPHAN-DF*. Brasília, Superintendência do IPHAN do Distrito Federal. 2016

SOUZA, Rogério L. *Uma história inacabada: cem anos do Colégio Catarinense*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2005.

SOUZA, Rosa C., LIMA, Tania A., SILVA, Edson P. *Conchas marinhas de sambaquis do Brasil*. Rio de Janeiro: Technical Books Editora, 2011.

SOUZA, Sheila M. de. Arqueologia de funerais: quando os mortos esclarecem os (arqueólogos) vivos. In: Congresso da Sociedade de Arqueologia, 12, São Paulo. *Anais*. São Paulo: Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2003. (CD-ROM)

SOUZA, Sheila M. de; WESOLOWSKI, Verônica; LESSA, Andrea; RODRIGUES-CARVALHO, Claudia. Escavar e interpretar lugares de deposição de mortos. In: M.D. Gaspar; S. Mendonça de Souza. (Org.). *Abordagens Estratégicas em Sambaquis*. Rio de Janeiro: Editora Habilis, 2013, p. 127-154.

STRAUSS, André M. *As práticas mortuárias dos caçadores-coletores pré-históricos da região de Lagoa Santa (MG): um estudo de caso do sítio arqueológico “Lapa do Santo”*. Dissertação de mestrado em Genética e Biologia Evolutiva, Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, 2010.

THIESEN, Beatriz V. *O sítio arqueológico das Laranjeiras, SC. Assentamento da Tradição Itararé: Estudo da organização do espaço em uma sociedade indígena pré-histórica*. Versão preliminar de dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1987.

THOMAS, Louis-Vincent. *Antropologia de La Muerte*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

UCHÔA, Dorath Pinto. *Relatório de Viagem ao Balneário de Camboriú (Praia das Laranjeiras) Estado de Santa Catarina*. Enviado em 5 de abril de 1978 à Diretoria do Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo.

UCKO, Peter J. Ethnography and archaeological interpretation of funerary remains. *World Archaeology*, v. 1, no. 2, Techniques of Chronology and Excavation, out./1969, p. 262-280. Disponível em: <<http://www.jstor.org>>.

VIDAL, Lux B. *Morte e Vida de uma Sociedade Indígena Brasileira: Os Kayapó-Xikrin do Rio Cateté*. HUCITEC/EDUSP, São Paulo, 1977.

VIDAL, Lux B. A morte entre os índios Kayapó. In: MARTINS, J. de S. *A morte e os mortos na sociedade brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1983.

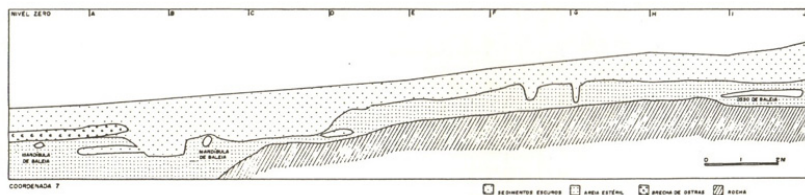
VIDAL, Lux B., LOPES DA SILVA, Aracy L. “O sistema de objetos nas sociedades indígenas: arte e cultura material”. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luiz Donisete B. *A temática indígena na escola*. Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

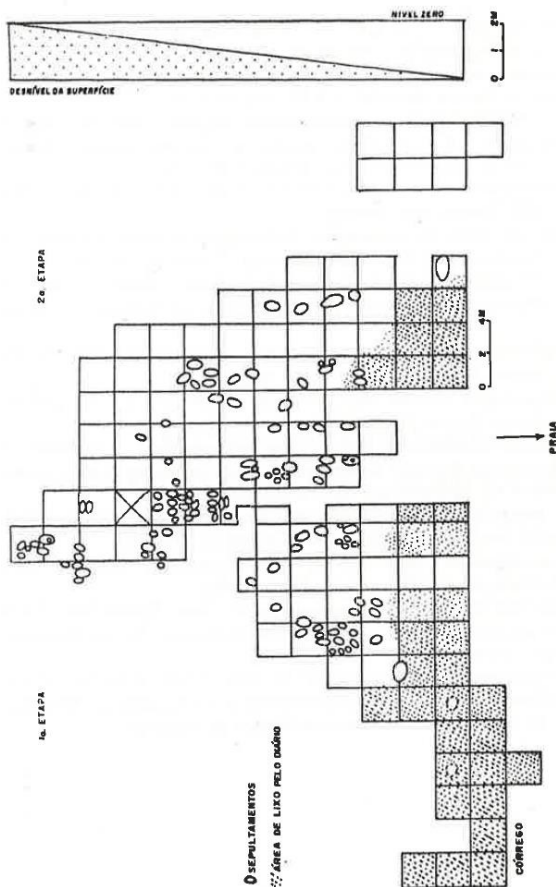
WARNIER, Jean-Pierre. *Construire la culture matérielle: l'homme qui pensait avec ses doigts*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

WESOLOWSKI, Verônica. Práticas funerárias pré-históricas do litoral de São Paulo. In: TENÓRIO, M. C. (Org.). *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, p.189 – 195, 1999.

ANEXOS



Perfil do sítio na coordenada 7, 2ª etapa de escavação (Schmitz et. al, 1993, p. 34). Na legenda: sedimentos escuros, areia estéril, brecha de ostras, rocha.

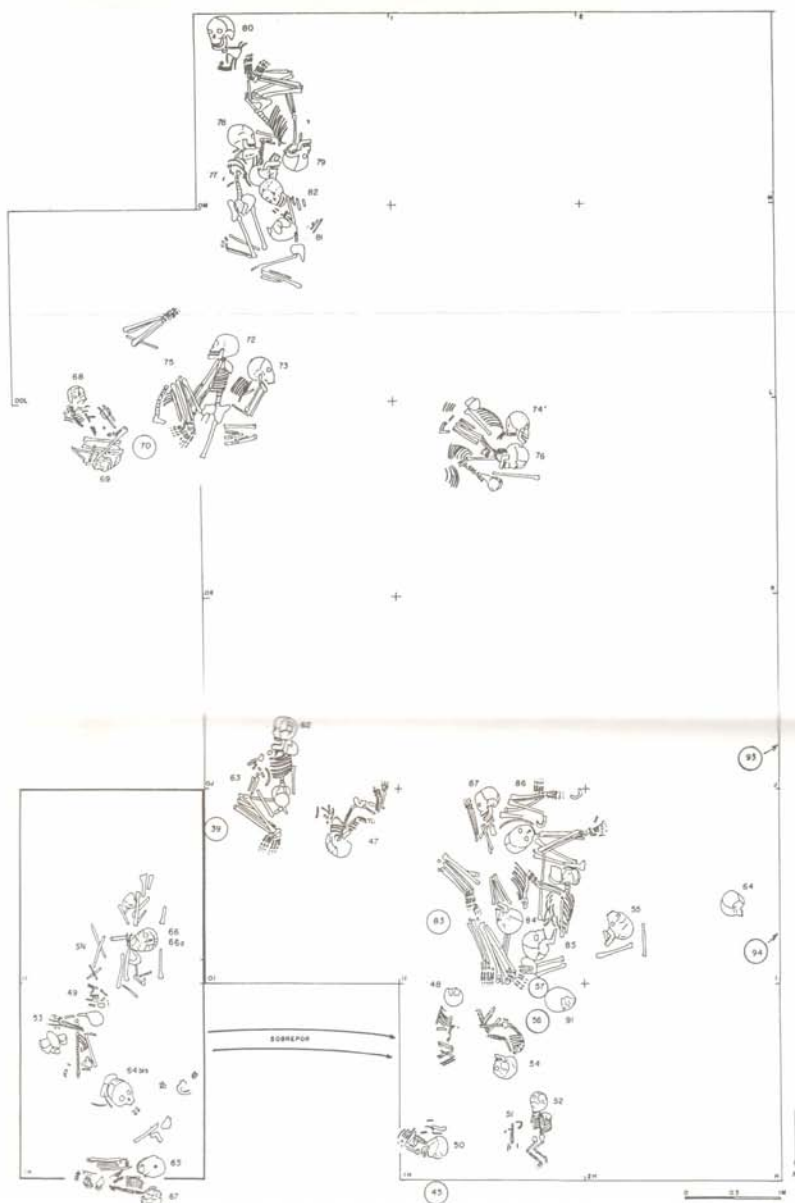


Área escavada do sítio, mostrando a distribuição dos sepultamentos em Laranjeiras II (Schmitz e Verardi, 1994, p. 99).

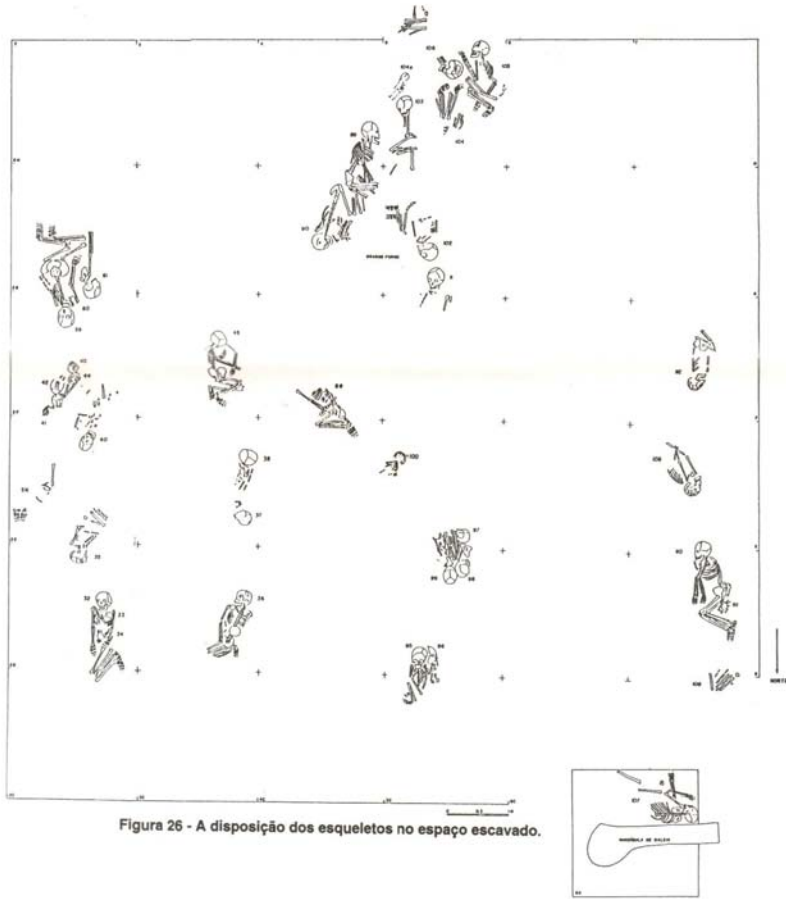


Figura 24 - A disposição dos esqueletos no espaço escavado.

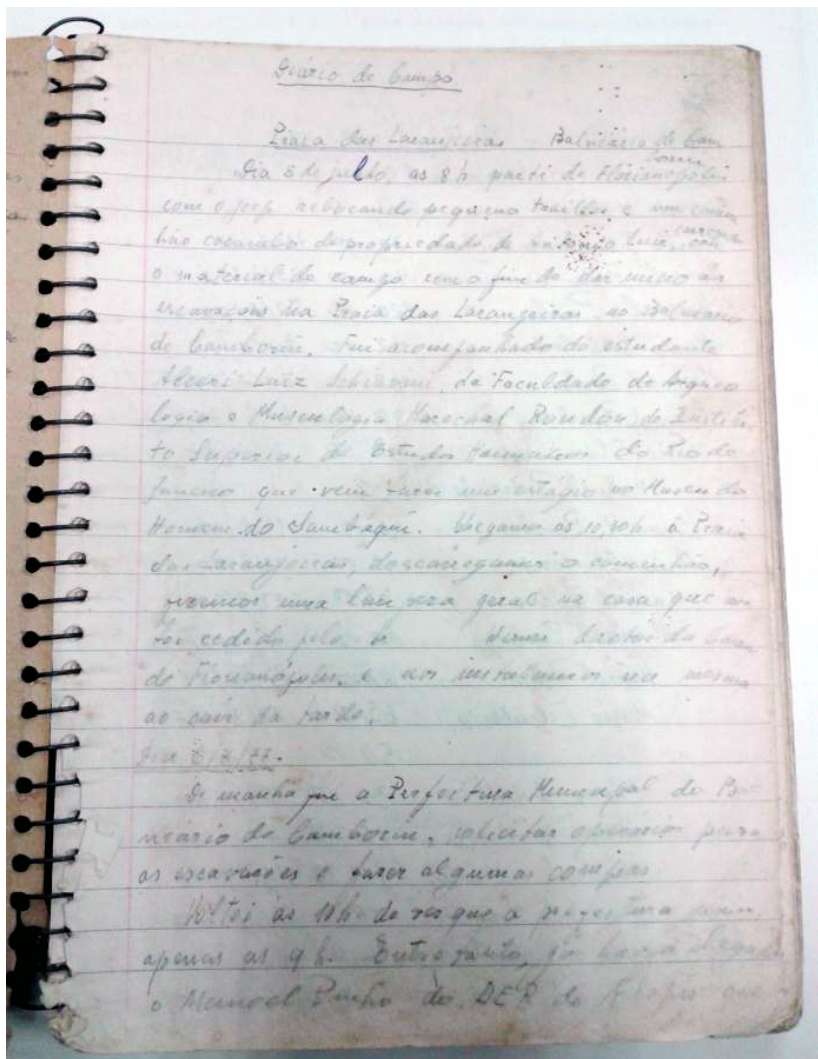
Mapa (1) de distribuição dos esqueletos no espaço escavado. (Schmitz et. al, 1993)



Mapa (2) de distribuição dos esqueletos no espaço escavado. (Schmitz et. al, 1993)



Mapa (3) de distribuição dos esqueletos no espaço escavado. (Schmitz et. al, 1993)



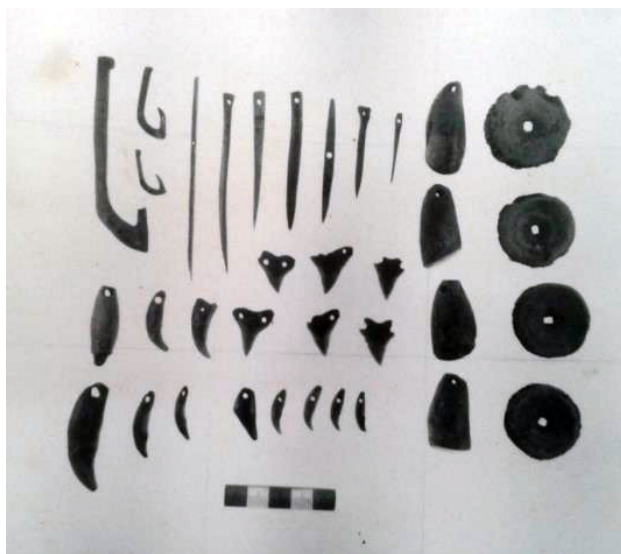
Primeira página de um dos diários de campo do Pe. Rohr (Escavação 1977-1978).
Fonte: Acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas

MUSEU DO HOMEM DO SAMBAQUI

REGISTRO DE SEPULTAMENTO

- 1 - Sepultamento n° 1
- 2 - Localidade Parik das Escavações
- 3 - Escavações n° 4 (B)
- 4 - Sítio Barragem do Sambaqui N.º 1
- 5 - Profundidade partindo da superfície 40 cm nível 100 cm de posto 300
- 6 - Estratificação no fundo escavação sem ossos em dois níveis com ossos de pessoas
- 7 - Condições do sepultamento sem posição
- 8 - Ossos ausentes Telex, maxila e crânio em estado de não identificação
- 9 - Ossos presentes 1 osso da maxila inferior
- 10 - Sexo _____
- 11 - Idade 12 anos ?
- 12 - Patologia _____
- 13 - Tipo de disposição (flexionado ou não) _____
- 14 - Posição do corpo _____
- 15 - Decúbito _____
- 16 - Posição da cabeça _____
- 17 - Orientação _____
- 18 - Tamanho da sepultura _____
- 19 - Objetos ligados ao sepultamento _____
- 20 - Sector 33 (I)
- 21 - Coletor por P. S. S.
- 22 - Registrado por P. S. S.
- 23 - Foto comente não e branco slides coloridos
- 24 - Esboço por P. S. S.
- 25 - Data 20/1/73
- 26 - Observações: Osso solado e amarelado no fundo escavação quando
isso muito consistente quando limpo para seguir
meus procedimentos

Ficha de registro de sepultamento original, referente ao Sepultamento n° 1.
Fonte: Acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas



Fotografias: Acima, de artefatos (alguns acompanhamentos funerários) de Laranjeiras II. Abaixo, escavação do sítio. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense



Fotografias: Pe. Rohr, durante as escavações em Laranjeiras II, trabalhando na cimentação de um sepultamento. Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchietano de Pesquisas.

APÊNDICE

Tabela A: Sepultamentos com acompanhamentos funerários, condição do esqueleto e a instituição em que se encontram os ossos.

Sepultamento	Museu (esqueleto)	Condição/estado do esqueleto
Sep 05	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 12	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 16	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 17	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 31	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 39	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 42	MHS	Apenas o crânio
Sep 43	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 45	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 46	CACG	Cimentado e exposto no Museu
Sep 49	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 54	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 55	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 57	-	Esqueleto não encontrado
Sep 58	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 60	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 62	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 67	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 70	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 71	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 72	CACG	Cimentado e exposto no Museu
Sep 73	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 74	MHS	Higienizado e acondicionado

Sep 75	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 91	MHS	Cimentado e exposto no Museu
Sep 93	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 94	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 95	-	Esqueleto não encontrado
Sep 96	-	Esqueleto não encontrado
Sep 102	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 103	-	Esqueleto não encontrado
Sep 106	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 107	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 108	MHS	Higienizado e acondicionado
Sep 109	-	Esqueleto não encontrado
Sep 110	CACG	Cimentado e exposto no Museu

Tabela B: Sepultamentos cimentados de Laranjeiras II e os museus em que se encontram expostos.

Sepultamento	Museu	Observações
Sep 04	MA/CACG	Cimentado, em exposição
Sep 11	MA/CACG	Cimentado, em exposição
Sep 13	MA/CACG	Cimentado, em exposição
Sep 19	MA/CACG	Cimentado junto com o 23 e 24, em exposição
Sep 23	MA/CACG	Cimentado junto com o 19 e 24, em exposição
Sep 24	MA/CACG	Cimentado junto com o 23 e 19, em exposição
Sep 25	MA/CACG	Cimentado até os joelhos, em exposição
Sep 28	MA/CACG	Cimentado junto com o 29, em exposição
Sep 29	MA/CACG	Cimentado junto com o 28, em exposição

Sep 32	MA/CACG	Cimentado junto com o 33 e 34, em exposição
Sep 33	MA/CACG	Cimentado junto com o 32 e 34, em exposição
Sep 34	MA/CACG	Cimentado junto com o 32 e o 33, em exposição
Sep 46	MA/CACG	Cimentado, em exposição
Sep 54	MHS	Recolhido em três blocos, no entanto não está exposto.
Sep 72	MA/CACG	Cimentado, em exposição
Sep 79	MA/CACG	Cimentado, em exposição
Sep 84	MHS	Ossos retirados em bloco pelo Pe. Rohr, no entanto, não estão em exposição.
Sep 91	MHS	Recolhido em pequeno bloco, em exposição
Sep 97	MA/CACG	Trata-se de um crânio, retirado do seu lugar original. O conjunto dos três crânios – 97, 98, 99 – com os ossos associados será cimentado e em exposição.
Sep 98	MA/CACG	O conjunto dos três crânios – 97, 98, 99 – com os ossos associados será cimentado e em exposição.
Sep 99	MA/CACG	O conjunto dos três crânios – 97, 98, 99 – com os ossos associados será cimentado e em exposição.
Sep 110	MA/CACG	Cimentado junto com o 111 (criança), em exposição
Sep 111	MA/CACG	Cimentado com o 110, em exposição

Tabela C: Espécies faunísticas evidenciadas em Laranjeiras II, apresentando a quantidade de indivíduos (conforme Schmitz *et al*, 1993, pp. 86-96).

	Nome comum (<i>nome científico</i>/quantidade de indivíduos)
Mamíferos	Porco-do-mato-queixada (<i>Tayassu pecari</i> /45); Paca (<i>Agouti paca</i> /18); Cutia (<i>Dasyprocta azarae</i> /10); Cervídeos (não especificados/5); Cervo-do-pantanal (<i>Blastocerus bezoarticus</i> /1); Gambá (<i>Didelphis sp</i> /5); Gato-do-mato (<i>Felis sp</i> /3); Capivara (<i>Hydrochaeris hydrochaeris</i> /2); Anta (<i>Tapirus terrestris</i> /2); Bugio (<i>Alouatta sp</i> /2); Mico (<i>Cebus sp</i> /1); Tamanduá-mirim (<i>Tamandua tetradactyla</i> /2); Tamanduá-bandeira (<i>Myrmecophaga tridactyla</i> /1); Mão-pelada (<i>Procyon cancrivorus</i> /2); Lontra (<i>Lutra sp</i> /2); Coati (<i>Nasua nasua</i> /1); Irara (<i>Eira barbara</i> /1); Puma (<i>Felis concolor</i> /1); Onça (<i>Panthera onca</i> /1); Lobo marinho (<i>Arctocephalus australis</i> /3); Delfim (<i>Delphinus delphis</i> /3); Boto (<i>Tursiops truncatus</i> /3); Baleia (muitos ossos)
Répteis	Jacaré (1); Tartaruga marinha (5); Cágado (1)
Aves	Pinguim-de-Magalhães (<i>Spheniscus magellanicus</i> /20); 13 espécies de aves não identificadas (15)
Peixes	Bagre (<i>Netuma barba</i> /38); Enxada (<i>Chaetodipterus faber</i> /20); Caranha (<i>Lutjanus griseus</i> ou <i>Lutjanus cyanopterus</i> /9); Garoupa (<i>Epinephelus sp</i> /8); Raias (7); Paru (<i>Pomacanthus arcuatus</i> /4); Miraguaia (<i>Pogonias chromis</i> /4); Robalo (<i>Centropomus undecimalis</i> /3); Corcoroca (<i>Haemolum plumerii</i> /2); Sargo-de-dente (<i>Archosaurus rhomboidalis</i> /2); Baiacu liso (<i>Lagocephalus laeovitagus</i> /1); Baiacu-de-espinho (<i>Diodon sp</i> /1); Enchova (<i>Pomatomus saltatrix</i> /1); Agulhão (<i>Tylosurus sp</i> /1); Peixe-espada (<i>Trichiurus lepturus</i> /1); Cação mangona (<i>Odontaspis taurus</i> /16 dentes); Tubarão tintureira (<i>Galeocerdo cuvieri</i> /dentes)
Crustáceos	Caranguejo púrpura (<i>Xantho fluridus</i> /11); Goiá (<i>Galappa flamea</i> /9)
Equinodermas	Ouriço-do-mar (<i>Arbacia punctata</i> /muitas cascas e espinhos)

Moluscos	<i>Olivella sp.</i> (114); <i>Astrea latispina</i> (33); <i>Strombus pugilis</i> (28); <i>Terebra sp</i> (27); <i>Thais haemastoma</i> (24); <i>Cypraea zebra</i> (20); <i>Tegula viridula</i> (17); <i>Olivancillaria urceus</i> (13); <i>Spondilus americanus</i> (?) (10); <i>Olivancillaria vesica auricularia</i> (8); <i>Cymatium parthenopeum</i> (6); <i>Crepidula sp</i> (5); <i>Patella sp</i> (4); <i>Neritina virginea</i> (3); <i>Phalium granulatum</i> (1); <i>Murex senegalensis</i> (1); <i>Zidona dufresnei</i> (1); <i>Siratus senegalensis</i> (1)
Gastrópodos terrestres	<i>Megalobullimus oblongus</i> (17); <i>Strophocheilidae</i> (4); <i>Odontostomus sp</i> (1)
Pelecípodos	<i>Lucina pectinata</i> (33); <i>Crassostrea rhizophorae</i> (30); <i>Diplodon sp</i> (23); <i>Anomalocardia brasiliana</i> (12); <i>Amiantis purpuratus</i> (11); <i>Trachycardium muricatum</i> (9); <i>Tivela mactroides</i> (8); <i>Tagelus plebeius</i> (3); <i>Pecten ziczac</i> (1)

A seguir, os dados de cada sepultamento, contendo a informação do museu em que se encontram os ossos (ao lado do número do sepultamento). Os campos referentes à *Profundidade*, *Camada*, *Setor*, *Deposição*, *Posição*, *Orientação*, *Material Associado* e *Observações* foram preenchidos de acordo com a ficha original de cada sepultamento, com informações da publicação do IAP (1993) e a partir da análise do acervo arqueológico. O campo *Observações* apresenta, em sua maioria, informações fornecidas nas fichas de registro de Rohr. No campo *Material Associado*, optei por inserir qualquer tipo de material que estivesse junto ao esqueleto, assim como os objetos classificados como acompanhamentos funerários. Os dados referentes a *sexo* e *idade* foram preenchidos de acordo com a análise que Luciane Scherer realizou nos esqueletos. O campo *Fotos* agrega tanto imagens dos sepultamentos em campo quanto fotografias retiradas especialmente para este trabalho.

Os sepultamentos que se encontram cimentados no Museu Arqueológico, no Complexo Ambiental Cyro Gevaerd, em Balneário Camboriú, foram analisados gentilmente por Luciane Scherer e Andrea Lessa, nas duas visitas que fizemos a ele.

**FICHA DE DADOS ARQUEOLÓGICOS E
BIOARQUEOLÓGICOS
SÍTIO LARANJEIRAS II (SC)**

Sepultamento nº: 01 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (12 anos para Rohr)

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Trata-se de um crânio isolado e amassado.

Fotos: -

Sepultamento nº: 02 (MHS)

Profundidade: 30 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (7-8 anos para Rohr)

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Semifletido

Orientação: Norte-sul

Material Associado: não possui

Observação: Associado a uma criança (Sep 07) e a um adulto (Sep 03). A cabeça estava em sentido norte da praia, sobre a face direita.

Fotos: -

Sepultamento nº: 03 (MHS)

Profundidade: 30 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido forçado (ou “juntado depois de descarnado”)

Orientação: Norte-sul; cabeça em sentido norte para a praia, sobre a

face direita

Material Associado: não possui

Observação: Associado aos sepultamentos n° 02 e 07.

Fotos: -

Sepultamento n°: 04 (CACG)

Profundidade: 40 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 4 I

Sexo: Provável feminino

Idade: Sub-adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido, uma mão junto ao rosto, a outra junto aos joelhos, pernas fletidas.

Orientação: Norte-sul; cabeça em sentido norte da praia, sobre a face direita

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento foi cimentado e está exposto no Museu Arqueológico (CACG), o crânio encontrava-se partido e amassado.

Fotos:



Sepultamento n° 4 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.



Sepultamento n° 4, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer

Sepultamento n°: 05 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 I e 4 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Semifletido

Orientação: Norte-sul; a cabeça em sentido norte da praia, sobre a face direita

Material Associado: Três/quatro pontas de flecha ósseas com pedúnculo (CACG)

Observação: O esqueleto achava-se em mau estado de conservação.

Fotos: -

Sepultamento n°: 06 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (de alguns meses de idade)

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto achava-se todo num círculo de 20 cm de

diâmetro; os ossinhos do tronco e dos membros sob os ossinhos do crânio, em estado de conservação muito precário.

Fotos: -

Sepultamento nº: 07 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Exposta apenas a mandíbula da criança, encontrada sob o sepultamento nº 03. Associado aos sepultamentos nº 02 e 03.

Na caixa de sepultamento, além da criança, há também um indivíduo masculino/adulto, cujo nº é Sep 07 (Reserva Técnica do MHS).

Fotos:



Sepultamento nº 07 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 08

Profundidade: 50 cm

Camada: Na areia coberto com terra escura

Setor: 4 I e 5 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido

Orientação: Nordeste-sudoeste; cabeça sobre a face esquerda em sentido nordeste

Material Associado: não possui

Observação: Esqueleto em mau estado de conservação foi retirado, assim como o crânio com a terra.

Fotos: -

Sepultamento n°: 09 (MHS)

Profundidade: Cabeça a 80 cm e pés a 55 cm

Camada: Sepultado na areia, coberto de sedimento escuro

Setor: 3 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito ventral

Posição: Com as pernas semifletidas, os pés achavam-se a menor profundidade que a cabeça

Orientação: Norte-sul; cabeça com o rosto para baixo em sentido sul, oposta a praia

Material Associado: não possui

Observação: Apresenta uma anomalia na cabeça do fêmur esquerdo e osso pélvico (soldados entre si).

Fotos:



Sepultamento nº 09 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 10 (MHS)

Profundidade: 10 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 2 G

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Pernas fletidas

Orientação: Norte-sul

Material Associado: não possui

Observação: A cabeça está ausente, possivelmente foi retirada pelos moradores da época. Logo abaixo encontra-se o sepultamento nº 11.

Fotos:



Sepultamento nº 10 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 11 (CACG)

Profundidade: Cabeça a 15 cm, pés a 30 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 2 G

Sexo: Provável masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Semifletido (pernas fletidas e braços semifletidos)

Orientação: Norte-sul; cabeça em sentido norte, sobre a face direita

Material Associado: não possui

Observação: O crânio estava parcialmente esmagado pelo sepultamento n° 10. Foi cimentado e encontra-se exposto no Museu (CACG).

Fotos:



Sepultamentos n° (?) e 11 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamento n° 11, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer

Sepultamento N°: 12 (MHS)

Profundidade: Crânio a 10 cm e pés a 30 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 G

Sexo: Indeterminado

Idade: Jovem em crescimento

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Estendido

Orientação: Norte-sul

Material Associado: Uma lâmina de machado polida (CACG)

Observação: O crânio foi destruído em época histórica, devido a pequena profundidade, e as pernas, pelo sepultamento n° 13, que está no lugar das mesmas.

Fotos: do artefato, no Capítulo 4

Sepultamento n°: 13 (CACG)

Profundidade: 20 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 2 F

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: Decúbito lateral esquerdo, deitado com o rosto para baixo

Posição: Hiperfletido

Orientação: Norte-sul

Material Associado: não possui

Observação: Parece haver dois outros crânios de criança associados ao sepultamento, tudo em um pequeno círculo de 35 cm de diâmetro. O sepultamento foi cimentado e encontra-se em exposição no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos:



Sepultamento n.º 13 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamento n.º 13, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 14 (MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: Areia clara que forma o embasamento do sítio, coberto de terra preta

Setor: 2 e 3 G

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Com as pernas fletidas

Orientação: Nordeste-sudoeste

Material Associado: não possui

Observação: Encontrava-se com a cabeça e parte do tronco sob o sepultamento n° 11. Estava em muito boas condições de conservação, mas o crânio foi destruído pelo sepultamento n° 11 que tem os pés por cima da cabeça do n° 14.

Fotos:



Sepultamentos n° 11 e 14 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 15 (MHS)

Profundidade: 90 cm

Camada: Areia clara

Setor: 3 G

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (menos de um ano de idade)

Deposição: sem informação

Posição: Fletido

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Esqueleto de criança de tenra idade muito incompleto.

Fotos: -

Sepultamento n°: 16 (MHS)

Profundidade: 30 cm

Camada: Na areia coberto de terra preta

Setor: 0 D

Sexo: Feminino

Idade: Maduro

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido

Orientação: Sudoeste-nordeste, cabeça sobre a face direita

Material Associado: Dente de tubarão tintureiro

Observação: Na ficha de Rohr, há as seguintes informações: “Primeiro sepultamento absolutamente perfeito e completo. O esqueleto será cimentado para o museu, depois de retirada a parede do setor 1E que ora impede a cimentação. Foi cimentado, deu enorme temporal, o córrego encheu e transbordou e entrou na trincheira e carregou o esqueleto com cimento, pedras, zinco, caixa e tudo. Aconteceu porque o dono obstruiu o leito do córrego colocando dois encanamentos (2 tubulações) que não deram vazão as águas que vem dos morros.”

Em uma ficha datilografada encontrada dentro da caixa do esqueleto, na Reserva Técnica do MHS, está assim escrito: “Praia das Laranjeiras N° 16. O esqueleto fora um dos melhor conservados e fora cimentado para a exposição no Museu de Balneário de Camboriú. Deu, porém um temporal com muita chuva e devido a uma terraplanagem, mal feita, o arroio transbordou e abriu novo leito de escoamento para o mar levando de roldão o esqueleto cimentado. A calota craniana e as ossadas esparsas foram juntadas depois, na praia.”

Fotos:



Sepultamento nº 16 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.

Sepultamento nº: 17 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 F

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: Nordeste-sudoeste; rosto para baixo, amassado e partido

Material Associado: “Um fogão encostado”

Observação: Amontoado de ossos partidos. No mesmo setor estão os sepultamentos nº 18 e 20.

Fotos: -

Sepultamento n°: 18 (CACG)

Profundidade: 50 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 F

Sexo: Masculino

Idade: Adulto jovem

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Braços estendidos, pernas duvidosas devido à confusão de ossadas associadas, possivelmente hiperfletidas

Orientação: Norte-sul; cabeça em sentido norte da praia com o rosto para frente

Material Associado: não possui

Observação: Associado a três outros sepultamentos (n° 23, 19, 24), possivelmente perturbados pelo n° 19. Encontra-se exposto no Museu Arqueológico (CACG)

Fotos:



Sepultamentos n° 18, 23 e 24 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamento nº 18, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento nº: 19 (CACG)

Profundidade: 60 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 F

Sexo: Provável feminino

Idade: Sub-adulto

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul; cabeça na posição dorsal em sentido da praia

Material Associado: não possui

Observação: Trata-se de um sepultamento perturbado e encontra-se associado a três outros crânios com confusão de ossos, sem conexão anatômica (os sepultamentos nº 23, 18 e 24). Pertencem ao sepultamento nº 19 possivelmente o crânio, um fêmur, um osso ilíaco, uma costela, vértebras e uma mandíbula invertida a 20 cm de profundidade.

Fotos:



Sepultamentos nº 19, 23 e 24, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 20

Profundidade: 40 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 F

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (de alguns meses de idade)

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Estendido

Orientação: Norte-sul

Material Associado: Ao lado de um fogão.

Observação: Trata-se de uma criança de tenra idade, menos de um mês. O crânio foi eliminado por inadvertência de um dos membros da equipe. O esqueleto não foi coletado.

Fotos: -

Sepultamento n°: 21 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 3 F

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul; cabeça em posição dorsal, em sentido norte da praia

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento achava-se associado ao n° 17, misturado e fragmentado.

Fotos: -

Sepultamento n°: 22 (MHS)

Profundidade: 60 cm

Camada: Sedimento escuro com areia até a areia da base

Setor: 5 H

Sexo: Feminino

Idade: Adulto jovem

Deposição: Decúbito ventral

Posição: Flexionado, a posição do corpo é oblíqua em relação ao nível do solo, a cabeça está a 40 cm mais profunda que o corpo, estando a face voltada para baixo

Orientação: Sudeste-noroeste

Material Associado: não possui

Observação: Foi o primeiro esqueleto encontrado nesta posição. Feito um buraco, supõe Rohr, o indivíduo foi jogado no mesmo de cabeça para baixo.

Fotos:



Sepultamento n° 22 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 23 (CACG)

Profundidade: 60 cm

Camada: Sedimento escuro de mistura com areia

Setor: 3 F

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: sem informação (apenas “com a dentadura para cima”)

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento foi perturbado, encontra-se associado a três outros sepultamentos também perturbados: n° 19, 18 e 24.

Fotos: acima (na ficha do Sep 19) e a seguir



Sepultamentos evidenciados na escavação. O Sepultamento 23 aparece no canto inferior direito da fotografia. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 24 (CACG)

Profundidade: 70 cm

Camada: Sedimento escuro com areia

Setor: 3 F

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (Scherer: 4 a 6 anos)

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: sem informação

Orientação: Sul-norte, cabeça em sentido sul, rosto para a frente

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento possivelmente seja completo, mas achasse associado aos sepultamentos n° 23, 18 e 19, que o encobrem. O conjunto foi cimentado e encontra-se exposto no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos: acima (na ficha do Sep 19) e a seguir



Sepultamentos nº 24, em detalhe, cimentado junto aos Sepultamentos nº 19 e 23, em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer

Sepultamento nº: 25 (CACG)

Profundidade: 80 cm

Camada: Sedimento escuro com areia, divisa com areia pura e estéril da base

Setor: 3 F e 4 F

Sexo: Provável feminino

Idade: Adulto ou adulto jovem (?)

Deposição: Decúbito ventral, com o rosto para baixo

Posição: Estendido, estando o crânio 12 cm mais baixo que os fêmures

Orientação: Norte-sul

Material Associado: não possui

Observação: Possui um calo ósseo na ulna esquerda, resultado de uma fratura ainda em vida. O sepultamento foi cimentado até os joelhos e encontra-se em exposição no Museu de Balneário Camboriú. As pernas a partir dos joelhos achavam-se sob os sepultamentos nº 26 e 27 que, possivelmente, estão perturbados.

Fotos:



Sepultamento nº 25 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense.



Sepultamento nº 25, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson



Em detalhe, calo ósseo na ulna direita do Sepultamento n° 25. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 26 (MHS)

Profundidade: 60 cm
 Camada: Sedimento escuro com areia
 Setor: 4 F
 Sexo: Indeterminado
 Idade: Adolescente de aproximadamente 15 anos
 Deposição: Decúbito ventral
 Posição: Mãos estendidas, pernas fletidas
 Orientação: Oeste-leste, cabeça em sentido oeste, rosto para baixo
 Material Associado: não possui
 Observação: Vizinho aos sepultamentos n° 27 e 28, foi cimentado em conjunto com eles.
 Fotos: -

Sepultamento n°: 27 (MHS)

Profundidade: 60 cm
 Camada: Sedimento escuro com areia
 Setor: 4 F
 Sexo: Masculino
 Idade: Adulto maduro
 Deposição: sem informação
 Posição: sem informação (apenas “o rosto está para frente”)
 Orientação: sem informação
 Material Associado: não possui
 Observação: Estava associado a outros sepultamentos: as pernas do n° 25 por baixo e a bacia do n° 26 ao lado.
 Fotos: -

Sepultamento n°: 28 (CACG)

Profundidade: 50 cm

Camada: Húmus escuro com areia

Setor: 4 F, 4 G e 5 G

Sexo: Masculino

Idade: Adulto jovem

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido

Orientação: Sul-norte

Material Associado: não possui

Observação: A cabeça do sepultamento n° 28 encontrava-se encostada ao n° 29. Verificamos no Museu Arqueológico (CACG) e não parecem associados.

Fotos: a seguir e abaixo (na ficha do Sep 29)



Sepultamentos n° 28 e 29 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamentos n° 28 e 29, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 29 (CACG)

Profundidade: 60 cm

Camada: Sedimento escuro

Setor: 4 F

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido

Orientação: Norte-sul

Material Associado: não possui

Observação: Na ficha de Rohr, consta que o sepultamento 29 está associado ao 28, tendo as cabeças lado a lado, mas estivemos no Museu Arqueológico (CACG) e parecem não estar associados.

Fotos: acima (na ficha do Sep 28) e a seguir



Sepultamentos n° 28 e 29 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 30 (MHS)

Profundidade: 70 cm

Camada: Areia

Setor: 5 G

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido

Orientação: Norte-sul, a cabeça sobre a face esquerda em sentido do mar (norte)

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento encontrava-se em desconexão anatômica em duas camadas sobrepostas, os ossos estavam escuros em péssimo estado. Foi sepultado em estado incompleto. A sepultura foi feita na areia da base coberta com areia mais escura. A sepultura estava bem destacada na areia clara.

Fotos: -

Sepultamento n°: 31 (MHS)

Profundidade: 60 cm

Camada: Húmus, areia, conchas esparsas

Setor: na divisa dos setores 5 H e 6 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Fletido

Orientação: Leste-oeste, com a face para cima em sentido leste

Material Associado: Uma pedra (17x17x7 cm) achava-se sobre a face

Observação: Faltava-lhe o osso frontal do crânio.

Fotos:

Sepultamento n° 31 em evidência. Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchieta de Pesquisas





Sepultamento nº 31
evidenciado na escavação.
Fonte: Acervo fotográfico do
MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 32 (CACG)

Profundidade: Crânio a 50 cm, pés a 40 cm

Camada: Sobre a areia estéril da base

Setor: 2 D

Sexo: Feminino

Idade: Adulto jovem

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Com as pernas fletidas e os joelhos levantados

Orientação: Sul-norte, cabeça sentido sul oposta a praia, com face a direita

Material Associado: não possui

Observação: Trata-se de um esqueleto feminino com um feto no ventre (sepultamento nº 34). O conjunto (sepultamentos nº 32, 33 e 34) foi cimentado e encontra-se exposto no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos: abaixo (na ficha do Sep 33) e a seguir



Sepultamentos nº 32, 33 e 34 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamentos nº 32, 33 e 34, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 33 (CACG)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra escura com areia

Setor: 2 D

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Os únicos ossos presentes no sepultamento são a mandíbula e três grandes fragmentos do crânio. Esses fragmentos encontravam-se associados (acima) do sepultamento n° 32. A mandíbula foi encontrada em um plano mais alto. Ao que parece, o sepultamento n° 33 foi perturbado pelo n° 32 e coberto com as ossadas do mesmo. O conjunto (sepultamentos n° 32, 33 e 34) foi cimentado e encontra-se exposto no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos: acima (na ficha do Sep 32) e a seguir



Sepultamentos n° 32 e 33 evidenciados na escavação, em processo de cimentação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 34 (CACG)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra escura com areia

Setor: 2 D

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (feto de menos de 6 meses de gestação?)

Deposição: -

Posição: Fletido

Orientação: -

Material Associado: -

Observação: Trata-se do esqueleto de um feto no ventre da mãe. O esqueleto foi cimentado com o conjunto (sepultamentos nº 32, 33 e 34) e encontra-se exposto no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos: acima (na ficha do Sep 32) e a seguir



Sepultamentos nº 32, 33 e 34, detalhe do feto no ventre da mãe. Foto: Simon-Pierre Gilson



Sepultamentos n° 32, 33 e 34, detalhe do feto no ventre da mãe. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 35 (MHS)

Profundidade: 40-50 cm

Camada: na terra preta

Setor: Cabeça no setor 2 D, corpo no setor 2 E

Sexo: Indeterminado

Idade: Provável maduro

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido

Orientação: Norte-sul, cabeça sobre a face direita em sentido norte, da praia

Material Associado: não possui

Observação: -

Fotos: -

Sepultamento n°: 36 (MHS)

Profundidade: Corpo a 50 cm e cabeça a 40 cm

Camada: na terra preta

Setor: 4 D (os pés) e 3 D (o resto do corpo)

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Fletido

Orientação: Sul-norte, com a cabeça em sentido sul, oposto à praia,

inclinada para o lado direito.

Material Associado: não possui

Observação: Um poste de rancho de pescador atual atingiu o esqueleto destruindo a região do ventre.

Fotos: -

Sepultamento n°: 37 (MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra escura

Setor: 3 E

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Nesse sepultamento estava presente apenas o crânio, sem mandíbula, apoiado em uma das grossas raízes de uma castanheira que ocupava o centro do setor.

Fotos: -

Sepultamento n°: 38 (Crânio no MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra escura com areia

Setor: 3 E

Sexo: Masculino

Idade: Maduro

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto foi deslocado de sua posição original.

Fotos: -

Sepultamento n°: 39 (MHS)

Profundidade: -

Camada: na areia fina, abaixo da terra escura

Setor: 0 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: sem informação

Posição: sem informação
 Orientação: sem informação
 Material Associado: Cinco dentes perfurados de mamífero
 Observação: Crânio rolado da rampa na divisa entre área I e II.
 Fotos: dos artefatos (no Capítulo 4)

Sepultamento nº: 40 (MHS)

Profundidade: 50 cm
 Camada: no sedimento escuro em contato com a areia estéril
 Setor: 2 E (crânio) e 2 F (o resto do corpo)
 Sexo: Feminino
 Idade: Adulto
 Deposição: Decúbito dorsal
 Posição: Pernas fletidas
 Orientação: Norte-sul
 Material Associado: não possui
 Observação: O sepultamento sofreu profunda modificação (perturbação). O crânio, algumas vértebras e as pernas ficaram no lugar original.
 Fotos:



Sepultamentos 40 (à direita), 41, 42, 43 e 44 na escavação. O Sepultamento 40 encontra-se no lado direito na imagem. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 41 (MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: no sedimento escuro em contato com a areia da base

Setor: 2 E

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido

Orientação: Sul-norte

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento encontra-se associado aos sepultamentos de crianças n° 42, 43 e 44.

Fotos: acima (na ficha do Sep 40)

Sepultamento n°: 42 (Crânio no MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra preta em contato com a areia estéril da base

Setor: 2 F

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: sem informação

Posição: sem informação (apenas “a cabeça encontrava-se com o maxilar superior para cima”)

Orientação: sem informação

Material Associado: Uma tigelinha de cerâmica emborcada sobre a cabeça.

Observação: Associado aos crânios dos sepultamentos n° 41, 43 e 44.

Fotos: do esqueleto, acima (na ficha do Sep 40). Fotos do artefato, no Capítulo 4.

Sepultamento n°: 43 (MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: no sedimento escuro em contato com a areia estéril da base

Setor: 2 F

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: Uma tigela de cerâmica (seria a mesma associada ao Sep 42 ou seria outra?); um dente de tubarão duplamente per-

furado (MHS); seis dentes perfurados de mamíferos (Academia de Polícia/Brasília)

Observação: Associado aos sepultamentos n° 41, 42 e 44

Fotos: do esqueleto, acima (na ficha do Sep 40). Dos artefatos associados, no Capítulo 4.

Sepultamento n°: 44 (MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: no húmus escuro em contato com a areia branca

Setor: 2 F

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Estava presente apenas o crânio. Associado aos sepultamentos (crânios) n° 43, 42 e 41.

Fotos: acima (na ficha do Sep 40)

Sepultamento n°: 45 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: na terra escura com areia e conchas esparsas

Setor: 1 G

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: sem informação

Orientação: Sul-norte IAP, cabeça sobre a face esquerda em sentido sul oposta à praia

Material Associado: Fragmento de cerâmica e vértebras de peixes

Observação: -

Fotos: -

Sepultamento n°: 46 (CACG)

Profundidade: 70 cm

Camada: Areia estéril da base

Setor: 3 F

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido (com as pernas fletidas e braços semifletidos)

Orientação: Sul-norte, cabeça em sentido sul, em pé (apoiada sobre a base)

Material Associado: Alguns seixos sem sinais de trabalho

Observação: O esqueleto foi cimentado e está exposto no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos:



Sepultamento nº 46 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamentos nº 46, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer

Sepultamento n°: 47 (MHS)

Profundidade: 80 cm

Camada: na areia fina abaixo da camada escura

Setor: 0 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Braços e pernas fletidos

Orientação: Norte-sul, cabeça sobre a face direita

Material Associado: não possui

Observação: -

Fotos: -

Sepultamento n°: 48

Profundidade: 80 cm

Camada: na terra escura em contato com a base estéril de areia

Setor: 1 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (cerca de um ano)

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Braços e pernas fletidos

Orientação: Sul-norte cabeça com a face para baixo em sentido sul oposto à praia.

Material Associado: não possui

Observação: Parte do esqueleto foi destruído, segundo Rohr, por imperícia do operador.

Fotos:



Sepultamentos n° 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56 e 58 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 49 (MHS)

Profundidade: 80 cm

Camada: na terra escura em contato com a areia estéril de base

Setor: 1 H e 1 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança de menos de um ano

Deposição: sem informação

Posição: Fletido

Orientação: sem informação

Material Associado: Quatro dentes perfurados de mamíferos (CACG)

Observação: O esqueleto possivelmente foi em parte destruído pela imperícia do operador. Foi recolhido em blocos com os objetos de adorno.

Fotos: dos artefatos, no Capítulo 4. Do sepultamento, acima (na ficha do Sep 48)

Sepultamento n°: 50 (MHS)

Profundidade: 80 cm

Camada: na terra escura com areia em contato com a base

Setor: 1 H

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido

Orientação: Noroeste-sudeste, cabeça sobre a face esquerda em sentido noroeste da praia

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento sofreu uma profunda perturbação. O osso frontal encontrava-se esmagado.

Fotos: acima (na ficha do Sep 48) e a seguir



Sepultamento nº 50 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 51

Profundidade: 70 cm

Camada: na terra preta em contato com o embasamento da areia estéril

Setor: 1 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (de poucos meses)

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto foi parcialmente destruído pelo operador.

Fotos: acima (na ficha do Sep 48) e abaixo (na ficha do Sep 54)

Sepultamento nº: 52 (MHS)

Profundidade: 70 cm

Camada: na terra preta com areia em contato com a areia da base

Setor: 1 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (lactente com aproximadamente 6 meses de idade)

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: com braços e pernas fletidos

Orientação: Sul-norte: cabeça sobre a face direito em sentido sul oposto à praia

Material Associado: não possui

Observação: O crânio estava amassado.

Fotos: acima (na ficha do Sep 48), abaixo (na ficha do Sep 54) e a seguir



Sepultamentos nº 52, 53, 54 e 55 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 53 (MHS)

Profundidade: 70 cm

Camada: na terra preta com areia

Setor: 1 H

Sexo: Provável masculino

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: Braços fletidos

Orientação: Norte-sul

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento foi perturbado possivelmente pelos sepultamentos nº 54 e 49, que ficam abaixo do nº 53.

Fotos: acima (nas fichas dos Sep 48 e Sep 52) e abaixo (na ficha do Sep 54)

Sepultamento nº: 54 (MHS)

Profundidade: 90 cm

Camada: na terra escura

Setor: 1 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (aproximadamente 3 a 4 anos)

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Pernas e braços fletidos

Orientação: Norte-sul

Material Associado: Treze dentes perfurados de mamíferos (MHS, na exposição)

Observação: O sepultamento foi recolhido em blocos, em uma caixa de areia para possível exposição no museu, no entanto, encontra-se na RT do MHS.

Fotos: dos artefatos, no Capítulo 4. Do sepultamento, acima (nas fichas dos Sep 48 e Sep 52) e a seguir



Sepultamentos nº 51, 54, 55, 56, 57, 58 e outros, evidenciados na escavação.

Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchieta de Pesquisas

Sepultamento n°: 55 (MHS)

Profundidade: 100 cm

Camada: na terra escura em contato com a base

Setor: 2 I

Sexo: Masculino

Idade: Maduro

Deposição: sem informação

Posição: Braços fletidos

Orientação: sem informação

Material Associado: Associado à “caixa torácica de um mamífero do porte de um cão”, trata-se de costelas e outros ossos de mamífero de médio porte (MHS).

Observação: -

Fotos: dos vestígios faunísticos, no Capítulo 4. Do sepultamento, acima (nas fichas dos Sep 48, Sep 52 e Sep 54)

Sepultamento n°: 56 (MHS)

Profundidade: 70 cm

Camada: na terra preta

Setor: 1 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (menos de um ano)

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto encontrava-se sobre os pés do sepultamento n° 57, e foi possivelmente destruído por imperícia do arqueólogo aprendiz.

Fotos: acima (nas fichas dos Sep 48 e Sep 54)

Sepultamento n°: 57

Profundidade: 100 cm

Camada: na terra escura em contato com a areia da base

Setor: na divisa do setor 1 H com o setor 1 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: Dentes de mamíferos perfurados

Observação: Crânio sem mandíbula

Fotos: acima (na ficha do Sep 54)

Sepultamento n°: 58 (MHS)

Profundidade: 100 cm

Camada: na terra escura com muita areia

Setor: área não estaqueada, encostado à casa

Sexo: Indeterminado

Idade: Jovem com aproximadamente 15 anos

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido

Orientação: Sul-norte, cabeça sobre a face esquerda em sentido sul oposto à praia

Material Associado: Um artefato ósseo fragmentado (em três partes) (MHS)

Observação: O sepultamento foi encontrado pelos operários na divisa ao lado da residência do Sr. Maisonave.

Fotos: do artefato, no Capítulo 4. Do sepultamento, acima acima (nas fichas dos Sep 48 e Sep 54)

Sepultamento n°: 59 (MHS)

Profundidade: 70 cm

Camada: na terra escura em contato

Setor: 2 F (cabeça e parte do tronco)

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Pernas fletidas

Orientação: Noroeste-sudeste, rosto para cima sentido noroeste em sentido da praia

Material Associado:

Observação: Associado ao crânio de uma criança, o sepultamento n° 60. O sepultamento n° 59 perturbou o n° 61.

Fotos:



Sepultamentos n° 59, 60 e 61 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 60 (MHS)

Profundidade: 70 cm

Camada: na terra escura em contato com a base da areia

Setor: 2 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (menos de um ano)

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: Um dente perfurado (felino) (CACG); e dois dentes de tubarão duplamente perfurados

Observação: Encontrava-se sob o úmero do sepultamento n° 59. Segundo Rohr, se trata provavelmente de um filho sepultado junto com a mãe. Foi parcialmente destruído por imperícia do arqueólogo aprendiz.

Fotos: do artefato, no Capítulo 4

Sepultamento n°: 61 (MHS)

Profundidade: 70 cm

Camada: na terra preta escura em contato com a base

Setor: 2 G

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul, a cabeça estava sobre a face direita em sentido norte da praia

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento foi perturbado pelo sepultamento n° 59.

Fotos:



Sepultamentos n° 59, 60 e 61 evidenciados na escavação.

Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchieta de Pesquisas

Sepultamento n°: 62 (MHS)

Profundidade: 90 cm

Camada: na areia fina em contato com a terra escura da camada arqueológica

Setor: 0 I (bacia) e 0 J (pernas)

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Pernas fletidas

Orientação: Norte-sul, a cabeça sobre a face direita em sentido sul oposto à praia

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto estava na divisa das propriedades e foi parcialmente destruído pelo desaterro do proprietário Adúcio Correa.

Fotos: -

Sepultamento n°: 63 (MHS)

Profundidade: 110 cm

Camada: na areia abaixo da camada de terra escura

Setor: 0 I (pernas e bacia) e 0 J (o resto do corpo)

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Pernas fletidas

Orientação: Sul-norte, cabeça sobre a face direita em sentido sul oposto à praia

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto foi parcialmente destruído pelo sepultamento n° 62 e parcialmente pelo desaterro do proprietário Adúcio Correa, pois encontrava-se na divisa das propriedades.

Fotos: -

Sepultamento n°: 64 (MHS)

Profundidade: 75 cm

Camada: na terra escura

Setor: 2 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito lateral direito, a cabeça encontrava-se sobre a face direita

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Crânio isolado no setor, sem mandíbula.

Fotos: -

Sepultamento nº: 65 (Crânio no MHS)

Profundidade: 90 cm

Camada: na areia escura em contato com a areia estéril da base

Setor: 1 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Estava presente apenas o crânio. Havia diversas mandíbulas esparsas nesse setor, assim como uma série de outros sepultamentos.

Fotos:



Sepultamentos nº 65 (à direita), 66 (ao fundo), 67 (à esquerda) e outros sepultamentos evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 66 (MHS)

Profundidade: 80 cm

Camada: na terra preta

Setor: 1 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: sem informação

Posição: sem informação (apenas “a cabeça estava com o rosto para frente, voltado para oeste”)

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Trata-se de um crânio associado a uma série de ossos longos e de bacia, esparsos, de diversos esqueletos. Havia grande confusão de ossadas esparsas em todos os níveis neste setor.

Fotos: acima (na ficha do Sep 65)

Sepultamento n°: 67 (MHS)

Profundidade: 90 cm

Camada: na terra escura em contato com a areia da base

Setor: 1 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (lactente com aproximadamente 9 meses de idade)

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Braços e pernas fletidos, estando o corpo em posição oblíqua, a bacia a 15 cm mais abaixo que o crânio.

Orientação: Nordeste-sudoeste, a cabeça estava sobre a face direita

Material Associado: Cinco dentes, duplamente perfurados, de tubarão tintureiro

Observação: Os membros inferiores (pernas) do sepultamento achavam-se abaixo do crânio do sepultamento n° 57.

Fotos: dos artefatos, no Capítulo 4. Do esqueleto, acima, na ficha do Sep 65 (o crânio numerado como 67 na foto acima é de adulto)

Sepultamento n°: 68 (MHS)

Profundidade: 120 cm

Camada: na terra escura em contato com a areia

Setor: 00 K e 00 L, no terreno do proprietário Adúcio

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (menos de um ano de idade)

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido (enroscado)

Orientação: Leste-oeste, a cabeça sobre a face esquerda, em sentido leste

Material Associado: não possui

Observação: Com o crânio amassado, encontrava-se sobre o sepultamento n° 69.

Fotos:



Sepultamentos n° 68, 69 e 70 em escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 69 (MHS)

Profundidade: 120 cm

Camada: na terra escura

Setor: 00 K

Sexo: Provável feminino

Idade: Jovem de aproximadamente 15 anos

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: O crânio achava-se associado ao crânio infantil n° 70 e a grande número de ossos longos de outros sepultamentos sem conexão anatômica.

Fotos: acima (na ficha do Sep 68)

Sepultamento n°: 70 (MHS)

Profundidade: 120 cm
Camada: na terra escura
Setor: 00 K
Sexo: Indeterminado
Idade: Criança
Deposição: sem informação
Posição: sem informação
Orientação: sem informação
Material Associado: Dentes de mamífero perfurados
Observação: Fragmentos de crânio, associados a ossos longos de adultos, sem conexão anatômica.
Fotos: acima (na ficha do Sep 68)

Sepultamento n°: 71 (MHS)

Profundidade: 70 cm
Camada: na terra escura com areia
Setor: Na divisa entre os terrenos dos proprietários Maisonave e Adúcio
Sexo: Masculino
Idade: Adulto maduro
Deposição: Decúbito lateral esquerdo
Posição: Fletido, com as mãos no rosto
Orientação: Norte-sul, a cabeça sobre a face esquerda
Material Associado: Vértex de peixe perfuradas
Observação: Sepultamento encontrado pelos operários ao lado da casa de Maisonave na divisa (muro) entre os terrenos de Maisonave e Adúcio.
Fotos: -

Sepultamento n°: 72 (CACG)

Profundidade: 120 cm
Camada: em contato com a areia da base
Setor: 00 K, 0 K e 0 J
Sexo: Masculino
Idade: Adulto maduro
Deposição: Decúbito lateral direito
Posição: Fletido
Orientação: Sul-norte, sobre a face direita em sentido sul
Material Associado: Uma série de ossos longos de mamíferos (fêmur direito, rádio esquerdo e tibia direita de bugio, úmero direito de mão-

-pelada, cúbito direito de ave, tibia esquerda de capivara) e dentes de cação e de porco-do-mato entre os sepultamentos n° 72 e n° 73 (sl-guns estão na RT do MHS e Academia de Polícia/Brasília).

Observação: O sepultamento foi cimentado e está exposto no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos:



Sepultamento n° 72, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 73 (MHS)

Profundidade: 120 cm

Camada: em contato com a areia estéril da base

Setor: 0 L (o crânio) e 0 K (o resto do corpo)

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido

Orientação: Sudoeste-nordeste, cabeça sobre a face esquerda em sentido sudoeste

Material Associado: Entre os sepultamentos n° 72 e n° 73 havia uma série de ossos finos e longos e uma dúzia de dentes de tubarão de diversas espécies e um dente de porco-do-mato.

Observação: Há dois fêmures esquerdos no acervo do MHS correspondente a esse sepultamento, o que indica que haveria ossos de dois indivíduos ali.

Fotos:



Sepultamentos nº 72 e 73, na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 74 (MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra escura com conchas

Setor: 1 K

Sexo: Indeterminado

Idade: Jovem de aproximadamente 15 anos

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido

Orientação: Oeste-leste, a cabeça sobre a face esquerda em sentido oeste

Material Associado: Havia ostras “sob a nuca”.

Observação: Em campo, na escavação, parecia haver ossos deslocados ou associados.

Fotos:



Sepultamento n° 74 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 75 (MHS)

Profundidade: 30 cm

Camada: em contato com o embasamento de areia

Setor: 00 K e 00 L

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul, cabeça no sentido norte da praia

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento foi perturbado pelo sepultamento n° 72, que lhe ficava em anexo em parte por cima.

Fotos: -

Sepultamento n°: 76 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: na terra preta, 20 cm abaixo das conchas

Setor: 1 K

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: sem informação

Orientação: Leste-oeste

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento n° 74 estava acima do n° 76 e possivelmente destruiu parte do mesmo.

Fotos: -

Sepultamento n°: 77 (MHS)

Profundidade: 90 cm

Camada: na areia fina escura abaixo da camada com conchas

Setor: 0 M

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul, a cabeça sobre a face direita em sentido norte da praia

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento sofreu profunda perturbação. Nesse mesmo setor havia muitos ossos esparsos, além de alguns esqueletos inteiros.

Fotos: abaixo (na ficha do Sep 78)

Sepultamento n°: 78 (MHS)

Profundidade: 110 cm

Camada: na areia escura e fina abaixo da terra preta com conchas

Setor: 0 M e 0 L

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Pernas fletidas

Orientação: Sul-norte, cabeça sobre a face esquerda em sentido sul oposto à praia

Material Associado: não possui

Observação: Outros sepultamentos perturbados estavam associados ao sepultamento nº 78.

Fotos: a seguir



Sepultamentos nº 77, 78 (no centro, primeiro plano), 79 (no centro, à esquerda), 80 (à direita) e 81 (à esquerda) na área da escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamentos nº 77 (no centro), 78 (no centro, à esquerda), 79 (no centro, à direita), 80 (no primeiro plano), 81 (ao fundo) na área da escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamentos nº 78 (ao fundo), 79 (à direita) e 82 (no centro), na área da escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 79 (CACG)

Profundidade: 110 cm

Camada: na areia escura abaixo da terra preta com conchas

Setor: 0 M

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Pernas fletidas

Orientação: Norte-sul, cabeça sobre a face direita em sentido norte da praia

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento foi cimentado e está em exposição no Museu (CACG).

Fotos: acima (na ficha do Sep 78) e a seguir



Sepultamentos nº 79, cimentado e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento nº: 80

Profundidade: 120 cm

Camada: na areia escura e fina abaixo das conchas com terra escura

Setor: 0 L

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Estava associado a outros sepultamentos, alguns perturbados, outros não. Presente apenas uma calvária (uma face e mandíbula).

Fotos: acima (na ficha do Sep 78)

Sepultamento nº: 81 (MHS)

Profundidade: 100 cm

Camada: na areia fina e escura abaixo da camada de conchas

Setor: 0 M

Sexo: Feminino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul, cabeça sobre a face direita em sentido sul

oposto à praia. IAP: sul-norte

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento possivelmente foi perturbado pelo sepultamento nº 79. No mesmo setor estão, ainda, os sepultamentos nº 77, 78 e 80.

Fotos: acima (na ficha do Sep 78)

Sepultamento nº: 82 (MHS)

Profundidade: 140 cm

Camada: na areia fina e escura abaixo da camada de conchas

Setor: 0 M e 0 L

Sexo: Indeterminado

Idade: Jovem

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: Sul-norte, a cabeça em sentido sul oposto à praia.

Material Associado: não possui

Observação: Este sepultamento estava perturbado e associado a outros sepultamentos.

Fotos: acima (na ficha do Sep 78)

Sepultamento nº: 83

Profundidade: 70 cm

Camada: na terra escura em contato com a base estéril de areia

Setor: 1 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Foi encontrado apenas o crânio sem mandíbula. Nesse mesmo setor há uma série de sepultamentos, alguns inteiros e outros perturbados.

Fotos: -

Sepultamento nº: 84 (MHS)

Profundidade: 93 cm

Camada: transição da terra marrom escura com a base (marrom clara, estéril)

Setor: 1 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Braços flexionados (mãos na altura dos maxilares)

Orientação: Norte-sul

Material Associado: não possui

Observação: De acordo com ficha de Rohr, preenchida por Dorath Uchôa, alguns ossos desse sepultamento foram retirados em bloco para exposição no museu, no entanto, encontram-se na RT do MHS. Fotos: abaixo (na ficha do Sep 85)

Sepultamento nº: 85 (MHS)

Profundidade: 95 cm

Camada: transição da terra marrom escura com a areia de base estéril (marrom claro)

Setor: 1 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Membros superiores estendidos, pernas flexionadas

Orientação: Norte-sul, crânio para norte e a face voltada para oeste

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto apresentava o braço esquerdo estendido ao longo do corpo e o direito semiflexionado à altura do úmero esquerdo (epífise distal).

Fotos:



Sepultamentos nº 84 e 85 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 86 (MHS)

Profundidade: 82 cm

Camada: terra marrom bem escura passando a marrom clara (base estéril)

Setor: 1 I

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul, crânio voltado para norte, levemente inclinado para a esquerda.

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento encontrava-se um pouco perturbado.

Fotos: -

Sepultamento n°: 87 (MHS)

Profundidade: 93 cm

Camada: transição da terra marrom escura com a areia marrom clara (base) estéril

Setor: 1 I

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Braços flexionados

Orientação: Oeste-leste

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento foi retirado em bloco (Bloco A) e estaria destinado a fazer parte do acervo do museu do Pe. Rohr em Florianópolis. Encontra-se na RT do MHS.

Fotos: -

Sepultamento n°: 88 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: na terra preta

Setor: 4 E e 4 F

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Pernas fletidas e braço esquerdo semifletido

Orientação: Sudeste-noroeste

Material Associado: não possui

Observação: A ausência do crânio e de parte do resto das ossadas não teria explicação plausível. Possivelmente fosse, segundo Rohr efeito de alguma lavoura que ocupava a área anos atrás.

Fotos: -

Sepultamento n°: 89 (MHS)

Profundidade: 50 cm

Camada: transição da terra preta (muito carvão) com a terra marrom clara

Sector: 4 H (até o fim da coluna vertebral e parte do íliaco esquerdo) e 4 G (acima das mãos e grande parte dos membros inferiores)

Sexo: Feminino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Membros inferiores flexionados e superiores semi-estendidos

Orientação: Leste-oeste

Material Associado: não possui

Observação: O crânio encontrava-se em bom estado enquanto o esqueleto estava em condições precárias.

Fotos:



Sepultamento n° 89 na área escavada. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/ Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 90 (MHS)

Profundidade: 120 cm

Camada: na areia

Setor: 4 G

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: com braços e pernas fletidos

Orientação: Norte-sul, com o rosto para cima. IAP: cabeça para norte

Material Associado: não possui

Observação: Este foi o sepultamento encontrado em maior profundidade em cova aberta na areia e bem conservado. A face estragou-se, segundo Rohr, por imperícia dos operadores.

Fotos:



Sepultamento nº 90 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamento nº 90 evidenciado na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 91 (MHS)

Profundidade: 100 cm

Camada: na areia de contato

Setor: 1 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: sem informação

Posição: Fletido (enroscado)

Orientação: Oeste-leste

Material Associado: Adornado com 114 conchinhas *Olivella sp.*

(MHS)

Observação: O sepultamento foi recolhido em pequeno bloco e encontra-se exposto no Museu do Homem do Sambaqui “Pe. João Alfredo Rohr S. J.”.

Fotos: do sepultamento (no Capítulo 1), do artefato (no Capítulo 4) e a seguir



Sepultamento n.º
91 cimentado e em
exposição no MHS.
Fonte: foto da autora

Sepultamento n.º: 92 (MHS)

Profundidade: 130 cm

Camada: areia

Setor: 0 I

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: sem informação

Orientação: Sul-norte, cabeça sobre a face esquerda em sentido sul oposto à praia

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto encontrava-se no terreno de Adúcio Corrêa (divisa) todo remexido.

Fotos: -

Sepultamento n°: 93 (MHS)

Profundidade: 20 cm

Camada: na terra escura

Setor: 4 J e 3 J

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Semifletido

Orientação: Norte-sul, cabeça em sentido norte da praia

Material Associado: Seixos e vértebras de peixes

Observação: O esqueleto estava extremamente decomposto e triturado. O sepultamento n° 93 apresenta três indivíduos com 3 fragmentos de mandíbula e 1 de maxila. Segundo Scherer, os indivíduos são: a) masculino, adulto maduro; b) feminino, adulto; c) sexo indeterminado, adulto.

Fotos: -

Sepultamento n°: 94 (MHS)

Profundidade: 110 cm

Camada: num aprofundamento de terra escura com areia na base de areia estéril

Setor: 4 I

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul

Material Associado: Pedras esparsas

Observação: No mesmo setor foram descobertos fragmentos de duas mandíbulas. O esqueleto foi destruído, segundo Rohr, pelos construtores do sítio de veraneio.

Fotos: -

Sepultamento n°: 95

Profundidade: Crânio a 50 cm e pés a 60 cm

Camada: na terra preta em contato com a areia da base

Setor: 5 C (pés) e 5 D (o resto do corpo)

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (de aproximadamente 10 anos)

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: Pernas fletidas

Orientação: Sul-norte, cabeça em sentido sul, com o rosto para frente levemente inclinado sobre a face esquerda.

Material Associado: Pedras de um fogão (?) - “pedras de um fogão ao redor até os joelhos”

Observação: O crânio encontrava-se apoiado parcialmente no crânio do sepultamento infantil nº 96.

Fotos: a seguir e abaixo (na ficha do Sep 96)



Sepultamentos nº 95 e 96 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento nº: 96

Profundidade: Crânio a 50 cm e pés a 60 cm

Camada: na terra preta em contato com a areia da base

Setor: 5 D

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança (aproximadamente 10 anos de idade)

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul, com o crânio em sentido sul e sobre a face esquerda. IAP: sul-norte

Material Associado: Pedras (de um fogão?) - “com pedras de um fogão junto à parte inferior”

Observação: O crânio achava-se parcialmente sob o crânio do sepultamento n° 95. Possivelmente, segundo Rohr, o sepultamento n° 95 é posterior ao sepultamento n° 96 e perturbou o mesmo.

Fotos: acima (na ficha do Sep 95) e a seguir



Sepultamentos n° 95 e 96 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n°: 97 (CACG)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra escura acima da areia

Setor: 5 D e 5 C

Sexo: Feminino

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: Trata-se de um crânio, possivelmente retirado do seu lugar original. O crânio está associado a uma série de ossos longos e outros ossos e dois crânios (sepultamentos n° 98 e n° 99). O conjunto dos três crânios com os ossos associados foi cimentado e está exposto no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos:



Sepultamentos n° 97, 98 e 99, evidenciados na escavação. Fonte: Acervo do Instituto Anchieta de Pesquisas



Sepultamentos n° 97, 98 e 99, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 98 (CACG)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra escura acima da areia

Setor: 5 D e 5 E

Sexo: Provável feminino

Idade: Adulto

Deposição: sem informação

Posição: sem informação

Orientação: sem informação

Material Associado: Associado a dois outros crânios (sepultamentos n° 97 e n° 99) e um conjunto de ossos.

Observação: O crânio foi deslocado de sua posição original. O conjunto (sepultamentos n° 97, n° 98 e n° 99) foi cimentado e encontra-se exposto no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos: acima (na ficha do Sep 97)

Sepultamento n°: 99 (CACG)

Profundidade: 50 cm

Camada: na terra preta acima da areia

Setor: 5 D e 5 E

Sexo: Provável feminino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito dorsal

Posição: sem informação

Orientação: Norte-sul, com o crânio em sentido norte da praia e o rosto para frente.

Material Associado: Estava associado a um conjunto de ossadas e a dois crânios (sepultamentos n° 97 e n° 98).

Observação: Segundo a ficha de Rohr, é possível que o sepultamento n° 99 esteja intacto e o esqueleto completo e as ossadas e os crânios dos sepultamentos n° 97 e n° 98 tenham sido colocados sobre o n° 99. Rohr sugere que, ao abrir o sepulcro para o indivíduo n° 99, teriam encontrado e perturbado os sepultamentos n° 97 e n° 98. Ao que parece, no entanto, não se pode afirmar com clareza, pois esse conjunto está muito perturbado. Os ossos foram cimentados e estão em exposição no Museu Arqueológico (CACG).

Fotos: acima (na ficha do Sep 97)

Sepultamento n°: 100

Profundidade: 40 cm

Camada: na terra preta

Setor: 5 E na divisa com 4 E
Sexo: Indeterminado
Idade: Criança (de 6 a 7 anos)
Deposição: Decúbito ventral
Posição: Semifletido
Orientação: Sudoeste-nordeste, estando a cabeça em sentido sudoeste
Material Associado: não possui
Observação: Esse sepultamento não foi recolhido devido ao estado precário de conservação.
Fotos: -

Sepultamento nº: 101 (MHS)

Profundidade: 50 cm
Camada: na terra escura em contato com a areia da base
Setor: divisa de 5 F (pouca coisa dos úmeros) e 5 G (parte principal)
Sexo: Masculino
Idade: Adulto
Deposição: Decúbito dorsal
Posição: sem informação
Orientação: Sul-norte, com crânio em sentido sul oposto à praia, rosto para a frente olhando para a praia.
Material Associado: não possui
Observação: O esqueleto encontrava-se em precário estado de conservação, apenas o crânio foi recolhido.
Fotos: -

Sepultamento nº: 102 (MHS)

Profundidade: 55 cm
Camada: na terra escura em contato com a areia
Setor: 5 G
Sexo: Masculino
Idade: Adulto maduro
Deposição: Decúbito lateral esquerdo
Posição: Fletido
Orientação: Norte-sul, sobre a face esquerda em sentido norte para a praia
Material Associado: Um “amolador junto ao crânio” (Academia de Polícia/Brasília)
Observação: O esqueleto encontrava-se em precário estado de conservação.
Fotos: do artefato, no Capítulo 4

Sepultamento n°: 103

Profundidade: 60 cm

Camada: na terra preta em contato com a areia

Setor: 4 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido

Orientação: Sul-norte

Material Associado: Alguns seixos

Observação: O esqueleto achava-se em estado precário de conservação e somente foram recolhidos o crânio e a mandíbula.

Fotos: -

Sepultamento n°: 104 (MHS)

Profundidade: 60 cm

Camada: na terra escura

Setor: 5 H

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido

Orientação: Sudoeste-nordeste

Material Associado: não possui

Observação: O esqueleto estava em mau estado devido principalmente à umidade do solo decorrente de chuvas da época.

Fotos: -

Sepultamento n°: 105 (MHS)

Profundidade: 70 cm

Camada: em contato com a areia da base

Setor: 5 H

Sexo: Masculino

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral direito

Posição: Fletido

Orientação: Sul-norte

Material Associado: não possui

Observação: O sepultamento estava em precário estado de conservação.

Fotos: -

Sepultamento nº: 106 (MHS)

Profundidade: 40 cm

Camada: na terra escura acima do sepultamento nº 105

Setor: 5 H

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição: Decúbito lateral esquerdo

Posição: Fletido

Orientação: Sudeste-noroeste

Material Associado: Um seixo tratado a fogo e parcialmente polido.

Observação: Trata-se de um sepultamento perturbado, em mau estado de conservação.

Fotos: -

Sepultamento nº: 107 (MHS)

Profundidade: 80 cm (com aterro)

Camada: na areia abaixo da camada escura

Setor: 7 A e 8 A

Sexo: Masculino

Idade: Adulto maduro

Deposição: Decúbito lateral direito para ventral

Posição: Fletido

Orientação: Oeste-leste

Material Associado: O esqueleto estava encostado à parte mais grossa de uma mandíbula de baleia.

Observação: Crânio com osso inca.

Fotos: no Capítulo

4 e a seguir



Sepultamento nº 107 e mandíbula de baleia associada, evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do Instituto Anchieta de Pesquisas



Sepultamento n.º 107 e mandíbula de baleia associada. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense

Sepultamento n.º: 108 (MHS)

Profundidade: 10 cm

Camada: na terra escura

Setor: 7 C e 7 D

Sexo: Indeterminado

Idade: Adulto

Deposição:

Posição: Fletido

Orientação: Nordeste-sudoeste

Material Associado: Um vasilhame de cerâmica quebrado pela metade

Observação: O esqueleto e a vasilha foram quebrados, segundo Rohr, possivelmente por antiga lavoura, porque achavam-se em pouca profundidade.

Fotos: -

Sepultamento n.º: 109

Profundidade: 25 cm

Camada: na terra preta

Setor: 7 E

Sexo: Indeterminado
 Idade: Adulto
 Deposição: Decúbito lateral direito
 Posição: Braços estendidos e cruzados
 Orientação: Norte-sul
 Material Associado: Seixos diversos
 Observação: Esqueleto em mau estado de conservação.
 Fotos: -

Sepultamento nº: 110 (CACG)

Profundidade: 70 cm
 Camada: cova feita na areia coberto com terra preta (escura)
 Setor: 7 D e 7 E (crânio)
 Sexo: Provável masculino
 Idade: Adulto jovem
 Deposição: Decúbito lateral direito
 Posição: Pernas semifletidas
 Orientação: Sul-norte
 Material Associado: Um esqueleto de criança recém-nascida e diversos seixos esparsos.
 Observação: Há marcas no crânio e no rádio (esquerdo?) que indicam uma doença infecciosa. Apresenta osso extra-numerário no crânio. O sepultamento foi cimentado e encontra-se exposto no Museu Arqueológico (CACG). Pe. Rohr sugere que se trata de uma mulher que morreu de parto e a criança foi sepultada junto com a mãe falecida.
 Fotos: a seguir e abaixo (na ficha do Sep 111)



Sepultamentos nº 110 e 111, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Simon-Pierre Gilson

Sepultamento n°: 111 (CACG)

Profundidade: 70 cm

Camada: em cova feita na areia e coberta com terra escura

Setor: 7 D

Sexo: Indeterminado

Idade: Criança

Deposição: sem informação

Posição: Fletido (“embolado”)

Orientação: sem informação

Material Associado: não possui

Observação: De acordo com Pe. Rohr o esqueleto possivelmente seja de criança recém-nascida sepultada com a mãe (n° 110) a qual achava-se associado. Os dois sepultamentos foram cimentados e estão expostos, juntos em um único bloco, no Museu (CACG).

Fotos: a seguir e acima (na ficha do Sep 110)



Sepultamentos n° 110 e 111 evidenciados na escavação. Fonte: Acervo fotográfico do MHS/Colégio Catarinense



Sepultamentos nº 111, em detalhe, junto ao Sep 110, cimentados e em exposição no MA/CACG. Foto: Luciane Scherer

Sepultamento nº: 112 (MHS)

Profundidade: 20 cm

Camada: em contato com a areia da base, coberto com terra escura

Setor: 7 F

Sexo: Provável feminino

Idade: Adulto jovem

Deposição: Decúbito lateral direito, joelhos levantados

Posição: Pernas fletidas

Orientação: Norte-sul, cabeça sobre a face direita em sentido norte da praia.

Material Associado: não possui

Observação: De acordo com Rohr, o esqueleto achava-se em pouca profundidade e por isso estava em mau estado de conservação, possivelmente estragado pela plantação (lavoura).

Fotos: -

QUADRO COM DADOS ARQUEOLÓGICOS E BIOARQUEOLÓGICOS – SÍTIO LARANJEIRAS II (SC)

Sep	Profund.	Camada	Setor	Sexo	Idade	Deposição	Posição	Orientação	Material Associado	Observações
01	40 cm	sedimento escuro	3I	I	Cr	-	-	-	-	É um crânio isolado e amassado. Cerca de 12 anos (Rohr)
02	30 cm	sedimento escuro	3I	I	Cr	dec. lat. dir.	semifletido	N-S	-	Criança entre 7 e 8 anos (Rohr). Associado a uma criança (07) e a um adulto (03).
03	30 cm	sedimento escuro	3I	M	Ad mad	dec. lat. dir.	fletido forçado	N-S	-	Associado a duas crianças (02) e (07).
04	40 cm	sedimento escuro	4I	Prov. F	Sub-ad	dec. lat. dir.	fletido	N-S	-	Está cimentado no Museu (CACG).
05	40 cm	sedimento escuro	3I e 4I	M	Ad	dec. lat. dir.	semifletido	N-S	Três/quatro pontas de flecha ósseas com pedúnculo (CACG)	Foi encontrado em mau estado de conservação.
06	40 cm	sedimento escuro	3H	I	Cr	-	-	-	-	O esqueleto achava-se todo num círculo de 20 cm de diâmetro.
07	40 cm	sedimento escuro	3I	I	Cr	-	-	-	-	Associado a um adulto (03) e uma criança (02)
08	50 cm	na areia coberto com terra	4I e 5I	I	Ad	dec. lat. esq.	fletido	NE-SO	-	Estava na areia coberto com terra escura.
09	80 cm (cabeça), 55 cm (pés)	na areia coberto de húmus escuro	3I	M	Ad	dec. ventral	pernas fletidas	S-N	-	Apresenta anomalia na cabeça do fêmur esquerdo e osso pélvico (soldaditos entre si).
10	10 cm	sedimento escuro	2G	M	Ad	dec. lat. dir.	pernas fletidas	N-S	-	Não apresentava o crânio.

11	15 cm (cabeça), 30 cm (pés)	sedimento escuro	2G	Prov. M	Ad	dec. lat. dir.	pernas fletidas, braços semifletidos	N-S	-	Foi cimentado e encontrado-se no Museu (CACG).
12	10 cm (cabeça), 30 cm (pés)	sedimento escuro	3G	I	Jv em crescimento	dec. dorsal	estendido	N-S	Uma lâmina de machado polida (CACG)	O crânio foi destruído em época histórica. As pernas, foram destruídas pelo Sep 13, que estava no lugar das mesmas.
13	20 cm	sedimento escuro	2F	I	Cr	dec. lat. esq.	hiperfletido	N-S	-	Parece haver dois outros crânios de criança associados, tudo em pequeno círculo de 35 cm de diâmetro. Está cimentado no Museu (CACG).
14	50 cm	areia clara	2G e 3G	M	Ad	dec. lat. dir.	pernas fletidas	NE-SO	-	Encontrava-se com a cabeça e parte do tronco sob o Sep 11. Estava em boas condições de conservação, mas o crânio foi destruído pelo Sep 11.
15	90 cm	areia clara	3G	I	Cr	-	fletido	-	-	Esqueleto de criança de menos de um ano, muito incompleto.
16	30 cm	na areia coberto de terra preta	0 D	F	Ad mad	dec. lat. dir.	fletido	SO-NE	Dente de tubarão (tintureiro)	Foi levado pelo rio quando cimentado, no entanto alguns ossos puderam ser recolhidos.
17	40 cm	sedimento escuro	3F	F	Ad	horizontal	-	NE-SO	Um fôgo encostado	No mesmo setor dos Sep 18 e Sep 20.
18	50 cm	sedimento escuro	3F	M	Ad Jv	dec. dorsal	hiperfletido	N-S	-	Associados a outros três sepulcros: 19, 23 e 24. Estão cimentados e expostos no Museu (CACG).

19	60 cm	sedimento escuro com areia	3F	Prov. F	Sub-ad	dec. dorsal	-	N-S	-	Sep perturbado. Está associado a três outros crânios com confusão de ossos, sem conexão anatômica: 18, 23 e 24. Estão cimentados e em exposição no Museu (CACG).
20	40 cm	sedimento escuro	3F	I	Cr	dec. dorsal	estendido	N-S	Ao lado de um fogão	Criança de menos de um ano de idade. O esqueleto não foi coletado.
21	40 cm	sedimento escuro com areia	3F	I	Cr	horizontal	-	N-S	-	Associado ao Sep 17, misturado e fragmentado.
22	60 cm	sedimento escuro com areia	5H	F	Ad Jv	dec. ventral	fletido, em posição oblíqua com a cabeça 40 cm mais abaixo	SE-NO	-	Pe. Rohr acredita que o indivíduo foi enterrado assim: feito um buraco, ele foi jogado no mesmo de cabeça para baixo.
23	60 cm	sedimento escuro com areia	3F	M	Ad	-	-	-	-	Associado a outros sepultamentos perturbados: 18, 19 e 24. Estão cimentados e expostos no Museu (CACG).
24	70 cm	sedimento escuro com areia	3F	I	Cr	dec. dorsal	horizontal	S-N	-	Criança de 4 a 6 anos. Associado aos sepultamentos: 18, 19 e 23. Encontram-se cimentados em exposição no Museu (CACG).

25	80 cm	sedimento escuro com areia, na divisa com areia estéril	3F e 4F	Prov. F Ad ou Ad jv?	dec. ventral	Estendido, corpo oblíquo com crânio 12 cm mais abaixo que os fêmures	N-S	-	Possui um calo ósseo na ulna esquerda, resultado de uma fratura ainda em vida. O sepultamento foi cimentado até os joelhos e encontra-se em exposição no Museu (CACG). As pernas a partir dos joelhos achavam-se sob os Sep 26 e Sep 27 que, possivelmente, estão perturbados.
26	60 cm	sedimento escuro com areia	4F	AI (aprox. 15 anos)	dec. ventral	Mãos estendidas, pernas fletidas	O-L	-	Ao lado dos sepultamentos nº 27 e 28, foi cimentado em conjunto com eles. No entanto, encontra-se na Reserva Técnica do MHS.
27	60 cm	sedimento escuro com areia	4F	Ad mad	horizontal	-	-	-	Está associado a outros sepultamentos: as pernas do Sep 25 por baixo e a bacia do Sep 26 ao lado.
28	50 cm	sedimento escuro com areia	4F e 4G e 5G	Ad jv	dec. lat. dir.	fletido	S-N	-	A cabeça do Sep 28 encontra-se encostada ao Sep 29. Verificamos no Museu (CACG) e não parecemos associados.
29	60 cm	sedimento escuro	4F	Ad	dec. lat. dir.	fletido	N-S	-	Na ficha de Rohr, consta que o Sep 29 está associado ao Sep 28, tendo as cabeças lado a lado, mas estivemos no Museu (CACG) e parecemos não estar associados.

30	70 cm	areia	5G	F	Ad	dec. lat. eq.	fletido	N-S	-	O sep. encontrava-se em descontinuidade anatômica em duas camadas sobrepostas, os ossos estavam escuros em péssimo estado. Foi sepultado em estado incompleto. A sepultura foi feita na areia da base coberta com areia mais escura e estava bem destacada na areia clara.
31	60 cm	sedimento com areia	Na divisa de 5H e 6H	I	Cr	dec. dorsal	fletido	L-O	Uma grande pedra (17x17x7 cm) na face	Faltava-lhe o osso frontal do crânio. Teria aproximadamente 7 anos de idade.
32	50 cm (cabeça), 40 cm (pés)	sobre a areia estéril da base	2D	F	Ad Jv	dec. dorsal	pernas fletidas e os joelhos levantados	S-N	-	Esqueleto feminino com feto no ventre (Sep 34). Há fragmento de outro crânio (Sep 33) no conjunto. O conjunto (32, 33 e 34) foi cimentado e encontra-se exposto no Museu (CACG).
33	50 cm	terra escura com areia	2D	I	Ad	-	-	-	-	Únicos ossos presentes: mandíbula e três grandes fragmentos do crânio. Encontravam-se acima do Sep 32. A mandíbula, em plano mais alto. Ao que parece, o Sep 33 foi perturbado pelo 32 e coberto com as ossadas do mesmo. O conjunto (32, 33 e 34) foi cimentado e encontra-se exposto no Museu (CACG).

34	50 cm	terra escura com areia	2D	I	Cr	-	fletido	-	-	Feto no ventre da mãe (menos de 6 meses de gestação?). Está cimentado com o conjunto 32, 33 e 34, expostos no Museu (CACG).
35	40-50 cm	sedimento escuro	2D (cabeça), 2E (corpo)	I	Prov. Ad mad	dec. lat. dir.	fletido	N-S	-	Esqueleto em condições precárias de conservação.
36	40 cm (cabeça), 50 cm (corpo)	sedimento escuro	4D (pés), 3D (corpo)	F	Ad	dec. dorsal	fletido	S-N	-	Um poste de rancho de pescador atual atingiu o esqueleto destruindo a região do ventre.
37	50 cm	sedimento escuro	3E	F	Ad	-	-	-	-	Nesse sepultamento estava presente apenas o crânio, sem mandíbula, apoiado em uma das grossas raízes de uma castanheira que ocupava o centro do setor.
38	50 cm	terra escura com areia	3E	M	Ad mad	-	-	-	-	O esqueleto foi deslocado de sua posição original.
39	-	areia fina abaixo da terra escura	0I	I	Cr	-	-	-	Cinco dentes perfurados de mamíferos (CACG)	Crânio rolado da rampa na divisa da área I e II.
40	50 cm	sedimento escuro com areia	2E (crânio), 2F (corpo)	F	Ad	dec. dorsal	pernas fletidas	N-S	-	O sepultamento sofreu profunda modificação (perturbação). O crânio, algumas vértebras e as pernas ficaram no lugar original.
41	50 cm	sedimento escuro com areia	2E	F	Ad	dec. lat. eq.	fletido	S-N	-	Associados aos sepultamentos de criança 42, 43 e 44.

42	50 cm	sedimento escuro com areia	2F	I	Cr	-	-	cabeça com o maxilar superior para cima	-	Uma tigelinha de cerâmica emborcada sobre a cabeça (CACG)	Associado aos crânios de criança 41, 43 e 44.
43	50 cm	sedimento escuro com areia	2F	I	Cr	-	-	-	-	Uma tigelinha de cerâmica (CACG?); um dente de tubarão duplamente perfurado (MHS); seis dentes perfurados de mamíferos (Academia Polícia, DF)	Associado aos sepultamentos de criança 41, 42 e 44.
44	50 cm	sedimento escuro com areia	2F	I	Cr	-	-	-	-	-	Presente apenas o crânio, associado aos sepultamentos (crânios) 43, 42 e 41.
45	40 cm	sedimento escuro com areia	1G	M	Ad	dec. lat. esq.	-	-	S-N	Fragmento de cerâmica e vértebras de peixe	O esqueleto sofreu profunda perturbação.
46	70 cm	areia estéril	3F	M	Ad	dec. lat. esq.	Fletido, pernas hiperfletidas	-	S-N	Alguns seixos sem sinais de trabalho	Foi cimentado e está em exposição no Museu (CACG).
47	80 cm	areia fina abaixo da camada escura	0I	I	Cr	dec. lat. dir.	fletido	-	N-S	-	-
48	80 cm	terra escura em contato com a base de areia	1H	I	Cr	dec. lat. esq.	fletido	-	S-N	-	Criança de cerca de 1 ano. Parte do esqueleto foi destruída, segundo Rohr, por imperícia do operador.

49	80 cm	terra escura em contato com a base de areia	1H e 1I	I	Cr	-	Fletido	-	Quatro dentes perfurados de mamíferos (CACG)	Criança de menos de 1 ano. O esqueleto possivelmente foi em parte destruído pela imperícia do operador. Foi recolhido em blocos com os objetos de adorno. O esqueleto está na RT do MHS.
50	80 cm	terra escura em contato com a base de areia	1H	F	Ad	dec. lat. esq.	fletido	NO-SE	-	O sepultamento sofreu profunda perturbação. O osso frontal encontrava-se esmagado.
51	70 cm	terra preta com areia	1H	I	Cr	-	-	N-S	-	Criança de poucos meses de idade. O esqueleto foi parcialmente destruído.
52	70 cm	terra preta com areia	1H	I	Cr	dec. lat. dir.	fletido	S-N	-	Criança com aproximadamente 6 meses de idade. Crânio amassado.
53	70 cm	terra preta com areia	1H	Prov. M	Ad	-	braço fletido	N-S	-	O sepultamento foi perturbado possivelmente pelos Sep 54 e Sep 49, que ficam abaixo do Sep 53.
54	90 cm	terra escura	1H	I	Cr	dec. lat. esq.	fletido	N-S	Um colar de treze dentes perfurados de mamíferos (MHS)	Criança de 3 a 4 anos (Rohr). O sepultamento foi recolhido em blocos, em uma caixa de areia para possível exposição no museu. Está na RT do MHS.
55	100 cm	terra escura em contato com a base	2I	M	Ad mad	-	braços fletidos	-	Associado a "caixa torácica de um mamífero do porte de um cão"	Esqueleto perturbado

56	70 cm	terra preta	1H	I	Cr	-	-	-	-	Criança de menos de 1 ano. Encontrava-se sobre os pés do esqueleto de adulto nº 57.
57	100 cm	terra escura em contato com a base	Divisa de 1H com 1I	I	Ad	-	-	-	Dentes de mamífero perfurados (em IAP, mas não na ficha de Rohr)	Associado a grande número de outros sepultamentos.
58	100 cm	terra escura com muita areia	Área não estaqueada	I	Ad (aprox. 15 anos)	dec. lat. esq.	fletido	S-N	Um artefato ósseo fragmentado (MHS)	Encontrado pelos operários na divisa ao lado da residência de Maisonave.
59	70 cm	terra escura em contato	2F (cabeça e parte do tronco), 2 H (o resto do corpo)	M	Ad	dec. dorsal	pernas fletidas	NO-SE	-	Associado ao crânio de criança nº 60. Perturbou o Sepultamento 61.
60	70 cm	terra escura em contato com a base de areia	2H	I	Cr	-	-	-	Um dente perfurado de mamífero (CACG) e dois dentes duplamente perfurados de tubarão	Criança de menos de 1 ano. O esqueleto foi parcialmente destruído, segundo Rohr, por imperícia do arqueólogo aprendiz.
61	70 cm	terra escura em contato com a base	2G	M	Ad mad	dec. lat. dir.	-	N-S	-	Foi perturbado pelo Sepultamento 59.
62	90 cm	areia fina em contato com terra escura	0I (bacia e pernas), 0J	I	Ad	dec. lat. dir.	pernas fletidas	S-N	Alguns seixos pequenos	O esqueleto estava na divisa das propriedades e foi parcialmente destruído pelo desaterra do proprietário Adúcio Correa.

63	110 cm	areia abaixo da camada de terra escura	O1 (perna e bacia), OJ (restante)	M	Ad	dec. lat. dir.	pernas fletidas	S-N	-	O esqueleto foi parcialmente destruído pelo Sep 62, que estava por cima do Sep 63, e parcialmente pelo desaterrro do Adúcio Correa. Encontrava-se na divisa das propriedades.
64	75 cm	terra escura	2I	M	Ad mad	dec. lat. dir.	-	-	-	Trata-se de um crânio isolado no setor com pernas e uma costela.
65	90 cm	areia escura em contato com a areia estéril da base	1I	M	Ad	-	-	-	-	Trata-se de crânio sem mandíbula. Havia diversas mandíbulas esparsas e uma série de sepultamentos no setor.
66	80 cm	terra preta	1I	M	Ad mad	-	-	-	-	Crânio associado a uma série de ossos longos esparsos, de bacia e de diversos esqueletos. Há grande confusão de ossadas esparsas em todos os níveis deste setor.
67	90 cm	terra escura em contato com areia da base	1H	I	Cr	dec. lat. dir.	Fletido em posição oblíqua: bacia 15 cm mais abaixo que o crânio	NE-SO	Cinco dentes de tubarão tintureiro duplamente perfurados (CACG)	Criança de cerca de 9 meses de idade. As pernas do sepultamento achavam-se abaixo do crânio do Sep 57.
68	120 cm	terra escura em contato com areia	00K e 00L no terreno do Adúcio (resto da divisa)	I	Cr	dec. lat. esq.	fletido (entroscado)	L-0	-	Criança de menos de 1 ano de idade. Sobre o Sepultamento 69, de adulto. Crânio amassado.

69	120 cm	terra escura	00K	Prov. F	Al (aprox 15 anos)	-	-	-	-	Crânio achava-se associado ao crânio infantil do Sep 70 e há grande número de ossos longos de outros sepultamentos sem conexão anatômica.
70	120 cm	terra escura	00K	I	Cr	-	-	-	Dentes perfurados de mamíferos	Crânio em área de numerosas ossadas e crânio do Sep 69.
71	70 cm	terra escura com areia	ao lado da casa de Maisonave na divisa (muro)	M	Ad mad	dec. lat. esq.	fletido	N-S	Vértebra de peixe perfuradas	O esqueleto estava em posição fletida com as mãos no rosto.
72	120 cm	em contato com areia da base	00K, 0K e 0J	M	Ad mad	dec. lat. dir.	pernas fletidas	S-N	Ossos longos de mamíferos, cortados transversalmente, dentes de cação e presas de porco-do-mato (entre os Sep 72 e 73). Alguns ossos estão no MHS.	Foi cimentado e está exposto no Museu (CACG).
73	120 cm	em contato com areia da base	0L (crânio) e 0K (resto)	M	Ad	dec. lat. esq.	pernas fletidas	SO-NE	Entre os Sep 72 e 73 há uma série de ossos finos e longos e uma mandíbula de dentes de tubarão de diversas espécies e um dente de porco-do-mato. Alguns ossos estão no MHS e na coleção da Academia de Polícia/DF.	Sepultamento perturbado.

74	50 cm	terra escura com conchas	1K	I	AI (aprox 15 anos)	dec. lat. esq.	fletido	O-L	Ostras sob a nuca	Associado ao crânio do Sepultamento 76.
75	30 cm	em contato com o embasamento de areia	00K e 00L	I	Ad	dec. lat. dir.	-	N-S	-	Foi perturbado pelo Sepultamento 72, que lhe fica anexo, em parte, por cima.
76	40 cm	terra preta, 20 cm abaixo das conchas	1K	M	Ad mad	dec. lat. esq.	-	L-O	-	O Sep 74 estava acima do Sep 76 e possivelmente destruiu parte do mesmo.
77	90 cm	areia fina escura abaixo da camada com conchas	0M	F	Ad	dec. lat. dir.	-	N-S	-	O sepultamento sofreu profunda perturbação.
78	110 cm	areia escura e fina abaixo da terra preta com conchas	0M e 0L	F	Ad	dec. lat. esq.	pernas fletidas	S-N	-	Associado a ossadas de outros sepultamentos perturbados.
79	110 cm	areia escura abaixo da terra preta com conchas	0M	F	Ad	dec. lat. dir.	pernas fletidas	N-S	-	Associado a ossadas de outros sepultamentos perturbados. Encontra-se exposto no Museu (CACG).
80	120 cm	areia escura e fina abaixo das conchas com terra escura	0L	I	Ad	-	-	-	-	Apenas uma calvária (face e mandíbula), segundo Rohr. Associado a outros sepultamentos, alguns perturbados e outros, não.
81	100 cm	areia fina e escura abaixo da camada de conchas	0M	F	Ad mad	dec. lat. dir.	-	S-N	-	O sepultamento foi perturbado possivelmente pelo Sep 79, que ficava a seu lado.

82	140 cm	areia fina e escura abaixo da camada de conchas	0M e 0L	I	Jv	-	-	S-N	-	Associado a outros sepultamentos.
83	70 cm	terra escura em contato com base estéril de areia	1I	M	Ad mad	-	-	-	-	Trata-se de um crânio sem mandíbula.
84	93 cm	transição da terra marrom para a areia da base	1I (linha)	M	Ad	dec. lat. esq.	braços flexionados (mãos na altura dos maxilares)	N-S	-	Ausência dos membros inferiores. Alguns ossos foram retirados em bloco. O esqueleto está na RT do MHS.
85	95 cm	transição da terra marrom para a areia da base	1I	M	Ad mad	dec. dorsal	braços: estendido (E) e fletido (D); pernas flexionadas	N-S	-	O braço esquerdo estava estendido ao longo do corpo e o direito, semifletido à altura do úmero esquerdo (epífise distal).
86	82 cm	terra escura passando para clara (base estéril)	1I	M	Ad	dec. dorsal	-	N-S	-	O sepultamento encontrava-se em situação caótica, devido à ausência de grande parte do esqueleto e a disposição e desconexão de suas partes.
87	93 cm	transição da terra marrom para a areia da base	1I	F	Ad	dec. lat. dir.	braços fletidos	O-L	-	Foi retirado em bloco, mas não foi cimentado.
88	40 cm	terra preta	4E e 4F	M	Ad	dec. lat. dir.	pernas fletidas e braço esquerdo semifletido	SE-NO	-	A falta do crânio e de parte do resto das ossadas possivelmente teria sido efeito de alguma lavoura que ocupava a área anos antes da escavação.

89	50 cm	transição terra preta (muito carvão) para clara	4H e 4G	F	Ad mad	dec. lat. esq.	membros inferiores flexionados e superiores semi-estendidos	L-0	-	A 20 cm abaixo do nível do esqueleto 89, foi detectado, no setor 4G, o Sepultamento 90.
90	120 cm	areia	4G	M	Ad mad	dec. dorsal	fletido	N-S	-	Foi o esqueleto encontrado em maior profundidade em cova aberta na areia e bem conservado.
91	100 cm	areia	1I	I	Cr	-	fletido (entrocado)	O-L	Adorno de 114 conchinhas (Olivella sp.) (MHS)	Encontra-se exposto no MHS.
92	130 cm	areia	0I	F	Ad	dec. lat. esq.	-	S-N	-	Encontrava-se no terreno do Adúcio Correa (divisa), todo remexido.
93	20 cm	terra escura	4J e 3J	I	Ad	dec. lat. esq.	semifletido	N-S	Seixos e vértebras de peixe	Encontrava-se extremamente decomposto e triturado.
94	110 cm	aprofund. de terra escura com areia da base	4I	I	Ad	-	-	N-S	Pedras esparsas	O esqueleto teria sido destruído pelos construtores do sítio.
95	50 cm (crânio), 60 cm (pés)	terra preta em contato com a areia da base	5 C (pés) e 5D (o resto)	I	Cr	dec. dorsal	pernas fletidas	S-N	"Pedras de um fogão ao redor até os joelhos"	Criança (aprox. 10 anos). O crânio achava-se apoiado parcialmente no crânio do sepultamento infantil 96.
96	50 cm (crânio), 60 cm (pés)	terra preta em contato com a areia da base	5D	I	Cr	dec. lat. esq.	-	S-N	"Pedras de um fogão junto a parte inferior"	O crânio achava-se parcialmente sob o crânio do Sep 95. Possivelmente o Sep 95 é posterior ao Sep 96 e perturbou o mesmo.

97	50 cm	terra escura acima da areia	5D e 5C	F	Ad	-	-	-	-	Trata-se de um crânio retirado do seu lugar original. Foi cimentado em conjunto com os sepultamentos 98 e 99 e estão expostos no Museu (CACG).
98	50 cm	terra escura acima da areia	5D e 5E	Prov. F	Ad	-	-	-	-	O crânio foi deslocado de sua posição original. Associado a dois outros crânios (97 e 99) e um conjunto de ossos. Todos foram cimentados e estão expostos no Museu (CACG).
99	50 cm	terra escura acima da areia	5D e 5E	Prov. F	Ad mad	dec. dorsal	-	N-S	-	É possível que Sep 99 esteja com o esqueleto completo, mas esse conjunto de ossos está associado aos crânios 97 e 98. Foram cimentados e estão expostos no Museu (CACG).
100	40 cm	terra preta	5E na divisa com 4E	I	Cr	dec. ventral	semifletido	SO-NE	-	Criança (6 a 7 anos). Segundo Rohr, não foi recolhido devido ao estado precário de conservação.
101	50 cm	terra escura em contato com areia da base	divisa de 5F e 5G	M	Ad	dec. dorsal	-	S-N	-	Somente o crânio foi recolhido, pois o restante do esqueleto estava em muito precário estado de conservação.
102	55 cm	terra escura em contato com areia	5G	M	Ad mad	dec. lat. esq.	fletido	N-S	Um amolador junto ao crânio (Academia de Polícia,/DF)	O esqueleto estava em precário estado de conservação.
103	60 cm	terra escura em contato com areia	4H	I	Ad	dec. lat. dir.	fletido	S-N	Alguns seixos	Por encontrar-se em precário estado de conservação, somente o crânio foi recolhido.

104	60 cm	terra escura	5H	M	Ad	dec. lat. dir.	fletido	SO-NE	-	O esqueleto estava em estado de conservação ruim, devido principalmente, segundo Rohr, à umidade do solo decorrente de chuvas.
105	70 cm	em contato com areia da base	5H	M	Ad	dec. lat. dir.	fletido	S-N	-	Esqueleto em muito precário estado de conservação.
106	40 cm	terra escura acima do sep 105	5H	I	Ad	dec. lat. esq.	fletido	SE-NO	Um seixo tratado a fogo e parcialmente polido	Trata-se de um sepultamento perturbado em mau estado de conservação.
107	80 cm (com aterro)	areia abaixo da camada escura	7A e 8A	M	Ad mad	dec. lat. dir. para ventral	fletido	O-L	Uma mandíbula de baleia	Relativamente bem conservado.
108	10 cm	terra escura	7C e 7D	I	Ad	-	fletido	NE-SO	Um vasilhame cerâmico (metade)	O esqueleto e a vasilha foram quebrados por antiga lavoura, pois estavam a pouca profundidade.
109	25 cm	terra preta	7E	I	Ad	dec. lat. dir.	braços estendidos e cruzados	N-S	Seixos diversos	Esqueleto em mau estado de conservação.
110	70 cm	areia coberto com terra preta	7D e 7E (crânio)	Prov. M	Ad jv	dec. lat. dir.	semifletido	S-N	Associado a um recém-nascido e diversos seixos esparsos	Foi cimentado junto com a criança e estão expostos no Museu (CACG). O adulto apresenta marcas no crânio e no rádio (esquerdo?) que são indícios de uma doença infecciosa.

111	70 cm	areia coberto com terra preta	7D	I	Cr	-	fletido (embolado)	-	-	Criança recém-nascida. Associado ao Sep 110, foram cimentados em conjunto e estão expostos no Museu (CACG).
112	20 cm	areia da base coberto com terra escura	7F	Prov. F	Adj Jv	dec. lat. dir., joelhos levantados	pernas fletidas	N-S	-	De acordo com Rohr, por estar a pouca profundidade, o esqueleto foi estragado pela plantação (lavoura).

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação em
Antropologia Social, Departamento de
Antropologia, do Centro de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade
Federal de Santa Catarina, como
requisito para obtenção do Título de
Mestre em Antropologia Social

Orientador:
Jeremy Paul Jean Loup Deturche
Coorientadora:
Andrea de Lessa Pinto

Florianópolis, 2017